

**Universidade de Lisboa  
Instituto de Educação**



## **Trabalho de Projecto**

**Trajectórias de vida e frequência do Processo de RVCC NS –  
Uma análise ao caso do Centro Novas Oportunidades de  
Benavente**

Isabel Alexandra da Silva Brito Fonseca

Ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ciências da Educação  
Área de Especialização em Formação de Adultos

**Ano 2011**

**Universidade de Lisboa  
Instituto de Educação**



## **Trabalho de Projecto**

### **Trajectórias de vida e frequência do Processo de RVCC NS – Uma análise ao caso do Centro Novas Oportunidades de Benavente**

Isabel Alexandra da Silva Brito Fonseca

Ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ciências da Educação  
Área de Especialização em Formação de Adultos

**Ano 2011**

**Trabalho de Projecto orientado pela Professora Doutora Natália Alves**

## **Resumo**

O ponto de partida deste trabalho de projecto assenta na realização de uma narrativa autobiográfica sobre o percurso formativo, profissional e social da autora, por forma a identificar-se momentos, pessoas e contextos de vida significativos, bem como aprendizagens realizadas, articulando-o com o suporte teórico sobre o processo de formação de adultos.

Este trabalho aborda a temática da formação de adultos de um ponto de vista humanista, holístico e sistémico, centrando-se nas políticas públicas de educação de adultos e na sua evolução ao longo do tempo, bem como nos conceitos de aprendizagem formal, não formal e informal.

Neste sentido, foram abordadas diversas questões associadas a esta problemática, designadamente as políticas adoptadas ao nível da UNESCO, da UE e em Portugal, a perspectiva da educação permanente e da aprendizagem ao longo da vida, recorrendo-se aos conceitos da lógica emancipatória e da lógica da gestão de recursos humanos.

Tendo em vista a compreensão do modo como os contextos e trajectórias de vida dos adultos favorecem ou potenciam a frequência do Processo de RVCC NS, recorreu-se à realização de um estudo de caso, fazendo-se uma comparação entre o contexto nacional e o contexto local e articulando-se os resultados obtidos com o enquadramento teórico de referência.

**Palavras-chave:** Formação de adultos, Formação experiencial, Educação permanente, Aprendizagem ao longo da vida, Reconhecimento, validação e certificação de competências.

## **Abstract**

This working project begins with an autobiographical narrative about the formative, professional and social life of the author, in order to recognize significant moments, persons and life contexts, as well as what was learned, articulating them with the theoretical support used in this work.

This work refers to adult learning in a humanist, holistic and systemic point of view. In order to do it, the document contains information about the adult educational public measures and its evolution, as well as the concepts of formal, non-formal and informal learning.

This problematic was analyzed according to the political measures of UNESCO, European Union and Portugal, and also according to the perspectives of permanent education and lifelong learning, regarding the concepts of the emancipatory perspective and the human resources management perspective.

In order to understand how the adult contexts and life trajectories contributes for the frequency of the RVCC NS Process, a case study was made. The results of the case study were compared with the national results in articulation with the theoretical support used in this work.

**Keywords:** Adult learning, Experiential learning, Permanent education, Lifelong learning, Recognition, validation and certification of skills.

## DEDICATÓRIA

**“Se podes olhar, vê.  
Se podes ver, repara.”**

*José Saramago*

Ao meu Pai, por ter-me ensinado a questionar o mundo, mostrando-me outras formas  
de pensá-lo.

Obrigada por proporcionar-me a descoberta da importância da participação na  
sociedade por forma a contribuir sempre para a sua melhoria e mudança.

**“Aprender, aprender sempre.”**

*Lénine*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus Pais, por possibilitarem a minha existência e a minha vinda a este mundo.

À minha Mãe, pela dedicação, disponibilidade e apoio prestados ao longo de toda a sua vida e particularmente no que se refere à concretização deste objectivo.

À Catarina e à Margarida, pelo tempo que ficaram privadas da minha companhia e dedicação (“Ó mamã, esse mestrado nunca mais acaba!”) – prometo que em breve serão recompensadas!

Ao José António, pelo caminho que temos percorrido juntos.

Aos meus irmãos Rui e Nuno e à Conceição Leitão, pelo apoio prestado à elaboração deste trabalho.

À minha amiga Ana Carla, pelas horas de partilha e de convívio nas nossas vidas dedicadas a mais uma actividade conjunta.

Aos adultos que frequentaram o Processo de RVCC NS no CNO de Benavente, que permitiram a realização de parte deste trabalho.

À professora doutora Natália Alves, minha orientadora, pelo apoio, exigência, rigor, objectividade, clareza e pela partilha de saberes, contribuindo assim para a elaboração deste trabalho.

Aos professores doutores Rui Canário e Cármen Cavaco, pela dinamização das sessões deste curso de mestrado e pela partilha de conhecimentos de forma tão cativante e interessante.

Aos participantes nos seminários de projecto, pela contribuição e partilha das suas experiências durante este curso.

A todos os que se têm cruzado no meu caminho – e espero que muitos mais se continuem a cruzar - e que têm contribuído para me tornar na pessoa que hoje sou.

***Obrigada a todos os que contribuíram para a concretização deste meu, ou  
nosso, objectivo.***

# ÍNDICE

Resumo .....	2
Abstract .....	3
Dedicatória .....	4
Agradecimentos .....	5
Introdução .....	11
1. Viagem ao centro do EU ou de como me tornei formadora .....	13
1.1. Percurso Pessoal e Meio Social .....	14
1.2. Percursos Académico, Profissional e Formativo .....	18
1.3. Percurso Social .....	73
1.4. Reflexões.....	79
2. A educação permanente e a aprendizagem ao longo da vida: da lógica emancipatória à lógica da gestão de recursos humanos .....	89
2.1. Formação de adultos – Uma definição e uma perspectiva .....	90
2.2. A UNESCO e a formação de adultos .....	96
2.3. A União Europeia e a formação de adultos .....	101
2.4. O contexto português e a formação de adultos .....	105
3.A Iniciativa Novas Oportunidades – O caso do CNO de Benavente .....	119
3.1. Breve caracterização do CNO de Benavente .....	121
3.2. As trajectórias de vida como potenciadoras da frequência do Processo de RVCC NS – Um estudo de caso.....	124
3.2.1. Resultados.....	126
3.2.1.1. Conclusões.....	151
Considerações Finais.....	154
Referências Bibliográficas .....	158

**Anexos (CD ROM)**

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABEIV – Associação para o Bem Estar Infantil de Vialonga  
ADCS – Associação Desportiva, Cultural e Social do Parque Residencial de Vialonga  
ADE – Associação para o Desenvolvimento e Emprego no Concelho de Vila Franca de Xira  
AERLIS – Associação dos Empresários da Região de Lisboa  
ANDC – Associação Nacional do Direito ao Crédito  
ANEFA – Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos  
ANIMAR - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local  
ANQ – Agência Nacional para a Qualificação  
APA – Associação Americana de Psicologia  
ATEC – Academia de Formação  
ATL – Animação de Tempos Livres  
CAF – Estrutura Comum de Avaliação  
CAP – Certificado de Aptidão Profissional  
CAT – Centro de Atendimento a Toxicodependentes  
C-C - Competências-Chave  
CE – Cidadania e Empregabilidade  
CFP – Centro de Formação Profissional  
CGTP IN – Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses, Intersindical  
CIES/ISCTE – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia/Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa  
CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego  
CLC – Cultura, Língua e Comunicação  
CNO – Centro Novas Oportunidades  
CNQ – Catálogo Nacional para as Qualificações  
CP – Cidadania e Profissionalidade  
CRVCC – Centro de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências  
CUF – Companhia União Fabril  
DGFV – Direcção Geral de Formação Vocacional  
DLD – Desempregados de Longa Duração  
ECDL – Carta de Condução Europeia em Informática  
EFA - Educação e Formação de Adultos  
EFTA-EEE - Associação Europeia de Livre Comércio/Espaço Económico Europeu  
FORAL – Formação para as Autarquias Locais

FORDESQ - Formação de Activos Qualificados Desempregados  
FPIF – Formação Pedagógica Inicial de Formadores  
IC EQUAL – Iniciativa Comunitária EQUAL  
ICESA – Indústria de Construção e Empreendimentos Turísticos, S.A.  
IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional  
IMT – Instituto de Medicina Tradicional  
INOFOR – Instituto para a Inovação na Formação  
INOVINTER – Centro de Formação e de Inovação Tecnológica  
IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social  
IQF – Instituto para a Qualidade na Formação  
ISLA – Instituto Superior de Línguas e Administração  
LC – Linguagem e Comunicação  
LE – Língua Estrangeira  
MFA – Movimento das Forças Armadas  
MV – Matemática para a Vida  
NB – Nível Básico  
NS – Nível Secundário  
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico  
OIM - Organização para a Imigração e Minorias  
OLEFA – Organização Local de Educação e Formação de Adultos  
ONG – Organização Não Governamental  
OTL – Ocupação dos Tempos Livres  
PC – Computador Pessoal  
PDA – Assistente Pessoal Digital  
PDP – Plano de Desenvolvimento Pessoal  
PER – Programa Especial de Realojamento  
PIPT - Plano Integrado de Prevenção das Toxicodependências  
PNAEBA - Plano Nacional de Alfabetização e de Educação de Bases dos Adultos  
PNO – Programa Novas Oportunidades  
POEFDS – Programa Operacional Economia, Formação e Desenvolvimento Social  
PORLVT - Programa Operacional da Região de Lisboa e Vale do Tejo  
PRA – Portefólio Reflexivo de Aprendizagens  
PRODEP - Programa Operacional para o Desenvolvimento da Educação para Portugal  
PRODESA – Programa Operacional para o Desenvolvimento Económico e Social dos Açores  
PS – Partido Socialista  
QCA – Quadro Comunitário de Apoio

QCER – Quadro Comum Europeu de Referência (para as línguas estrangeiras)  
R C-C – Referencial de Competências-Chave  
RSI – Rendimento Social de Inserção  
RVC – Reconhecimento e Validação de Competências  
RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências  
SFUS – Sociedade Filarmónica União Samorense  
SIGO - Sistema de Informação e Gestão da Oferta Educativa e Formativa  
SPSS – Pacote Estatístico para as Ciências Sociais  
STC – Sociedade, Tecnologia e Ciência  
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação  
UC – Unidade de Competência  
UE – União Europeia  
UFCD – Unidade de Formação de Curta Duração  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

## **Introdução**

O presente trabalho de projecto é realizado no âmbito da frequência do Curso de Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização em Formação de Adultos, cuja temática incide sobre a educação e formação de jovens e adultos pouco escolarizados, sendo que este Curso de Mestrado funciona no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Este trabalho de projecto está estruturado em três capítulos:

- a realização de um balanço reflexivo e crítico sobre a experiência da autora como formadora de adultos, pretendendo dar resposta às questões “Como me tornei formadora?” e “Onde é que me situo como formadora?”;
- a elaboração de uma reflexão teoricamente sustentada sobre o campo da educação de adultos no sentido de situar a experiência profissional da autora nesta área;
- uma última parte referente à análise de uma dimensão empírica da prática profissional da autora, incidindo sobre o que está a fazer, que problemas é que essa sua prática lhe coloca e o que poderá melhorar.

No que se refere ao capítulo 1, é efectuada uma explicitação e uma análise do percurso formativo, profissional e social da autora, identificando situações, contextos e pessoas determinantes ao longo desse percurso, descrevendo momentos significativos do seu percurso profissional e articulando o percurso de formação individual com os elementos teóricos sobre o processo de formação de adultos.

Relativamente ao capítulo 2, este é elaborado tendo por base os elementos conceptuais relativos à formação de adultos, os quais são suportados através da consulta e análise da bibliografia obrigatória, bem como de alguma bibliografia complementar.

Neste sentido, num primeiro momento aborda-se o conceito de formação de adultos, de acordo com a perspectiva dos autores referenciados na bibliografia utilizada. Seguidamente, apresenta-se o panorama da evolução da formação de adultos a nível mundial, tendo por base as diversas conferências da UNESCO. Depois, analisa-se a formação de adultos na União Europeia, de acordo com o Livro Branco e o Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida. Por fim, traça-se uma perspectiva evolutiva da educação de adultos no contexto português.

No que diz respeito à dimensão empírica, esta tem por base um estudo de caso centrado numa amostra aleatória dos adultos certificados totalmente no ano de 2010 no CNO de Benavente (12 adultos), a nível de Processos de RVCC NS. Assim, começa-se por fazer uma breve caracterização do PNO e do CNO de Benavente, pretendendo-se depois compreender de que forma os contextos e trajetórias de vida dos adultos favorecem ou potenciam a frequência do Processo de RVCC NS. Para tal, são utilizados os PRA dos adultos por forma a analisar-se quais os padrões - o que existe em comum - ou o que existe de diferente que leve à opção pela frequência do Processo de RVCC NS, recorrendo-se à análise de conteúdo dos PRA elaborados pelos adultos. As entrevistas realizadas aos adultos aquando da fase de diagnóstico e triagem são igualmente utilizadas como forma de complemento de informação, assim como os documentos PowerPoint elaborados pelos adultos, os quais serviram de suporte às suas apresentações nas sessões de júri de certificação.

Esta análise é, pois, efectuada de acordo com diversas dimensões, designadamente a caracterização sociográfica, o passado escolar/abandono/motivações para a inscrição no CNO, o meio social de origem, a composição do agregado actual, a situação de migração, o passado profissional, a experiência profissional actual, a formação profissional/impactos, outras competências, as relações sociais, a economia doméstica e as expectativas sobre a vida.

Como tal, pretende-se comparar os resultados obtidos por esta via de análise com os resultados constantes dos relatórios de avaliação dos CNO a nível nacional elaborados em 2009 e 2010, os quais foram coordenados pelo Prof. Doutor Roberto Carneiro, fazendo-se uma comparação entre o contexto nacional e o contexto local. Por fim, articulam-se os resultados obtidos com o enquadramento teórico realizado no âmbito deste trabalho de projecto.

Este trabalho de projecto termina com uma parte dedicada a considerações finais, na qual é efectuada uma reflexão sobre o trabalho e sobre as aprendizagens realizadas.

## **1. Viagem ao centro do EU ou de como me tornei formadora**

Tive conhecimento da existência deste curso de mestrado através de uma colega de trabalho, formadora de CLC, a Conceição Leitão, com a qual trabalhei aquando da minha passagem pelo CNO da Escola Secundária de Alves Redol de Vila Franca de Xira, e com quem ainda hoje mantenho contacto. Como sentia necessidade de trazer algum aporte teórico à actividade prática que venho desenvolvendo há já algum tempo, como forma de melhorar o meu desempenho em termos de trabalho com as pessoas e de aprender mais sobre a temática da formação de adultos, procurei informações na Internet sobre este curso de mestrado e voltei a falar com a Conceição Leitão, tendo-me decidido pela sua frequência. Sabia da existência de mestrados em formação de adultos na Universidade do Minho e até já tinha pesquisado algumas informações, mas a distância entre Lisboa e o Minho, bem como a minha vida pessoal, familiar e profissional, não me permitiam frequentar tal formação.

Quando me inscrevi neste curso de mestrado julgava que seria um curso idêntico a tantos outros, ou seja, o curso seria constituído por um primeiro ano curricular, ao qual me seria dada equivalência por via da experiência profissional e da licenciatura pré-bolonha, sendo que o segundo ano seria dedicado à elaboração de uma tese de dissertação de mestrado. Mas a estrutura e organização deste curso de mestrado surpreendeu-me de forma positiva, já que por diversas vezes, em conversas com amigas e colegas de trabalho, tenho vindo a defender a ideia de que quem trabalha com adultos, designadamente a nível de processos que utilizam a metodologia das histórias de vida e a abordagem autobiográfica, deveria sujeitar-se à elaboração de um documento autobiográfico, tal como os adultos têm de fazer. Isto porque esta seria uma forma de cada um de nós, profissionais, se aperceber e efectivamente tomar consciência de que este não é um processo fácil de elaborar, sobretudo se tivermos em conta muitos dos percursos de vida menos fáceis relatados pelos adultos que efectuam este processo, bem como os sentimentos e emoções a eles associados.

Algumas pessoas diziam-me: “Tu és mesmo uma grande maluca! Deixa-te lá dessas ideias e não inventes mais coisas.”

Eis, afinal, a confirmação de que a minha ideia até não é descabida de todo. Veremos como supero esta etapa.

### **1.1. Percurso Pessoal e Meio Social**

Para se compreender o meu percurso e a forma como me posiciono perante a educação, mais concretamente a formação de adultos, e a sociedade da qual faço parte, importa referir uma pessoa-chave que influenciou a minha forma de pensar e de me relacionar com o mundo onde habito. Essa pessoa foi o meu Pai. Desde muito cedo recordo-me de ver o meu Pai envolvido numa intervenção social activa, ligado a actividades de carácter associativo, cultural e político. O meu Pai foi militar na Guerra Colonial, na Guiné-Bissau, antes do 25 de Abril de 74, e claro que disto não tenho memória, dado que ainda não existia. Mas recordo-me do meu Pai relatar algumas situações pelas quais passou nessa altura e de ver fotografias alusivas a esse período da sua vida. Posteriormente, e aí já tenho memórias e recordações, tenho na memória um Pai sempre ligado a actividades sociais e colectivas, tais como a participação na então Comissão de Moradores, sendo que aquela foi responsável pela construção de um parque infantil, o Parque Infantil 25 de Abril, na rua onde habitava, em Vila Franca de Xira, num terreno cedido para tal efeito. A actual Junta de Freguesia achou por bem destruir tal parque para aí implantar um parque de estacionamento pago, o que denota uma falta de respeito pelo trabalho e pela memória colectiva da população. Actualmente, este espaço está a ser utilizado para a construção do novo edifício destinado às futuras instalações do Centro de Saúde.

O meu Pai teve ainda participações em associações locais, tais como a Cooperativa Alves Redol, uma cooperativa cultural onde desenvolveu diversas actividades, designadamente participando na Direcção da cooperativa, em iniciativas como feiras do livro, organização de *ateliers* de actividades para crianças, torneios de xadrez, dinamização de iniciativas em datas comemorativas como o 25 de Abril, entre outras. Foi ainda sócio fundador de uma cooperativa de consumo em Vila Franca de Xira, a COOP Vilafranquense e, mais recentemente, pertenceu ao movimento para a implantação do Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira, o que veio a suceder. De referir que todas estas entidades ainda existem e funcionam.

A nível político, o meu Pai sempre participou em diversas actividades, estando organizado politicamente primeiro localmente onde residia, em Vila Franca de Xira, e mais tarde no local de trabalho, em Loures. Aqui participava recorrentemente em debates, manifestações, desfiles, reuniões, distribuição de propaganda, entre outras actividades, muitas vezes através de trabalho voluntário.

A nível cultural, recordo-me também do meu Pai como uma pessoa activa, na medida em que frequentava diversas actividades, levando-nos a várias delas, a mim e aos meus irmãos, designadamente feiras do livro, debates, colóquios, concertos, teatro, exposições, festas, entre outras.

Lembro-me ainda em criança de participar em actividades desenvolvidas pela Cooperativa Alves Redol, tais como *ateliers* de expressão plástica, actividades de rua aquando das comemorações do 25 de Abril, ia com o meu pai para a Cooperativa onde por vezes ficava a ler, o meu Pai trazia livros para nos oferecer, cassetes e discos com músicas infantis – recordo-me do Fungagá da Bicharada do José Barata Moura, que ainda hoje as minhas filhas ouvem e gostam, e de um disco excelente que gostaria de recuperar um dia, chamado “Operários do Natal”... Lembro-me também de uma exposição que me marcou, a qual fomos ver a Évora, que dizia respeito aos instrumentos de tortura utilizados pela Inquisição, de algumas peças de teatro a que fomos assistir no Teatro da Malaposta, em Loures, dos desfiles do 25 de Abril e do 1.º de Maio e de diversos concertos musicais. E muitos mais eventos havia a referir...

O meu Pai era ainda sindicalizado e sempre me transmitiu a importância de tal acção, bem como da importância do movimento sindical.

A nível do meio social onde vivi e com o qual ainda hoje me identifico, nasci e vivi até aos 35 anos na cidade de Vila Franca de Xira, sede do referido concelho. Vila Franca de Xira é um concelho marcado pela implantação de diversas indústrias na sua área geográfica desde os anos 40 do século XX, fruto da proximidade com Lisboa e dos acessos fáceis em termos de transportes, como é o caso do comboio. A proximidade do rio Tejo é ainda um outro factor de facilitação da implementação de indústrias nesta zona. Este tipo de desenvolvimento levou a que se fixasse muita população oriunda de outras zonas do país neste concelho, sobretudo pessoas que desempenhavam tarefas de operariado nas referidas indústrias, bem como pessoas com actividade na área da agricultura e da pesca (varinos e avieiros). Exemplos de algumas dessas indústrias são a CIMPOR, a CIMIANTO, a Central de Cervejas, a ARGIBAY, a TUDOR, a MAGUE, as OGMA, a ATRAL/CIPAN, a SODA PÓVOA, entre outras, sendo que algumas destas empresas já não existem actualmente.

Uma outra característica deste concelho é o seu forte movimento associativo, a par com o movimento cultural neo-realista.

Estas três características do concelho de Vila Franca, historicamente, fizeram com que nele se desenvolvesse um forte movimento operário. Este movimento operário foi-se desenvolvendo a nível dos trabalhadores agrícolas das grandes herdades, os quais reivindicavam melhores condições laborais, designadamente o fim das praças de jorna, alargando-se aos trabalhadores das indústrias, os quais reivindicavam melhores salários e direitos laborais, sendo que havia uma forte relação entre estes e o movimento associativo e cultural do concelho.

Era nas sedes das associações e colectividades que havia reuniões e encontros, alguns clandestinos – estávamos no período da ditadura em Portugal –, organizados pelos trabalhadores, sendo que alguns deles faziam parte de colectividades locais, tais como o Sport Lisboa e Vila Franca e o Ateneu Vilafranquense, entre outros. A par com esta situação havia ainda a participação e a promoção de encontros por parte do movimento cultural local, nomeadamente o movimento neo-realista, através do “Grupo Neo-Realista de Vila Franca”, do qual faziam parte figuras como Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes. Estes dois escritores do concelho de Vila Franca de Xira publicaram diversas obras onde retratavam as condições em que vivem muitos dos trabalhadores locais – trabalhadores agrícolas, operários e pescadores. Os encontros assim promovidos decorriam também nas associações locais e eram participados por muitos dos trabalhadores. Assim se realizaram palestras, colóquios, debates, feiras do livro, exposições de artes plásticas, onde participaram artistas e personalidades locais e também nacionais, tais como Fernando Lopes Graça, Manuel da Fonseca, Bento de Jesus Caraça, Noel Perdigão, Augusto Bértolo, entre outros.

Este movimento cultural foi-se alastrando e intensificando no concelho de Vila Franca, trazendo tantas outras figuras da cultura nacional a Vila Franca, tais como Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, isto já no início dos anos 70.

Desta fusão nasceu e cresceu um forte movimento social e político organizado, designadamente a nível da classe operária, e participado por diversos sectores da população local, o qual reivindicava e levava a cabo acções no sentido de conseguir mais, melhores e mais justas condições de vida para a população, combatendo ainda

o regime que vigorava à época no país. Exemplos disso foram as greves de 1943 e 1944.

E desde a queda do Regime Nazi e de Hitler as lutas contra o regime de Salazar intensificaram-se no país e também no concelho de Vila Franca, nomeadamente através de marchas de fome e greves. É a partir de 1945 que se intensificam no concelho as acções dos sindicatos, das casas do povo, das colectividades e do movimento político-cultural, organizados em torno de um movimento estruturado em comissões locais. Nos anos 60 e 70 as acções de luta continuam e desde final dos anos 60 o movimento operário contou com o apoio do movimento sindical.

É este o clima que se vivia no concelho até ao dia 25 de Abril de 1974, o Dia da Liberdade.

Todo este movimento social em termos culturais, associativos e políticos deixou marcas e teve continuidade nos anos subsequentes ao 25 de Abril, sobretudo nos anos 80 e 90.

Todas estas influências fizeram com que também eu tenha por hábito e necessidade participar em actividades culturais e políticas, designadamente através da frequência de feiras do livro, debates, exposições, concertos, teatro, cinema, desfiles, manifestações, festas, entre outras, levando as minhas filhas a assistir e a participar em tais eventos, sempre que possível, tentando assim transmitir-lhes o que a mim também me foi transmitido, ou seja, a importância do trabalho colectivo e da participação social em prol da construção de uma sociedade sempre melhor e mais justa, baseada em valores como o respeito – por nós e pelos outros -, a amizade, a partilha, a fraternidade, a igualdade, a liberdade e a solidariedade.

Como refere José Saramago, “O que nunca poderemos fazer é sentar-nos a contemplar o espectáculo do mundo como espectadores.”

Resumindo, gosto de trabalhar com pessoas. Há quem acredite em entidades divinas, eu prefiro acreditar nas pessoas. Talvez seja mais difícil, mas é com certeza muito mais gratificante.

## **1.2. Percursos Académico, Profissional e Formativo**

Desde cedo tive consciência de que o meu objectivo de vida em termos futuros passaria por, de alguma forma, trabalhar para e com as pessoas, dado que sempre tive interesse por questões relacionadas com o poder ajudar os outros e contribuir de algum modo para a melhoria das condições de vida das pessoas enquanto indivíduos e enquanto grupo social. Claro que este interesse não surgiu do nada, tendo como âncora diversos momentos pelos quais passei ao longo do meu percurso de vida, como espero conseguir demonstrar através desta narrativa. Daí que a minha primeira opção, encontrava-me então no 9.º ano de escolaridade, passasse pela área da saúde. Já quando frequentei o Ciclo Preparatório tinha gostado bastante da disciplina de Ciências da Natureza, nomeadamente do tema da biologia humana, do estudo do corpo humano e do seu funcionamento. Aliás, ainda hoje sinto fascínio por este assunto. Bom, gostei imenso da área da saúde, sobretudo de Biologia e de Química, mas deparei-me com um obstáculo à época: as disciplinas de Física e de Matemática. Até ao 7.º ano, esta última disciplina não me tinha criado qualquer constrangimento, mas no decurso do 8.º ano tive um professor que, na minha opinião, não desempenhou a sua função da melhor forma, pelo que a partir desse momento comecei a revelar algumas dificuldades nesta área. Como tal, no 9.º ano reprovei à disciplina de Matemática com a classificação final mais baixa – 1. Na minha perspectiva, a professora que tive no 9.º ano também não procedeu da melhor forma relativamente ao grupo de alunos, uma vez que considerava que não valia a pena investir em quem tinha mais dificuldades e classificações mais baixas – palavras dela -, pelo que punha literalmente de parte tais alunos, o que foi o meu caso. Devo referir também que a Matemática nunca foi considerada por mim uma disciplina de eleição.

A dificuldade relativamente à disciplina de Física foi ultrapassada, na medida em que o meu professor de Física conhecia o meu pai, fruto da participação de ambos numa cooperativa cultural existente ainda hoje na cidade de Vila Franca de Xira e da qual sou sócia – a Cooperativa Alves Redol -, tendo-se disponibilizado para me dar algumas explicações sobre a matéria a título particular sem qualquer custo adicional, o que veio a dar os seus frutos e a revelar-se de grande utilidade, pois consegui obter resultados satisfatórios e concluir esta disciplina com sucesso no final do ano lectivo.

Uma vez que não teria de frequentar a disciplina de Matemática, optei pela área de Humanísticas no 10.º ano de escolaridade, mais concretamente pela vertente de

Jornalismo e Turismo, a qual segui até concluir o 12.º ano de escolaridade. E assim dei por concluída a minha brilhante carreira na área da saúde!

No Ensino Secundário, no decurso da frequência da área de Humanísticas, gostei particularmente das disciplinas de Psicologia, Sociologia, Filosofia e Antropologia, por esta ordem de preferência. Devo salientar ainda que sempre gostei muito da disciplina de Português, de ler e de escrever – aliás, penso que tenho mais facilidade na escrita do que na oralidade -, e aqui, ao contrário do que aconteceu com a Matemática, tive ótimos professores ao longo do meu percurso escolar, os quais me marcaram positivamente. A disciplina de Geografia era outra das disciplinas de que gostava bastante, bem como Inglês e Francês.

Sendo assim, quando me candidatei ao ingresso na universidade, a minha primeira opção foi a área da Psicologia Clínica, seguindo-se a Sociologia. E foi este o percurso que me fez chegar à universidade, mais concretamente à área da Sociologia.

Como tal, entre 1991 e 1996, frequentei a Universidade Autónoma de Lisboa “Luís de Camões”, uma cooperativa de ensino privado, tendo concluído com sucesso a licenciatura em Sociologia. Durante a frequência da licenciatura tive alguns professores que me marcaram positivamente pelo modo apaixonado com que desempenhavam a sua função de professores, tendo-me revelado diferentes perspectivas do mundo em que vivemos por forma a analisá-lo e pensá-lo de uma outra forma. Também houve professores que me marcaram negativamente pela forma enfadonha e sem interesse com que leccionavam.

Na faculdade ensinaram-me, entre outras coisas, o conceito de “isenção e imparcialidade”, no sentido em que não devemos ser parciais e tomar posição perante determinado tema científico. No entanto, este é um conceito com o qual não posso estar completamente de acordo, dado que não há pessoas imparciais, pois todos e cada um de nós tem ideias, opiniões, princípios e valores, defendendo determinada posição, que se enquadra em determinadas teorias. Daí existirem teorias para todos os gostos! Como referiu António Gramsci, no seu texto “Os indiferentes”: “(...) acredito que ‘viver significa tomar partido’”.

A escola forneceu-me alguns conhecimentos teóricos importantes, sobretudo a faculdade, no que se refere a áreas como as teorias sociológicas, classes sociais e estratificação, métodos e técnicas de investigação em ciências sociais, sociologia do trabalho e psicologia social. Já tinha ouvido falar em alguns dos conceitos, teorias e autores estudados, fruto da minha participação social, mas aqui tive oportunidade de aprofundar tais conhecimentos.

Muitas das temáticas abordadas ao longo das aulas estão já muito pouco presentes na minha memória, dado que não mais necessitei de utilizá-las ao longo do meu percurso de vida, sendo que a faculdade permitiu-me adquirir alguma prática em termos de pesquisa, selecção, organização, estruturação e sistematização de informação.

O meu percurso escolar foi efectuado sem percalços, ou seja, tive um percurso escolar sem reprovações, tendo sido uma dita “aluna mediana”, pois não era uma aluna muito aplicada ou muito estudiosa, satisfazendo-me com classificações satisfatórias. Aliás, quando concluí o 12.º ano de escolaridade cheguei mesmo a ponderar terminar por aí o meu percurso escolar e enveredar pelo mundo do trabalho, o que felizmente não veio a suceder. Uma pessoa determinante para o meu prosseguimento de estudos a nível superior, bem como em todo o meu percurso escolar, foi o meu Pai. Graças a ele e à sua insistência e determinação acabei por licenciar-me. O meu Pai sempre teve vontade de frequentar o ensino superior e chegou mesmo a frequentar durante algum tempo o Curso Superior de Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico em Lisboa. Conseguiu entrar na universidade no pós 25 de Abril através da realização do então Exame *Ad-hoc*. Mas à data trabalhava, era já casado e com filhos e viveu intensamente o 25 de Abril e os tempos que se lhe seguiram, participando em diversas actividades e iniciativas, para além de que gostava muito de passar algum do seu tempo disponível com amigos e conhecidos em convívios e reuniões, pelo que acabou por abandonar o ensino superior. Assim, sempre fez questão que os seus quatro filhos pudessem ingressar e concluir o ensino superior com sucesso e tudo fez para concretizar este seu objectivo. E conseguiu-o. Muito lhe devo por isso e não só mas, infelizmente, não lho posso já dizer e agradecer. Às vezes, apercebemo-nos tardiamente o quão importantes algumas pessoas são para nós e não o expressamos na devida altura... Penso que isso faz parte do nosso processo de aprendizagem e de crescimento. De qualquer forma, um MUITO OBRIGADA POR TUDO ao meu PAI.

Ainda me encontrava a frequentar o último ano do ensino universitário, estando a concluir a tese de licenciatura, quando conheci uma pessoa que viria a revelar-se fundamental em termos do meu percurso profissional e da minha entrada no mundo do trabalho. Faço aqui um pequeno parêntesis para sublinhar que utilizo propositadamente a expressão “mundo do trabalho” e não “mercado de trabalho” porque considero que as pessoas são muito mais do que meras mercadorias, pelo que não concordo e não utilizo essa última expressão. Adiante. Foi no ano de 1996, uma das alturas em que participei enquanto membro eleito por um partido político na Assembleia de Freguesia de Vila Franca de Xira, que conheci o Prof. Luís Capucha, dado que também ele fazia parte da Assembleia de Freguesia na época. Uma vez que temos a mesma formação de base, e como me encontrava em fase de elaboração da tese de licenciatura, o Prof. Luís Capucha emprestou-me alguns livros para consulta, por forma a desenvolver o meu trabalho. Mais tarde, convidou-me para participar na realização do diagnóstico de caracterização sociográfica da população abrangida pelo PER no âmbito do Projecto "Realojar e Educar na Castanheira do Ribatejo". Enquanto membro da equipa responsável por este estudo - a equipa era constituída por três elementos, eu, a Elsa Pegado e a Helena Gonçalves - participei na elaboração e aplicação do questionário à população, fiz a introdução em SPSS dos dados recolhidos e o respectivo tratamento estatístico e elaborei o relatório final. Este trabalho decorreu entre Março e Junho de 1996, tendo sido solicitado pela Associação para a Promoção Social da Castanheira do Ribatejo, uma IPSS do concelho de Vila Franca de Xira, entidade promotora do referido projecto.

De referir que nesta altura não sabia utilizar o SPSS, pelo que quem me ensinou a utilizar e manusear tal programa de tratamento estatístico de dados foi um dos membros da equipa, a Elsa Pegado. Gostei muito de aprender a utilizar este programa e ainda hoje o utilizo e considero-o bastante útil e prático para se proceder ao tratamento estatístico de informação. No entanto, gostaria de aprofundar os meus conhecimentos relativamente a este programa, pois sei que tem imensas funcionalidades e potencialidades, as quais não domino. Aprendi ainda a elaborar e organizar e estruturar um relatório, a fazer gráficos, a analisar resultados e interpretar os mesmo por forma a daí retirar algumas conclusões e possíveis pistas de trabalho. Tudo isto com o apoio e a ajuda da Elsa Pegado e da Helena Gonçalves. A aprendizagem relativamente à utilização do SPSS foi de tal forma útil, que desde

então até 2008 revelou-se uma ferramenta de trabalho que tive de utilizar regularmente em diferentes situações profissionais.

Seguidamente, entre Julho e Outubro de 1996, também pela mão do Prof. Luís Capucha, desempenhei funções como avaliadora da Medida 1 do Subprograma Integrar, um programa financiado no âmbito do QCA I, inserido no Projecto "Realojar e Educar na Castanheira do Ribatejo". Aqui trabalhei sozinha e fui responsável pela recolha de informação inerente a todo o projecto, pela construção e aplicação de questionários aos destinatários do projecto, pela realização de entrevistas aos responsáveis do projecto, pelo tratamento estatístico dos dados recolhidos – SPSS – e pela elaboração do relatório de avaliação. Este trabalho foi igualmente solicitado pela Associação para a Promoção Social da Castanheira do Ribatejo. Aqui aprofundei alguns conhecimentos sobre a forma de utilização do SPSS e aprendi como construir questionários e entrevistas tendo em conta os objectivos pretendidos com a sua aplicação. A experiência adquirida anteriormente com a Elsa Pegado e com a Helena Gonçalves permitiu-me desenvolver esta actividade mais facilmente.

Entretanto, em Setembro de 1996, ainda através do Prof. Luís Capucha, surgiu a oportunidade de dar formação em *part-time*. Esta foi a minha primeira grande experiência como formadora. Assim, fui formadora do módulo de Organização Social - catorze horas - da acção de formação de Amas promovida pela ABEIV e integrada no projecto desenvolvido pela referida instituição no âmbito da Medida 1 do Subprograma Integrar. A ABEIV é uma IPSS do concelho de Vila Franca de Xira. Confesso que na altura não gostei de todo desta experiência. Era a primeira vez que me via confrontada com a situação, não possuía o CAP de formadora, dado que na altura não era obrigatório possuir tal documento, não tinha qualquer formação e/ou experiência como formadora nem como oradora para públicos, e não gostava nem me sentia à vontade para tal. Foi ainda a primeira vez que tive contacto com toda a documentação inerente à formação, tal como folha de presenças, folha de sumários, entre outra. Por outro lado, não fazia a mínima ideia do tipo de população que ia ter pela frente. Como tal, preparei uns acetatos muito bonitos – ainda não era comum a utilização de videoprojector -, consultei uns livros de sociologia sobre o tema, fiz uns quadros e aí estava eu “prontinha” para ministrar a formação solicitada. Ou pensava eu que estaria. Quando me confrontei pela primeira vez com o grupo de pessoas a quem ia dar formação percebi que afinal as sessões que tinha tão bem preparadas não deviam ser

as mais indicadas para o público que tinha à minha frente. E assim foi efectivamente. O grupo era composto por mulheres, umas mais jovens outras nem tanto, oriundas sobretudo de África e residentes num bairro dito problemático da freguesia de Vialonga, justamente o bairro onde estava situada a IPSS, o Bairro Olival de Fora, mais conhecido como Bairro da ICESA. Acrescia a tudo isto o facto de que a maioria destas mulheres tinha baixos níveis de qualificações escolares e profissionais, encontrando-se na altura desempregada. Perante este cenário, fiquei apavorada sem saber muito bem o que fazer. Mas penso que elas ficaram ainda mais apavoradas que eu após a primeira sessão, dado que não devem ter compreendido praticamente nada, não por incapacidade delas, mas antes por incapacidade minha. Depois desta primeira sessão reestruturei as sessões “tão bonitinhas” que tinha inicialmente elaborado e aligeirei e simplifiquei o conteúdo das sessões seguintes, mas só desejava que aquela formação chegasse rapidamente ao fim. Ainda assim, hoje penso que não terá resultado muito bem, pois deveria ter adoptado outras estratégias formativas, promovendo mais a participação activa do grupo no processo formativo ao invés da utilização do método expositivo. Enfim, eu queria trabalhar e fazer algo relacionado com a minha área de formação de base, agarrava todas as oportunidades que iam surgindo e depois logo se via como lidar com as situações. E desta vez acho que não correu tão bem como desejava. No entanto, aprendi o que não fazer em situações futuras! Mas, como disse o Poeta, “Primeiro estranha-se, depois entranha-se”. E foi o que sucedeu comigo relativamente à formação e à experiência de formadora...

Entre Novembro de 1996 e Fevereiro de 1997, novamente a convite do Prof. Luís Capucha, fiz parte da equipa do CIES/ISCTE responsável pela avaliação a nível nacional do Subprograma Integrar e do período experimental do então designado Rendimento Mínimo Garantido. Aqui fui responsável pela introdução em base de dados – SPSS – das informações recolhidas através da aplicação de questionários e por parte do seu tratamento estatístico, pelo contacto com diversas entidades a nível nacional, pela transcrição de entrevistas, pela leitura e síntese de alguns documentos e pela correspondência. A partir daqui e até Fevereiro de 2006 iniciei o que considero ter sido até ao momento o meu ponto alto em termos de percurso profissional.

Esta experiência de trabalho foi muito gratificante, pois gostei imenso de trabalhar em equipa, sendo que já conhecia alguns dos seus elementos, três deles, fruto de anteriores colaborações em trabalhos – a Elsa Pegado, a Helena Gonçalves e o Prof.

Luís Capucha. Os restantes elementos da equipa, duas pessoas, eram desconhecidos para mim, mas um deles, o Paulo Santos, viria a acompanhar-me profissionalmente desde então até 2006.

Esta equipa era, pois, constituída por seis elementos e considero que todos funcionavam muito bem enquanto equipa. Foi aqui que verdadeiramente comecei a perceber o sentido do trabalho de equipa, sendo que mais tarde, através de uma outra experiência de trabalho, aprofundei e consolidei esta aprendizagem. Todos tinham tarefas bem definidas e o trabalho era desenvolvido em torno dessa divisão de tarefas. Se alguém cumprisse menos bem a sua função, o trabalho e toda a equipa era responsabilizada e posta em causa por isso. Mas, havendo distribuição de tarefas, sempre que era necessário, os membros da equipa ajudavam quem necessitasse de apoio, por forma aos objectivos do trabalho serem atingidos atempadamente. O trabalho de equipa por objectivos funciona bem em situações de trabalho associadas à lógica de projecto, onde há tempos e prazos a cumprir muito bem definidos, os quais não podem de todo ser ultrapassados devido a diversos factores, designadamente a duração limitada no tempo das actividades e o financiamento disponível para tal. Querer aplicar esta modalidade de funcionamento - entenda-se aqui o trabalho por objectivos, sendo que esses mesmos objectivos a maioria das vezes são meramente quantitativos - a todo o tipo de estruturas e de organizações de trabalho, não me faz sentido, sobretudo quando o alvo principal dessas estruturas são as pessoas e o trabalho a desenvolver com elas...

Também gostei muito do ambiente envolvente, pois conheci muitas pessoas interessantes do ponto de vista de conhecimentos e saberes académicos e com uma vasta cultura geral, ouvi falar de diversos assuntos que desconhecia, ouvi diferentes perspectivas sobre variados temas e sentia-me bem ali, dado que considero que aprendi muito com os outros, sentindo que aquele local permitia-me aceder a um enriquecimento pessoal e profissional constantes, o que considero fundamental. Uma das pessoas que conheci nesta altura, o José Luís Castro, trabalhou comigo mais tarde e tornou-se um amigo, apesar de já não vê-lo há algum tempo.

Todas as experiências de trabalho que referi até ao momento permitiram-me ter contacto próximo com uma realidade que desconhecia até então: a existência de programas comunitários que financiavam o desenvolvimento de acções e projectos,

bem como o mundo das IPSS e outras instituições de desenvolvimento local e comunitário. Mal sabia eu que mais tarde viria a trabalhar num destes tipos de instituições...

Estas experiências de trabalho possibilitaram-me ainda o desenvolvimento de algumas competências, designadamente ao nível do aperfeiçoamento da utilização de ferramentas informáticas, como foi o caso do Word, do Excel, do PowerPoint, da utilização da Internet e do e-mail e, como já referi, do SPSS. Claro que já tinha manuseado um computador e sabia utilizá-lo – tinha computador pessoal desde 1992-, mas foi a partir destas experiências que passei a necessitar de utilizar o computador com mais frequência, dado que passou a ser o meu principal instrumento de trabalho. Foi também a partir daqui que desenvolvi competências em termos da organização e gestão do trabalho.

Seguidamente, a autarquia de Vila Franca de Xira contactou o CIES no sentido de contratar uma equipa multidisciplinar de técnicos para desenvolver no terreno um projecto de reabilitação urbana, fruto de uma candidatura efectuada pela referida autarquia local a um programa financiado pelos Estados EFTA-EEE (esta foi a primeira vez que ouvi falar em tais Estados). Este projecto decorreu entre Março de 1997 e Junho de 2001 e funcionou no âmbito do Projecto de Reabilitação Urbana "Viver o Bairro" do Bairro Olival de Fora em Vialonga, justamente o bairro onde tive a minha primeira experiência como formadora.

Este projecto visava promover uma intervenção integrada num dos bairros mais estigmatizados do concelho de Vila Franca de Xira - o Bairro Olival de Fora, mais conhecido pelo "Bairro da ICESA". Considerando que a situação existente neste Bairro exigia uma forte intervenção social em paralelo com as acções específicas de reabilitação das habitações e do espaço urbano e considerando que as estruturas e as competências específicas existentes na Câmara Municipal não eram as mais adequadas para desenvolver um projecto com estas características, a Autarquia estabeleceu um protocolo com o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE (CIES-ISCTE), o qual se encarregou da constituição do Gabinete Técnico do projecto, assegurando a constituição de uma equipa multidisciplinar que coordenou e desenvolveu as acções do projecto, conhecido por "*Projecto Viver o Bairro*".

Uma vez mais, o Prof. Luís Capucha convidou-me para pertencer a esta equipa, proposta que aceitei de imediato. E considero que foi a partir desta experiência que verdadeiramente realizei aprendizagens significativas a diversos níveis. Desta equipa faziam parte inicialmente dois sociólogos – eu e o Paulo Santos, com quem tinha trabalhado no CIES e que foi determinante em termos de facilitação das minhas aprendizagens ao longo das actividades que desenvolvi neste projecto – e um estudante de arquitectura – o Jorge Urbano. Mais tarde, a equipa foi gradualmente aumentando, tendo em conta as necessidades decorrentes da implementação no terreno das actividades inerentes ao desenvolvimento do projecto. Também o espaço onde a equipa do projecto ficou instalada foi melhorando ao longo do seu desenvolvimento, o mesmo sucedendo relativamente aos equipamentos, recursos e materiais disponíveis, os quais foram melhorando substancialmente, tanto em quantidade como em qualidade.

Começámos a montar o projecto de raiz e, como tal, elaborámos folhetos de divulgação do projecto, os quais foram distribuídos por nós pelo bairro e pela freguesia, lançámos um concurso para escolha de um logótipo para o projecto, ao qual foi dado o nome Projecto “Viver o Bairro” e elaborámos um questionário de caracterização da população existente no bairro, o qual foi aplicado por jovens pertencentes a uma associação local. De referir que o nome do projecto foi sugerido por mim, tendo-me lembrado deste nome no âmbito da minha participação numa actividade cultural desenvolvida pela autarquia de Vila Franca de Xira, a qual se designava Festival “Amar o Tejo, Viver a Paz”. Nesta fase do trabalho, ainda não havia tarefas bem definidas e distribuídas pela equipa, pelo que todos fazíamos um pouco de tudo e ajudávamo-nos mutuamente. Como tal, todos colaborámos e demos sugestões relativamente à elaboração do folheto de divulgação do Projecto. Mais tarde, ajudei o Paulo Santos a introduzir em SPSS os dados recolhidos através da aplicação do questionário. Após esta fase, as tarefas começaram a ser melhor definidas e distribuídas por cada um dos elementos afectos ao Projecto, fruto da implementação do projecto e do desenvolvimento das actividades a desenvolver no terreno.

No âmbito deste projecto foram promovidas acções de reabilitação física (ordenamento exterior, recuperação do edificado, construção de equipamentos, colocação de mobiliário urbano), de intervenção social (animação socio-cultural e

desportiva, constituição de comissões de prédio, apoio jurídico aos moradores, promoção das qualificações escolares e profissionais da população, em particular de mulheres) e de promoção das actividades económicas (criação de emprego, criação de empresas, etc.).

No decurso desta experiência trabalhei no âmbito da intervenção comunitária e desenvolvimento local com pessoas pertencentes aos designados “grupos sociais desfavorecidos”, tais como DLD, beneficiários do RSI, mulheres desempregadas, jovens em risco, minorias étnicas, populações com baixas qualificações escolares e profissionais, baixa auto-estima e dificuldades de acesso e integração no mundo do trabalho. Tinha já consciência das situações de vida difíceis e adversas de parte da população – uma parte demasiado grande... -, mas nunca me tinha confrontado efectivamente com tais situações e aqui fui obrigada a fazê-lo, tendo constatado no terreno que há pessoas que vivem em condições socioeconómicas terríveis e que essas situações podem e devem ser revertidas. Foi um confronto com a realidade que incutiu ainda mais em mim o sentido de combate às injustiças sociais. Também aprendi que há pessoas que têm uma enorme capacidade de resistir e de encontrar estratégias de sobrevivência incríveis face aos problemas por que passam e, muitas vezes, caso não nos dissessem, não nos passaria sequer pela cabeça que essas pessoas tivessem vidas tão complicadas. Aliás, interrogo-me a mim mesma se conseguiria suportar metade das situações pelas quais muitas destas pessoas passam... Foi também aqui que convivi pela primeira vez com populações africanas – cabo-verdianos e guineenses sobretudo -, uma experiência muito gratificante. Adoro a alegria dos africanos, o apoio existente entre pares, as dinâmicas das relações de vizinhança, as festas que realizam, a sua gastronomia e a sua música... Enfim, têm uma forma de estar completamente diversa da nossa. No entanto, este tipo de comportamento não se verifica igualmente em emigrantes de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> geração (outros dos conceitos que aqui aprendi, tal como o de multiculturalidade). Um dos parceiros do projecto era a Associação dos Africanos do Concelho de Vila Franca de Xira, cujo presidente era o Sr. Luís Lourenço, um guineense reconhecido entre a comunidade local. Um outro elemento-chave para cativar as mulheres e os jovens de origem africana a participar no projecto, sobretudo nas acções de formação e nas actividades de animação sócio-cultural, foi a D. Fernanda, uma cabo-verdiana residente no Bairro e igualmente reconhecida entre a comunidade. Como tal, a D. Fernanda participou no Projecto Viver o Bairro enquanto formadora num curso de

cozinha africana, sendo que dois dos seus filhos adolescentes participaram activamente nos *ateliers* de animação sócio-cultural, bem como foram formandos do curso com essa designação. Ainda me recordo de ver as mulheres africanas, com as suas vestes tradicionais, esmagarem o milho para fazer farinha com os pilões, na rua, à entrada dos prédios do bairro. Na fase final do projecto, tal já não era visível...

Ao longo do projecto desempenhei várias funções. Uma delas foi o cargo de directora da Escola de Formação Especial e Emprego. Como directora de formação era responsável pela preparação de candidaturas, nomeadamente ao ex-Subprograma Integrar, assim como pelos procedimentos de acompanhamento do decorrer das acções – preenchimento de formulários, elaboração de relatórios de avaliação das acções e coordenação das acções, organização dos processos tecnico-pedagógicos e organização da formação (divulgação, inscrições, mobilização dos recursos logísticos e materiais necessários, mobilização de um sistema de parceiros e recursos institucionais, procura de apoios e financiamento).

A Escola tinha esta designação – Escola de Formação Especial e Emprego - dado que o seu principal objectivo era ministrar acções de formação aos designados “grupos sociais desfavorecidos”, por forma às pessoas adquirirem competências pessoais, sociais, escolares e profissionais no sentido de se promover e facilitar a sua integração no mundo do trabalho.

De referir que o Subprograma Integrar não previa ainda o funcionamento de acções de formação certificadas onde fosse possível articular a formação de base com a formação tecnológica. Isso só viria a surgir mais tarde, em 2000, com a ANEFA e com a implementação dos Cursos EFA. Como tal, fizemos uma parceria com a Coordenação Concelhia de Vila Franca de Xira do Ensino Recorrente por forma a articularmos a formação escolar ou de base com a vertente tecnológica ou profissional. Com o apoio da Coordenadora Concelhia do Ensino Recorrente, a Prof. Dulce Arrojado, construímos planos de formação que contemplavam a formação de base a nível dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos, bem como a formação profissional. A formação profissional era desenvolvida por via de recurso aos Cursos Extra-Escolares do Ensino Recorrente. Assim, no final da formação, os adultos eram certificados a nível escolar e profissional através do Ministério da Educação.

Já conhecia a Dulce Arrojado, pois ambas residíamos em Vila Franca de Xira e encontrávamo-nos em alguns eventos que decorriam por lá, bem como em outros locais do concelho e fora do concelho. Mas encontrar a Dulce como Coordenadora Concelhia do Ensino Recorrente foi para mim uma novidade. E foi assim que pela primeira vez ouvi falar em Ensino Recorrente e em Cursos Extra-Escolares.

A responsabilidade de trabalhar na área da gestão da formação profissional permitiu-me adquirir uma diversidade de competências, pois esta era uma área nova para mim. Neste sentido, aprendi a elaborar documentos de candidatura a programas comunitários, nomeadamente a efectuar diagnósticos de necessidades, caracterização do público-alvo e da entidade promotora, planos de formação adequados às respectivas necessidades e públicos, incluindo ainda a constituição da equipa técnico-pedagógica e dos formadores necessários para o desenvolvimento do projecto, bem como a definir os recursos logísticos e materiais e a definir parcerias. Ainda aprendi a preencher os formulários de candidatura e de acompanhamento das acções, documentos que desconhecia até então. Por um lado, estas aprendizagens foram sobretudo realizadas com o apoio do Paulo Santos, que me auxiliou em termos da elaboração de diagnósticos de necessidades, da constituição da equipa técnico-pedagógica e da definição de parcerias. Por outro lado, tendo por base os regulamentos de candidatura e os respectivos formulários, fui aprendendo a caracterizar o público-alvo, a caracterizar a entidade promotora do projecto, a definir a equipa de formadores e os recursos logísticos e materiais de acordo com as acções a ministrar, bem como a elaborar os planos de formação. Foi aqui também que contactei pela primeira vez com a existência de níveis de classificação da certificação das acções de formação, através da documentação de suporte, sendo que estas eram classificadas do nível 1 ao nível 5, por comparação com os níveis do ensino regular. Actualmente, esta escala foi revista e vai desde o nível 1 ao nível 8.

Relativamente aos relatórios de avaliação das acções, estes implicavam periodicamente o preenchimento de formulários de acompanhamento das acções, bem como a realização de um documento com os indicadores de execução física e financeira do projecto formativo, sendo que os indicadores financeiros eram da responsabilidade do técnico financeiro do projecto. Também aqui aprendi a realizar estas tarefas com o apoio do Paulo Santos e através da minha própria experiência.

Todo o material necessário e inerente ao decurso das acções de formação foi elaborado por nós, desde os folhetos e cartazes de divulgação das acções, às ficha de inscrição, até à organização do processo técnico-pedagógico e respectivo material de suporte. Todo este material foi elaborado tendo por base a análise e a adaptação de instrumentos já elaborados e utilizados noutras situações e noutros locais, os regulamentos dos programas, os quais comportavam regras que tínhamos que seguir, bem como a nossa própria experiência no terreno, que permitia melhorar e ajustar a documentação à nossa realidade.

O estabelecimento de parcerias e protocolos de colaboração foi uma outra área em que intervimos, tendo inicialmente desenvolvido diversas parcerias no sentido de encontrar espaços para as acções de formação a decorrer no âmbito do projecto, bem como de locais para a realização dos estágios. Assim, estabelecemos parcerias com diversas entidades. Mais tarde, as parcerias foram alargadas ao âmbito regional por forma a fazer face às necessidades sentidas, designadamente em termos de encontrar locais para estágio. Nunca tinha desenvolvido tarefas neste âmbito e, para mim, esta foi também uma novidade. Tive de aprender a elaborar ofícios e protocolos de colaboração, bem como a estabelecer contactos telefónicos com diversas entidades, públicas e privadas, no sentido de encetar parcerias e estabelecer acordos e aqui, uma vez mais, o Paulo Santos deu-me um grande auxílio.

A realização de horários, uma outra tarefa por mim desenvolvida, inicialmente teve em conta as salas disponíveis e a distância entre elas, dado que os formandos tinham que se deslocar entre os espaços e, por vezes, não eram próximos uns dos outros, bem como a disponibilidade dos formadores, o que não se revelou uma tarefa fácil de início. Mas com a prática tudo se ultrapassa e aqui superei esta dificuldade inicial à custa da postura em prática das situações e da experimentação, através da “tentativa-erro”. Mais tarde, esta dificuldade de deslocação entre diferentes e distantes locais de formação foi ultrapassada, uma vez que a formação e toda a sua estrutura foram concentradas na base de uma torre de um prédio de habitação existente no bairro, bem como noutros locais aí próximos.

A compra dos materiais para fazer face às necessidades decorrentes das actividades formativas era uma outra responsabilidade por mim assumida. Assim, regularmente tinha que estar atenta e verificar qual o material em falta, por forma a adquiri-lo e

comprá-lo atempadamente para que as acções de formação pudessem decorrer e desenvolver-se sem quaisquer falhas de material. Entre este material contava-se não só material de desgaste e consumível, como também o material específico para cada uma das acções a desenvolver. Cheguei a ter que proceder ao aluguer de salas para aí decorrerem algumas das acções de formação. Esta aprendizagem foi fruto da minha própria experiência, ao pôr em prática o desenvolvimento de tais tarefas. Recordo-me de uma vez ter ido a Lisboa com a D. Fernanda, formadora do curso de cozinha africana de quem já falei, para comprar produtos específicos utilizados na confecção da culinária africana, os quais só se encontram à venda em determinadas lojas. E assim, quando quiser confeccionar uma iguaria africana, já sei onde me dirigir para adquirir os produtos necessários!

A mobilização dos recursos logísticos também era da minha responsabilidade. Assim, tinha de estar constantemente alerta para a disponibilidade de salas, de materiais necessários ao bom funcionamento das acções, tais como a disponibilidade da cozinha industrial existente no Centro Comunitário do Bairro – antes da existência de tal cozinha, as aulas práticas eram ministradas na cozinha da ABEIV -, a existência de máquinas de costura de diversos tipos, a existência de máquinas de estética para diversas funções, a existência de máquinas e ferramentas de jardinagem, a disponibilidade da sala de informática ou de computadores, entre outros, de acordo com as formações a ministrar. Tudo isto implicava a aquisição ou o aluguer de alguns destes materiais e respectiva pesquisa de mercado, a realização de horários tendo em conta a disponibilidade dos espaços e dos equipamentos e este foi um processo que tive de gerir e de aprender como fazê-lo com a prática do dia-a-dia e com o apoio dos membros da equipa, designadamente o Paulo Santos e o técnico responsável pela área contabilística e financeira.

Desde o início do projecto até ao seu término foram realizadas diversas acções de formação profissional, tais como jardinagem, costura, cozinha, estética e cuidados corporais, cozinha africana, informática, animação sócio-cultural, auxiliar de acção educativa, agentes de serviços à comunidade, entre outros.

No final da formação, os formandos passavam por um período de estágio ou formação em contexto de trabalho, pelo que tinha que contactar diversas entidades no sentido de estabelecer parcerias e protocolos por forma a colocar os formandos em estágio.

Primeiramente, os estágios eram realizados em entidades da freguesia e, portanto, já nossas conhecidas. Posteriormente, por forma a responder às necessidades formativas, alargou-se o âmbito da procura de locais de estágio devido ao aumento do número de formandos, bem como ao alargamento das áreas de formação. Para tal, contei novamente com o apoio inicial do Paulo Santos e do José Luís Castro, passando depois a desempenhar esta tarefa autonomamente.

O acompanhamento dos formandos no decurso do processo formativo foi uma outra área que assegurei. Inicialmente, tive algumas dificuldades na concretização desta tarefa, já que a população abrangida pelo projecto possuía várias lacunas a nível das relações inter-pessoais, o que era gerador de diversos conflitos entre os formandos - até porque muitos desses conflitos eram já trazidos do exterior para o interior das salas de formação, dado que muitas das pessoas que frequentavam os cursos conheciam-se, existindo já divergências entre elas - e eu não estava preparada para lidar com tais situações. Recordo-me de uma vez estar a trabalhar no gabinete técnico, que ficava situado no edifício das salas de formação, quando de repente começo a ouvir gritos e sons de algo pesado a arrastar-se e a movimentar-se nas salas de formação. Saí do gabinete para ver o que se passava e quando cheguei a uma das salas de formação deparei-me com um grupo de formandas a lutarem em plena sessão, sendo que a formadora estava a um canto da sala sem saber muito bem o que fazer. Os sons que ouvi eram as mesas e as cadeiras a serem arrastadas pelas formandas. Esta situação foi despoletada por duas formandas, já não me recordo porquê. Perante tal situação, chamei as duas formandas em questão ao gabinete, uma de cada vez entenda-se, falei com cada uma delas individualmente, marquei falta a cada uma delas e ficaram impedidas de frequentar a formação durante uns dias, o que implicava a respectiva redução na bolsa de formação que recebiam mensalmente. A situação ficou sanada e os ânimos acalmaram, mas claro que o problema de fundo permaneceu. E assim fui aprendendo a gerir esta e outras situações idênticas que foram surgindo ao longo deste percurso. Mais tarde, em Fevereiro de 2004, frequentei um workshop sobre Gestão de Conflitos, bem como uma acção de formação de trinta horas sobre esta temática, que me dotou de algumas ferramentas para mais facilmente poder lidar com este tipo de situações, tais como reconhecer os diferentes tipos de comportamento – agressivo, passivo e assertivo – e como agir perante as diferentes situações.

Como responsável de formação, tinha que dirigir uma equipa constituída por uma técnica de acompanhamento psicossocial, diversos formadores – internos e externos, um técnico financeiro, um técnico de informática, duas auxiliares de educação infantil e uma administrativa/ recepcionista, o que também me permitiu adquirir saberes em termos de gestão de pessoas, designadamente como gerir conflitos, como dinamizar grupos, como organizar o trabalho e distribuir tarefas, como fazer o acompanhamento do desenvolvimento das actividades, como ter uma postura assertiva e argumentativa, como escutar os outros, entre outras. Como tal, realizávamos reuniões regulares entre a equipa técnica, onde participavam a técnica de acompanhamento psicossocial, o técnico financeiro, eu e o coordenador do projecto. Eram ainda efectuadas reuniões regulares com os formadores das várias acções de formação, sendo que nestas reuniões participavam os formadores, a técnica de acompanhamento psicossocial, eu e, por vezes, quando tal se justificava, o coordenador do projecto e o técnico financeiro. O objectivo destas reuniões era fazer um balanço regular sobre a forma como estava a decorrer a formação e encontrar soluções para situações que iam surgindo e que se tornava necessário resolver, tais como problemas de financiamento que dificultavam o pagamento atempado a formadores, a aquisição de material necessário em tempo útil, problemas com formandos, estratégias formativas, entre outros. Por cada reunião realizada era elaborada uma acta, bem como documentos de *follow-up* das reuniões da equipa técnica. Eram ainda realizadas reuniões e atendimentos individuais com os formandos, bem como reuniões informais, sempre que necessário. Foi ainda criada uma sala onde as formandas deixavam os filhos durante o período em que decorria a formação, por forma a poderem frequentar as acções, dado que os valores disponíveis pelos programas financiadores para pagar subsídio de creche eram manifestamente insuficientes para cobrir as necessidades existentes e também não havia vagas disponíveis nos infantários para receberem todas as crianças. Nesta sala estavam duas auxiliares de educação infantil com experiência de trabalho na área. Esta sala serviu ainda como local de estágio a algumas das formandas que frequentaram o curso de auxiliar de educação infantil, sendo que a logística da sala em termos de vagas disponíveis para acolher os filhos dos formandos, bem como o controlo regular dos recursos logístico e materiais necessários ao seu bom funcionamento eram da minha responsabilidade.

Esta experiência permitiu-me desenvolver e consolidar saberes em termos da postura em prática do trabalho de equipa, bem como desenvolver competências a nível das

relações inter-pessoais, o que era fundamental para o bom funcionamento deste projecto formativo. Aqui contei uma vez mais com o apoio do Paulo Santos e do José Luís Castro.

Uma outra actividade pela qual fui responsável foi a elaboração do processo de acreditação ao IQF da entidade formadora. Uma vez que passou a ser obrigatório a elaboração do dossier de acreditação por forma às entidades formadoras poderem aceder e candidatar-se a programas de formação financiados, tive que aprender todos os procedimentos inerentes à realização de tal documento. Para isso, recorri ao apoio e ao auxílio dos documentos de suporte facultados pelo IQF – ex-INOFOR – às entidades formadoras, bem como à ajuda do Paulo Santos e do José Castro. Aprendi a preencher os formulários de candidatura à acreditação, a organizar o dossier de acordo com os requisitos do IQF, reflectindo em simultâneo sobre as fragilidades e potencialidades da entidade formadora em que me encontrava. Uma vez que o processo inicial de acreditação era válido apenas por um ano, tive de elaborar igualmente o processo de renovação da acreditação da entidade, o qual foi já mais fácil de realizar, fruto da experiência anteriormente adquirida.

Desde o início do Projecto Viver o Bairro fui responsável e participei anualmente na organização e desenvolvimento das Festas de Natal da Escola de Formação. Como tal, tinha de redigir ofícios a solicitar patrocínios a diversas entidades no sentido de angariar ofertas para as festas, tais como bebidas, comida, prendas para os filhos das formandas, entre outros. Tinha também de saber o número de participantes nas festas, entre formandos, equipa técnica e filhos dos formandos, por forma a definir as quantidades de comida, bebidas e prendas necessárias. Tinha ainda que proceder à decoração do espaço onde decorriam as festas, sendo que as formandas participavam nas festas através da realização de actividades. Os filhos das formandas que se encontravam na sala das crianças também participavam nas festas com a realização de actividades diversas. A organização destas festas era da responsabilidade de toda a equipa afectada à Escola de Formação. No início, tive o apoio do Paulo Santos em termos dos passos necessários e dos procedimentos para pôr de pé esta iniciativa, mas com o decurso do projecto e com a experiência que fui adquirindo, comecei a efectuar esta actividade autonomamente, sempre com a participação de toda a equipa técnica afectada à formação.

Uma outra vertente do projecto eram os *ateliers* de animação sócio-cultural dirigidos aos jovens, sendo que fiquei responsável pela dinamização e por todo o trabalho técnico-administrativo, que consistia na organização e implementação desses ateliers. Assim, foram dinamizadas diversas actividades, designadamente teatro, música, capoeira e um *atelier* polivalente (pintura, desenho, artes circenses, etc.). Aqui tive de contratar os dinamizadores dos *ateliers*, elaborar as fichas de inscrição, recepcionar inscrições, elaborar horários e definir locais de funcionamento dos *ateliers*, adquirir material para o seu funcionamento, elaborar um documento de registo de assiduidade de dinamizadores e frequentadores dos ateliers, elaborar os documentos de pagamento aos dinamizadores dos ateliers, encontrar transporte para as saídas e actuações decorrentes do funcionamento dos ateliers, entre outras. Estes *ateliers* revelaram-se bastante úteis em termos da participação dos jovens, sobretudo o *atelier* de capoeira. O *atelier* de teatro terminou antes dos outros devido à pouca adesão por parte dos jovens do bairro a esta actividade. Aqui tive o apoio do José Castro e do Prof. Luís Capucha, dado que foi por seu intermédio que contratámos os dinamizadores dos *ateliers* e que definimos que tipo de *ateliers* deveriam ser implementados no bairro. Conteí ainda com o apoio do Paulo Santos e com a minha própria prática relativamente à elaboração da documentação necessária para o seu desenvolvimento e acompanhamento. Como já referi, o *atelier* de capoeira foi muito participado pelos jovens, que levavam muito a sério e com muita responsabilidade e empenho a sua participação nesta actividade. De tal forma, que faziam questão de serem responsabilizados por determinadas tarefas, cumpriam com rigor horários e todas as regras definidas por eles e pelo dinamizador e tinham muito orgulho no seu grupo, o qual designaram como “Axê de Palmares”. No âmbito deste *atelier* foram realizadas diversas actuações em diversos certames e em vários locais do país.

No decurso deste projecto, mais concretamente em Setembro de 1997, participei pela primeira vez na organização de um seminário, o Seminário do Projecto “Viver o Bairro”, realizado na ADCS. Aqui elaborei, juntamente com a restante equipa, ofícios a convidar diversas entidades a participar no seminário, enviámos informações à comunicação social local, tratámos de toda a logística em termos de espaço, equipamentos e materiais necessários à realização do evento. Fiz ainda a minha primeira intervenção oral no âmbito de um acontecimento deste género, com um discurso sobre as actividades formativas e de animação sócio-cultural inerentes ao projecto. Estava bastante nervosa, mas considero que correu muito bem para uma

primeira vez! Depois desta experiência participei em mais dois seminários também como oradora, as quais já foram mais fáceis de realizar. Nada como a prática!

Todas estas actividades eram uma constante novidade para mim, pois nunca tinha desempenhado funções que implicassem tanta responsabilidade e que envolvessem tantas pessoas e tantas tarefas e tal só foi possível com o trabalho conjunto e o apoio de toda a equipa que trabalhava no projecto, designadamente a equipa afecta à vertente da formação profissional. Aqui devo salientar o precioso apoio de um elemento que veio reforçar a equipa em termos da vertente da formação profissional, o José Luís Castro, que me auxiliou, orientou e acompanhou no desenvolvimento das actividades formativas, nomeadamente a nível do trabalho formativo com as acções direccionadas à população mais jovem, área onde tinha já bastante experiência. Além disso, o José Castro é uma excelente pessoa do ponto de vista humano, o que facilitou o desenvolvimento do trabalho em conjunto, considerando-o ainda hoje um amigo.

Este era um trabalho realizado sobretudo tendo em conta os objectivos a alcançar, pelo que não tínhamos horários rígidos a cumprir – aliás, confesso que ainda hoje tenho alguma dificuldade em cumprir horários rígidos de entrada e saída, assim como outro tipo de regras e procedimentos, alguns dos quais me parecem mesmo caricatos -, bem como não havia necessidade de apresentação de justificações de faltas devido a doença, acompanhamento de filhos ou familiares, não havia cartão de ponto ou outro tipo de controlo de entrada e saída, não tínhamos que preencher milhentos papéis para justificar saídas em serviço ou pedir material, havia efectivamente a possibilidade de conciliação entre o trabalho e a vida pessoal e familiar, a possibilidade de realizar teletrabalho, entre outras situações (esta situação manteve-se mais tarde na ADE, sendo que em 2004 a entidade ganhou uma menção honrosa no âmbito do Prémio “Igualdade é qualidade” atribuído pela CITE). Claro que o trabalho pelo qual éramos responsáveis tinha que estar realizado nos prazos estipulados – e isso acontecia recorrentemente, pois a motivação era mais que muita...Enfim, o nosso trabalho era reconhecido e o incentivo e a aposta na formação dos trabalhadores era um marco da entidade. Para que tudo isto acontecesse foi determinante o desempenho de um dos elementos da equipa, o coordenador do projecto, que era o Paulo Santos. O Paulo Santos era o elemento que possuía mais experiência de trabalho nesta área e também era excelente em termos de gestão de pessoas e de

equipas, sendo que isso permitiu que se fosse estabelecendo e consolidando um tão bom ambiente de trabalho e um excelente relacionamento entre as pessoas. Daí a minha dificuldade em falar neste projecto apenas na primeira pessoa, pois considero-o e sinto-o ainda hoje como um trabalho e um projecto colectivo. Mais tarde apercebi-me do reverso da medalha de toda esta situação...

Como todos os projectos financiados, também este teve o seu fim e, por forma a dar continuidade e assegurar algumas das áreas de intervenção do projecto, a equipa de coordenação e alguns dos técnicos criaram uma associação de desenvolvimento local. Esta associação, criada em Março de 1998, tinha como objectivo continuar a desenvolver actividades e a trabalhar com a população beneficiária do projecto e residente no Bairro Olival de Fora em Vialonga. Por outro lado, pretendia ainda formalizar candidaturas à medida “Empresas de Inserção”, dado que a Autarquia não podia fazê-lo, bem como ultrapassar as exigências administrativo-burocráticas a que a autarquia estava sujeita enquanto entidade pública e que dificultavam o desenrolar do projecto em tempo útil. Neste sentido, entre Julho de 2001 e Fevereiro de 2006, trabalhei na ADE, uma associação privada sem fins lucrativos. De referir que muitos nós, incluindo eu própria, nos tornámos sócios desta associação.

Desde a sua constituição a ADE:

- Criou e geriu cinco empresas de inserção (Portaria n.º 348 A/98 de 28 de Junho): a Vila Verde (jardinagem), a Roupa Xira (lavandaria), o Mousel (restaurante), a Tons da Terra (artesanato) e a @design (informática);
- geriu, a convite da Câmara Municipal, um Projecto de Luta Contra a Pobreza (Projecto de Desenvolvimento Integrado), cuja candidatura foi elaborada e negociada pelos técnicos da ADE, que teve início em Outubro de 1999 e terminou em Dezembro de 2001;
- geriu o PIPT desde 2000, sendo promotora de acções na área da
- prevenção e articulando com o CAT de Xabregas as acções na área do tratamento;
- promoveu acções de formação no âmbito do POEFDS - PORLVT desde Abril de 2001, assegurando o reconhecimento de competências adquiridas e promovendo a formação escolar e profissional, dando seguimento às acções de formação profissional qualificante que a equipa técnica assegurava desde 1997;

- foi a entidade interlocutora da ANDC na Região, apoiando candidaturas ao micro-crédito;
- foi entidade interlocutora do projecto Rede para a Inclusão (01-EQUAL-A2-EE-227) apoiado pela IC EQUAL em parceria com a Câmara Municipal, AERLIS, ANIMAR, ABEIV, CIES, Vítor Barata, Lda e Corpium, Lda;
- foi parceira no projecto Convergências – Comunicar para Valorizar (01-EQUAL-A2-EE-322) apoiado pela IC EQUAL, cuja entidade interlocutora era a ANIMAR em Parceria com a CARITAS;
- foi parceira no projecto Igualdade-Cidadania (01-EQUAL-A2-IO-138), cuja entidade interlocutora era a OIM;
- criou e promoveu o Centro de RVCC “Ser +” desde 2005.

A ADE, fruto de uma parceria com a Autarquia de Vila Franca de Xira, ficou responsável pela gestão de um novo equipamento construído de raiz no âmbito do Projecto Viver o Bairro, o Edifício Ninho de Empresas. Como tal, a sede da Associação, bem como parte das actividades por ela desenvolvidas, ficaram a funcionar neste novo espaço. Este era um espaço amplo, com três pisos e diversas salas em cada um dos pisos. O objectivo inicial da construção deste edifício foi chamar empresas ao bairro no sentido de dinamizar-se e fomentar-se a criação de emprego no local, o que acabou por não acontecer.

Tenho alguma dificuldade em separar o trabalho desenvolvido no Projecto Viver o Bairro do trabalho desenvolvido seguidamente na ADE, dado que os objectivos de um e outro eram em tudo idênticos, bem como as funções por mim exercidas, sendo que as pessoas com quem trabalhava eram também as mesmas – equipa técnica e população beneficiária das acções. A única diferença entre ambos era efectivamente o tipo de vínculo laboral que possuía, ou seja, enquanto no Projecto Viver o Bairro trabalhava com recibos verdes, na ADE passei a ter um contrato de trabalho e, como tal, um vínculo laboral mais estável. Aqui continuei a exercer funções de directora da Escola de Formação Especial e Emprego, a qual funcionou no âmbito do ex-POEFDS – PORLVT – QCA III.

Como directora de formação, as minhas funções eram idênticas às já referidas, sendo responsável pela preparação de candidaturas, desta feita ao ex-POEFDS/ PORLVT – acções de formação para activos empregados e Cursos EFA -, ao PRODEP III –

Acções S@ber+ - e ao Programa FORAL (esta candidatura acabou por não ser aprovada). Aqui a novidade foi a mudança de quadro comunitário e de programa financiador, a par com a introdução dos Cursos EFA. Estes cursos permitiam já articular a formação de base com a formação tecnológica ou profissionalizante, possibilitando uma dupla certificação, i.e., uma certificação escolar conjuntamente com uma certificação profissional. Quando surgiram, em 2000, estes cursos permitiam às pessoas obter uma certificação escolar até ao 9.º ano de escolaridade, bem como uma certificação profissional numa diversidade de áreas. À época, como este tipo de cursos era uma novidade para a grande maioria das pessoas que trabalhava no terreno e ninguém sabia muito bem como actuar, a entidade responsável por estes cursos, a ANEFA, desenvolveu e bem, na minha perspectiva, vários *workshops* e formações no sentido de dotar os técnicos de saberes e competências por forma a desenvolverem o melhor possível no terreno este tipo de acções, sendo que frequentei algumas delas (acção de formação relativa a Metodologias de Educação e Formação de Adultos, acção de formação relativa ao Processo de Reconhecimento e Validação de Competências Prévias e ao Júri de Validação de Competências, seminário "Cursos EFA – Desafios e práticas"). Ao mesmo tempo, as Coordenações Concelhias do Ensino Recorrente sofreram uma reestruturação, passando a designar-se OLEFA e prestando um efectivo apoio e acompanhamento regular às entidades que no terreno desenvolviam Cursos EFA. Foi no decurso deste trabalho com os Cursos EFA, bem como através da frequência das diversas formações facultadas pela ANEFA que pela primeira vez ouvi termos como "reconhecimento", "validação", "competência", "actividade integradora", "questão geradora", "temas de vida", "áreas de competências-chave", "experiências adquiridas ao longo da vida", "aprendizagem ao longo da vida", "aprendizagem formal", "aprendizagem não formal", "aprendizagem informal", "balanço de competências", o conceito de formador enquanto facilitador de aprendizagens, entre outras. Foi também aqui que ouvi falar pela primeira vez em Paulo Freire, ainda que de uma forma muito superficial, através de umas frases ilustrativas do seu pensamento, mas que desde logo me suscitaram curiosidade. Todas estas acções de formação eram desenvolvidas colocando os profissionais no lugar dos adultos, i.e., punha-nos a cada um no lugar do adulto, agindo como se nós fôssemos os adultos que frequentavam os Cursos EFA através da realização de actividades práticas, ou seja, éramos postos no lugar do outro, bem como éramos colocados em acção.

Voltando aos Cursos EFA, tivemos de aprender como se efectuavam os processos iniciais de Reconhecimento e Validação de Competências Prévias e o Júri de Validação de Competências, bem como a metodologia e a organização subjacentes a estes cursos. Para tal, foram determinantes as acções de formação promovidas pela ANEFA, assim como o precioso apoio e acompanhamento no terreno que as OLEFA facultavam às entidades promotoras deste tipo de acções. Pena que tenha durado tão pouco... Aqui menciono uma vez mais o apoio da Prof. Dulce Arrojado e do Prof. Manuel Louro, responsáveis pelas OLEFA de Vila Franca de Xira e de Loures, respectivamente, que muito se envolveram neste projecto, acompanhando regularmente a entidade e dando indicações e orientações de como deveríamos proceder por forma a colocarmos em prática da melhor forma a metodologia associada a estes cursos. Como tal, recebemos orientações acerca da função e do papel da mediadora dos Cursos EFA, foi-nos sugerido como deveríamos actuar relativamente ao processo de Reconhecimento e Validação de Competências Prévias e ao Júri de Validação de Competências, seguidamente como deveríamos dinamizar o módulo “Aprender com autonomia”, como deveríamos articular as quatro áreas de competências-chave – CE, LC, TIC e MV -, a LE e a formação profissionalizante, utilizando para isso os temas de vida e as questões geradoras, escolhidos pelo grupo de formandos, e as actividades integradoras, definidas pelo grupo de formandos e pelos formadores. Ainda nos foram dadas indicações sobre o modo de procedermos relativamente à avaliação da formação. Também aprendemos como preencher toda a documentação relativa ao funcionamento destes cursos, tais como o preenchimento das então cadernetas de competências EFA, entre outra documentação. Muitos dos formadores que ministravam a formação de base dos Cursos EFA eram professores da Escola EB 2,3 de Vialonga, o que colocava um constrangimento, dado que estes revelaram alguma dificuldade em apropriar-se da filosofia EFA no que diz respeito à articulação entre as várias áreas de competências-chave e entre estas e a formação profissionalizante, bem como no que se refere à utilização e desenvolvimento de actividades, ao invés de testes e fichas, de acordo com os temas de vida e as questões geradoras. Com o tempo e com persistência, fomos ultrapassando esta dificuldade, umas vezes melhor que outras...

Existia ainda a figura do delegado e sub-delegado de grupo, ambos escolhidos e eleitos pelo grupo de formandos, realizando-se regularmente reuniões com o grupo de formandos no sentido de auscultar as suas opiniões e sugestões relativamente ao

modo como decorria a acção, entre outras questões. A forma como foi concebido e organizado o funcionamento deste tipo de acções fazia-me muito sentido, na medida em que se valorizava as experiências e as aprendizagens das pessoas, transpondo-as para o contexto de formação, sendo que ao mesmo tempo se dava voz e fomentava-se a participação activa dos formandos no processo formativo, tendo em conta as suas experiências de vida e as suas expectativas futuras. Com o tempo, na minha óptica, estas mais-valias tão importantes dos EFA foram sendo relegadas para segundo ou terceiro plano... De acordo com Cavaco (2009), “A ANEFA foi responsável pelo lançamento de um conjunto de iniciativas que se reconhecem como inovadoras e pertinentes, tais como: os cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), com dupla certificação escolar e profissional, a rede de Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, os concursos de boas práticas de educação e formação de adultos e as Acções S@ber +” (p. 161). “Porém, estas práticas, embora baseadas em metodologias de valorização da experiência e com potencialidades nas questões da emancipação, foram apropriadas, em termos políticos, sobretudo, numa lógica de qualificação e de gestão de recursos humanos” (p. 178).

Neste sentido, a ANEFA criada em 1999 e a ANEFA proposta têm diferenças em termos estruturais, de competências e de recursos. Ou seja, o Governo do PS colocou o enfoque em lógicas de modernização, de indução e de qualificação de recursos humanos com vista à empregabilidade e à aquisição de competências para competir. “A indução predominou sobre a intervenção, a ‘lógica de programa’ inibiu a ‘lógica de serviço público’, a anunciada política de desenvolvimento foi limitada à produção de orientações estratégicas com vista à criação de condições de intervenção de terceiros, tal como a anunciada articulação entre educação e formação cedo veio a revelar a subordinação da primeira às agendas da segunda” (Lima, 2005, pp. 48-49).

De acordo com Cavaco (2009), “A extinção da ANEFA e as sucessivas mudanças de designação do órgão que tutela estas medidas, primeiro a Direcção-Geral de Formação Vocacional e mais tarde a Agência Nacional para a Qualificação, enquadram-se num exercício de consolidação e afirmação do pendor vocacionalista destas políticas (...)” (p. 187).

Tal como refere Lima (2005), “(...) o paradigma vocacional, a formação profissional e a ideologia das competências são apresentados como a solução para o ‘atraso’ do país. A educação de adultos volta a sucumbir enquanto política educativa pública (...) A própria população adulta perde identidade, acabando conceptualmente rejuvenescida por referência ao ‘ensino recorrente’ para jovens-adultos e restringida a ‘população activa’ para efeitos de ‘qualificação profissional’” (p. 49).

A educação de adultos tem seguido a lógica da gestão de recursos humanos, centrando-se em questões como a competitividade e a racionalidade económica, pelo que a educação apenas se adapta às lógicas e necessidades do mercado, sendo a lógica emancipatória e a cidadania remetidas para “(...) um modelo de mercado de liberdades, estritamente económicas, dos consumidores” (Lima, 2005, p. 51).

Actualmente, a perspectiva dominante no que se refere à educação de adultos é a formação vocacional e a aprendizagem individual. Estas dirigem-se sobretudo aos trabalhadores assalariados como forma daqueles adquirirem constantemente novas competências por forma a atingirem a “empregabilidade”. Neste sentido, “O aperfeiçoamento social, a democracia e a cidadania, a solidariedade e a justiça social cederam perante a *performance* individual e a competitividade” (Lima, 2005, pp. 51-52).

Regressando à minha experiência laboral, esta metodologia participada de formação levou à participação dos formandos e da equipa técnico-pedagógica em diversas actividades, tais como o Desfile de Carnaval na freguesia de Vialonga, a comemoração do Dia Mundial da Alimentação no Parque das Nações, a participação numa mostra de produtos regionais e de artesanato na freguesia de Vialonga, a participação em seminários realizados pela ADE, a realização de um almoço com pratos típicos de diversas regiões e países, a realização de exposições sobre diversas temáticas, a participação numa feira medieval em Alhandra, a organização de peças de teatro, a organização de debates, entre outras actividades.

Recordo-me de uma actividade realizada em parceria com a Escola EB 2, 3 de Vialonga, o Seminário “A alimentação na adolescência”, sendo que este foi organizado e desenvolvido pelo grupo de formandos de um curso de cozinha, com o apoio da equipa técnico-pedagógica, tendo nele participado uma equipa de médicos do Hospital

de St.<sup>a</sup> Maria, especialistas na área, o qual correu muito bem. Foi muito gratificante ver o empenho, a dedicação, o interesse e a envolvimento das pessoas nas actividades desenvolvidas, havendo uma efectiva participação dos adultos na vida da comunidade.

Estas acções tinham também um período de estágio ou formação em contexto de trabalho no final, sendo que alguns destes formandos estagiaram nas empresas de inserção da ADE, bem como na própria associação, inclusive na sala das crianças.

Entretanto, com a mudança de Governo, a ANEFA foi substituída pela DGFV. E aqui terminou também o tão precioso apoio das OLEFA... As acções de formação direccionadas para os técnicos que desenvolviam os Cursos EFA no terreno continuaram, sendo que frequentei algumas delas, designadamente acções relativas ao modelo EFA, à construção curricular e à avaliação, acções sobre o processo de Reconhecimento e Validação de Competências, um seminário de formação com entidades criadoras de Centros de RVCC e um seminário alusivo aos “Cursos EFA – Balanço de um caminho para o futuro”, onde participámos com um stand das actividades EFA por nós desenvolvidas. Recordo-me que a maioria dos participantes neste seminário estava bastante apreensiva quanto ao futuro dos Cursos EFA, inclusive nós próprios...Isto porque a ANEFA funcionava em rede com estruturas regionais e locais, havendo uma proximidade com as entidades que operavam no terreno e havia receio que essa situação pudesse terminar. Por outro lado, tal como refere Cavaco (2009), havia uma complementaridade entre a lógica de serviço público e a lógica de programa, permitindo uma colaboração entre o Estado e as entidades que desenvolviam no terreno acções na área da educação e formação de adultos, designadamente direccionadas para os públicos pouco escolarizados. A percepção que existia fazia prever que as iniciativas de educação e formação de adultos ficassem demasiado centradas em entidades públicas, o que se veio a confirmar.

A ADE desenvolveu ainda algumas acções de formação em dois outros locais do concelho de Vila Franca de Xira: no bairro de Arcena e no bairro de Povos. Estes eram igualmente dois locais estigmatizados do concelho de Vila Franca de Xira, habitados também pelos designados “grupos sociais desfavorecidos”. Aqui houve dificuldades acrescidas em termos de operacionalização das acções, na medida em que existiam conflitos entre o grupo de formandos, os quais eram difíceis de minimizar devido ao distanciamento físico existente entre os locais de realização das acções e a equipa

técnico-pedagógica, sendo que esta experiência me permitiu perceber que a proximidade da equipa técnica do local de realização das acções e da população destinatária é fundamental para o seu bom desenvolvimento.

Ao longo deste período foram desenvolvidas várias acções de formação, tendo em conta o interesse por parte da população que procurava os cursos, bem como as necessidades em termos das entidades empregadoras do concelho de Vila Franca de Xira. Neste sentido, foram realizadas várias acções de formação de cozinha, empregado de bar/*barman*, serviço de bar, acção educativa e geriatria. Todas estas acções permitiam a obtenção de uma equivalência escolar ao 9.º ano de escolaridade, visto que na altura não existiam ainda Cursos EFA de Nível Secundário.

Havia ainda alguns cursos que funcionavam em horário pós-laboral dirigidos a activos empregados, designadamente informática, auxiliar de acção educativa e formação pedagógica contínua de formadores.

Uma outra novidade foi as acções de formação de curta duração destinadas igualmente a adultos, as quais se desenvolveram no âmbito da realização de uma candidatura ao PRODEP III, nomeadamente às Acções S@ber+. Assim, na ADE funcionaram os seguintes domínios de formação em horário pós-laboral:

- Literacia tecnológica – iniciação, aprofundamento e consolidação;
- Oficinas de leitura e escrita – iniciação, aprofundamento e consolidação;
- Matemática para a vida – iniciação, aprofundamento e consolidação.

Cada uma destas acções organizava-se em três módulos, de cinquenta horas cada, visando o reforço ou a aquisição de competências nos domínios profissional ou pessoal, independentemente da habilitação escolar ou da qualificação profissional que os adultos possuíssem, estruturando-se em torno de uma estrutura curricular flexível e diferenciada, tendo em conta as necessidades e os interesses de cada um.

Estas acções funcionavam sem qualquer relação com os Cursos EFA.

Foi ao assistir a um *workshop* sobre Exclusão Social ministrado pelo Prof. Rui Canário, o qual decorreu na ADE em Novembro de 2004, que tomei efectiva consciência de que provavelmente não estaríamos a actuar correctamente no que se referia às diversas

modalidades formativas dirigidas a adultos, designadamente os Cursos EFA e as Acções S@ber+. No *workshop* vimos um filme que retratava o dia-a-dia e a vida de um grupo de jovens residentes num bairro estigmatizado da periferia de Lisboa e as suas estratégias de sobrevivência, gerando-se a partir daí uma discussão sobre o que é a exclusão social. A determinada altura da discussão, o Prof. Rui Canário referiu que deveríamos pensar acerca da forma como estamos a utilizar a EFA e, se o fizéssemos do modo que actuamos perante as restantes acções de formação já existentes, provavelmente não serviria de muito. Efectivamente, como já referi, uma das vertentes mais importantes da EFA - a valorização das experiências e das aprendizagens das pessoas, transpondo-as para o contexto de formação, sendo que ao mesmo tempo se dava voz e fomentava-se a participação activa dos formandos no processo formativo e na vida comunitária -, foi sendo gradualmente abandonada, realçando-se sobretudo a valência da validação e certificação de competências escolares e profissionais como forma de acesso a um posto de trabalho mais qualificado ou com melhores condições de trabalho. Ou seja, colocava-se uma vez mais a ênfase na questão a que a formação profissional “tradicional” já dava resposta. Só que aqui o público-alvo era prioritariamente os designados “grupos sociais desfavorecidos”. Por outro lado, o processo de RVC inicial era realizado, mas como os adultos recebiam uma bolsa de formação, a qual dependia das horas de formação frequentadas, mesmo que fossem validados a alguma das UC, frequentavam todo o percurso formativo, por forma a não serem penalizados monetariamente e receberem a bolsa de formação na totalidade, o que pervertia a metodologia definida. Acrescia a tudo isto que as Acções S@ber+ podiam ser um complemento para colmatar algumas dificuldades que os adultos possuíam, não estando a ser utilizadas como tal. Na óptica de Cavaco (2009), “Os cursos de Educação e Formação de Adultos (cursos EFA) foram inicialmente concebidos e promovidos pela ANEFA e resultaram da preocupação de articular a formação de base com a formação profissionalizante, permitindo a certificação escolar e profissional. A articulação entre a formação de base e formação profissionalizante já tinha sido defendida nos anos 70, com o movimento da educação permanente. Nessa altura, a finalidade incidia sobre a educação integral dos indivíduos, daí a articulação das componentes cultural, cívica, científica e técnica. Actualmente, quando se defende a articulação entre uma componente profissionalizante e uma componente de educação de base visa-se a melhoria de qualificações escolares e profissionais, numa tentativa de se melhorar a empregabilidade, ou seja, garantir a inserção profissional dos indivíduos, resolver os problemas do desemprego e promover a competitividade

económica. (...) Os cursos EFA (...) são considerados instrumentos ao serviço da política activa de emprego” (p. 185).

Neste sentido, sugeri que fosse criado um “Centro Integrado de Educação e Formação ao Longo da Vida”, nome que na altura me ocorreu, sendo que no mesmo local recepcionávamos as inscrições dos adultos, faríamos as respectivas entrevistas de selecção e encaminhamento, tendo disponíveis para tal diversas ofertas formativas de acordo com as necessidades e disponibilidade dos adultos. Ou seja, o adulto poderia ser encaminhado primeiro para Acções S@ber+, no sentido de adquirir ou consolidar alguns saberes, podendo posteriormente ser encaminhado para um Curso EFA ou para a frequência de um Processo de RVCC.

No decurso da frequência deste *workshop* sugeri ainda a implementação de um modelo de funcionamento organizacional relativo aos Cursos EFA. O objectivo passava por criar uma estrutura de formação estável, o que permitiria uma maior disponibilidade por parte dos formadores por forma a delinearem-se percursos individualizados de acordo com as necessidades de cada formando e a planificar-se e estruturar-se os planos de formação e, por outro lado, permitiria uma maior disponibilidade para realizar regularmente reuniões da equipa pedagógica no sentido de serem articulados e trabalhados os temas de vida estruturantes de acordo com os interesses dos formandos, sendo realizados os respectivos reajustamentos sempre que houvesse necessidade de tal procedimento. Com esta estrutura de funcionamento poderia ainda haver uma muito maior participação dos formadores no processo de RVC, factor decisivo para uma melhor validação de unidades de competência na formação de base.

Ambas as ideias foram bem acolhidas, mas não houve tempo para experimentá-las...

Mais tarde, em Dezembro de 2005, tive o gosto de ouvir novamente o Prof. Rui Canário no 1.º Encontro Nacional EFA – Educação e Formação de Adultos, realizado na Fundação Caloust Gulbenkian, bem como o Licínio Lima, que desconhecia até então. Aprecio sobretudo a forma como questionam, analisam e põem em causa algumas questões de forma a provocar e a promover a discussão e a reflexão em torno da temática EFA, proporcionando a abordagem desta temática sob diferentes

pontos de vista, alargando o leque de perspectivas e indo contra a fórmula do pensamento único.

Ainda na ADE elaborei o documento de acreditação para a entidade poder ser promotora de um Centro de RVCC, assim como a candidatura para a entidade poder ministrar o curso de formação pedagógica inicial de formadores. Esta última candidatura foi aprovada, sendo que o objectivo da realização deste tipo de acções era sobretudo angariar fundos para a Associação, o que se revelou infrutífero. Aqui mobilizei os saberes e a experiência que tinha acumulado fruto das diversas candidaturas e documentos de acreditação efectuados ao longo do meu percurso profissional, contando ainda com o apoio do Paulo Santos.

A par com a função anterior, entre Maio de 2005 e Fevereiro de 2006, desempenhei funções de mediadora de três cursos EFA-B3 – Serviço de Bar, Empregado de Bar/Barman e Cozinheiro.

Quanto à função de mediadora dos cursos EFA, era responsável por coordenar a equipa de formadores, por monitorizar o desenvolvimento dos temas de vida seleccionados e por acompanhar e orientar o grupo ao longo de todo o processo de formação, fazendo a articulação entre todos os intervenientes no processo. Era ainda responsável pelo acompanhamento e orientação pessoal, social e pedagógica dos formandos e por leccionar o módulo Aprender com Autonomia. Fazia também as entrevistas, a selecção dos formandos e o respectivo processo de Reconhecimento e Validação de Competências, identificando as competências-chave prévias adquiridas. Todas estas situações não eram novas para mim, uma vez que lidava com elas no desempenho da minha actividade profissional, No entanto, nunca as tinha vivenciado na primeira pessoa, pelo que o apoio da Susana Rosa e da Sónia Fonseca, mediadoras dos Cursos EFA, revelou-se bastante útil para o desempenho desta actividade, designadamente através das observações que ia fazendo relativamente à forma como punham em prática as suas funções e das discussões sobre a temática realizadas nas reuniões de equipa.

Esta experiência permitiu-me fazer uma auto-descoberta muito importante: percebi que gostava muito mais de trabalhar directamente com as pessoas do que trabalhar na retaguarda do processo formativo, pois considero que é um trabalho muito mais

enriquecedor, gratificante, estimulante, interessante, desafiante e motivador. Digamos que me sentia socialmente muito mais útil, contribuindo de alguma forma para alterar a vida das pessoas em termos de assim poder repor alguma justiça social. Gosto muito de todas as actividades que envolvam relações humanas e do contacto próximo e directo com as pessoas e estas novas funções permitiram-me fazê-lo. E, por isso, decidi frequentar o curso de formação pedagógica inicial de formadores. Um outro factor que me levou a frequentar tal acção foi o facto de na altura a ADE estar a atravessar uma crise financeira, vendo aqui mais uma alternativa possível ao prosseguimento da minha actividade profissional noutra local, caso fosse necessário, o que se veio a verificar pouco tempo depois...

Assim, entre Setembro e Dezembro de 2005, frequentei o curso de Formação Pedagógica Inicial de Formadores em Igualdade de Oportunidades no INOVINTER, entidade formadora afectada à CGTP IN. Considero que este curso me permitiu adquirir algumas ferramentas que facilitaram o desempenho da função de formadora, dado que não tinha experiência nem conhecimentos que me permitissem desempenhar tal função. Aprendi como devia colocar-me em termos de postura perante um grupo, como deveria encarar um grupo consoante as situações, como elaborar um plano de formação, como utilizar os recursos didácticos, alguns métodos e técnicas de formação, a gerir o tempo da sessão e ainda foram abordados vários conceitos e temáticas relacionados com a igualdade de oportunidades e com a igualdade de género. Já no ano de 2010, em Junho, frequentei o curso de Formação Contínua de Formadores em Gestão da Formação em sistema de *e-learning*, por forma a obter a renovação do CAP de formadora. Pouco tempo depois, deixou de ser necessário realizar formação no sentido de obter-se a renovação do CAP. No entanto, a frequência deste curso permitiu-me relembrar muitos dos procedimentos que realizava enquanto responsável de formação no Projecto “Viver o Bairro” e na ADE, os quais não punha em prática há já algum tempo.

Acumulei ainda a função de profissional de RVC no Centro de RVCC “Ser +”, entre Setembro de 2005 e Janeiro de 2006.

Como Profissional de RVC realizei entrevistas de selecção a adultos, fiz o acompanhamento e dinamização das sessões de reconhecimento das competências adquiridas ao longo da vida, prestei apoio na elaboração do dossier pessoal do adulto,

na candidatura ao processo de validação e na definição e reconstrução de um projecto pessoal futuro. Desempenhei ainda a tarefa de presidente do júri de RVCC, bem como a respectiva elaboração das actas dos júris.

Esta experiência foi a confirmação do que tinha descoberto anteriormente ao desempenhar funções como mediadora de Cursos EFA B3. Mas aqui senti ainda mais intensamente vontade de trabalhar nesta área, na medida em que considero que os Processos de RVCC são efectivamente um importante processo de tomada de consciência e uma forma de poder-se atingir uma maior justiça social conjuntamente com os principais interessados em tal acção. E em 2005 isso era notório, uma vez que não era ainda determinante a questão das metas... Identifiquei-me de imediato com a filosofia e os princípios do processo e gostei imenso desta experiência, tendo aprendido bastante com a equipa que se encontrava já a desenvolver processos de RVCC no Centro de RVCC da ADE – na altura ainda não existiam os Centros Novas Oportunidades nem o SIGO. Aqui aprendi tudo do início, desde a função de um profissional de RVC, à função dos formadores das áreas de competências-chave, à articulação entre os diferentes membros da equipa, à forma como se construía o dossier pessoal do adulto, à dinamização das sessões, até aos procedimentos inerentes à sessão de júri de certificação. Pena foi que esta experiência durasse tão pouco tempo...

No âmbito do Projecto “Redes”, financiado pela Iniciativa Comunitária EQUAL, realizámos ainda um estudo no qual gostei imenso de participar. O estudo pretendeu analisar os percursos de vida em termos profissionais dos adultos que frequentaram as acções de formação ministradas pela ADE e em que medida a frequência desses cursos permitiu uma integração profissional bem sucedida. Assim, foi seleccionado um grupo de adultos que concluiu com sucesso as acções de formação, tendo-lhes sido aplicadas entrevistas individuais semi-directivas, algumas das quais foram efectuadas por mim. Essas entrevistas foram posteriormente transcritas. Simultaneamente, foi criada uma grelha de análise de conteúdo das entrevistas, as quais foram analisadas de acordo com a referida grelha. Foi muito gratificante rever e poder estar com alguns adultos que tinha acompanhado há já algum tempo e verificar que, pelo menos profissionalmente, tinham conseguido organizar as suas vidas. Este estudo foi realizado por um grupo de elementos da ADE, designadamente o Paulo Santos, a Paula Lourenço, a Raquel Tavares e eu. Aqui trabalhei pela primeira vez com

instrumentos como as grelhas de análise de conteúdo, podendo perceber como funciona na prática este tipo de análise de informação.

Também realizámos visitas a diversas entidades para troca e intercâmbio de experiências, designadamente à RUMO - Barreiro, à IN LOCO – S. Brás de Alportel, à ADRO – Torres Vedras, à Associação Cultural Moinho da Juventude – Amadora e à Cooperativa de Chãos – Rio Maior. Considero que este tipo de actividade é muito importante e enriquecedor, na medida em que permite perceber o que as outras entidades estão a fazer e a experimentar e os resultados obtidos, esclarecer dúvidas e trocar ideias e opiniões, permitindo a aquisição de novos saberes e aprendizagens, bem como a divulgação e disseminação de boas práticas. Este mesmo tipo de aquisição de saberes é possibilitado pela frequência e participação em seminários, sendo que participei em alguns, tais como o seminário “Percurso para o emprego – a experiência desenvolvida pelas parcerias para o desenvolvimento representadas na rede temática 1 – percursos integrados de formação-inserção de públicos desfavorecidos”, realizado no âmbito do IC EQUAL, o seminário transnacional “Economia plural e desenvolvimento local – empreender, incluir, participar”, realizado pela ANIMAR, o seminário Internacional “Equilíbrio entre a Dimensão Económica e Social no 3.º Sector”, realizado pela ADE, o seminário "Políticas Integradas de Realojamento", realizado pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e pela ADE, o seminário Internacional “Realojar, Requalificar, Reabilitar – Uma Oportunidade para a Coesão Social”, realizado pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e pelo CIES/ISCTE, participação na MANIFESTA 2005 - “VI Assembleia-Geral, Feira e Festa do Desenvolvimento Local”, entre outras participações em seminários, encontros, colóquios e formações.

Recentemente, em Novembro de 2010, no âmbito do curso de mestrado que me encontro a frequentar, assisti a um seminário luso-brasileiro dedicado à temática da formação de adultos, o qual decorreu no Instituto de Educação, sendo que se revelou bastante gratificante para mim, dado que me identifico com muitas das ideias nele abordadas, designadamente o facto de se considerar que um projecto educativo deve estar intimamente relacionado com o modelo de sociedade que se quer desenvolver, devendo pois ser analisado a essa luz. Esta perspectiva remete para uma abordagem sistémica da sociedade e da formação de adultos, com a qual me identifico. De acordo com Ramos (2001), este enfoque pretende resolver os problemas considerando-os

parte de um problema maior, analisando-os como parte de um todo e não separando-os nas suas partes constituintes.

Ao longo de todo este percurso ouvi falar ainda em temas como a economia do 3.º sector, dado que a ADE se integrava nesta categoria, em responsabilidade social das empresas, em empreendedorismo, em *empowerment*, em microcrédito e na ANDC, em emprego apoiado, entre outros.

Todo este percurso e todo este trabalho era muito gratificante e motivador, mas em Fevereiro de 2006 deixei de trabalhar na ADE, tendo optado por fazer uma rescisão de contrato com justa causa. E a partir daqui deixei de ter o apoio do Prof. Luís Capucha, bem como deixei de contar com a “amizade” de alguns dos membros e colegas de trabalho desta Associação. Tal situação sucedeu porque a ADE encontrava-se já há algum tempo com dificuldades económicas e financeiras, pelo que deixou de cumprir com algumas das suas obrigações, designadamente o pagamento dos vencimentos mensais aos trabalhadores. A situação foi-se arrastando até ao limite, altura em que me encontrava já com cerca de seis meses de ordenados em atraso – os quais ainda hoje se encontram por liquidar... Após diversas tentativas de acordos e negociações, as quais eram sistematicamente recusadas, decidi terminar com esta tormenta e despedi-me. E foi aqui que recorri, juntamente com outros colegas, ao sindicato. Como não havia forma possível de negociação, colocámos o caso em tribunal, estando a aguardar um desfecho da situação até hoje. E foi aqui também que o Paulo Santos se revelou, para mim, de uma forma completamente inesperada. O Paulo Santos era muito bom a gerir pessoas – e não recursos que, como alguém uma vez disse, por acaso são humanos -, mas o mesmo já não se pode dizer enquanto gestor financeiro. A situação da ADE era já bastante complicada financeiramente e ainda assim, apesar da maioria das vozes contra, decidiu abrir um Centro de RVCC, o que arruinou ainda mais a situação financeira da entidade, com a contratação de mais trabalhadores e novos investimentos (analisando a situação pela positiva, foi esta situação de descalabro financeiro que fez com que passasse a exercer outras funções a par com a gestão da formação, o que me permitiu fazer a auto-descoberta do gosto pelo trabalho directo com as pessoas, como já referi). A abertura das empresas de inserção foi também o princípio do fim da Associação, sobretudo quando foi decidido abrir cinco empresas de uma assentada! Penso que a partir de determinado momento, a ADE estava muito mais preocupada em encontrar fontes de financiamento para se auto-

sustentar, estando também demasiado próxima do poder político vigente na altura. Tal como refere Lima (2005), “(...) as organizações de desenvolvimento local em Portugal têm uma grande dependência financeira face ao Estado (...). Esta dependência (...) ‘tende a afastá-las progressivamente dos seus objectivos de serviço aos mais necessitados para se concentrarem em excesso sobre as condições da sua sobrevivência económica’” (Monteiro, 2004, cit *in* Lima, 2005, p. 54). Quando a situação chegou ao limite, começámos a perceber que os sacrifícios pedidos constantemente não eram iguais para todos, como aliás é comum acontecer. Enfim, houve uma diversidade de situações que criaram a revolta, o sentimento de injustiça e a desilusão entre as pessoas que efectivamente se dedicaram e acreditaram naquele projecto e nos seus principais responsáveis. Uma vez que não suporto as situações de injustiça, tomei uma posição, tendo optado por um dos lados e escolhi o que me pareceu ser o mais justo, o que não foi do agrado de alguns dos responsáveis pela situação, custando-me a inimizade de algumas pessoas.

Claro que também mantenho e conservo amizades e boas relações com alguns colegas de trabalho da época, como é o caso, entre outros, da minha amiga e companheira de percurso profissional – e não só! – Ana Carla. Saímos da ADE no mesmo dia, 10 de Fevereiro de 2006, e reencontrámo-nos em Setembro de 2010 e desde então até ao momento temos trabalhado sempre juntas. Mais: vivemos na mesma rua e encontramos-nos ambas a frequentar este curso de mestrado! Como costumamos dizer, somos umas “maridas”!

Em Fevereiro de 2006 fui então engrossar o número de desempregados do nosso país, tendo permanecido nessa situação até Setembro desse ano. A situação de desemprego é efectivamente uma situação estigmatizante, sendo que nós próprios a vivenciamos enquanto tal – pelo menos a mim sucedeu-me assim. Felizmente, nesta altura ainda não existia a regra entretanto introduzida que trata os desempregados como presidiários e pessoas sem direito a ter uma vida para além da procura de emprego, i.e., a obrigação da apresentação quinzenal nas juntas de freguesia para fazer prova de que efectivamente se encontram a desenvolver esforços no sentido de encontrarem um emprego – e não vão de férias ou passear -, entre outras regras sem sentido que entretanto foram sendo introduzidas em nome do combate a uma crise económica e financeira e do combate ao desemprego...

Entretanto, fruto da experiência de trabalho desenvolvida em Vialonga, apercebi-me que as populações em situação de pobreza, a par com todos os problemas sociais, desenvolviam ainda uma série de problemas de saúde, pelo que decidi frequentar uma pós-graduação na área da psicologia da saúde, a qual teve início em Janeiro de 2006, um mês antes de ter ficado desempregada. Tenho um gosto particular pela área da psicologia, pelo que este foi mais um factor que me levou a tomar tal opção. Com a situação de desemprego, tomei este projecto como o meu desígnio e a minha ocupação, dedicando-lhe o meu tempo, o que me deu bastante prazer. Assim, entre Janeiro e Julho de 2006, frequentei a Pós-Graduação em Psicologia da Saúde na Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa.

Uma vez que tinha já alguma experiência de trabalho e me interessava sobretudo pelas temáticas da abordagem comunitária e psicologia da saúde, bem como pela educação e promoção da saúde, optei por articular os dois temas e escrever um artigo científico de revisão de literatura, o qual intitulei “A promoção da saúde em Portugal – Propostas de acção e estratégias de intervenção em nutrição. Uma abordagem holística e comunitária”. Aqui tive a oportunidade de pesquisar e desenvolver um tema tão grato para mim, o *empowerment* associado ao modelo holístico, a uma abordagem sistémica e a uma perspectiva de intervenção no plano comunitário/local em termos da educação e promoção da saúde a nível da nutrição. Fiquei a conhecer diversos sites que desconhecia e onde se pode encontrar informação bastante útil e interessante, bem como as normas da APA no que se refere à elaboração de um trabalho escrito. Alguns destes conhecimentos adquiridos por via da pós-graduação têm-se revelado bastante úteis no que se refere ao actual curso de mestrado que me encontro a frequentar, designadamente as normas da APA, a abordagem sistémica, o modelo holístico, a perspectiva ecológica, bem como alguma da bibliografia utilizada.

Apesar de, felizmente, não ter de prestar prova periódica em como estava empenhada na procura de um novo emprego, a verdade é que efectivamente estava e, como tal, em Outubro de 2006 comecei a trabalhar na Powerform – Formação Profissional Ld.<sup>a</sup>, uma empresa privada de formação profissional, onde desempenhei as funções de gestora de projectos e de formadora. E a partir daqui começou a revelar-se o nomadismo em termos do meu percurso profissional. Aqui comecei por elaborar o documento de renovação da acreditação para o IQF, processo esse que já não era desconhecido para mim, fruto das minhas anteriores experiências de trabalho. Fui

também responsável pela preparação de candidaturas, designadamente à ECDL Portugal, ao FORDESQ e ao PRODESA, assim como pelos procedimentos de acompanhamento do decorrer das acções. Elaborei ainda os documentos relativos ao regulamento interno da formação e fui responsável pela criação e gestão de bases de dados – SPSS – com dados relativos aos formandos e às avaliações que fizeram das acções que frequentaram, o mesmo acontecendo relativamente aos formadores. E aqui uma vez mais recorri à experiência trazida da ADE e do Projecto “Viver o bairro”. Fui coordenadora técnico-pedagógica dos cursos de Formação Pedagógica Inicial de Formadores e do curso “As novas tecnologias aplicadas ao ensino”, o qual funcionou no âmbito do FORDESQ. Por fim, desempenhei funções como formadora dos módulos de Métodos e Técnicas Pedagógicas e Objectivos Pedagógicos do curso de FPIF.

Não gostei de todo desta experiência profissional, dado que esta era uma pequena empresa e eu sentia cada vez mais de dia para dia que estava a perder muitas das competências adquiridas ao longo do tempo em que trabalhei no Projecto Viver o Bairro e na ADE. Aliás, a partir daqui considero que o meu percurso profissional sofreu um retrocesso, tanto em termos de funções como de aprendizagens e até mesmo a nível monetário, e até então não voltei a sentir-me tão realizada profissionalmente como me senti na ADE, apesar do desfecho infeliz que teve essa experiência. Por outro lado, sentia – e ainda sinto – a falta da participação em formações, seminários e da troca de experiências entre entidades como forma de aquisição constante de novos saberes e competências. Como costuma dizer-se, sinto que “andei de cavalo para burro”.

Esta experiência permitiu-me conhecer a vertente privada da formação profissional, tendo percebido que o seu interesse se restringe apenas a um negócio, ou seja, a ganhar dinheiro com a formação, não interessando a sua qualidade ou o seu sentido. A responsável da entidade delegava em mim os assuntos relativos ao processo formativo e à gestão da formação, pelo que deixava tudo à minha responsabilidade e sempre que a questionava ou pedia opinião sobre algo, respondia-me invariavelmente: “Faz como achares melhor” ou “Está bem assim”, o que me deixava descontente, pois estava habituada a trabalhar em equipa e a partilhar ideias, opiniões e dúvidas. O facto de trabalharmos apenas duas pessoas na empresa, eu e a sua dona, também me deixava descontente, já que estava habituada a trabalhar com uma equipa alargada de pessoas. A principal função da responsável da empresa era dar formação

de informática, dado que era licenciada em engenharia informática, e decidir o que fazer com o dinheiro da empresa em termos de aquisição de equipamentos e materiais, bem como de investimentos. Digamos que a política da empresa consistia em gastar o menos possível por forma a obter o máximo lucro. Lembro-me que elaborei a candidatura por forma à entidade poder ministrar formação no âmbito da ECDL. A candidatura foi aprovada, mas como envolvia um investimento inicial na ordem dos 600 €, caiu por terra, o que me deixou bastante desiludida. Claro que as candidaturas ao PRODESA e ao FORDESQ foram bem-vindas, na medida em que não implicavam gastos e investimentos. Esta foi a primeira vez que ouvi falar nestes programas, sendo que o PRODESA era o equivalente ao PORLVT, mas direccionado para a Região Autónoma dos Açores. Esta candidatura foi realizada tendo em vista ministrar formação aos trabalhadores de uma empresa dos Açores – não me recordo já qual, mas sei que era uma empresa grande ligada à área dos combustíveis – em áreas como a informática, o ambiente, a contabilidade e a segurança e higiene no trabalho. Já o FORDESQ era um programa dos Centros de Emprego cujo objectivo era ministrar formação a desempregados licenciados e, neste caso específico, tratava-se de um curso de informática, mais concretamente “As novas tecnologias aplicadas ao ensino”, destinado a professores desempregados, um público nada fácil de gerir. E aqui valeu-me a experiência trazida do Projecto “Viver o Bairro” e da ADE, bem como a formação frequentada na área da gestão de conflitos. Este curso funcionava no Centro de Emprego da Figueira da Foz e recordo-me de ter ido um dia propositadamente à Figueira para acalmar os ânimos dos formandos, a pedido da responsável da empresa que se encontrava lá a dar formação, dado que aqueles estavam revoltadíssimos por serem obrigados a frequentar tal formação. Enfim, este também não era o tipo de público a que estava habituada e não era definitivamente com esta população que gostava de trabalhar.

As funções por mim desempenhadas nesta actividade profissional não eram novidade. A única excepção foi a experiência que tive enquanto formadora dos módulos de Métodos e Técnicas Pedagógicas e Objectivos Pedagógicos do curso de FPIF. E aqui recorri ao que aprendi no curso de Formação Pedagógica Inicial de Formadores e ao material que me foi facultado aquando da frequência dessa acção. Devo confessar que não gostei desta experiência, pois este não era o tipo de formação nem o tipo de público com quem me interessava trabalhar, sendo que aqui também não podia

colocar em prática os meus objectivos de contribuir para combater as injustiças sociais.

Como tal, continuei à procura de outro emprego que me satisfizesse mais em termos de realização profissional e pessoal, pelo que em Março de 2007 comecei a trabalhar numa outra entidade, por opção própria, o IMT, pensando que aí poderia sentir-me mais satisfeita. Pensei: “Que bom! Vou voltar à área da saúde!” Mas a desilusão foi ainda maior que na experiência anterior...

Uma vez mais desempenhei a função de responsável de formação, sendo responsável pela elaboração do documento de renovação da acreditação para o IQF, pelo acompanhamento dos alunos ao longo do seu processo formativo, fui responsável pela criação e gestão de bases de dados – SPSS – com dados relativos aos formandos e às avaliações que fizeram das acções que frequentaram, o mesmo acontecendo relativamente aos formadores, fui coordenadora técnico-pedagógica dos cursos, fui responsável pela elaboração dos calendários de exames e frequências e pela elaboração dos horários, realizei os relatórios de avaliação das acções, fiz a selecção de formadores e de pessoal administrativo, elaborei o regulamento para os estágios dos cursos de Naturopatia, Osteopatia e Homeopatia e os respectivos instrumentos de acompanhamento dos estágios e efectuei contactos com diversas entidades na área da saúde para colocação dos alunos em estágio.

Todas estas tarefas eram já minhas conhecidas, sobretudo devido ao trabalho desenvolvido no Projecto Viver o Bairro e na ADE. Mas a realidade aqui era outra. O IMT é uma entidade de formação privada que opera na área das medicinas tradicionais ou alternativas nas regiões de Lisboa e do Porto, sendo que o público que procurava esta entidade era sobretudo jovens que tinham concluído o 12.º ano e que viam naqueles cursos - Naturopatia, Osteopatia e Homeopatia – uma oportunidade de carreira profissional na área da saúde. Estes cursos eram compostos por diversas cadeiras, anuais e semestrais, e tinham uma duração de três anos lectivos, terminando com um período de estágio. O objectivo era que estes cursos tivessem equiparação a cursos do ensino superior, o que não acontecia dado que o Governo não reconhecia ainda esta área em termos de formação. No entanto, as terapêuticas eram já reconhecidas. Havia ainda outras ofertas formativas mais curtas, onde não era exigida a posse do 12.º ano de escolaridade, tais como Massoterapia, Shiatsu,

Shantala – Massagem para bebés, Massagem Ayurvédica, Reflexologia, Iridologia, Drenagem Linfática Manual, entre outras. Estes cursos eram procurados não só por jovens, mas também por técnicos de saúde como enfermeiros, fisioterapeutas, entre outros, por forma a complementarem a sua formação. Destes cursos, apenas o de Massoterapia terminava com um período de estágio. Aqui tive de aprender toda a terminologia associada a esta área, o que era completamente novo para mim, perceber o funcionamento e a estrutura dos cursos, bem como identificar e contactar locais de estágio na área da saúde que estivessem disponíveis para aceitar estagiários nestas áreas tão específicas. Para tal, recorri a documentação que já existia no IMT, sendo que o responsável da entidade deu-me também algum apoio, dado que a relação entre as pessoas não era a melhor e o clima no local de trabalho era de “cortar à faca”, não existindo entreaajuda entre colegas de trabalho e muito menos trabalho em equipa. Este foi o local onde menos gostei de trabalhar até hoje, justamente devido ao péssimo ambiente de trabalho. Até entre os formadores havia conflitos, alguns difíceis de ultrapassar. O IMT é uma empresa de formação com aspirações a dominar a oferta formativa nesta vertente, sendo que está organizada e funciona em torno de uma única pessoa, o seu responsável, ou seja, tudo o que é feito tem que passar obrigatoriamente por esse responsável e dono da empresa, apesar dele estar sempre a referir que não... Assim, como responsável de formação, sentia-me constantemente castrada e sem qualquer autonomia para fazer fosse o que fosse, dado que qualquer passo que desse tinha que ir à aprovação do responsável da empresa, tendo inclusivamente que esperar e estar disponível de acordo com a agenda dele. Então, o que estava eu ali a fazer? Um mero ofício, carta, resposta ou informação a um aluno tinha que passar por ele e ter o seu aval, as reuniões de formadores tinham que ter a sua presença ou então não se realizavam – o que acontecia a maioria das vezes -, as regras por ele instituídas estavam constantemente a ser quebradas e a abrirem-se casos de excepção, a resistência à mudança era mais que muita e, perante este cenário, nunca sabia muito bem como actuar e agir... O senhor passava o dia sentado no seu gabinete e eu tinha de constantemente dirigir-me até lá por forma a saber se podia ou não fazer o meu trabalho e se ele concordava com a forma como o tinha feito. Era desesperante! Além de que o IMT vivia fechado sobre si próprio, não apostando nas parcerias e no trabalho conjunto entre entidades da área, i.e., cada um vivia na sua “quintinha”. Bom, o IMT tinha potencial, mas faltava-lhe alguém que soubesse gerir organizações e pessoas e, acima de tudo, respeitá-las. Uma vez mais percebi que tinha que sair dali rapidamente, pois sentia-me

completamente frustrada, impotente e com a sensação de que estava a perder competências ao invés de adquiri-las. A tal ponto que andava infeliz e isso reflectia-se já na minha vida pessoal e familiar. Tomei efectiva consciência de que queria voltar a trabalhar na área da EFA, fosse em Processos de RVCC ou em Cursos EFA. A tudo isto acrescia ainda o facto de que saía de casa às 7h30m e entrava em casa após as 20h00m e mal tinha tempo para estar um pouco em família, o que para mim também é importante, sobretudo quando se tem filhos pequenos e se considera que é essencial acompanhá-los o mais e melhor possível. Sei que, infelizmente, esta é realidade da grande maioria das pessoas, apesar de estar tão em voga a questão da conciliação entre o trabalho e a vida pessoal e familiar... Não é este o tipo de sociedade que quero para mim nem para as minhas filhas.

Como senti novamente necessidade de aprender mais, dado que considerava estar estagnada em termos de conhecimentos e saberes, em Março de 2007 iniciei a frequência de outra Pós-Graduação em sistema de *e-learning*, desta vez em Educação, na Universidade Aberta. Ao inscrever-me neste curso esperava encontrar um outro tipo de abordagem ao tema da educação, o que não aconteceu. Achei este curso muito direccionado para professores e para a realidade das escolas, sendo que acabou por não me interessar muito a sua frequência. No entanto, achei interessante as temáticas da Educação e sociedade, Ética e educação e Sistemas educativos, tendo ficado com uma noção da Lei de Bases do Sistema Educativo, bem como da organização e evolução dos diferentes sistemas educativos em diversos países da Europa, entre outros assuntos.

Em Fevereiro de 2008, fruto da minha procura de outro emprego, deixei de trabalhar no IMT por opção própria, pondo assim fim a uma tormenta de quase um ano. Quando saí do IMT deixei com o responsável da entidade um documento com sugestões e propostas relativas ao modo de funcionamento e de organização da entidade, sobretudo no que se referia aos serviços administrativos e ao departamento de formação. Não sei o que foi feito de tal documento... E assim terminou a minha passagem pela vertente privada da formação, cujos dirigentes costumo designar como os “patos bravos” da formação profissional.

Como tal, entre Fevereiro e Maio de 2008, trabalhei na FINIFORM. Voltei aos entretanto designados Centros de Novas Oportunidades. Como estava feliz com o

meu regresso à EFA, ainda que isso implicasse o regresso aos recibos verdes e a horários desregulados! Sem exagero, senti que tinha renascido! Como foi bom voltar a trabalhar directamente com os adultos, ouvir falar em competências adquiridas ao longo e fruto das experiências de vida! Senti que estava novamente no meu mundo! Aqui desempenhei funções de Profissional de RVC nos níveis básico e secundário. Este era um CNO privado situado no Prior Velho que fazia itinerâncias. A mim couberam-me as zonas de Loures, Lousa e Algueirão-Mem Martins. Entre 2005 e 2008 a estrutura e funcionamento dos Centros de RVCC, agora designados como CNO, tinham sofrido algumas alterações que desconhecia, a começar pelo nome, pelo que tive de ficar a par desta nova realidade. Assim, a coordenadora do CNO, a Aurora Guerreiro, deu-me alguma documentação que explicava o que eram os CNO, como funcionavam, quais os seus objectivos, bem como outro tipo de informação relevante (um desses documentos era a Carta da Qualidade da ANQ). Também me apercebi que existiam Processos de RVCC de Nível Secundário, os quais desconhecia, dado que na altura em que surgiram os Centros de RVCC apenas existiam Processos de RVCC de nível básico. Mais uma aprendizagem que tive de fazer, utilizando para tal o Referencial de Competências-Chave de Nível Secundário, bem como o respectivo Guia de Operacionalização. Aqui também recorri ao apoio de alguns colegas que estavam já a trabalhar no terreno com adultos em Processos de RVCC NS e que tinham recebido formação para tal. Também tive conhecimento de que os anteriormente designados “Dossiers pessoais” dos adultos passaram a chamar-se Portefólios Reflexivos de Aprendizagens, construindo-se de forma diversa. Percebi ainda que já não existia a DGFV, sendo que tinha passado a haver a ANQ. Uma outra novidade foi a existência da base de dados SIGO, a qual aprendi a utilizar com a ajuda dos colegas de trabalho. Toda a equipa reunia semanalmente para fazer o ponto da situação do trabalho desenvolvido, bem como para controlar a execução em termos de metas físicas. E foi aqui que fiquei a saber que havia metas de certificações, de encaminhamentos, de inscrições e de adultos em reconhecimento e que disso dependia o financiamento a atribuir a cada CNO.

Ao longo deste período realizei processos de RVCC de nível básico em Loures e iniciei a fase das entrevistas de selecção para começar processos de RVCC NS em Algueirão-Mem Martins, nunca tendo chegado a iniciar qualquer actividade em Lousa. De referir que as parcerias, bem como os encaminhamentos para outras modalidades de conclusão do nível secundário eram da responsabilidade da coordenadora do CNO.

Ao começar a trabalhar com processo de RVCC NS deparei-me com a questão da LE, ou seja, a frequência dos processo de RVCC NS pressupunha ter-se domínio de alguma LE. Para ultrapassar este obstáculo, a entidade promovia cursos de inglês – pagos, claro! -, os quais decorriam em Loures, pelo que tinha que gerir a disponibilidade do espaço (uma sala de formação e um pequeno espaço de recepção) para aí desenvolver as actividades. Os cronogramas dos Processo de RVCC eram igualmente elaborados por mim. Ainda reestruturei alguns dos suportes utilizados no Processo de RVCC de nível básico. Aliás, por todos os locais que passei desde a saída da ADE até então, deixei um cunho pessoal, dado que não consigo chegar a um local e utilizar os materiais e documentação existentes tal como estão se achar que posso alterá-los por forma a melhorá-los e é isso que tenho feito, sempre que tenho abertura para tal. Penso que adquiri esta característica justamente devido à minha passagem pelo Projecto Viver o Bairro e pela ADE, já que havia a necessidade de estar constantemente a reformular e adaptar instrumentos e isso ficou-me. Tal como penso que devo dar a minha opinião sobre determinados assuntos, o que por vezes não é muito bem recebido. Eu não era assim, era até muito reservada e não gostava dessa minha característica, mas as situações pelas quais fui passando ao longo do meu percurso de vida fizeram-me perceber que quanto mais nos calamos, mais nos passam por cima... Além de que me ensinaram em casa que não nos devemos calar e curvar sobre seja quem for, se não estivermos de acordo com as situações, sobretudo se se revelarem injustas e se houver outras soluções possíveis, as quais existem quase sempre...

Permaneci na FINIFORM durante pouco tempo, já que aí sucedeu o que tinha ocorrido na ADE, i.e., começaram a deixar de pagar-nos os vencimentos mensais. Fiquei aterrada. Mas afinal o que é que se passava?! Chegou o final do mês de Março e não havia dinheiro para pagar às pessoas. Uma vez que não queria nem podia correr o risco de passar pela situação pela qual passei na ADE, comecei a enviar currículos para outros locais. E ainda bem, porque em Abril voltou a suceder o mesmo: não havia dinheiro para pagar ordenados. Já começava a pensar que ou me restava passar a vida a fazer o que gostava e a viver financeiramente na corda bamba e a aborrecer-me ou teria que me sujeitar a fazer algo que não gostava por forma a ter uma melhor estabilidade financeira...Entretanto, após alguma pressão e insistência da minha parte, os vencimentos em atraso foram repostos, já eu não estava na FINIFORM.

Tendo enviado o currículo para o Centro de Formação Profissional do Seixal – IEFP –, em Maio de 2008 fui contactada no sentido de iniciar actividade no CNO. Assim, comecei a desempenhar funções no CNO - Extensão IV – Pólo de Palmela - Parque Industrial da Auto-Europa, como formadora de CP em Processos de RVCC NS. Pouco tempo depois, comecei a dar formação em Cursos EFA NS, também na área de competência-chave de CP.

Já tinha ouvido falar do CFP do Seixal e as referências eram muito boas, inclusivamente quando me encontrava na ADE chegámos a solicitar uma visita ao Centro, bem como uma reunião com os responsáveis pelos Cursos EFA da entidade por forma a percebermos como é que funcionavam. Nunca obtivemos resposta a esta solicitação. Também havia formadores da área de cozinha que ministravam formação na ADE e no Seixal e as referências eram igualmente boas. E esta foi a que considero ter sido a melhor experiência de trabalho que tive após a saída da ADE. Mas não durou muito tempo...

No que se refere aos Processos de RVCC, realizei entrevistas de selecção a adultos, bem como sessões de informação e esclarecimento acerca do processo de RVCC – NS, elaborei, acompanhei e dinamizei as sessões de RVC, prestei apoio na elaboração do portefólio do adulto e coloquei informação na base de dados SIGO. Aqui integrei uma equipa de RVCC criada de raiz para trabalhar processos de RVCC NS com adultos da Auto-Europa, em Palmela. A profissional de RVC fazia parte dos quadros do IEFP, sendo que as formadoras eram todas externas à entidade. Esta experiência permitiu-me desempenhar a função de formadora de CP, pelo que tive de estudar e inteirar-me mais pormenorizadamente do referencial nesta área de competência-chave. Como tal, antes de iniciar o trabalho com os adultos, começámos por construir o guião de entrevista a aplicar aos adultos, os suportes às sessões de dinamização do Processo, o cronograma e os planos de sessão, bem como os suportes de apoio às sessões de informação e esclarecimento. Reunimos as diferentes experiências de todos e assim construímos os diversos instrumentos que utilizámos no Processo de RVCC NS (alguns dos instrumentos utilizados na FINIFORM foram úteis no desenrolar deste processo). Aqui trabalhamos conjuntamente com a outra equipa de RVCC de nível secundário que ia também trabalhar connosco na Auto-Europa. A profissional de RVC que fazia parte desta equipa, a Sandra Pratas, tinha uma grande experiência de trabalho na área EFA, pelo

que foi precioso o seu contributo para o desenvolvimento do trabalho, sendo que aprendi bastante com ela no que se refere ao RVCC NS. Assim, antes de começarmos a trabalhar com grupos em processos de RVCC, fomos assistir às sessões colectivas dos grupos entretanto iniciados pela equipa da Sandra Pratas, dado que ela tinha já mais experiência de trabalho nesta área. E, ao assistir às sessões dirigidas aos adultos em processo, a forma de funcionamento do RVCC NS ficou bastante mais clara para mim. Neste contexto, fiquei a conhecer o conceito de “aprendizagem significativa”, ou pelo menos fiquei a conhecer este termo, dado que nunca tinha ouvido falar nele até ao momento, sendo que o seu significado não me era já desconhecido. Foi aqui também que tomei conhecimento da existência do QCER para a Língua Estrangeira e da sua utilização para posicionar as competências dos adultos neste domínio, sendo que estes tinham que demonstrar possuir competências de LE a nível do B1 (o quadro é constituído por seis graus de dificuldade - A1, A2, B1, B2, C1 e C2 -, nos domínios da oralidade, escrita, leitura e compreensão, sendo o A o mais básico e o C o mais complexo) numa das sessões de reconhecimento do processo. Assim, em Junho de 2008 fizemos a primeira sessão de esclarecimento e iniciámos processos de RVCC NS na Auto-Europa. A primeira empresa com a qual trabalhámos foi a Faurécia, sendo que a sessão de esclarecimento foi realizada nas instalações da ATEC, espaço onde iria ficar sediado o CNO. De referir que aqui senti novamente que se trabalhava efectivamente em equipa e que estava a fazer novas aprendizagens, o que me agradou bastante. Até ao momento, não voltei a ter este sentimento...O coordenador do CNO, o Eng.º Cordeiro, fazia questão de estar presente nas sessões de esclarecimento sempre que tinha disponibilidade para tal, sendo ele que iniciava a sessão falando sobre o Decreto-Lei 357/2007 (e foi assim que percebi como se operacionalizava esta legislação). Era também o Eng.º Cordeiro o responsável por encontrar formadores para fazerem a validação da LE e pela organização da formação modular. O Eng.º Cordeiro era uma pessoa muito humana e também era um excelente gestor de pessoas e de equipas, pelo que gostei muito de trabalhar com ele. No Centro de Formação Profissional do Seixal cada Profissional de RVC tinha uma equipa de formadores para trabalhar exclusivamente com ela e cada equipa escolhia um nome para si própria. Nós éramos a Equipa da Bússola.

Quanto aos Cursos EFA NS, tive mais uma surpresa, dado que desconhecia a existência de EFA de nível secundário. Aqui comecei por ter uma reunião com a coordenadora do curso, onde me foi explicado que tipo de curso e que tipo de público

iria encontrar, qual o meu horário e as UC que iria ministrar. Posteriormente, já a formação se encontrava a decorrer, foi realizada mais uma reunião para fazer o balanço da acção de formação e foram-nos dadas algumas directrizes sobre como deveríamos realizar o processo avaliativo. Aqui socorri-me ainda de algum material que tinha elaborado e utilizado enquanto estive na ADE, o que se revelou bastante útil, tendo construído um documento de avaliação dos adultos que apliquei neste curso. Aliás, devo referir que em todas as experiências profissionais posteriores à ADE e ao Projecto Viver o Bairro, utilizei instrumentos aí elaborados, tendo-os adaptado, os quais sempre surtiram um efeito positivo. Assim, comecei por dar formação a um grupo de desempregados que se encontravam a frequentar um curso de técnicos de logística de dupla certificação, sendo que me couberam as UC 1, 4 e 5 do RC-C NS na área de C-C de CP. A formação era ministrada em co-docência, ou seja, a responsabilidade da dinamização das sessões era minha e de uma outra formadora, sendo que o curso decorria num espaço externo ao Centro de Formação Profissional. Estes adultos tinham trabalhado já na área da logística e pretendiam com esta formação obter uma certificação escolar ao nível do 12.º ano, bem como uma certificação profissional. Devo salientar que foi um prazer trabalhar com este grupo de formandos, os quais se revelaram bastante empenhados e interessados, trazendo sempre contributos para a discussão de assuntos que eram debatidos nas sessões. Aqui elaborei, acompanhei e dinamizei as sessões de formação e, para tal, tive que construir os respectivos instrumentos de suporte de raiz. Assim, fiz diversas pesquisas na Internet sobre as temáticas associadas às UC, construí *PowerPoint* e actividades para os adultos, bem como organizei os planos de sessão. Fique ainda a conhecer o CNQ, dado que tive que estudá-lo por forma a compreender os conteúdos associados a cada uma das UC. Mais tarde, comecei a dar formação num outro curso, desta feita um Curso EFA NS de dupla certificação de técnicos de informática, o qual decorria no Barreiro, nas antigas instalações da CUF. As UC a ministrar eram as mesmas que no curso anterior, bem como a existência da co-docência. Mas aqui não foi de todo um prazer trabalhar com os adultos, antes foi um sacrifício. Este era um grupo completamente diferente, constituído também por desempregados, mas sem qualquer interesse pela temática a abordar. Estavam ali porque eram obrigados, caso contrário perderiam o acesso ao subsídio de desemprego, e apenas tinham interesse pela vertente profissionalizante, ou seja, a área da informática. A equivalência ao 12.º ano vinha por acréscimo. Esta situação não era agradável nem para mim nem para eles. Assim, na última sessão antes da interrupção de Agosto, conversei com o grupo no

sentido de perceber o que se passava, quais os seus interesses, o que gostariam de ver debatido nas sessões, no sentido de reajustar as sessões aos interesses dos adultos a partir de Setembro. Mas tal não veio a suceder...

Foi com muita pena que percebi que nestes cursos já não se falava em temas de vida, questões geradoras, actividades integradoras...

Entretanto, tinham aberto concursos para as escolas no sentido de recrutarem profissionais de RVC e técnicos de diagnóstico e encaminhamento para os CNO. Abriam ainda concursos para o IEFP no sentido de contratarem profissionais de RVC. Eu concorri aos dois e, em Agosto de 2008, fui contactada pela Escola Secundária Alves Redol de Vila Franca de Xira dado que tinha sido aí colocada através do concurso. Apesar de gostar muito do trabalho no Seixal, optei por ir para a Escola Secundária, já que ficava muito mais próxima do meu local de residência, iria ter novamente um contrato de trabalho e continuaria a trabalhar na área EFA. Assim, entre Setembro de 2008 e Janeiro de 2009, fui Profissional de RVC – nível secundário - no CNO da Escola Secundária Alves Redol em Vila Franca de Xira.

Aqui reencontrei a minha amiga e colega de trabalho da ADE, a Ana Carla. Quando chegámos ao CNO, conhecemos o seu director, que também era o director da escola, a coordenadora, que era uma professora da escola, os formadores, que eram também professores da escola, sendo que apenas as profissionais de RVC - quatro, duas de nível básico e duas de nível secundário -, a técnica de diagnóstico e encaminhamento e a administrativa eram externas à escola. Mais tarde, os serviços administrativos passaram também a ser assegurados por uma funcionária administrativa da secretaria da escola.

Nesta escola deparei-me com diversos obstáculos. O facto de haver uma equipa mista de professores da escola e pessoal externo à mesma era gerador de conflitos, na medida em que os professores tinham horários de componente lectiva e não lectiva inferiores aos das profissionais de RVC, recusando-se a exceder tais horários, o que dificultava o desenrolar do trabalho. Para além do trabalho no CNO, os professores tinham ainda que participar numa diversidade de actividades da escola, tais como o Conselho Pedagógico, entre outras. O registo de professor é ainda completamente diverso do registo de formador, uma vez que uns e outros são formados para funções

e actividades diferentes, actuando também em contextos organizacionais muito diversos. Acrescia a isto o facto das relações entre professores e director da escola não serem as melhores, sendo que a coordenadora do CNO não sabia muito bem como gerir todas estas divergências. Como se não bastasse, tudo isto coincidiu com o ano em que os professores estavam em “guerra aberta” com o Governo e com o Ministério da Educação – não os condeno por isso, mas não era fácil trabalhar neste ambiente. Por outro lado, fiquei espantadíssima quando percebi como estava a funcionar o Processo de RVCC de nível secundário. Ou seja, estavam a escolarizar o processo de RVCC NS quando não era nada disso que se pretendia. Os formadores/professores de cada uma das três áreas de competências-chave – CP, STC e CLC – davam aulas/sessões por cada núcleo gerador existente, onde abordavam dois temas por núcleo, sendo que os adultos começavam a desenvolver os temas em sessão, terminando-os depois em casa. Daqui resultavam PRA com temas praticamente iguais, não havendo articulação entre a autobiografia de cada um dos adultos e os temas desenvolvidos! Falei com a coordenadora e ela deu-nos carta-branca para reformularmos toda a metodologia. O problema era envolver os formadores/professores em toda esta dinâmica. Assim, eu e outra colega de trabalho reformulámos a metodologia e os respectivos instrumentos de suporte à luz da experiência por que passei no Seixal e na FINIFORM e da experiência que a minha colega trazia de uma outra escola onde tinha trabalhado. A coordenadora convocou uma reunião de equipa para apresentar a nova metodologia, sendo que todos anuíram em experimentá-la. E assim foi implementada uma nova metodologia no CNO da Escola Secundária Alves Redol. Claro que tentámos que os formadores/professores das três áreas de competências-chave dessem sessões em conjunto, mas isso não conseguimos implementar, dado que todos resistiram a essa alteração. As três áreas de competências-chave estão relacionadas entre si, sendo que uma experiência pode ser utilizada em vários núcleos geradores e em várias áreas de competências-chave em simultâneo, pelo que não me faz sentido espartilhá-las e trabalhá-las com os adultos individualmente, mas não consegui fazer valer o meu ponto de vista. No entanto, já foi uma vitória a alteração da metodologia efectuada. Um passo de cada vez.

Foi neste CNO que convivi pela primeira vez com a função de técnica de diagnóstico e encaminhamento, pois até aqui essas tarefas eram desempenhadas pelas Profissionais de RVC, havendo assim uma redistribuição de tarefas e funções.

A escola tinha também a oferta de Cursos EFA NS escolares em horário pós-laboral, pelo que alguns dos adultos eram encaminhados para a frequência dessas acções. Cheguei a facultar o material que tinha elaborado para os Cursos EFA NS que tinha iniciado no Seixal aos professores da escola, já que estes se sentiam ainda um pouco inseguros e com dúvidas no que dizia respeito à operacionalização deste tipo de formação.

Uma outra alteração por nós proposta e aceite pela restante equipa foi os procedimentos relativos à validação da LE. Assim, os adultos passaram a fazer uma sessão de reconhecimento com base num pequeno texto escrito e lido por eles em LE e num pequeno exercício oral. A partir daqui, o formador analisava se o adulto possuía ou não competência em LE e, se não tivesse, era encaminhado para frequentar formação modular em entidades exteriores à escola. Esta ideia surgiu igualmente da experiência que trazia do Seixal.

Foi nesta escola que voltei a participar em encontros e formações, o que considero fundamental, tendo assistido a uma acção de formação promovida pela ANQ, cujo formador foi o João Lima, a qual se centrava sobretudo na temática dos Cursos EFA NS. Senti que finalmente estava com alguém que falava a minha linguagem, o que se tornava difícil de sentir com os professores/formadores.

O meu último dia de trabalho na Escola Secundária Alves Redol consistiu na realização de uma sessão de júri de certificação do Processo de RVCC NS de duas adultas, mais concretamente duas funcionárias do bar da escola. Foi um final com chave de ouro!

E eis-me chegada à minha actual actividade profissional! Como tinha concorrido ao concurso do IEFP, os resultados saíram entretanto e tive que tomar uma decisão: continuo na escola ou vou para o IEFP? Decidi ir para o IEFP, pensando que aqui poderia ter maiores possibilidades em termos de futuro e de estabilidade profissional, tendo ainda como referência do IEFP a minha tão boa experiência de trabalho no Seixal. E assim, em Janeiro de 2009, comecei a trabalhar no Centro de Formação Profissional de Santarém, no Centro Novas Oportunidades – Extensão de Benavente como Profissional de RVC de nível secundário. Para além de desempenhar todas as

actividades inerentes a esta função, as quais já referi, surgiu uma nova tarefa a desenvolver: a organização de grupos para frequência de UFCD/ Formação Modular de LE, designadamente Inglês, Francês e Espanhol – recepção de inscrições e documentação, selecção de adultos de acordo com os requisitos necessários, organização dos grupos e realização de contactos telefónicos com os adultos por forma a iniciar as formações. Para tal, recorri à ajuda da então coordenadora do CNO, a Leonor Lourenço, no sentido de perceber quais os procedimentos subjacentes a esta actividade, sendo que a postura em prática da actividade facilitou a aprendizagem de todo este ciclo. O CNO tem ainda em funcionamento outras UFCD, tais como TIC, Liderança e gestão de equipas e Processos de negociação, sendo que a organização destas UFCD está a cargo de outros membros da equipa de trabalho.

Uma outra novidade em termos de procedimentos, uma vez que não existe um administrativo no CNO, foi o facto de toda a equipa ser responsável por assegurar o serviço de atendimento diário através de turnos rotativos. O serviço de atendimento a funcionar actualmente no CNO foi organizado e implementado de acordo com a experiência que eu e outra colega de trabalho trazíamos já de outros CNO por onde passamos, designadamente o CNO da Escola Secundária Alves Redol.

Chegada a este CNO deparei-me com uma situação com a qual não contava: a população da área de intervenção do CNO era bastante diferente daquela a que estava habituada. Benavente, apesar da sua proximidade de Lisboa e de Vila Franca de Xira, é uma zona ainda bastante rural e isso reflecte-se no tipo de população. E eu nunca tinha encontrado uma população assim. Muitos dos adultos com quem trabalhei em Loures, por exemplo, em processo de RVCC de nível básico tinham substancialmente mais competências, ou estas estavam mais desenvolvidas e eram mais facilmente desocultadas, que os adultos com quem estou a trabalhar presentemente no nível secundário. Tive de me adaptar à população e de reestruturar as metodologias relativas ao Processo de RVCC NS por forma a ir de encontro e corresponder às necessidades desta população.

Durante este período tenho participado em poucas formações ou encontros, mas houve uma participação que me despertou para a necessidade de implementar e tornar efectivo a realização do PDP com o adulto. Foi o II Seminário Novas Oportunidades – O Desafio da Aprendizagem ao Longo da Vida/Workgroup sobre

Etapas e dimensões do trabalho – Reconhecimento, validação e certificação NS, promovido pelo Centro Novas Oportunidades do ISLA – Santarém. Elaborei então um documento para por em prática esta actividade, socorrendo-me da experiência de trabalho trazida da ADE.

Nunca senti tanto como agora a pressão das metas e dos números, trabalhando-se sobretudo para números e não para e com as pessoas, comprometendo-se assim a filosofia e os princípios do processo, o que me leva a dizer que estou a fazer o que gosto mas não da forma que gostaria. Tal como refere Cavaco (2009), “Os métodos que se propõem, para as práticas, são inovadores e baseiam-se na tradição crítica do modelo escolar e na valorização do percurso de vida das pessoas, mas, por outro lado, as finalidades orientam-se para a adaptação dos indivíduos às exigências do mercado de trabalho e da economia. Esta ‘contradição entre métodos e finalidades constitui o cerne da ambiguidade que define a situação paradoxal em que estão mergulhados os educadores e formadores de adultos’ (Canário, 2006)” (p. 141).

Na óptica de Cavaco (2009), “Os profissionais de RVC (...) apelam à reflexão e motivam os adultos para a mudança (...), aspectos indispensáveis (...) quando se pretende garantir um processo de aprendizagem transformadora” (p. 697). A rentabilização das potencialidades emancipadoras depende, pois, da forma como os profissionais de RVC desenvolvem o seu trabalho. No entanto, possuem uma reduzida margem de manobra por forma a colocarem o enfoque na lógica emancipatória.

De acordo com Josso (2005), os processos de formação, do ponto de vista de quem aprende, são a diversidade das situações de vida e aquilo a que damos valor e que nos possibilita e permite fazer escolhas e traçar um caminho, sendo que o processo de conhecimento está mais relacionado com as ideias que adoptámos ao longo do nosso percurso de vida. A compreensão do processo de conhecimento permite interpretar e compreender quais são as resistências à aprendizagem. Muitas vezes estas resistências colocam dificuldades à aprendizagem, pelo que é necessário identificá-las e compreendê-las no sentido de ultrapassá-las, facilitando o processo de aprendizagem e de adaptação à mudança.

Por seu turno, os processos de aprendizagem, independentemente do objecto de aprendizagem, podem ser muito longos ou extremamente rápidos, sendo importante

perceber como se aprende e quais as estratégias adoptadas para aprender por forma a poder-se acompanhar o melhor possível os adultos.

Os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem têm ritmos diferentes de acordo com cada um dos adultos e há que respeitar esses tempos.

Ora, para desenvolver o trabalho com o adulto o melhor possível no sentido de respeitar o referido por Josso, é necessário tempo e disponibilidade por parte do adulto e de quem o acompanha, o que não se coaduna com a pressão dos números e das metas a que estou presentemente sujeita.

Nesta minha experiência profissional, dinamizei as sessões de CP inerentes ao Processo de RVCC NS enquanto não havia formador de CP para desempenhar tal função. Tal sucedeu porque havia já três grupos de Processo de RVCC NS em funcionamento desde final de Dezembro de 2008 e porque eu possuía já experiência de trabalho como formadora de CP numa outra entidade, o CNO do CFP do Seixal, sendo que por solicitação da coordenadora do CNO elaborei os instrumentos de suporte à dinamização destas sessões com base na experiência trazida do CNO do Seixal e dos Cursos EFA NS.

Numa fase inicial do funcionamento do CNO as profissionais de RVC e a técnica de diagnóstico e encaminhamento dinamizavam as sessões de esclarecimento e procediam à realização de entrevistas individuais. Esta fase do processo foi organizada com base na experiência que trouxe do CNO da Escola Secundária Alves Redol e do Seixal:

De referir que o documento de suporte à sessão de esclarecimento elaborado em *PowerPoint* foi por mim realizado, fruto da experiência acumulada no Seixal, na FINIFORM e na Escola Secundária de Alves Redol, o mesmo sucedendo relativamente à entrevista individual, à folha de presença na sessão, bem como o folheto com a descrição dos documentos necessários entregar para frequentar o Processo de RVCC NS.

Ainda no período inicial de funcionamento do CNO, foram efectuadas algumas reuniões entre a coordenação e a equipa técnico-pedagógica no sentido de delinear e

construir uma metodologia e respectivos instrumentos de suporte à mesma, contemplando-se para tal as necessidades do público-alvo e as experiências de terreno neste campo de trabalho que alguns dos elementos da equipa do CNO possuíam já, como era o meu caso.

Assim, em Março de 2009, com o arranque de novos grupos, foi implementada no terreno a metodologia delineada, bem como os respectivos instrumentos de suporte. O plano de sessão, o cronograma do processo, bem como mais alguns instrumentos de suporte ao processo foram por mim elaborados, tendo em conta a experiência de trabalho noutros CNO que possuía já. Também aqui tentei que os formadores das três áreas de competências-chave dessem sessões em conjunto, mas à semelhança do que sucedeu na Escola Secundária Alves Redol igualmente aqui todos resistiram a essa alteração.

No decurso da implementação da metodologia, foram surgindo alguns constrangimentos, designadamente a sua adequação ao público-alvo do Processo, o qual manifestou bastantes dificuldades a nível da autonomia de trabalho, de competências de escrita, da capacidade de reflexão e pensamento crítico e da participação em actividades de carácter social. Havia ainda alguns adultos com dificuldades a nível da utilização de algumas ferramentas das TIC, tais como alguns programas informáticos e periféricos. Surgiram também obstáculos em termos da organização e estruturação dos PRA, bem como a nível de competências em LE.

Todas estas questões foram discutidas e debatidas nas reuniões de equipa técnico-pedagógica e com a coordenadora do CNO, sendo que se optou por fazer alguns ajustes à metodologia por forma a colmatar estes constrangimentos e a obter mais resultados, ou seja, mais certificações em menos tempo. Esta metodologia começou a ser implementada em Dezembro de 2009.

Dado que se verificou ao longo do tempo e da experiência de trabalho com o público-alvo dos Processos de RVCC NS que uma das grandes dificuldades da população, e talvez a mais relevante, a par com as restantes já apontadas, é justamente a falta de capacidade de desenvolver trabalho autonomamente, e após discussão sobre o assunto com a equipa técnico-pedagógica, optou-se uma vez mais por fazer adaptações e reestruturar a metodologia do processo de RVCC NS, bem como de

adoptar novas estratégias de funcionamento e de organização, as quais foram por mim propostas e posta em prática aquando do início dos grupos previstos para Setembro de 2010, por forma a haver um acompanhamento e um método de trabalho mais segmentado, próximo, directo e personalizado com os adultos, no sentido de se alcançarem mais e melhores resultados. De referir que parte da primeira e a terceira versões da metodologia foram propostas por mim, fruto da minha experiência trazida de outros CNO e da necessidade de ajustes da metodologia à população da área de intervenção do CNO de Benavente. Tal como refere Josso (2005), “Se chegarmos a conhecer as estratégias de aprendizagem das pessoas com quem trabalhamos, podemos acompanhá-las muito melhor do que se tentarmos impor-lhes a psicopedagogia que desenvolvemos relativamente aos conhecimentos que lhes queremos transmitir” (p. 122).

Aquando do gozo da minha licença de maternidade, houve necessidade de se criar um novo instrumento de trabalho, por forma à restante equipa poder assegurar e monitorizar o trabalho deixado em mãos por mim. Como tal, elaborou-se um instrumento designado *Follow-up*, por mim proposto, fruto da experiência trazida da ADE, o qual foi implementado em Outubro de 2009. Este instrumento começou a ser utilizado regularmente em Abril de 2010, continuando a ser utilizado presentemente nas reuniões quinzenais da equipa de RVCC NS. Este instrumento revelou-se de bastante utilidade, uma vez que permite ir fazendo um acompanhamento detalhado e respectivo registo da situação de cada adulto, bem como de questões de funcionamento e de estratégias implementadas em termos de metodologia e de funcionamento do CNO e da equipa.

O CNO possui ainda um processo técnico-pedagógico relativo a cada um dos grupos em funcionamento, o que é obrigatório existir em todos os CNO, sendo que os instrumentos integrantes de tal processo foram elaborados por mim, tendo em conta a experiência que trazia do Projecto Viver o Bairro e da ADE, bem como da FINIFORM e do CNO do Seixal.

Dado que a LE é uma vertente obrigatória em termos de validação para obtenção da certificação de Nível Secundário, foi necessário encontrar-se uma forma de fazer esta validação. Assim, à luz da experiência que trazia dos CNO por onde passei, sugeri que a sessão de reconhecimento de LE fosse realizada numa das primeiras sessões do

processo de RVCC NS por forma a despistar-se as necessidades de cada um dos adultos o mais cedo possível. No sentido de ficar validado à LE, cada adulto deveria demonstrar possuir competências a nível do B1 do QCER. Mais tarde, a ANQ emitiu uma orientação no sentido de ser necessário validar-se obrigatoriamente pelo menos as UC 1, 3 e 7, pelo que foi necessário reformular a estruturação da sessão de reconhecimento de LE. Como tal, após ter contactado com colegas de outros CNO, apresentei uma sugestão para o funcionamento da sessão de validação de LE, a qual foi aceite e é posta em prática actualmente no CNO. Desta sessão resulta a validação dos adultos ou o seu encaminhamento para a frequência de formação complementar ou formação modular de LE – 50 ou 100 horas de acordo com as necessidades de cada adulto – por forma a validarem posteriormente a LE.

Recentemente, participei em reuniões de equipa por forma a fazermos a auto-avaliação do CNO de Benavente tendo por base a metodologia CAF. Gostei imenso de participar nestas reuniões, sendo que discutíamos e dávamos a nossa opinião sobre os pontos fortes, os pontos fracos, as áreas de melhoria e as acções de melhoria a adoptar no nosso CNO. Este tipo de auto-avaliação fez-me lembrar em parte os processos de acreditação que realizei, recorrendo a essas experiências para trazer contributos à discussão realizada. Esta actividade revelou-se ainda útil para a elaboração deste trabalho, na medida em que recorri a ela para elaborar a caracterização do CNO de Benavente.

E aqui penso permanecer até final de 2011, data do término do contrato de trabalho. Depois se verá...

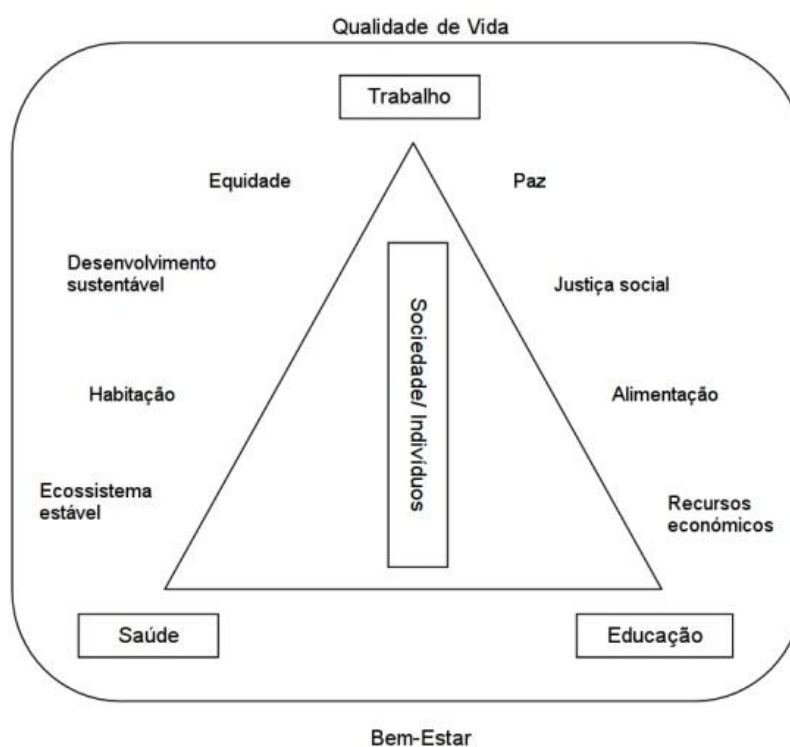
Entre outros factores, todas estas experiências de trabalho permitiram-me perceber que não existem locais de trabalho perfeitos, mas há uns melhores que outros. E, se pudesse escolher, decididamente que optaria por trabalhar em projectos de intervenção comunitária e desenvolvimento local, dado que, entre outros factores, até ao momento essa foi a experiência onde mais senti que a educação de adultos era entendida e posta em prática efectivamente de acordo com a lógica emancipatória. Quem sabe se ainda não alcançarei esta minha vontade!

### 1.3. Percurso Social

“A paz, o pão, a habitação, saúde, educação...”

Sérgio Godinho

No que se refere ao meu percurso social, começo por introduzir um esquema que elaborei aquando da minha frequência do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, o qual representa a minha forma de pensar sobre a sociedade.



Este esquema de sociedade pressupõe a eliminação das desigualdades sociais existentes actualmente, as quais concorrem para a existência de diferentes níveis de desenvolvimento, de acesso a bens e de satisfação de necessidades. Nesta linha, “Maslow (1970) propôs uma hierarquia de necessidades, desde as biológicas básicas, como a fome e a sede, subindo para as necessidades de protecção (segurança e inexistência de perigo), passando pelas necessidades de pertença e amor (afiliação com os outros e aceitação por eles), necessidades de estima (competência e aprovação pelos outros), necessidades cognitivas (compreender e explorar), necessidades estéticas (ordem e beleza), até à auto-actualização (encontrar satisfação e realizar potencial). Ele defendeu que só quando as necessidades

inferiores estão satisfeitas podem as necessidades psicológicas mais complexas tornar-se motivadores importantes.” (Bennett e Murphy, 1999, pp. 180-181).

Na minha perspectiva, uma forma de superar ou minorar tais desigualdades reside na promoção da plena cidadania e da participação activa e consciente da população na sociedade – *empowerment* – com vista ao bem-estar e qualidade de vida pessoal e social, sendo o processo de educação uma estratégia possível de desenvolvimento do *empowerment*.

Nesta óptica, desde adolescente que tenho sido socialmente activa, na medida em que só assim se consegue efectivamente mudar e transformar o mundo, se considerarmos que isso é importante e necessário. E eu penso que isso é fundamental, cada vez mais premente até. Por isso, desde cedo militei numa juventude partidária onde participava em reuniões periódicas, em congressos e encontros, organizávamos actividades diversas, tais como debates, cafés-concerto, exposições, participávamos em desfiles e manifestações, participávamos em actividades do município, distribuíamos propaganda, pintávamos murais, colaborávamos com outras organizações, como por exemplo a Frente Anti-Racista, entre outras actividades, com vista a contribuir para poder mudar a sociedade em termos da melhoria constante das condições de vida das pessoas e do sistema social vigente. Objectivos exigentes, mas realizáveis!

Mais tarde, militei num partido político, sendo que dei continuidade a algumas das actividades já desenvolvidas na juventude partidária e participei noutras, tais como campanhas eleitorais, participações em assembleias de freguesia, participações em comissões concelhias e de freguesia, participação em eventos de cariz político e cultural, entre outras.

Estas experiências reforçaram a minha consciência social, bem como o sentido da importância do trabalho colectivo e da participação social em prol da construção de uma sociedade sempre melhor e mais justa, permitindo-me ainda aprender a ouvir os outros, escutar as suas opiniões por forma a tomar decisões conjuntas, tendo em conta a diversidade de ideias e aquilo que é melhor para a maioria, apesar dessas decisões em prol do colectivo poderem não ser o que consideraria ser o melhor

enquanto indivíduo. Ou seja, aprendi a valorizar mais o colectivo do que o individual por forma a trabalhar-se tendo como objectivo último o Bem Comum.

Como já referi anteriormente, fruto do meu envolvimento em actividades políticas, fiz parte da Assembleia de Freguesia de Vila Franca de Xira durante dois mandatos, tendo também participado posteriormente na Assembleia de Freguesia das Cachoeiras, uma freguesia rural do concelho de Vila Franca de Xira, durante um mandato, dado que vivi nesta última freguesia cerca de dez anos. Esta minha participação política nas assembleias de freguesia prendeu-se uma vez mais com o meu interesse e a minha vontade de contribuir para a melhoria da vida colectiva das populações, tendo como horizonte o que considero poder ser uma sociedade mais justa e igualitária. Apesar de considerar a Política, no seu sentido mais nobre, particularmente o Poder Local devido à sua maior proximidade das populações, uma via de excelência para atingir tais propósitos, deparei-me com algumas situações, no desempenho destas minhas funções, que me fizeram tomar consciência de que para mim esta não seria a melhor forma para agir socialmente. Isto porque algumas vezes não estava de acordo com o modo como se resolviam algumas questões ou até com a resolução dada às mesmas, sendo ainda que era necessário ter um grande “jogo de cintura” para contornar e “dar a volta” a determinadas situações, não me identificando com tal forma de actuar. Ainda assim, esta experiência possibilitou-me perceber que este não era o caminho que queria seguir, tendo-me ainda fornecido ferramentas para agir perante situações em que se torna necessário argumentar, dar opiniões, discutir em grupo, tomar decisões e encontrar soluções em conjunto e entre pessoas com diferentes perspectivas das diversas situações que vão surgindo. Claro que tudo isto tinha vindo já a desenvolver-se ao longo de todo o meu percurso anterior em termos de participação política desde a adolescência. Recordo-me que, em 2006, numa das assembleias de freguesia em que participei na freguesia das Cachoeiras, a qual foi realizada extraordinariamente para solucionar a questão da intenção da autarquia encerrar a escola primária da freguesia com base num documento que é a Carta Escolar do concelho, conseguiu-se a mobilização de todas as forças políticas representadas na assembleia, bem como da população da freguesia. Esta foi a assembleia de freguesia mais participada a que assisti até hoje. Assim, foi elaborado um abaixo-assinado, o qual foi distribuído pelos diversos membros da assembleia de freguesia a toda a população, sendo que teve como resultado o que se pretendia, ou seja, o não encerramento da escola primária, a qual se encontra a funcionar até hoje.

Esta foi uma actividade na qual me deu bastante prazer estar envolvida, pois houve uma forte mobilização e participação de todos, população e autarcas, independentemente das opções políticas de cada um, no sentido de solucionar um problema que diz respeito a todos de forma a fazer prevalecer o interesse comum. É justamente este tipo de participação que considero fundamental para um efectivo desenvolvimento pessoal e social: o envolvimento de todos na solução de causas comuns e do interesse da comunidade. Apesar de actualmente não me encontrar politicamente activa, enquanto participando numa organização partidária, considero que todos nós somos seres sociais e, por isso, também políticos, na medida em que fazemos política diariamente ao tomarmos posições e ao emitirmos opiniões e defendermos determinados pontos de vista sobre assuntos que a todos dizem respeito, já que fazemos parte de uma mesma sociedade. O problema é que hoje em dia cada vez mais as pessoas se inibem de tomar posição ou emitir opinião sobre os assuntos que a elas e a nós dizem respeito, sobretudo se tiverem opiniões e formas de ver as situações diferentes das dominantes.... Como tão bem escreveu José Saramago, “Temos o direito de opinar sobre todos os assuntos da terra porque não vivemos em Marte”.

Também participei durante alguns anos nas mesas de voto, tanto em Vila Franca de Xira como nas Cachoeiras, sempre que se realizavam actos eleitorais. Este foi mais um contributo e uma participação numa actividade integrante da sociedade democrática em que me insiro e da qual faço parte. Fui assiduamente membro das mesas de voto, tendo desempenhado diversas funções desde escrutinadora, secretária e vice-presidente. Fui ainda delegada em algumas mesas de voto. No entanto, com muita pena minha, a partir do momento em que os membros das mesas de voto passaram a receber uma retribuição pelo desempenho de tal actividade, deixei de nela participar por não estar de acordo com tal situação. Penso que esta deveria ser uma função voluntária, um serviço cívico, tendo já como compensação a dispensa do trabalho no dia a seguir às eleições de todos os que participavam nas mesas de voto. Ao pagar-se um serviço, está a esvaziar-se o acto eleitoral e o envolvimento das pessoas para a concretização de tal acto do que deveria ser o seu sentido de participação e contribuição para a colaboração num acto que tem como objectivo último o Bem Comum: a escolha dos representantes da população. Considero o voto uma ferramenta essencial que deve ser utilizada em democracia e levo este dever muito a sério, nunca tendo faltado até hoje a um acto eleitoral. Por outro lado, o voto

foi um direito conquistado à custa do sacrifício e da luta de muitos e, mais que não seja por isso e por respeito a quem tanto fez para que hoje possamos expressar a nossa opinião através do voto, todos deveríamos cumprir este nosso direito e dever. Eu faço a minha parte.

Sendo coerente com este meu percurso de vida em termos sociais, não podia deixar de ser sindicalizada. Embora tenha começado a trabalhar em 1996, sindicalizei-me apenas em 2002. Porquê? Porque só em 2001 assinei o meu primeiro contrato de trabalho e obtive um vínculo laboral mais estável, sendo que até então os meus vínculos laborais eram precários, ou seja, trabalhava através dos tão justamente mal afamados “recibos verdes”. Na minha perspectiva, os sindicatos cumprem uma função social importantíssima quando desempenham efectivamente a sua actividade, i. e., a defesa dos interesses dos trabalhadores. E cada vez mais se torna fundamental a acção sindical, dado a perda de direitos laborais e sociais a que se assiste actualmente e que tanto custaram a alcançar... Para haver trabalhadores, tem de haver entidades empregadoras e os interesses de uns e de outros raramente coincidem, apesar de hoje em dia se querer fazer crer que os trabalhadores são “colaboradores” – termo que me provoca no mínimo perplexidade – cujo objectivo principal é defender e fazer valer os interesses da entidade para a qual trabalham. Ora, na minha óptica, esta é uma ideia, entre tantas outras que por aí grassam, falsa. Os trabalhadores têm como objectivo vender a força do seu trabalho para, no final de determinado período de tempo, habitualmente ao final de cada mês, receberem uma retribuição por tal, ou seja, o seu salário mensal. A força do seu trabalho é, pois, a sua única propriedade, entendida enquanto aquilo que tem como seu. Claro que este deverá desempenhar a sua função o melhor possível e, se nos locais de trabalho se estabelecerem bons ambientes entre as pessoas e se gostar do que se faz, tanto melhor. A entidade empregadora, por sua vez, tem como objectivo contratualizar a força de trabalho dos empregados ao menor custo possível, visto que o seu objectivo último é o lucro. Obviamente que trabalhadores e empregadores têm direitos e deveres laborais que devem cumprir, mas é nesta tensão de empregador/empregado que se geram e desenvolvem as relações de trabalho. Infelizmente, tomei efectiva consciência desta realidade através de uma experiência laboral pela qual passei e que me marcou até hoje, pois esta foi também a experiência de trabalho que considero mais significativa em termos de aprendizagens realizadas e a qual mais gostei. Pena que não tenha tido um bom desfecho...

Na minha adolescência participei ainda numa colectividade local, o Ateneu Artístico Vilafranquense, tendo aprendido solfejo, bem como a tocar clarinete. Cheguei a tocar na banda filarmónica durante algum tempo, mas acabei por desistir, dado que não gostei particularmente dessa experiência. Mais tarde, comecei a aprender a tocar viola com um amigo. Comprei essa viola com o dinheiro que ganhei na participação num projecto OTL durante umas férias escolares de Verão e ainda a conservo. Actualmente, sou sócia do Ateneu e a minha filha mais velha, a Catarina, que tem oito anos, frequenta aí aulas de música – solfejo e flauta transversal.

Como já referi, também sou sócia da Cooperativa Alves Redol, pagando uma quota anual e participando em algumas actividades promovidas pela associação, tais como peças de teatro, debates e concertos.

Ao longo deste meu ainda curto percurso de vida tenho tido ainda participações diversas em manifestações populares, desde os desfiles do 25 de Abril, aos desfiles do 1.º de Maio, à manifestação contra a guerra no Iraque, à manifestação pela independência de Timor Leste, entre outras, considerando que esta é uma forma de lutar pela justiça social e de alcançar a igualdade.

Fiz ainda uma breve incursão pelos meandros da dádiva de sangue, uma vez que considero importante a contribuição e participação social em prol do bem-estar de todos. No entanto, não me senti muito bem fisicamente após tal experiência e tive receio de repeti-la. Já me explicaram que, por vezes, este tipo de reacção acontece aquando da primeira dádiva. Espero em breve encontrar coragem para repetir a proeza e tornar-me dadora de sangue “à séria”!

Mais recentemente, tenho colaborado pontualmente com a Associação de Pais da escola de uma das minhas filhas, designadamente no que se refere ao apoio à organização de algumas actividades dirigidas às crianças e aos pais e encarregados de educação.

Actualmente, sinto falta de participar mais activamente em actividades de cariz social no sentido de poder contribuir de alguma forma para tentar melhorar as condições de

vida das pessoas, não sob uma perspectiva assistencialista, mas antes sob uma perspectiva efectivamente solidária.

A formação de adultos, entendida sob o ponto de vista de um processo de tomada de consciência e de potenciação da efectiva participação das pessoas na vida colectiva, de alguma forma faz-me sentir que posso continuar a dar o meu contributo no sentido da melhoria das condições de vida das populações com vista a atingir-se um bem-estar e uma qualidade de vida social mais justos e igualitários para todos.

Tal como refere Melo (2005), “(...) é fundamental (...) formarmos cidadãos cada vez mais informados, mais conscientes e, por ventura também, mais activos” por forma a fomentar-se “(...) uma componente muito forte relativamente à cidadania e à participação dos cidadãos (...) a nível de debates, a nível de definição de processos, para que se tomem de certo modo decisões colectivas”, favorecendo-se assim a participação “(...) de uma grande parte da população, e muitas vezes não são tanto os cidadãos individuais, mas são sobretudo as suas organizações, que já representam muitos dos interesses de muitos dos cidadãos (...)”. Esta é uma forma de estimular a efectiva democracia participativa, sendo “(...) uma escola também de cidadãos mais informados e que aprendem a conhecer melhor a sua sociedade e a conhecer melhor o que é a política, no sentido de conhecimento de opções estratégicas e de decisões sobre o que será melhor para o conjunto ou para a maioria da população” (pp. 107-108).

Concordo, pois, com “(...) esta perspectiva de o cidadão não ser apenas o eleitor, mas um cidadão integral, que, todos os dias e na sua actividade normal, pode efectivamente influenciar o curso da sua própria sociedade” (Melo, 2005, p. 108).

#### **1.4. Reflexões**

Em síntese, esta narrativa é, pela sua própria natureza, uma obra inacabada, na medida em que muito ficou por dizer e explorar e a cada dia passado e a cada revisão do que foi já escrito mais haveria a acrescentar e a reformular no que se refere a este documento. “(...) a formação experiencial é interminável por natureza. O carácter dinâmico da experiência fica-se a dever ao facto da ‘aprendizagem ser uma actividade

permanente de desenvolvimento pessoal, que mobiliza o indivíduo ao longo de toda a vida” (Barkatoolah, 1989, cit *in* Cavaco, 2002, p. 32).

Muitas das experiências pelas quais passei e muitas das aprendizagens que efectuei deveram-se fundamentalmente a quatro factores: à influência do meu pai, ao meu percurso social, ao meu percurso profissional e às relações estabelecidas com os outros.

Todos estes factores podem ser analisados à luz da teoria tripolar de Pineau (os outros, as coisas e a nossa natureza individual), a qual está estruturada em torno de três eixos, designadamente a auto-aprendizagem (eixo pessoal), a hetero-aprendizagem (eixo social centrado nas relações com os outros, o qual é dominante) e a eco-aprendizagem (relação entre as experiências pessoais e as influências culturais e do meio). De acordo com Canário (2008), “A aprendizagem, enquanto actividade de construção de uma visão do mundo (isto é, de si próprio, das relações com os outros e da relação com a realidade social) consubstancia-se num sistema de representações que funciona, simultaneamente, para ‘ler’ a realidade de um modo confirmatório, ou como ponto de referência para construir novas ‘visões do mundo’ (ou seja, ‘aprender’)” (p. 111).

Mas, de acordo com Cavaco (2002), apesar de se aprender na relação com os outros, cabe a cada um individualmente a decisão acerca do que fazer relativamente à informação recebida e às experiências que vivenciou. Daí a expressão de Dominicé que refere que “a formação de um adulto não pertence a ninguém senão a ele próprio” (Dominicé, 1988, cit *in* Cavaco, 2002, p. 13).

Todas estas experiências me possibilitaram a aquisição de saberes e a realização de aprendizagens, quer seja a nível formal, informal e não formal. Na perspectiva de Canário (2006), “(...) num *continuum* educativo que cobre todo o ciclo vital, integram-se e articulam-se processos formais (cujo protótipo é o ensino dispensado na escola), processos não formais (marcados pela flexibilidade de horários, programas e locais, em regra de carácter voluntário, sem preocupações de certificação e pensados “à medida” de públicos e situações singulares) e processos informais (correspondentes a todas as situações potencialmente educativas, mesmo que pouco ou nada organizadas ou estruturadas)” (p. 161).

Neste sentido, considero que adquiri e desenvolvi diversas competências, dado que, conforme refere Cavaco (2002), a formação experiencial permite a aquisição de saberes a nível do saber-ser, do saber-fazer e do saber-saber, uma vez que implica a aprendizagem a nível cognitivo, afectivo e social.

O saber-fazer encontra-se sobretudo associado ao desempenho de tarefas profissionais, sendo adquirido maioritariamente através de actividades práticas, ao passo que o saber-ser está relacionado com a execução de tarefas profissionais e sociais, designadamente capacidade de comunicação, iniciativa, capacidade de relacionamento interpessoal, capacidade de trabalhar em equipa, capacidade de gerir e de rentabilizar recursos.

A relação entre os diversos saberes adquiridos, fruto das minhas experiências e do meu percurso de vida, originou assim o saber agir, ou seja, a capacidade de mobilizar conhecimentos, aptidões e atitudes para fazer face a situações diversas que se colocam no meu dia-a-dia, quer seja a nível familiar, profissional ou social.

Se já tinha alguma noção de que este não é um processo fácil, ao elaborar esta narrativa autobiográfica mais tomei consciência de que efectivamente a escrita sobre a nossa própria vida torna-se complexa, já que nos exige reviver, repensar, lembrar, reflectir e relacionar vários acontecimentos, muitos dos quais estavam já “armazenados” na memória.

Na óptica de Cavaco (2002), uma forma de tornar consciente o processo de aquisição de conhecimentos e saberes realizado por via das experiências e do percurso de vida reside na descrição de factos e acontecimentos relatados pelo próprio indivíduo, tornando-os assim perceptíveis. É justamente esta a função e o objectivo da construção de uma narrativa autobiográfica, sendo que nos permite alcançar um melhor auto-conhecimento através do processo reflexivo a ela associado, possibilitando, entre outras coisas, a identificação e a tomada de consciência de resistências à aprendizagem. De acordo com Josso (2005), muitas vezes estas resistências colocam dificuldades à aprendizagem, pelo que é necessário identificá-las e compreendê-las no sentido de ultrapassá-las e facilitar o processo de aprendizagem e de adaptação à mudança.

Como tal, “(...) deveremos, nós mesmos, mudar e deveremos ajudar a acompanhar pessoas que vão ter de mudar. Penso que é em torno destas questões que as histórias de vida vão poder ajudar-nos” (Josso, 2005, p. 118).

Na perspectiva de Josso (2005), “Efectivamente, os formadores não podem utilizar bem esta abordagem biográfica, as histórias de vida, com os estudantes ou com os aprendentes com os quais trabalham, se eles não a experimentarem por si mesmos, para ter um melhor conhecimento de si e de quais são as posições que pretendem assumir neste papel de agente que é o seu” (p.120).

Com efeito, “ao favorecer ‘a erupção, a invasão da história individual, do sujeito enquanto sujeito, a forma como o indivíduo se pensa a si mesmo, no seu futuro e no seu desenvolvimento, desloca-se as práticas institucionais (...) para o domínio das interrogações sobre o sentido, sobre o valor de um percurso, através da consciência que o indivíduo tem deles” (Berger, 1991, cit *in* Correia, 2005, p. 70).

Tal como refere Cavaco (2002), todos nós somos educadores e aprendizes, ou seja, o meio (familiar, profissional, social, político e económico) onde estamos inseridos possui um carácter formativo contínuo, sendo que as situações e os acontecimentos de vida aí desenvolvidos potenciam as aprendizagens mais significativas e estruturantes.

Neste sentido, de acordo com Canário (2008), “Encarar a experiência de vida como um ponto de partida fundamental, para organizar processos deliberados de formação, implica um olhar retrospectivo e crítico sobre o percurso anteriormente realizado que torna possível: identificar como formadoras situações, contextos, vivências, distintas de situações formalizadas de formação; identificar capacidades e saberes adquiridos na acção e que apelam a processos de formalização. O reconhecimento dos adquiridos experienciais surge, assim, como uma prática recente que permite encarar o adulto como o principal recurso da sua formação e evitar o erro de ensinar às pessoas coisas que elas já sabem. A prática do reconhecimento dos adquiridos experienciais tem como fundamento não apenas, nem sobretudo, a cumulatividade das experiências vividas, mas a capacidade do sujeito para as tirar e reelaborar, integrando-as como saberes susceptíveis de serem transferidos para outras situações,

integrando-as na unidade global que representa o processo de autoconstrução da pessoa” (p. 112).

Na minha perspectiva, esta metodologia é algo semelhante aos processos de luto, no sentido em que ambos provocam uma necessidade de recurso à memória, em termos retrospectivos, passando-nos à frente todo o nosso percurso de vida até ao momento (faz-me lembrar um filme que vi já há alguns anos e do qual gosto bastante, o “Cinema Paraíso”), o que possibilita reperspectivar o nosso caminho, o que queremos fazer, quem somos, aquilo e as pessoas a que damos efectivamente importância e como chegámos até aqui, (re)encontrando-se assim um sentido para a Vida. A narrativa autobiográfica é um processo voluntário e intencional, ao passo que os processos de luto não o são...No entanto, todo este processo é muito individual, muito direccionado para o EU. “O PNO foi alvo de avaliação divulgada e amplamente discutida na sociedade portuguesa em 2009. No seu volume *Estudo da percepção da qualidade de serviço e satisfação*, é afirmado: ‘O principal ganho verificado está relacionado com os aspectos ligados à majoração do EU’ (Portugal, ANQ, 2009)” (Alves e Rummert, 2010, p. 521). E neste ponto penso que poderia fazer-se uma ponte entre o EU e o NÓS, passando-se do individual ao colectivo, utilizando a tomada de consciência do EU por forma a potenciar-se a consciência do NÓS. Este é, pois, um contributo que gostaria de deixar como pista de trabalho a explorar.

Citando Bertolt Brecht, “Um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado em conjunto é realidade.”

Após uma análise e uma reflexão sobre a bibliografia consultada, no sentido de perceber e dar resposta à questão “Onde é que me situo como formadora?”, considero que me posiciono de acordo com a definição de formação sustentada por Josso, bem como considero que o perfil de formador que deveria adoptar na actividade que desempenho seria o do passador, dado que a minha função actual – Profissional de RVC – implica o acompanhamento temporário dos adultos no sentido de facilitar e de ajudar esses mesmos adultos a percorrer o caminho que escolheram para si. No entanto, como refere Josso (2005), “Cada um de nós é um pouco militante, uma vez que defendemos valores” (p. 119), o que não me parece incorrecto desde que não nos esqueçamos de abrir outras janelas de possibilidades relativamente à análise de uma mesma realidade.

Tal como refere Canário (2008), “(...) quem está investido da qualidade de formador, exige-se que esteja atento e ‘à escuta’ do que sabe o aprendiz, ajudando-o a formalizar saberes tácitos adquiridos na acção (...)” (p. 110). Ou seja, o formador apenas orienta os adultos no sentido de ajudá-los a identificar situações de vida com potencial formativo, cabendo a cada adulto a função de reter o que quer, o que pode e o que está de acordo consigo.

A formação ocorre, pois, ao longo de todo o ciclo de vida, devendo centrar-se na pessoa, possibilitando uma auto-reflexão, pelo que a pessoa forma-se ao invés de receber formação. Toda a formação é experiencial. Caso contrário, não há formação, mas antes informação. E essa experiência envolve sempre uma dimensão afectiva e uma reflexão sobre a acção. A formação está muito mais direccionada para trabalhar com as pessoas e para o seu acompanhamento e orientação em termos de percurso educativo. Mas se a formação é experiencial, também comporta uma vertente importante de adaptação à mudança, dado que vivemos num mundo em constante transformação e há que saber acompanhar essa realidade, pelo que Josso refere ser perigoso não saber desaprender e não saber esquecer. Neste sentido, gera-se uma dinâmica e um processo contínuo entre o esquecer e o (re)aprender.

Quanto à perspectiva de Finger (2005), não partilho totalmente da sua defesa do pragmatismo em desfavor das restantes correntes – cognitivismo e humanismo. Finger (2005) refere que a acção é primordial, não sendo muito importante a teoria e a compreensão da forma como a acção concorreu para a mudança “(...) não é preciso analisar tudo, perde-se tempo, é preciso agir” (p. 23). Tomo como exemplo o meu caso. Desde 1997 que trabalho na área da educação e formação de adultos e tudo o que aprendi nesse campo deveu-se à minha formação experiencial, quer seja no âmbito da aprendizagem informal ou da aprendizagem não-formal. Portanto, a minha acção desenrolou-se tendo por base sobretudo a experiência. No entanto, sempre senti necessidade de obter uma sustentação teórica mais sólida por forma a melhor compreender toda a problemática associada à educação de adultos. Dai ter optado pela frequência deste curso de mestrado. Neste sentido, julgo ser importante articular a teoria e a prática, ambas são necessárias, e isso consegue-se muito bem através da investigação-acção, o que é bastante visível no desenvolvimento local e na intervenção comunitária. Como costumo dizer aos adultos “Acho importante explicar

como tudo funciona para que entendam o porquê de vos pedirmos para abordarem determinados temas e não outros. Pelo menos, eu gosto de perceber porque é que estou a fazer as coisas de uma forma e não de outra qualquer e para que é que elas servem.”

Quanto aos modelos educativos referidos por Fernández (2006), - receptivo alfabetizador, dialógico social e económico produtivo, os quais constam do quadro 1 em Anexo -, posiciono-me claramente no designado modelo dialógico social, na medida em que trabalho com os adultos no âmbito do Processo de RVCC tendo em conta as suas aprendizagens, os seus percursos de vida, as suas competências, considerando fundamental e valorizando a reflexão, a consciência crítica e a participação social, considerando o adulto o centro de todo o processo. Como tal, identifico-me com o perfil de formador deste mesmo modelo, ou seja, considero que procuro agir enquanto facilitadora das aprendizagens dos adultos, reconhecendo e potenciando sobretudo as aprendizagens informais adquiridas em diversos contextos, ao longo da vida e fruto das experiências de vida das pessoas.

Por outro lado, também me identifico com as características deste mesmo modelo, designadamente no que se refere ao potencial de aprendizagem, à produção de aprendizagem em todos os contextos, ao reconhecimento das competências e conhecimentos que as pessoas já trazem e que adquiriram através das suas diferentes experiências, à flexibilidade em tudo o que se refere à organização e administração dos espaços e tempos, aos professores trabalharem num contexto igualitário de diálogo e ao facto do modelo social de educação de adultos gerar públicos participativos e públicos gestores da acção social. E neste último ponto importa referir que me identifico particularmente com a definição que salienta que as pessoas que trabalham na área da educação de adultos são caracterizadas como sendo críticas e com consciência social e política. A educação de adultos envolve comportamentos militantes e solidários, tendo por base a justiça social e o desenvolvimento humano, sendo justamente este sentido de justiça social e de humanismo fomentando a participação social e o *empowerment* das populações que tanto me cativa.

Já o modelo económico produtivo, como seria de prever, é aquele com que menos me identifico, apesar deste mesmo modelo ser o predominante actualmente e, portanto,

aquele a que mais estamos sujeitos enquanto aprendentes. Confesso que tudo o que implica competitividade, mera rentabilidade económica e se subjugam às lógicas de mercado, não tendo em conta as pessoas, principais sujeitos da acção, pelo menos na minha perspectiva, causa-me alguma relutância e tenho dificuldade em enveredar por tal caminho. Talvez esta seja, afinal, uma minha resistência à aprendizagem, como refere Josso! Também compreendo que me enquadrar no modelo económico produtivo proposto por Fernández (2006), designadamente numa das suas características, justamente aquela que refere que quanto mais formação as pessoas possuem, mais lhe atribuem importância, mais procuram frequentá-la, tendo inclusive mais facilidade de acesso àquela. Este é, pois, o denominado “Efeito Mateus”.

Quanto aos possíveis cenários preconizados por Finger (2005), constantes do quadro 2 em Anexo, no que se refere à formação de adultos, actualmente, em Portugal, assiste-se a uma tendência para o predomínio do cenário do grupo de risco, uma vez que a educação de adultos é direccionada prioritariamente a grupos de risco específicos do actual neo-liberalismo – desempregados, imigrantes, beneficiários dos RSI, jovens e mulheres – no sentido de tornar estas pessoas aptas a viver de acordo com a sociedade neo-liberal. Esta medida surge na sequência da orientação política que obriga todos os desempregados e beneficiários do RSI ou de outras prestações sociais inscritos nos Centros de Emprego do IEFP sem o 9.º ou o 12.º ano de escolaridade a inscreverem-se nos CNO por forma a darem seguimento ao seu percurso formativo, sob pena de perderem o acesso aos subsídios a que têm direito, caso não o façam.

A educação de adultos é utilizada para assegurar a continuidade do sistema, recuperando e reintegrando os socialmente “disfuncionais”, não havendo mudança social, mas antes controlo e reprodução social. Por outro lado, a educação destes grupos dependerá da vontade político-social e do investimento público.

Esta situação pode levar a uma estigmatização deste instrumento de política a nível do mundo do trabalho, na medida em que este se direcciona sobretudo aos designados públicos socialmente desfavorecidos.

Numa perspectiva de futuro da educação de adultos, o cenário da responsabilidade ecológica social proposto por Finger (2005) será o mais plausível, na medida em que

retoma o empenho na mudança social, na acção social e no *empowerment*, tendo portanto um cariz emancipatório. No entanto, há que não esquecer que, ao pedir-se a reassunção da responsabilidade aos cidadãos, deve-se também pedir e fazer cumprir essa responsabilidade ao Estado e ao Sector Privado. Um exemplo concreto desta situação prende-se com o facto de constantemente se apelar às pessoas para pouparem em termos de recursos hídricos e energéticos e para estarem despertas para as questões ambientais, designadamente em termos de poluição e de reciclagem. Tudo isto é muito válido, mas as empresas, principais gastadores de recursos e principais poluentes, nada fazem para minorar estes custos nem são penalizadas por tal, quando deveriam ser as primeiras a dar o exemplo e a pôr em prática tais acções.

É ainda de salientar o facto da responsabilidade ecológica social ter um âmbito de intervenção com uma abrangência relativa em termos populacionais, já que, de acordo com a pirâmide de necessidades preconizada por Maslow (1970), "(...) só quando as necessidades inferiores estão satisfeitas podem as necessidades psicológicas mais complexas tornar-se motivadores importantes." (Bennett e Murphy, 1999, p. 181). Ora, se a "geografia do analfabetismo" é coincidente com a "geografia da pobreza", o cenário proposto poderá ter resultados positivos sobretudo nos países em desenvolvimento, ao contrário do que sucederá nos países menos desenvolvidos, justamente os países onde a maioria da população se encontra ainda ao nível da satisfação das necessidades básicas de subsistência, sendo ainda nestes mesmos países que habita a maior parte da população mundial. Como tal, o cenário da responsabilidade ecológica social corre o risco de não ter o efeito esperado.

A responsabilidade ecológica social poderá surtir efeitos positivos em termos de retomar a lógica emancipatória da educação de adultos em alguns contextos sociais, pelo que mais que falar num cenário possível deverá antes falar-se em diversos cenários possíveis tendo em conta as características sócio-económicas específicas de cada local e de cada população.

Acresce ainda que os cenários propostos por Finger (2005) - escola empresarial, grupo de risco e sociedade de lazer - se enquadram no modelo de organização social vigente, i.e., têm por base um modelo social de carácter neo-liberal, sendo a educação de adultos instrumentalizada de acordo com as tendências do desenvolvimento

industrial. Ora, mais do que falar em “alternativas” sujeitas e imbuídas de características neo-liberais, de acordo com Lima (2005) será sobretudo necessária uma mudança a nível político-ideológico por forma a desenvolver-se uma efectiva educação democrática, indo-se assim justamente de encontro a uma abordagem sistémica da educação de adultos.

## **2. A educação permanente e a aprendizagem ao longo da vida: da lógica emancipatória à lógica da gestão de recursos humanos**

Na óptica de Canário (2008), a educação de adultos surge na sequência da Revolução Francesa e dos ideais proclamados pelo Iluminismo, encarando a educação como um processo abrangente, diversificado e que acompanha a vida de cada pessoa, sendo, como tal, entendida de acordo com uma perspectiva permanente.

A educação de adultos tem por base originariamente acções populares (política, sindical e associativa), pelo que historicamente encontra-se relacionada com os movimentos sociais de massas (movimento operário), bem como com o surgimento e com a implementação dos sistemas escolares, desembocando nas modalidades de ensino de segunda oportunidade.

A educação permanente surgiu nos anos 70 do século XX como forma de contestar e criticar o modelo escolar. Neste sentido, a UNESCO publicou um relatório que destaca a educação enquanto processo de “aprender a ser” ao invés desta ser entendida como uma acumulação de conhecimentos.

A educação permanente, entendida como um processo contínuo, cujo centro é o indivíduo e a sua construção, o que denota uma perspectiva holística<sup>1</sup> do processo educativo, surge como um “princípio reorganizador do processo educativo” (Canário, 2008, p. 88), assentando em três pressupostos: a continuidade, a diversidade e a globalidade.

A educação permanente é um movimento contemporâneo, o qual tende a ir de encontro a outras correntes de pensamento crítico no que se refere à forma escolar, como é o caso de Paulo Freire. Este pedagogo brasileiro critica a “concepção bancária da educação” por oposição a uma educação “libertadora” ou emancipatória, a qual pode ajudar a “viver a transformar a vida”.

Na prática, de acordo com Canário (2008), a educação permanente viu-se limitada por três efeitos perversos:

---

<sup>1</sup> Segundo Reis (1998), o termo *holismo* tem origem no grego *hólos* e é referente à ideia de totalidade, sendo o todo mais do que a soma das partes. “A pessoa e o seu ambiente constituem uma unidade. Os factores físicos, mentais, espirituais, sociais e ambientais não existem separadamente, pois só existem enquanto componentes de uma totalidade” (Reis, 1998, p. 161).

1. A educação permanente foi reduzida ao período da educação pós-escolar, sendo este conceito utilizado muitas vezes com o mesmo sentido que “educação de adultos”;
2. A educação permanente confundiu-se com a forma escolar, perpetuando-a;
3. Os saberes adquiridos por outras formas que não a forma escolar – os saberes experienciais adquiridos por vias não formalizadas - foram sendo desvalorizados, o que não se enquadra no conceito da educação permanente de “aprender a ser”.

Estes efeitos levaram ao alargamento e à difusão da forma escolar da educação a diversos sectores sociais.

### ***2.1. Formação de adultos – Uma definição e uma perspectiva***

Na óptica de Josso (2005), a formação decorre ao longo de toda a vida, desde que nascemos até à morte, sendo que a educação é específica de determinados períodos da vida, designadamente aquando da frequência do ensino escolar, de acções de formação profissional ou de acções de formação contínua.

A educação é a acção de uma sociedade, tendo em conta a forma como ela é pensada pelas instâncias políticas e pelos governos, dependendo assim dessas instâncias e das suas políticas, quer sejam políticas nacionais, europeias ou internacionais.

Neste sentido, a educação tem como objectivo assegurar a continuidade da vida da sociedade, bem como facilitar a adaptação das pessoas à sua evolução e aos novos contextos políticos, sociais e económicos. Como tal, a educação não é aqui entendida como um espaço de liberdade para as pessoas.

A educação e a formação comportam aspectos centrais diferentes. Em contexto educativo, cada um de nós, enquanto formador, é um agente das políticas públicas, sendo também a pessoa que acompanha outros em termos do seu trajecto e das suas dificuldades. Quanto à formação, estando esta centrada na pessoa, tem muito mais em conta o percurso pessoal e familiar do adulto, bem como o seu contexto social e cultural e as suas características psicológicas, estando mais direccionada para

trabalhar com as pessoas e para o seu acompanhamento e orientação em termos de percurso educativo.

Se é verdade que todo o nosso património em termos de acumulado experiencial é determinante para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem, também há que ter em linha de conta a necessidade de estarmos despertos e disponíveis para a aquisição de novos saberes. Ou seja, num mundo em constante mudança, designadamente a nível das TIC, por exemplo, é importante termos em prática a nossa capacidade de adaptação. É como se fossemos actores de uma qualquer companhia teatral e a cada nova peça temos que vestir a pele de um novo personagem e interpretá-lo, mudando de registo e esquecendo sempre o personagem que interpretámos na peça anterior, gerando-se assim uma dinâmica e um processo contínuo entre o esquecer e o (re)aprender. Claro que temos já a experiência de representações anteriores, do saber estar em palco, das técnicas teatrais e de lidar com o público e isso é importante, mas cada novo personagem representa e implica uma nova experiência. É a isto que Josso (2005) se refere quando diz que pode ser muito perigoso não saber desaprender e não saber esquecer.

“Uma aprendizagem crítica, não mimética, implica não só conhecer e seguir as regras heterónomas, mas também ser capaz de quebrá-las para assim, desaprendendo, poder voltar a aprender; pressupõe consentir e aquiescer, mas também dissentir e resistir a certos valores e objectivos; exige intimidade com os conteúdos e as técnicas, mas também distância crítica que fomente a sua reinvenção” (Lima, 2003, cit *in* Lima, 2005, p. 52).

De acordo com Cavaco (2002), os adultos aprendem sobretudo na medida em que necessitam de solucionar situações que se lhe colocam no seu dia-a-dia, quer seja em contexto familiar, profissional ou social. Essa aquisição de saberes é realizada, mais ou menos conscientemente, ao longo do seu percurso de vida, fruto das suas vivências e experiências como forma de integração nos diversos contextos de vida. De acordo com Gronemeyer, “a necessidade de aprender não se encontra dentro de um código mas no direito inalienável que cada um tem para sobreviver” (Gronemeyer, 1989, cit *in* Cavaco, 2002, p. 13).

A história de vida de cada indivíduo é única, no sentido em que não há duas pessoas iguais, sendo que a forma como percebem e se apropriam das experiências e dos saberes adquiridos por via do seu percurso de vida é única também. Daí que o processo formativo de cada indivíduo seja indissociável da sua história de vida e se confunda com ela. A educação permanente – entendida enquanto educação ao longo da vida – deve, assim, alargar o seu âmbito de intervenção no que diz respeito à educação de adultos a outros níveis que não apenas o formal ou escolar, focando a sua actuação também a nível social, designadamente proporcionando a aprendizagem através dos papéis sociais que cada indivíduo desempenha, tais como “produtor, consumidor, progenitor, cidadão, elemento do ecossistema...” (Lima *et al.*, 1988, cit *in* Cavaco, 2002, p. 19).

A educação de adultos pode, pois, ser definida como a totalidade de modalidades que propiciam a aquisição de saberes ao longo da trajectória de vida de cada indivíduo. Como tal, quer-se com isto referir a alfabetização, o ensino recorrente, a formação profissional, a educação extra-escolar, i.e., todos os processos educativos a nível formal, informal ou não-formal.

A aprendizagem informal é uma modalidade educativa não organizada, a qual pode ou não ser intencional. Designa-se como educativa, na medida em que provoca alterações de conhecimentos, comportamentos e atitudes dos indivíduos.

À educação informal estão associadas a aprendizagem e a formação experiencial. Estas últimas são processos de aquisição de saberes e de competências, sendo que estão relacionadas com a trajectória de vida dos indivíduos. Uma competência traduz-se na forma eficaz de utilizar saberes, capacidades, informações e estratégias para solucionar problemas concretos do dia-a-dia. A competência é passível de ser transferida e utilizada em situações diversas daquela em que foi apreendida e desenvolvida.

A formação experiencial integra-se no movimento da educação permanente, sendo o adulto o principal responsável pela sua formação. A formação experiencial promove o desenvolvimento integrado do sujeito, por forma a permitir a sua adaptação social e o consequente desenvolvimento social. No entanto, a identidade do sujeito constrói-se

não só através de uma formação racional e reflexiva, mas também através das emoções, dos sentimentos e das experiências de vida.

A aprendizagem informal é uma modalidade de aquisição de saberes que existe desde o princípio da Humanidade, na medida em que os indivíduos sempre aprenderam através da experiência, designadamente pelo processo de tentativa/erro. No entanto, a educação informal, a aprendizagem e a formação experiencial apenas recentemente foram reconhecidas a nível científico.

Foi com o advento da industrialização, sobretudo a partir do Século XIX, que se deu o desenvolvimento do sistema escolar como forma de garantir a escolarização das crianças, outrora educadas pela família, e de responder às necessidades de mão-de-obra qualificada. Até ao final da II Guerra Mundial, a instituição escolar passou a ser a forma privilegiada de acesso ao saber. Mas as alterações sócio-económicas decorrentes desse período histórico puseram a nu uma escola com diversas fragilidades e limitações, sendo necessário dar resposta às mudanças económicas, sociais e culturais.

Foram estas alterações sócio-económicas que colocaram na linha da frente os adultos em termos de intervenção educativa. A aprendizagem através da experiência torna-se central, dado que o enfoque é colocado na educação permanente, entendida enquanto aprendizagem ao longo da vida. É neste contexto que surge a importância atribuída à aprendizagem informal e não-formal, como complemento à educação formal.

A educação informal está associada às acções que não têm objectivos declaradamente educativos, provocando no entanto esse tipo de efeitos. Como tal, a educação informal, ao contrário da educação formal e não-formal, tem uma característica de continuidade.

A educação comporta, assim, três níveis diferentes.

**Quadro 1.** Níveis da Educação (Canário,1999, cit *in* Cavaco, 2002, p. 29)

Nível Formal	Nível Não-Formal	Nível Informal
O protótipo é o ensino dispensado pela escola, com base na assimetria professor-aluno, na estruturação prévia de programas e horários, na existência de processos avaliativos e de certificação.	Flexibilidade de horários, programas e locais, baseado geralmente no voluntariado, em que está presente a preocupação de construir situações educativas “à medida” de contextos e públicos singulares. É justamente no campo da educação de adultos, em regra mais activamente refractários a processos escolarizados, que estas modalidades se têm vindo a desenvolver.	Todas as situações potencialmente educativas, mesmo que não conscientes, nem intencionais, por parte dos destinatários, correspondendo a situações pouco estruturadas e organizadas.

**Fonte:** Adaptado a partir de Aprender fora da escola. Percursos de formação experiencial (p. 29) Cavaco, Carmen (2002) Lisboa: Educa.

Cavaco (2002) refere que, de acordo com Coombs, a educação informal é “O processo que ocorre ao longo da vida, através do qual cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, capacidades, atitudes; a partir das experiências quotidianas e da interacção com o meio ambiente – em casa, no trabalho e nas situações de lazer; a partir do exemplo dado pela família e amigos, das viagens, da leitura dos jornais e livros, escutando rádio, vendo filmes ou televisão. Em geral, a educação informal não é organizada, sistematizada nem sequer, muitas vezes, intencional, mas representa, até ao momento, a principal fatia de aprendizagem durante a vida de uma pessoa, mesmo para as que são altamente escolarizadas. O que o indivíduo aprende através da educação informal limita-se àquilo que o seu meio ambiente lhe pode oferecer (cit *in* Pain, 1990)” (pp. 29-30).

O processo permanente que caracteriza a aprendizagem informal assenta na experiência, sendo que a formação experiencial pressupõe um papel activo do indivíduo, bem como a sua capacidade de experimentar e reflectir sobre as situações e acontecimentos que ocorrem no seu dia-a-dia.

A abrangência da formação experiencial está directamente relacionada com a diversidade de vivências e experiências dos indivíduos nos seus diversos contextos, sendo que cada percurso define e limita as aprendizagens daí decorrentes. Para este processo concorre ainda a capacidade individual de cada pessoa em termos de integração das experiências vividas, a qual depende da forma como cada um percebe e se apropria dessas experiências a nível intelectual, afectivo, emocional, bem como da motivação e da consciência.

A aprendizagem ocorre sobretudo como forma de dar resposta e solucionar situações que se colocam no dia-a-dia, sendo por isso tida como necessária e ocorrendo ao longo da vida.

Mas a formação experiencial, para ser entendida enquanto efectiva aprendizagem, implica uma compreensão do sentido das experiências, i.e., uma reflexão e uma tomada de consciência sobre as experiências de vida.

A formação experiencial implica um processo de transformação de saberes previamente adquiridos em novos saberes através da problematização e do questionamento de experiências já vividas, i.e., “os conhecimentos resultam da transformação da experiência acumulada” (Cavaco, 2002, p. 35), pelo que as diversas experiências de vida de uma pessoa funcionam como um todo. Como tal, existe uma dinâmica entre o presente e o passado em termos das vivências das pessoas, sendo a formação experiencial um processo permanente e contínuo.

De acordo com Cavaco (2002), há dois tipos de aprendizagem informal: as adquiridas através das estruturas em que o indivíduo se insere (família e grupo de pares) e as adquiridas através do contacto com a sociedade em geral (produção, comunicação, distribuição), não havendo por norma intenção de aprender por parte do indivíduo, sendo que estas aprendizagens se efectuam por repetição.

Neste contexto, todas as pessoas são educadores e aprendizes, passando a educação permanente a estar nos locais onde as pessoas se movimentam. Ou seja, o meio (familiar, profissional, social, político e económico) onde as pessoas estão inseridas possui um carácter formativo contínuo, sendo que as situações e

acontecimentos de vida aí desenvolvidos potenciam as aprendizagens mais significativas e estruturantes.

Em síntese, pode dizer-se que as pessoas aprendem sobretudo através do tipo de experiências de vida e da forma com as vivem, bem como através do contacto com os que fazem parte da sua rede de relações ou de outros que se cruzam com elas ao longo do seu percurso de vida.

## **2.2. A UNESCO e a formação de adultos**

Os processos educativos assumem um papel relevante a partir da segunda metade do século XX, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, através de práticas educativas direccionadas para adultos, afirmando-se assim o campo da formação de adultos no qual a UNESCO desempenhou um papel decisivo.

A definição de educação de adultos saída da Conferência de Nairobi, promovida pela UNESCO em 1976, é ainda hoje uma referência: "(...) O conjunto de processos organizados de educação qualquer que seja o conteúdo, o nível e o método, quer sejam formais ou não formais, quer prolonguem ou substituam a educação inicial dispensada nos estabelecimentos escolares e universitários e sob a forma de aprendizagem profissional, graças aos quais pessoas consideradas como adultas pela sociedade de que fazem parte desenvolvem as suas aptidões, enriquecem os seus conhecimentos, melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou lhes dão uma nova orientação, e fazem evoluir as suas atitudes ou o seu comportamento na dupla perspectiva de um desenvolvimento integral do homem e de uma participação no desenvolvimento socioeconómico e cultural equilibrado e independente" (Canário, 2006, p.161).

Foram várias as conferências da UNESCO que influenciaram a perspectiva e o caminho da educação de adultos ao longo do tempo.

Tal como refere Cavaco (2009), a I Conferência Internacional de Educação de Adultos foi realizada em Elseneur, na Dinamarca, em 1949. Nesta conferência foi abordada sobretudo a questão da educação popular. A tónica é colocada na educação cívica e cultural, como forma de se aprender a viver em sociedades democráticas.

O final da II Grande Guerra justifica a importância dada à formação cívica e cultural, bem como a influência do humanismo, valorizando-se a capacidade de intervenção social e a atitude reflexiva crítica por forma a atingir-se a emancipação e a manter-se a democracia. Há, assim, uma relação entre educação de adultos e justiça social.

A II Conferência da Unesco foi realizada em Montreal, em 1960, destacando-se a educação de adultos enquanto domínio estratégico do sistema educativo. É atribuída importância ao papel dos Estados e das ONG neste domínio, propondo-se modalidades de educação profissional, cívica, social e cultural, acessíveis a todos.

Nesta conferência há a destacar a perspectiva ampla da educação de adultos – desenvolvimento, promoção social, igualdade de oportunidades e paz entre os povos –, na medida em que se valorizam acções de carácter formal e institucional e outras acções mais abrangentes associadas à cultura e ao lazer. A prioridade centra-se nos analfabetos e numa educação de segunda oportunidade. Nesta conferência é visível a relação entre a formação de adultos e o desenvolvimento dos países.

A II Conferência é influenciada pelos modelos educativos receptivo alfabetizador e dialógico social por via da promoção da alfabetização e da educação de base de adultos. Como tal, a lógica da compensação enquadra-se no modelo receptivo alfabetizador, na medida em que se toma como ponto de partida as lacunas em termos de competências de leitura e escrita, pretendendo-se ultrapassá-las no que se refere a uma grande percentagem da população. Já a lógica da emancipação adequa-se ao modelo dialógico social, uma vez que se coloca o enfoque na alfabetização e educação de base de adultos enquanto estratégias para fomentar a participação da população na vida social e política.

Na perspectiva de Cavaco (2009), a III Conferência da UNESCO, realizada em Tóquio, em 1972, reforça a necessidade de articular a educação de adultos e o desenvolvimento, defendendo que esta tem como função contribuir para que as pessoas participem activamente como sujeitos no processo de desenvolvimento social. Dá-se ainda relevo à questão da diversidade da educação de adultos, respeitando-se e incentivando-se tal diversidade através das funções, actividades, públicos, entidades e agentes nela envolvidos.

As linhas orientadoras desta conferência referem-se à democratização do acesso à educação de adultos, ao enfoque nos grupos desfavorecidos (trabalhadores, imigrantes, populações rurais, trabalhadores agrícolas sem formação profissional qualificada, deficientes, mulheres, jovens, desempregados e idosos) e à educação funcional. A educação de adultos é associada à promoção social, salientando-se a relação entre o nível de estudos e o emprego obtido, e valorizando-se as aspirações individuais e o desenvolvimento económico e social dos países.

Esta Conferência tentou operar uma ruptura com o modelo escolar e com as campanhas de alfabetização enquadradas no modelo receptivo alfabetizador, colocando o enfoque no movimento da educação permanente, o qual fomentou a adopção do modelo dialógico social como forma de desenvolver as potencialidades de cada pessoa.

A IV Conferência da UNESCO, realizada em Paris, em 1985, coloca o enfoque no facto de que a educação de adultos é central por forma a atingir-se a educação permanente. A educação é vista como um direito, sendo por isso necessário democratizar e tornar acessível e exequível a todos a educação de adultos.

A preocupação com os analfabetos funcionais – ou iletrados - dos ditos países desenvolvidos é visível, designadamente a nível dos grupos desfavorecidos (jovens, mulheres e pessoas das zonas rurais e das periferias urbanas), embora o enfoque continue a ser colocado nos ditos países do terceiro mundo.

O direito à educação é aqui entendido enquanto promotor de práticas mais centradas nas aprendizagens dos adultos e no sucesso educativo, ao invés de privilegiar-se o processo educativo e a igualdade de oportunidades no acesso à educação.

Nesta conferência há uma maior preocupação em orientar a educação para o trabalho, podendo este ser já um indício da ruptura que ocorreu na V Conferência.

A V Conferência da UNESCO, realizada em Hamburgo, em 1997, caracteriza-se por denotar uma situação de ruptura com o cenário de continuidade vindo das conferências anteriores, passando-se de uma perspectiva social e humanista de

educação permanente para uma orientação “económica e realista da produção de competências” (Carré e Caspar, 1999, cit *in* Cavaco, 2009, p. 93), suportada pela abordagem da aprendizagem ao longo da vida. Esta perspectiva tem por base uma visão pragmática no que se refere à resolução de problemas relacionados fundamentalmente com a competitividade económica e com o desemprego. Ao contrário, o movimento da educação permanente assentava numa visão humanista.

Tal ruptura é suportada pela ideia de que é necessário adoptar-se uma educação de adultos mais ajustada às sociedades modernas, passando a utilizar-se expressões e termos como aprendizagem ao longo da vida, educação e formação de adultos e competências.

Aqui as acções de alfabetização são orientadas sobretudo para o desenvolvimento de competências básicas direccionadas para a empregabilidade, sendo que as acções de pós-alfabetização são simultaneamente da responsabilidade das pessoas, da sociedade civil e do Estado.

Nesta Conferência a educação é vista como um direito e como um dever, responsabilizando-se o indivíduo pela procura de educação e pela resolução dos seus problemas, sendo cada pessoa responsável pelo seu sucesso ou fracasso, o que leva ao agravar das desigualdades sociais, designadamente no que se refere aos adultos pouco escolarizados, penalizando quem não teve acesso a uma boa formação de base.

Esta Conferência destaca a importância das parcerias, bem como das capacidades e da experiência das entidades da sociedade civil e das empresas, delegando nelas competências do Estado. A responsabilização da sociedade civil e o estabelecimento de parcerias conduz à demissão do Estado e à privatização da educação assente numa lógica de económica de mercado.

No que se refere à alfabetização e à educação de base de adultos, o Estado passa a assegurar apenas a “(...) definição de políticas, o financiamento das práticas, os referenciais de competências, a acreditação das entidades formadoras, a formação de formadores e a disseminação de boas práticas” (Cavaco, 2009, p. 127).

Uma outra preocupação desta Conferência reside na qualidade e na eficácia, uma vez que estes são indicadores utilizados pela lógica de mercado como garante da competitividade e do desenvolvimento económico. De acordo com Cavaco (2009), o modelo económico produtivo direcciona-se para a formação da população activa e para o desenvolvimento de competências no sector produtivo, predominando neste modelo a lógica da gestão de recursos humanos orientada para a competitividade.

É ainda nesta Conferência que são elaboradas propostas, ainda que vagas, de metodologias de reconhecimento dos adquiridos experienciais, sendo este processo no entanto associado à progressão de estudos no ensino formal e ao acesso ao emprego e à formação profissionalizante.

Ao longo das suas cinco conferências, na perspectiva de Cavaco (2009), a UNESCO vai deixando de falar em analfabetos e em alfabetização, passando a referir-se a públicos desfavorecidos. Se na primeira situação as acções eram dirigidas para a aquisição de competências de leitura e escrita, na segunda é dado relevo à importância do uso social dessas competências.

A UNESCO teve o mérito de dar visibilidade internacional ao analfabetismo enquanto problema social e político, ao tentar melhorar a qualidade de vida das populações e o desenvolvimento dos países, o que possibilitou a implementação de medidas de alfabetização, mas ao mesmo tempo contribuiu para subordinar tais medidas à lógica da racionalidade económica, instrumentalizando-as.

Como tal, ao colocar a tónica no défice de conhecimentos e competências, pôs a nu as suas fragilidades, originando a estigmatização social dos analfabetos, bem como a desvalorização dos seus saberes e da sua cultura.

Assim, se se justificava a importância das políticas de alfabetização de adultos com base num discurso orientado para o défice dos analfabetos, ao mesmo tempo propunham-se metodologias inovadoras de intervenção sustentadas nos saberes e na cultura desses mesmos analfabetos.

Neste sentido, teoricamente, defendia-se a utilização do modelo educativo dialógico social, ao passo que, em termos práticos, recorria-se ao modelo educativo alfabetizador receptivo.

As práticas de educação de adultos foram-se institucionalizando e subordinando gradualmente ao modelo escolar, fruto deste tipo de intervenção estar centralizado nos governos e ser imposto às bases. Isto porque o analfabetismo era entendido como um obstáculo ao desenvolvimento dos países.

Tal institucionalização tem efeitos perversos, na medida em que não questiona ou critica as instituições, utilizando as experiências não formais e as aprendizagens significativas daí decorrentes e reduzindo-as a uma estrutura formal e institucional, justificando assim uma “estratégia global da escolarização permanente” (Nóvoa, 1988, cit *in* Cavaco, 2009, p. 116), já que esta estratégia é a que melhor se adequa aos interesses das sociedades capitalistas industrializadas e à lógica da racionalidade económica. Daí que continua a subestimar-se a capacidade que cada um tem para se auto-educar, sendo que “alfabetizar continuou a ser ‘ensinar o mínimo aos adultos’” (Fernández, 2006, cit *in* Cavaco, 2009, p. 116).

O movimento da educação permanente tem, pois, como fragilidades a ausência de uma reflexão e de uma postura crítica perante o desenvolvimento industrial, bem como a inexistência de um questionamento relativamente ao conhecimento do processo formativo.

### **2.3. A União Europeia e a formação de adultos**

A Comissão Europeia publicou o Livro Branco “Ensinar e aprender. Para uma sociedade cognitiva” em 1995.

Em termos políticos, a construção europeia destaca a educação e a formação de forma subordinada à lógica económica, referindo que a educação ao longo da vida corresponde essencialmente à formação profissional, sendo que esta última deve ir de encontro às necessidades das empresas.

Como tal, a formação de adultos surge como uma forma de “gestão social do desemprego” (Canário, 2008, p. 90), tendo como finalidade aumentar a produtividade e criar emprego.

A educação de adultos e a criação de um manancial de ofertas formativas a ela associadas denota uma visão da educação como sendo um instrumento ao serviço da economia de mercado. A esta perspectiva junta-se uma visão técnica das práticas educativas, a qual privilegia critérios usualmente relacionados com as empresas, como sejam a “eficácia” e a “qualidade”. A formação é vista sob a dupla perspectiva de instrumentalidade e de eficácia.

As pessoas são vistas como “consumidores” ou “clientes”, optando pela acumulação individual de certificados e diplomas, tornando-se gestoras da sua formação, de acordo com o mercado. A lógica do “aprender a ter” sobrepõe-se, pois, à lógica do “aprender a ser”.

“Trata-se, no fim de contas, de tornar o indivíduo responsável pela sua própria formação, pela sua inserção, mesmo pelo seu despedimento” (Dubar, 1996, cit *in* Canário, 2008, p. 90).

O Livro Branco faz referência à educação e formação ao longo da vida numa perspectiva utilitária e instrumental, ao serviço da racionalidade económica de mercado, valorizando a relação da educação com o mundo do trabalho (“ligar a escola à empresa”) como forma de resolução dos problemas de emprego e das empresas.

Neste documento é citado por diversas vezes o Livro Branco “Crescimento, competitividade, emprego” (Comissão Europeia, 1993), o qual apresenta uma perspectiva da educação e da formação em termos de instrumentos a utilizar para o desenvolvimento de competências por forma a facilitar a inserção profissional.

O Livro Branco apresenta, pois, a educação segundo uma lógica economicista, subordinando a educação à economia de mercado.

Este documento menciona o reconhecimento, validação e certificação de competências, bem como a carteira pessoal de competências, no sentido de solucionar a situação dos jovens que saem do sistema educativo sem certificação escolar ou qualificação profissional, colocando o enfoque nas questões do emprego. Há, pois, uma aposta no reconhecimento e validação de adquiridos experienciais, mas apenas de acordo com uma lógica de gestão de recursos humanos e de

desenvolvimento económico. Está-se perante uma lógica instrumental direccionada para a obtenção de certificações escolares e/ou profissionais como forma de promoção da mobilidade e da empregabilidade.

“O reconhecimento de adquiridos (...) é entendido como uma estratégia que permite um reposicionamento do indivíduo na sociedade, nomeadamente no mercado de trabalho. Este novo entendimento das práticas de reconhecimento de adquiridos reflecte a mudança de perspectiva educativa, na passagem do movimento de educação permanente para o referencial da aprendizagem ao longo da vida” (Cavaco, 2009, p. 139).

De acordo com Cavaco (2009), no que se refere ao Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida, o qual foi publicado pela Comissão Europeia em 2000, existe a pretensão de facilitar a postura em prática do que foi preconizado pelo Livro Branco da Educação e Formação.

A aprendizagem ao longo da vida pressupõe a necessidade de aprender desde o nascimento até à morte, como garante de empregabilidade, inclusão social, competitividade e desenvolvimento económico. A aprendizagem é vista como um direito e um dever das pessoas, centrando-se a responsabilidade nos indivíduos e referindo-se a cidadania activa como estratégia de responsabilização individual por forma a não passarem por situações de exclusão social.

Quando se fala em cidadania activa, quer-se com isso significar a participação no mundo do trabalho, destacando-se as questões económicas e a gestão de recursos humanos.

O documento apela às parcerias e à responsabilidade dos parceiros sociais, às ONG e à sociedade civil, privilegiando o nível de intervenção local, o que pressupõe um enfoque na descentralização. Mas este documento refere muito pouco o papel do Estado, denotando uma demissão do Estado e salientando antes uma perspectiva de mercado relativamente à educação e formação.

O documento faz ainda referência à totalidade da população, não identificando prioridades em termos de públicos, como é o caso das pessoas desfavorecidas

socialmente ou daquelas que menos beneficiam da formação, nem foca os adultos analfabetos ou pouco escolarizados.

A educação e a formação ao serviço da produtividade, da competitividade e do crescimento não são a solução para os problemas sociais existentes actualmente. Apesar de ser uma vantagem competitiva individual a nível da obtenção de emprego, as qualificações gerais não são directamente proporcionais ao volume total de trabalho nem à sua distribuição, pelo que a formação não cria empregos. O aumento da riqueza também não é garante da sua distribuição mais equitativa, como aliás se tem verificado, pelo que os problemas sociais actuais não podem ser resolvidos de acordo com uma lógica de competição, produção, apropriação e acumulação individual de bens.

Em síntese, a educação de adultos encontra-se numa encruzilhada. Se na sua origem tinha como objectivo a mudança social, hoje “a educação de adultos substitui o discurso emancipatório do ‘bem comum’ e o modelo politicamente inspirado do bem-estar colectivo por um discurso sobre a auto-realização individual e a racionalidade do mercado, i.e., a competitividade. Como consequência da sua ‘evolução’ bem sucedida, a educação de adultos enfrenta agora uma situação paradoxal” (Finger, 2005, pp. 27-28).

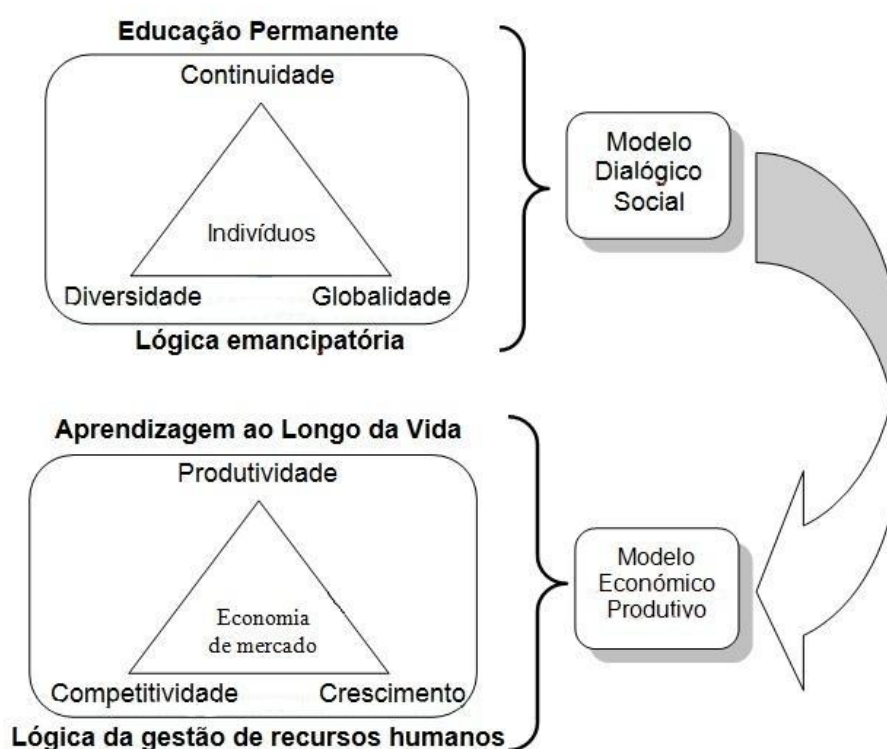


Figura 1 – Percurso histórico da EFA

#### **2.4. O contexto português e a formação de adultos**

De acordo com Lima (2005), em Portugal, a educação de adultos, entre 1974 e 2004, é um campo marcado por políticas educativas descontínuas, havendo no entanto uma situação de continuidade ao longo do tempo. Ou seja, “a sociedade política portuguesa, os sectores hegemónicos da sociedade de ontem e de hoje sempre alcançaram um grande sucesso nas suas intenções (...) de impedir aquela maioria dos portugueses adultos de se tornarem verdadeiros cidadãos por forma a participarem, conscientemente e informadamente, na (re)organização e na (re)criação da *res publica*” (Melo, 2004, cit in Lima, 2005, p. 32).

A estas políticas descontínuas está ainda associada a ausência de um fio condutor. Neste sentido, de acordo com Cavaco (2009), “A Direcção-Geral de Educação Permanente (DGEP) foi criada em 1971 (Decreto-Lei 408/71), sob a influência das orientações da UNESCO e do movimento da educação permanente, e extinta em 1977 pelo I Governo Constitucional, sendo substituída pela Direcção-Geral de Extensão Educativa (DGEE). O II Governo, em 1978, recusa a ratificação do Decreto-Lei que extingue a Direcção-Geral de Educação permanente. No V Governo, em 1979, é extinta a Direcção-Geral de Educação Permanente (Decreto-Lei 534/79), criando-se a Direcção-Geral de Educação de Adultos (DGEA). O X Governo, em 1987, extingue a Direcção-Geral de Educação de Adultos e cria a Direcção-Geral de Apoio e Extensão Educativa (DGAE). O XI Governo, em 1989, ou seja, apenas dois anos após a última alteração, extingue a Direcção-Geral de Apoio e Extensão Educativa e cria a Direcção-Geral de Extensão Educativa (DGEE). O XII Governo, em 1993, extingue a Direcção-Geral de Extensão Educativa e define que as suas competências passem a ser asseguradas por dois departamentos: o Departamento do Ensino Básico (DEB) e pelo Departamento do Ensino Secundário (DES)” (p. 144).

Na perspectiva de Lima (2005), ultimamente a educação de adultos está submetida às lógicas da formação profissional contínua, deslocando-se assim da área da educação para a área da economia e para a área da gestão dos recursos humanos.

A ausência de uma política pública de desenvolvimento no que se refere à educação de adultos caracteriza as políticas das últimas décadas, através da ausência de políticas consistentes, desresponsabilizando o Estado e não cumprindo a Constituição

da República<sup>2</sup> relativamente à democratização da educação, designadamente no que concerne à população historicamente privada dos direitos sociais básicos.

A ausência de uma política global e integrada no que diz respeito à educação de adultos – educação básica, educação popular, educação comunitária e desenvolvimento local – é uma constante, a qual pode ser analisada sob a perspectiva de uma forma de controlo e de reprodução social.

Quanto ao controlo social, houve um retorno a orientações escolarizantes, controladas centralmente pela política e pela administração da educação. O campo da educação de adultos passou a estar formalizado de acordo com uma educação escolar de segunda oportunidade, i.e., o ensino recorrente.

No que diz respeito à reprodução social, há uma aproximação à modernização económica e à produção de mão-de-obra qualificada associadas a orientações vocacionais e de produção de capital humano.

Tal como refere Lima (2005), “As lógicas de promoção de um direito humano básico, da solidariedade e do bem comum, da justiça social, mais típicas da educação básica de adultos e da educação para a cidadania democrática, são confrontadas com a lógica da empregabilidade, da competitividade e da emulação, com as quais muito dificilmente têm podido conviver” (p. 34).

As políticas públicas de educação debatem-se actualmente com “um problema de muitas décadas de políticas educativas para o controlo social, face a uma população adulta pouco escolarizada, com elevadíssimas taxas de analfabetismo literal, ultrapassando os 20% em vários concelhos do país e, nos últimos trinta anos, tem sido ainda a ausência de uma política de educação de adultos democrática, séria e competente, tão paciente (porque sabe que a mudança exige tempo) quanto

---

<sup>2</sup> A Constituição refere no seu Artigo 43.º (Liberdade de aprender e ensinar) que “É garantida a liberdade de aprender e ensinar (...)”; no seu Artigo 73.º (Educação, cultura e ciência) que “2. O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida colectiva (...)”; e no seu Artigo 74.º (Ensino) que “1. Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar; 2. Na realização da política de ensino incumbe ao Estado: (...) c) Garantir a educação permanente e eliminar o analfabetismo (...)” (Constituição da República Portuguesa, 2005, pp. 36, 51-52).

esperançosa, sistemática e consequente (porque sabe que sem retaguarda educativa e sem desenvolvimento humano não há modernização democrática e sustentável)” (Lima, 2005, p. 35).

As políticas e as práticas de desenvolvimento socioeducativo, mais do que utilizar instrumentos legislativos ou programas vocacionais ou de reconversão, assentam no facto de que o indivíduo é o actor e o sujeito da sua própria transformação.

As lógicas de modernização económica não valorizam as tradições e as culturas locais, a experiência de vida dos adultos, bem como não valorizam a educação de adultos em termos da sua história, das suas teorias educativas e das suas metodologias pedagógicas de educação popular.

Nas últimas três décadas assiste-se, pois, a uma deslocação das políticas de educação popular para as políticas de formação e qualificação e de gestão de recursos humanos.

Imediatamente após o 25 de Abril de 1974, na perspectiva de Canário (2006), emergiram diversas formas de intervenção características da educação popular, as quais surgiram através da mobilização das populações, traduzindo-se sobretudo em acções com uma lógica *bottom-up* (da comunidade para o Estado e a administração), assistindo-se a uma deslocação do Poder do “Estado para a sociedade civil”. Exemplos destes tipos de organizações são a criação de comissões, quer sejam nos bairros, nas aldeias, nas empresas ou nos quartéis. Estas comissões eram eleitas pela base, retirando-se assim parte do controlo e do poder ao Estado e aos patrões, havendo uma auto-gestão por parte dos trabalhadores. Este movimento popular demonstrou possuir uma dimensão autónoma, gerando uma dinâmica de aprendizagens para os trabalhadores, designadamente através da sua participação em debates e decisões, em formas de luta, na gestão autónoma de empresas e herdades. Esta acção transformadora permitiu aprender a exercer a democracia.

A educação popular no período revolucionário ocorreu fruto de, no período da ditadura, “(...) a educação de adultos e a educação não formal se terem afirmado como um campo de resistência e de autonomia à margem da esfera do Estado” (Canário, 2006, p. 171). Ou seja, os antecedentes do movimento popular têm por base

a actividade autónoma do movimento operário entre o século XIX e 1974, consubstanciada no mutualismo, nas associações culturais, recreativas e de instrução, na construção do movimento sindical e na criação de cooperativas.

A par com as modalidades de organização formais do movimento operário, existem ainda modalidades de organização informal e de resistência no período da ditadura, tais como círculos de estudo e de leitura, constituição de bibliotecas operárias, entre outros.

O movimento popular no pós 25 de Abril é assim entendido como um processo colectivo de aprendizagem. O principal objectivo passa por desenvolver, fomentar e aproveitar as vertentes educativas, formativas e comunitárias das práticas sociais e lúdicas, tendo em vista a mudança social, ao invés da promoção de acções educativas escolarizadas. É esta, pois, a perspectiva da “educação popular”.

A educação de adultos não formal tem por base a iniciativa de diversas associações, movimentos políticos e “organizações populares de base” que desenvolvem actividades a nível local e regional.

As iniciativas de mobilização sociocultural e educação popular são descentralizadas, pelo que este designado “poder popular” confrontou-se com a “alfabetização”, sujeita a políticas e aparelhos centralizados, mais concretamente à Campanha de Dinamização Cultural, organizada pelo MFA e apoiada pelo Ministério da Educação.

A Direcção Geral de Educação Permanente, entre 1975 e 1976, reconhecia efectivamente o papel das organizações e associações locais, fomentando as iniciativas socioeducativas no que se refere à educação de adultos, cuja política pode ser resumida através da expressão “A educação dos adultos será obra dos próprios adultos” (Melo, 1977, cit *in* Canário, 2006, p. 175). O Ministério da Educação praticava uma política educativa de cariz popular descentralizada, integrando as próprias associações na construção e operacionalização dessa política, ou seja “colocava a administração pública ao serviço das iniciativas populares” (Canário, 2006, p. 176) com vista a desenvolver um sistema de educação permanente.

A partir de finais de 1976 o papel do associativismo local em termos da educação popular de adultos vai-se diluindo, fruto da introdução do planeamento educativo e da centralização do poder no Ministério da Educação. As recomendações da UNESCO influenciaram a constituição de uma política pública de desenvolvimento da educação de adultos, pelo que daí surgiu um Plano Nacional de Alfabetização e de Educação de Bases dos Adultos. O PNAEBA agregava as influências humanistas da UNESCO relativamente à educação permanente, assim como as dinâmicas educativas populares desenvolvidas na sequência do 25 de Abril.

O PNAEBA propunha metas para a erradicação de analfabetismo, bem como sugeria a criação de um Instituto Nacional de Educação de Adultos.

O PNAEBA defende “a centralidade da pessoa nos processos educativos, a valorização da participação na vida cultural, social e política, a globalidade e continuidade da acção educativa, no quadro de um sistema de educação permanente orientado para o desenvolvimento (...)” (Canário, 2006, p. 178). Nesta óptica, há que pôr em prática metodologias que privilegiem a relação entre os conhecimentos, as práticas e o meio de vida do adulto, o reconhecimento do saber adquirido por experiência e a possibilidade de (re)utilizar em termos práticos o saber adquirido.

Neste sentido, o enfoque é colocado na educação não formal - “...forma de organização descentralizada e controlada pelos participantes, de tipo associativo, e uma actividade cujo objecto principal é a valorização e o enriquecimento dos saberes e dos prazeres dos adultos participantes” (PNAEBA, Relatório Síntese, 1979, cit *in* Canário, 2006, p.179) - em articulação permanente com a educação escolar ou formal, defendendo-se uma intervenção localizada – integrada, endógena e participativa - e a utilização dos recursos locais – humanos e físicos. Como tal, foi proposta a criação de uma rede nacional de centros de cultura e de educação permanente, sendo que a articulação entre a intervenção educativa e o desenvolvimento local deram origem a “programas regionais integrados”, os quais apenas funcionaram a título experimental.

Em meados da década de oitenta, chegou-se à conclusão de que o PNAEBA não fora posto em prática.

Tal como refere Canário (2006), o relatório que permitiu chegar a esta conclusão – “Reorganização do subsistema de educação de adultos” (Lima e outros, 1988) -, referia ainda três ideias-chave relativamente ao reconhecimento da importância dos processos educativos não formais:

1. Rejeição da intervenção educativa apenas no que se refere “às instituições especializadas na transmissão do saber”, valorizando as potencialidades educativas a nível das famílias, associações e comunidades;
2. Assunção das “culturas locais” e “iniciativas de base” como “mananciais de recursos” fundamentais para a elaboração de efectivos programas de educação de adultos;
3. Proposta do reconhecimento de que muitos dos saberes são encontrados “na própria sociedade, graças a projectos educativos que saibam associar formação, investigação e acção”.

Como tal, “(...) a par com o sistema formal de ensino, torna-se indispensável recorrer às virtualidades educativas de instituições e situações sociais como ‘(...) o local de residência, a família, o ambiente de trabalho, as organizações colectivas” (Lima e outros, 1988, cit *in* Canário, 2006, p. 169).

Este documento propõe ainda, de acordo com Canário (2006), uma “estratégia integrada de desenvolvimento da educação de adultos” como forma de elevação do nível educativo da população. Para tal, define um “Plano de Emergência”, o qual tem como objectivo proporcionar uma segunda oportunidade a jovens e adultos em termos da elevação do seu nível educativo. Os grupos-alvo prioritários, no que a este plano se refere, são a população activa com baixos níveis de qualificações escolares e/ou profissionais. Tal como refere Canário (2006), o diagnóstico que suportou este Plano de Emergência é idêntico ao que justifica o programa “Novas Oportunidades” iniciado em 2005.

A diferença entre este documento e o programa “Novas Oportunidades” reside no carácter humanista do primeiro, ou seja, o relatório defende a garantia de condições de acesso e de sucesso educativo aos mais desfavorecidos, tendo em conta a igualdade de oportunidades; afirma a lógica de serviço público, rentabilizando os equipamentos e recursos, com a abertura de escolas e centros de formação profissional em horário pós-laboral e aos fins-de-semana, possibilitando a co-gestão

dos adultos; afirma como valor central a participação de todos os interessados aos diversos níveis do processo, desde a planificação até à execução, avaliação, controlo e certificação da formação.

Nesta época foi ainda aprovada a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986). Esta lei permitiu formalizar e escolarizar a educação de adultos, a qual surge de modo isolado no documento, pelo que tal lei não contribuiu para o desenvolvimento da educação de adultos nem da educação não formal de cariz emancipatório.

De acordo com Canário, "(...) a educação é reduzida ao escolar e, na educação escolar, a educação e formação de adultos é reduzida a uma oferta de segunda oportunidade dirigida a públicos adultos analfabetos ou com muito baixas qualificações escolares e/ou profissionais. Acresce que também é redutora a concepção de educação permanente, encarada como uma formação pós-escolar, dirigida a adultos pouco escolarizados e com claras finalidades de adaptação e ortopedia social. (...) da 'aplicação' desta Lei de Bases não resultaram alterações significativas no que diz respeito à educação não formal" (p. 168). Esta foi uma escolha política deliberada, a qual conduziu à perspectiva vocacional do sistema educativo, bem como "(...) à passagem de um horizonte de 'educação permanente' para uma concepção de 'aprendizagem ao longo da vida'" (Canário, 2003, cit *in* Canário, 2006, p. 180).

A educação de base dos adultos foi relegada para segundo plano, colocando-se o enfoque na modernização económica, na eficácia e eficiência da gestão pública e privada, no aumento da produtividade, na internacionalização e na competitividade da economia. Foi dado relevo ao ensino recorrente de adultos e à formação profissional, ambos frequentados sobretudo por jovens adultos pouco escolarizados.

O ensino recorrente é tido como um ensino de segunda oportunidade, o qual funciona predominantemente em estabelecimentos do ensino regular e em horário nocturno. O ensino recorrente caracterizou-se por um forte abandono, bem como por dificuldades de articulação com a educação extra-escolar, com a educação popular e com o associativismo local, acabando por funcionar de acordo com uma lógica centralizada e dando respostas a questões, tais como certificação escolar correspondente aos níveis praticados nos ensinos básico e secundário e à lógica do prosseguimento de estudos.

A formação profissional é entendida como uma forma autónoma e paralela relativamente à educação e à formação geral, não havendo articulação entre esta e a educação de base de adultos.

Na óptica de Lima (2005), as décadas de oitenta e noventa são, pois, marcadas pelo ensino recorrente e pela formação profissional no que se refere às políticas de educação de adultos.

Como tal, as políticas públicas direccionadas para o apoio à educação popular e ao associativismo socioeducativo deixaram um espaço vazio, o qual ainda hoje se encontra por preencher no que diz respeito a políticas educativas.

A educação popular resiste à margem do sistema educativo, quer seja através de projectos de investigação-acção e de investigação participativa, quer seja através de políticas sociais e dos novos programas comunitários de apoio a determinadas áreas sociais, como sejam a infância, a terceira idade, a formação profissional, o combate à pobreza, entre outros.

Neste contexto, a educação de base de adultos está sujeita a problemas e adversidades, sobretudo quando pretende contribuir para uma educação de base crítica, com vista à democracia política e económica, à transformação do poder de decisão e à mudança social, já que a perspectiva elitista da democracia e a competitividade económica, as quais influenciam a qualificação e a gestão dos recursos humanos, colocam um entrave aos ideais e ao potencial da educação de base de adultos, pondo em evidência “(...) processos de aprendizagem individual e aparentemente neutros e despolitizados como forma de ajustamento e adaptação funcional aos imperativos do capitalismo global” (Lima, 2005, p. 43).

A educação ao longo da vida é um ideal educativo com mais de três décadas, mas actualmente incide sobretudo na sua variante de formação e aprendizagem ao longo da vida e assenta no facto de que os adultos aprendem permanente e naturalmente por sua iniciativa, sem necessidade de recurso a políticas públicas de educação de adultos.

A modernização económica e a gestão de recursos humanos influenciam a política educativa, sendo que esta lógica surgiu em Portugal nos últimos anos, recorrendo a financiamentos públicos, bem como a lógicas de mercado, de gestão privada e da escolha pública, não tendo em conta a maioria da população adulta cultural e economicamente excluída do “mercado de aprendizagem”.

A modernização do país, sobretudo a nível económico, e a respectiva política educativa de gestão de recursos humanos, intensificou-se a partir de meados dos anos oitenta como forma de resposta aos designados desafios da integração europeia.

A emergência da modernização de carácter neoliberal e conservador ocorreu simultaneamente à expansão do Estado-Providência em domínios sociais e educativos e, no que se refere à educação de adultos, tal não trouxe ganhos significativos, apesar da afectação de fundos direccionados fundamentalmente para o ensino recorrente e para a formação profissional. Esta afectação de fundos ocorreu no âmbito do PRODEP, tendo este programa uma orientação para a modernização económica e para a qualificação de mão-de-obra, verificando-se assim o reforço da certificação escolar e da qualificação profissional, bem como o alargamento da oferta formativa e o incentivo da procura de certos públicos. Mas esta situação não permitiu a realização de uma política pública de educação de adultos, já que a existência de uma administração centralizada não permitiu o ressurgir da lógica da educação popular e do associativismo.

De acordo com Lima (2005), um outro problema estrutural das políticas educativas está relacionado com a descontinuidade das políticas e das acções, tendo em conta as fragilidades socioeducativas existentes.

Apesar de se fazer um apelo e de se acreditar que a educação poderá ser uma forma de resolução dos problemas económicos e sociais, tal não se tem verificado na prática. Até porque “(...) em termos de valorização e de prioridades nunca se trata da educação toda e raramente da educação para todos” (Lima, 2005, p. 45).

O objectivo consistia na mobilização de elites e em assegurar a formação de uma mão-de-obra assalariada, embora de modo politicamente controlado, e não a educação básica de todo o povo. Este objectivo está relacionado com a modernização

económica e autoritária, fomentado o controlo da educação pública enquanto forma de produção de capital humano necessário às exigências do crescimento económico e da competitividade. Esta é, pois, uma forma de qualificar determinados recursos humanos relativamente a determinados sectores económicos e sociais, ao invés de se praticar uma educação humanista e democrática por forma a alcançar-se o efectivo desenvolvimento humano e social de todos os cidadãos.

Na perspectiva de Lima (2005), apesar da educação para a modernização ter-se revelado sem sucesso, as políticas educativas continuam a dar destaque à “formatividade” ao invés da educação, à responsabilidade individual ao invés da responsabilidade social e do destino colectivo, privilegiando orientações imediatistas e de curto prazo.

No decurso da década de noventa, o ensino recorrente e a formação profissional são as alternativas possíveis no que se refere ao campo da educação de adultos, deixando de se dar relevo a outras áreas, tais como as questões da alfabetização e da literacia.

Em 1995/1996, o PS coloca a educação de adultos no centro do seu discurso, partindo da constatação de que não existia um sistema de educação de adultos. Como tal, retoma o tema referindo a necessidade da existência de uma “(...) política de desenvolvimento, promoção da educação extra-escolar, educação para o desenvolvimento, apoio ao movimento associativo. Em suma, (...) o renascimento da educação de adultos” (Lima, 2005, p. 46).

Em 1998, uma equipa nomeada pela Secretaria de Estado da Educação e Inovação elaborou um documento onde se propunha o desenvolvimento de uma política pública de educação de adultos em que “o Estado assumiria as suas responsabilidades e definiria políticas, criaria um sistema nacional, financiaria e desenvolveria parcerias” por forma a articular uma “lógica de serviço público” com uma “lógica de programa”, tendo em conta quatro áreas, designadamente a formação de base, o ensino recorrente, a educação e formação ao longo da vida e a educação para a cidadania.

Tal documento seguia as linhas orientadoras já contidas no PNAEBA, retomando a perspectiva da educação popular e de base de adultos, bem como a garantia de uma oferta pública e a criação de um sistema autónomo e descentralizado composto por

“unidades locais”, centros de balanço de competências e estruturas de validação de aprendizagens, existindo um serviço central de credenciação e registo de entidades que intervinham na área da educação de adultos. Era, assim, proposta a criação da Agência Nacional de Educação de Adultos. As principais competências desta agência seriam as seguintes: alfabetização e literacia básica, ensino recorrente, recuperação escolar, promoção educativa, técnica, científica, cívica e artística, apoio à intervenção cívica e animação e desenvolvimento local.

Em 1999, após os trabalhos de um Grupo de Missão criado para levar a cabo a implementação de um Programa para o Desenvolvimento da Educação e Formação de Adultos, foi criada a ANEFA, um instituto público que se encontrava na dependência dos Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade.

De acordo com Cavaco (2009), “A ANEFA foi responsável pelo lançamento de um conjunto de iniciativas que se reconhecem como inovadoras e pertinentes, tais como: os cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), com dupla certificação escolar e profissional, a rede de Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, os concursos de boas práticas de educação e formação de adultos e as Acções S@ber +” (p. 161). “Porém, estas práticas, embora baseadas em metodologias de valorização da experiência e com potencialidades nas questões da emancipação, foram apropriadas, em termos políticos, sobretudo, numa lógica de qualificação e de gestão de recursos humanos” (p. 178).

Neste sentido, a ANEFA criada em 1999 e a ANEFA proposta têm diferenças em termos estruturais, de competências e de recursos. Ou seja, o Governo do PS colocou o enfoque em lógicas de modernização, de indução e de qualificação de recursos humanos com vista à empregabilidade e à aquisição de competências para competir. “A indução predominou sobre a intervenção, a ‘lógica de programa’ inibiu a ‘lógica de serviço público’, a anunciada política de desenvolvimento foi limitada à produção de orientações estratégicas com vista à criação de condições de intervenção de terceiros, tal como a anunciada articulação entre educação e formação cedo veio a revelar a subordinação da primeira às agendas da segunda” (Lima, 2005, pp. 48-49).

A educação de adultos foi subordinada a um mero instrumento vocacional, sendo que a política dominante em termos educativos foi influenciada por uma modernização de

carácter gerencial, empresarial e produtivista, pelo que, em 2002, a ANEFA foi extinta dando lugar à DGFV.

De acordo com Cavaco (2009), “A extinção da ANEFA e as sucessivas mudanças de designação do órgão que tutela estas medidas, primeiro a Direcção-Geral de Formação Vocacional e mais tarde a Agência Nacional para a Qualificação, enquadram-se num exercício de consolidação e afirmação do pendor vocacionalista destas políticas (...)” (p. 187).

A partir de 2007, a actividade da ANQ preconiza a uniformização do processo de adquiridos experienciais, com vista ao cumprimento de metas quantitativas, não atendendo às especificidades de cada adulto. O enfoque é colocado na racionalidade económica, no mercado de trabalho e na competitividade.

Tal como refere Lima (2005), “(...) o paradigma vocacional, a formação profissional e a ideologia das competências são apresentados como a solução para o ‘atraso’ do país. A educação de adultos volta a sucumbir enquanto política educativa pública (...) A própria população adulta perde identidade, acabando conceptualmente rejuvenescida por referência ao ‘ensino recorrente’ para jovens-adultos e restringida a ‘população activa’ para efeitos de ‘qualificação profissional’” (p. 49).

A educação popular e de base de adultos relaciona-se de modo privilegiado com o desenvolvimento local, com a educação comunitária e com a educação cívica e para a cidadania democrática. Mas as políticas públicas reconhecem à educação popular o seu potencial educativo e formativo?

É de referir que, por um lado, as políticas públicas têm adoptado orientações pragmáticas e economicistas e, por outro lado, as organizações de educação popular têm sofrido mudanças, confrontando-se com orientações e modelos organizacionais diferentes.

A educação de adultos tem seguido a lógica da gestão de recursos humanos, centrando-se em questões como a competitividade e a racionalidade económica, pelo que a educação apenas se adapta às lógicas e necessidades do mercado, sendo a

cidadania remetida para “(...) um modelo de mercado de liberdades, estritamente económicas, dos consumidores” (Lima, 2005, p. 51).

Como tal, a educação popular enfrenta um dilema: ou adopta a vertente vocacionalista, de acordo com orientações de tipo profissional e contínuo, tendo em conta a economia e as empresas; ou continua o seu caminho tendo por base a mudança social e a “conscientização”, relacionando-se com movimentos sociais populares e orientando-se de acordo com “os ideais de educação política e de alfabetização crítica” (Lima, 2005, p. 51). No primeiro caso, seguirá a lógica da modernização e da produtividade, da adaptação e da empregabilidade, pelo que poderá vingar. No segundo caso, manterá a sua origem humanista-crítica e a perspectiva emancipatória e transformativa, podendo defrontar-se com problemas.

Actualmente, a perspectiva dominante no que se refere à educação de adultos é a formação vocacional e a aprendizagem individual. Estas dirigem-se sobretudo aos trabalhadores assalariados como forma daqueles adquirirem constantemente novas competências por forma a atingirem a “empregabilidade”. Neste sentido, “O aperfeiçoamento social, a democracia e a cidadania, a solidariedade e a justiça social cederam perante a *performance* individual e a competitividade” (Lima, 2005, pp. 51-52).

No entanto, o “terceiro sector”, termo que designa as ONG, é uma área que tem vindo a surgir socialmente nos últimos vinte anos, sendo que o Estado transferiu parte das suas responsabilidades sociais para estas entidades. Assim, descentralizou a gestão e execução de programas sociais e educativos, mas manteve centralizada a decisão política, pelo que os serviços sociais e educativos substituíram gradualmente o conceito de direitos humanos e sociais, já que “os primeiros mais facilmente são objecto de mercadorização e de troca” (Lima, 2005, p. 53). Está aqui patente uma vez mais a lógica da modernização e produtividade.

Uma vez que as ONG, sobretudo por questões de sobrevivência, caracterizam-se por uma dependência face ao Estado, aos programas oficiais financiadores e aos requisitos burocráticos, centrando as suas actividades na angariação de financiamentos, seguindo o modelo de intervenção dos serviços do Estado, dificilmente serão uma alternativa, pelo que “(...) a dimensão política destas

organizações, tende a ser substituída por uma feição mais funcional e instrumental, mais colaborativa, onde os ideais de democracia radical e de mudança social cedem o seu lugar a objectivos de índole assistencialista ou de ajustamento” (Lima, 2005, p. 54).

Como tal, muitas das organizações que dinamizaram a educação popular transformaram-se em empresas sociais ou privatizaram-se, quer seja através de parcerias com o Estado no sentido de prestarem serviços sociais e educativos, quer seja através da assunção de um carácter de empresas privadas de formação vocacional por forma a venderem programas de formação, *kits* de formação ou aderindo a sistemas de *franchising*.

No que se refere a Portugal, as políticas educativas públicas adoptaram uma lógica de gestão de recursos humanos e de “qualificação” dos adultos em detrimento da lógica da educação popular. No entanto, a primeira não se tem revelado capaz de contribuir para dar resposta aos problemas socioeducativos da maior parte dos adultos, pelo que a resposta passaria pela promoção da segunda com vista ao desenvolvimento e mobilização socioeducativa de forma participada e contextualizada localmente. Mas, para tal, seria necessária uma mudança a nível político-ideológico por forma a desenvolver-se uma efectiva educação democrática.

### **3.A Iniciativa Novas Oportunidades – O caso do CNO de Benavente**

O Programa Novas Oportunidades surgiu em 2005, propondo-se qualificar e certificar cerca de um milhão de activos empregados até ao final de 2010, utilizando para tal processos como o RVCC e os cursos de dupla certificação – escolar e profissional – dirigidos a jovens e adultos.

Este Programa comporta dois eixos, designadamente o eixo Oportunidade Nova e o eixo Nova Oportunidade. Estes eixos são direccionados a jovens e adultos, respectivamente.

O primeiro eixo inclui cursos de dupla certificação com equivalência ao 12.º ano e uma qualificação profissional de nível 3. Estes cursos têm uma duração média de três anos, organizando-se em torno de cursos profissionais, cursos de aprendizagem ou cursos de ensino artístico especializado.

O segundo eixo é composto pelo Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, permitindo a opção entre Cursos EFA escolar ou de dupla certificação com equivalência ao 4.º, 6.º, 9.º ou 12.º ano de escolaridade; formações modulares integradas no Catálogo Nacional de Qualificações, as quais variam entre 25 e 600 horas e podem ser frequentadas de modo gradual e flexível; e as vias de conclusão do ensino secundário, onde se inclui o Decreto-Lei 357/2007, de 29 de Outubro.

As medidas educativas propostas pelo Programa Novas Oportunidades datam já do ano 2000, nomeadamente os CRVCC e os Cursos EFA.

O Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências possibilita aos maiores de 18 anos o reconhecimento, validação e certificação de competências (escolares, profissionais e outras) adquiridas ao longo e em diferentes contextos de vida (pessoal, social e profissional) por forma a adquirirem uma qualificação formal, quer seja escolar e/ou profissional.

Actualmente, os CNO são os locais onde se desenvolvem este tipo de acções, os quais funcionam em escolas, empresas, autarquias, associações empresariais, associações de trabalhadores, instituições de desenvolvimento local, no IEFP e em

várias entidades formadoras acreditadas, públicas e privadas. Como tal, um CNO é uma valência de uma instituição pública ou privada, acreditada pelo Sistema Nacional de Acreditação de Entidades da ANQ, de dupla tutela – Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e Ministério da Educação.

O Programa Novas Oportunidades trouxe consigo duas situações novas:

- a quantificação de metas (número de inscritos, número de encaminhamentos definidos, número de adultos em processos de RVCC e número de certificações - parciais e totais -, em complemento com um conjunto de indicadores inscritos na Carta de Qualidade dos Centros Novas Oportunidades), as quais são controladas pela ANQ de acordo com o sistema informático SIGO;
- a adopção do 12.º ano como escolaridade mínima obrigatória.

O objectivo do Programa Novas Oportunidades reside, pois, na elevação da escolaridade da população portuguesa por forma a atingir-se o nível médio de qualificações dos países da OCDE<sup>3</sup>.

O Programa Novas Oportunidades “(...) reforça a tendência profissionalizante do sistema educativo, subordinando-o às teses da aprendizagem ao longo da vida (...)” (Alves e Rummert, 2010, p. 520).

Este programa foi sujeito a um estudo de avaliação, tendo-se verificado que os maiores impactos se verificam ao nível de aspectos associados à elevação do EU, ao passo que a aquisição de conhecimentos situou-se em níveis abaixo do esperado. Por outro lado, a qualificação obtida não se reflecte proporcionalmente no mercado em termos produtivos.

---

<sup>3</sup> De acordo com o relatório “Iniciativa Novas Oportunidades: resultados da avaliação externa (2009-2010)”, “Ao nível dos países da OCDE, na última década, o peso relativo da população habilitada com o ensino secundário tornou-se relevante (centrando-se numa média de 44% e contrapondo-se a pesos relativos de 28-29% para os qualificados abaixo e acima desse nível de ensino). Verifica-se ainda um aumento de proporção (nos qualificados com ensino secundário), na população do grupo etário 25-34 face ao grupo 55-64 anos, de cerca de 22%, o que evidencia os ganhos de qualificação nas novas gerações. A União Europeia apresenta valores médios muito próximos dos da OCDE, registando uma percentagem de 45% dos qualificados com ensino secundário e uma vantagem de proporção de 23%, entre estes, para o grupo etário 25-34, comparativamente com o de 55-64 anos. Portugal, segundo os dados mais recentes da OCDE, apresenta ainda um padrão de apenas 14% de qualificados com o ensino secundário, que justapõem a 72% de qualificados abaixo desse limiar e a 14% com ensino superior. Contudo, evidencia uma maior diferença de proporção relativa no outro indicador citado, na ordem dos 34%, expressando efeitos visíveis do investimento que tem sido realizado em educação nas últimas duas décadas” (Carneiro *et al.*, 2010, pp. 80-81).

As metas quantitativas definidas – certificar um milhão de adultos e seiscentos e cinquenta mil jovens até 2010 – não foram alcançadas<sup>4</sup>, bem como aparentemente não tiveram impacto no crescimento económico do país.

O Programa Novas Oportunidades assenta numa estratégia política de “(...) deslocamento da responsabilidade pela obtenção de condições de sobrevivência para os indivíduos, que busca elidir as responsabilidades do Estado e as decorrências do modelo socioeconómico adoptado” (Alves e Rummert, 2010, p. 521).

### **3.1. Breve caracterização do CNO de Benavente**

A actual equipa do CNO de Santarém – Extensão de Benavente, a qual funciona nas instalações do edifício autárquico do Centro Cultural de Benavente, foi formalmente constituída em Janeiro de 2009, sendo que iniciou efectivamente Processos de RVCC NS em Março do referido ano. Esta extensão está na dependência do IEFP, mais concretamente do Centro de Formação Profissional de Santarém e do seu CNO. No entanto, importa referir que o CNO de Benavente estava já em funcionamento desde Agosto de 2008, tendo como equipa uma técnica de diagnóstico e encaminhamento, uma profissional de RVC e três formadores para realização de Processos de RVCC NB, sendo que o formador da área de competências-chave de TIC deslocava-se do CNO de Santarém a Benavente para efectuar as sessões de reconhecimento, bem como as sessões de formação complementar e as sessões de júri de certificação.

Como tal, entre Janeiro e Março de 2009 procedeu-se ao reforço da equipa, ficando esta composta por uma técnica de diagnóstico e encaminhamento, quatro profissionais de RVC – duas por cada nível de RVCC – e seis formadoras – três afectas ao Processo de RVCC NB e outras três afectas ao Processo de RVCC NS. Presentemente, a equipa do CNO encontra-se privada da coordenadora e da técnica de diagnóstico e encaminhamento, pelo que, desde Maio de 2011, as profissionais de RVC, a par com as suas funções, desempenham igualmente as funções de técnica de diagnóstico e encaminhamento e as funções de administrativa, sendo que as tarefas de coordenação são asseguradas pelo director do CNO.

---

<sup>4</sup> O mesmo relatório refere que houve “(...) um milhão e trezentos mil adultos envolvidos em educação/formação, dos quais 34% certificados até Setembro de 2010, mantendo-se em processo largas centenas de milhar de portugueses”, bem como “(...) mais de 400.000 adultos já certificados pela Iniciativa Novas Oportunidades (...)” (Carneiro *et al.*, 2010, pp. 79-80).

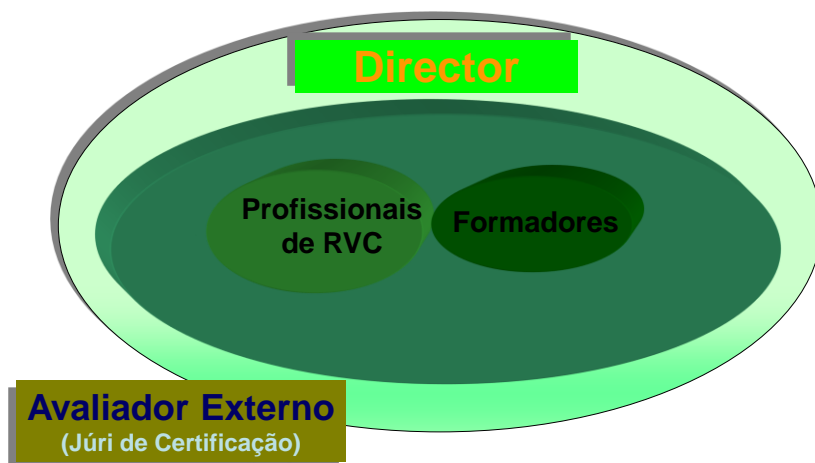


Figura 2 – Constituição da equipa do CNO de Benavente

O facto da direcção e da coordenação do CNO se encontrarem em Santarém e localmente distantes da extensão de Benavente, não estando portanto inteiramente a par da realidade local, e não podendo por vezes agir em tempo útil perante alguns obstáculos, tem provocado alguns constrangimentos em termos de funcionamento do CNO, tais como dificuldades a nível de contactos e parcerias com entidades e empresas locais, organização de formação modular, organização de outras ofertas formativas, designadamente Cursos EFA, entre outros. No entanto, é de salientar positivamente a abertura por parte da coordenação no sentido de permitir à equipa que se encontra no terreno a adopção e adaptação de metodologias e estratégias por forma a melhorar o trabalho com a população que recorre ao CNO.

No final de 2010, encontravam-se em Processo de RVCC NS vinte e nove grupos, sendo que os primeiros dezasseis estão a funcionar de acordo com a primeira metodologia implementada, ao passo que os cinco seguintes estão a funcionar tendo por base as alterações feitas à primeira versão e os últimos oito funcionam segundo uma terceira versão da metodologia inicialmente adoptada. As alterações à metodologia deveram-se ao facto de ajustá-las o mais possível ao público da área de intervenção do CNO. De salientar que o funcionamento dos grupos está distribuído entre as localidades de Samora Correia, Benavente, Salvaterra de Magos e Marinhais.

Relativamente aos Processos de RVCC NS, foram iniciados três grupos em Dezembro de 2008, quinze grupos em 2009 e onze grupos em 2010. Destes grupos, treze funcionam em Samora Correia, catorze em Benavente e dois em Salvaterra de Magos, sendo que o CNO funciona em regime de itinerância. A par com estes grupos estão ainda em funcionamento três processos individualizados. Ou seja, de um total de 648 inscrições efectuadas no ano 2010, 267 adultos estavam inscritos para modalidades de formação de Nível Secundário, sendo que destes últimos 38 encontravam-se na fase de acolhimento, 33 em diagnóstico, 277 encaminhados (alguns destes encaminhamentos foram efectuados em 2010, mas referem-se a inscrições efectuadas em 2009), sendo que em processo se encontravam 137 adultos, 74 estavam em situação de suspensos por motivos vários e 14 desistiram do processo. Apenas um dos grupos que frequentou estes processos funcionava em horário laboral, sendo que os restantes funcionavam todos em horário pós-laboral. Em 2009, foram certificados 18 adultos, sendo que 16 obtiveram certificação total e 2 obtiveram certificação parcial. Em 2010, foram certificados totalmente 47 adultos.

De referir que alguns dos grupos iniciados em 2010 – cinco - funcionaram em contexto de empresa, fruto da colaboração do CNO com empresas locais, designadamente a MARTIFER (1), a ELIS (1), a INCOMPOL (2) e a DHL (1). Todas estas empresas disponibilizaram espaço físico próprio, bem como equipamentos para o funcionamento dos processos de RVCC. Duas outras empresas, a SOFIMAGOS e a ORTOTEJO, colaboram também com o CNO através da angariação de inscrições de adultos. A ORTOTEJO cede ainda instalações e equipamentos para a realização de Processos de RVCC de Nível Básico. A Junta de Freguesia de Samora Correia faz também a recepção de inscrições de adultos. O Centro de Emprego de Salvaterra de Magos é também um parceiro do CNO, colaborando através da angariação de inscrições e da cedência de espaço para realização de entrevistas, sessões de esclarecimento e Processos de RVCC. A Segurança Social, em Samora Correia, cede também um espaço para a realização de entrevistas individuais aos adultos candidatos. A Escola E B 2, 3 Prof. João Fernandes Pratas, bem como a Escola E B 2, 3 do Porto Alto, ambas situadas na freguesia de Samora Correia, disponibilizam espaços e equipamentos para o funcionamento de Processos de RVCC e de formação modular, designadamente nas áreas das TIC e de LE, maioritariamente inglês. Também em Samora Correia, a SFUS e o ATL de uma IPSS cederam salas para o funcionamento de Processos de RVCC. Tanto o edifício da antiga Escola Primária de Samora Correia

como o edifício da antiga Escola Primária de Benavente albergam nos seus espaços Processos de RVCC e formação modular, fruto da parceria estabelecida com a autarquia de Benavente.

No decurso do mês de Setembro de 2010 foi elaborada uma listagem com os adultos a levar a cada uma das sessões de júri de certificação já agendadas para os meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 2010. De referir que o cumprimento do estipulado nesta listagem ficou aquém do inicialmente planificado, sendo que dos setenta e cinco adultos previstos para ida a sessão de júri, apenas foram certificados quarenta e sete adultos. Tal situação sucedeu devido a constrangimentos vários, designadamente a instabilidade da equipa formativa e o facto da maioria dos adultos que se dirige ao CNO não ter perfil para integrar o Processo de RVCC NS, devendo ser encaminhada para Cursos EFA NS ou outras ofertas formativas, não existindo, no entanto, este tipo de oferta disponível em locais geograficamente acessíveis à população, o que levanta mais uma dificuldade em termos de resposta adequada às necessidades das pessoas.

### ***3.2. As trajectórias de vida como potenciadoras da frequência do Processo de RVCC NS – Um estudo de caso***

Uma vez que me deparei com uma tão grande diversidade de públicos a nível das diferentes experiências de trabalho pelas quais passei ao longo do meu percurso profissional, designadamente no que se refere ao trabalho desenvolvido nos Cursos EFA e nos CNO, suscitou-me interesse compreender que tipo de públicos acedem aos CNO, nomeadamente ao Processo de RVCC NS, quais as suas características sociográficas e quais as suas motivações e expectativas, bem como perceber de que forma os seus percursos de vida nos diversos domínios – pessoal, profissional, formativo e social - concorrem ou não para a opção pela frequência de tal processo.

Como tal, o objectivo deste trabalho centra-se num estudo de caso tendo por base uma amostra aleatória dos adultos certificados totalmente no ano de 2010 no CNO de Benavente - 12 adultos -, a nível de Processos de RVCC NS. Não sendo este um estudo representativo, pretende-se compreender como é que os contextos e trajectórias de vida dos adultos favorecem ou potenciam a frequência do Processo de RVCC NS. Para tal, são utilizados os PRA elaborados pelos adultos, por forma a analisar-se quais os padrões - o que existe em comum - ou o que existe de diferente

que leve à opção pela frequência do Processo de RVCC NS, recorrendo-se à análise de conteúdo dos PRA. As entrevistas realizadas aos adultos aquando da fase de diagnóstico e triagem, as quais fazem parte integrante do seu processo, são igualmente utilizadas para complemento de informação, assim como os documentos PowerPoint elaborados pelos adultos, os quais serviram de suporte às suas apresentações nas sessões de júri de certificação. De referir que, por forma a manter o anonimato das pessoas e a confidencialidade dos dados, optou-se por atribuir nomes fictícios aos adultos seleccionados. Os PRA e as apresentações em PowerPoint dos adultos ficam arquivados no CNO em suporte digital, pelo que se recorreu a tal suporte para obter e analisar os dados pretendidos.

Esta análise é, pois, efectuada de acordo com as seguintes dimensões:

- Caracterização sociográfica;
- Passado escolar/abandono/motivações para a inscrição no CNO;
- Meio social de origem;
- Composição do agregado actual;
- Situação de migração;
- Passado profissional;
- Experiência profissional actual;
- Formação profissional/impactos;
- Outras competências;
- Relações sociais;
- Economia doméstica;
- Expectativas sobre a vida.

Neste sentido, pretende-se comparar os resultados obtidos por esta via de análise com os resultados constantes dos relatórios de avaliação dos CNO a nível nacional elaborados em 2009 e 2010, os quais foram coordenados pelo Prof. Doutor Roberto Carneiro, fazendo-se uma comparação entre o contexto nacional e o contexto local. Por fim, articulam-se os resultados obtidos com o enquadramento teórico realizado no âmbito deste trabalho de projecto.

### **3.2.1. Resultados**

Antes de mais, importa fazer uma breve caracterização sociográfica da população seleccionada aleatoriamente como amostra para este estudo.

Como tal, dos 12 indivíduos seleccionados, 8 são do género feminino e 4 são do género masculino.

No se refere à idade, 4 adultos situam-se no grupo etário dos 25 aos 34 anos e 8 integram-se no escalão etário dos 35 aos 44 anos.

Quanto ao estado civil, 9 indivíduos são casados, 2 são solteiros e 1 é divorciado.

Relativamente ao nível de escolaridade de partida, 5 indivíduos possuíam o 9.º ano de escolaridade, 3 o 10.º ano, 2 concluíram a equivalência ao 9.º ano através do Processo de RVCC, 1 possuía o 11.º ano e 1 concluiu o 7.º ano de escolaridade. No total, 5 indivíduos concluíram o 3.º ciclo do ensino básico, 4 tinham frequência do ensino secundário, 2 frequentaram o processo de RVCC de nível básico, sendo que 1 possuía apenas o 2.º ciclo do ensino básico completo, pelo que a maioria dos adultos (11) possuía como nível de escolaridade mais elevado completo o 3.º ciclo do ensino básico.

No que diz respeito à condição perante o trabalho, todos os indivíduos se encontravam na situação de empregados à data do processo de RVCC NS. Destes, 11 são trabalhadores por contra de outrem e 1 é trabalhador por conta própria.

**Quadro 2.** Caracterização dos candidatos inscritos nos CNO desde 2007 – Nível Secundário

	Certificações	
	N.º	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	12 517	48,4
Feminino	13 320	51,6
Total	25 837	100
<b>Grupo etário</b>		
18 - 24 anos	1 031	4,0
25 - 34 anos	7 268	28,1
35 - 44 anos	9 587	37,1
45 - 54 anos	6 671	25,8
55 - 64 anos	1 216	4,7
65 ou mais anos	64	0,2
Total	25 837	100
<b>Nível de escolaridade mais elevado completo</b>		
Sem nível de escolaridade completo	1	0,0
1.º Ciclo do Ensino Básico	21	0,1
2.º Ciclo do Ensino Básico	298	1,2
3.º Ciclo do Ensino Básico	25 515	98,8
Secundário (1)	2	0,0
Total	25 837	100
<b>Condição perante o trabalho</b>		
Empregado	22 762	88,1
Desempregado	2 527	9,8
Doméstico	0	0,0
Reformado	2	0,0
Outra situação	546	2,1
Total	25 837	100

1) Correspondem a candidatos para RVCC profissional ou encaminhamento para Formações Modulares Certificadas de Nível 3.

**Fonte:** Agência Nacional para a Qualificação, Junho de 2009.

Comparando estes resultados com os dados a nível nacional, tal como demonstra o quadro, verifica-se que os resultados obtidos reflectem a tendência nacional, ou seja, há mais certificações entre os indivíduos do género feminino (51,6%), são justamente os grupos etários dos 35-44 anos (37,1%) e dos 25-34 anos (28,1%) que concentram o maior número de certificações, quanto ao nível de escolaridade mais elevado completo situa-se no 3.º ciclo do ensino básico (98,8%) e em relação à condição perante o trabalho a maioria encontrava-se empregada (88,1%).

Os dados divulgados pelo relatório “Iniciativa Novas Oportunidades: resultados da avaliação externa (2009-2010)”, coordenado pelo Prof. Doutor Roberto Carneiro, apontam no mesmo sentido, ou seja, relativamente à idade destaca-se o grupo etário entre os 31 e os 50 anos, a maioria dos inscritos nos CNO são mulheres (55%), a maior parte da população abrangida por esta iniciativa é a população activa adulta, destacando-se os empregados (70%), sendo que o estado civil predominante entre os adultos é o casado (71,3%).

De acordo com o referido relatório, “são sobretudo os ‘empregados’ – critério face à situação de emprego – que procuram o 12.º ano (...)”, sendo “o percurso de RVCC a resposta dominante entre os empregados” (Carneiro *et al.*, 2010, p. 58).

### **Percurso Escolar**

Tal como refere o relatório de avaliação da Iniciativa Novas Oportunidades “Painel de avaliação de diferenciação entre inscritos e não inscritos na Iniciativa Novas Oportunidades”, “Os primeiros anos de vida e por inerência também os da escola, têm uma importância crucial no desenvolvimento do indivíduo. Num passado não muito distante, o primeiro ciclo de ensino correspondia também ao primeiro contacto com a organização escolar. Por essas razões, captar a imagem que ficou desses anos, nalguns casos já muito distantes, pode dar pistas de compreensão para as razões que levam umas pessoas a ter melhor relação de regresso aos fenómenos de aprendizagem e escolarização do que outras” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 39).

Neste sentido, tentou-se compreender qual a imagem remanescente que os adultos têm da escola, o tipo de modalidade de educação que frequentaram, o nível máximo de escolaridade alcançado, o historial de reprovações, quais os motivos que levaram ao abandono escolar, que idade tinham quando tal sucedeu e quais os motivos expressos pelos adultos para se inscreverem no CNO.

### ***Passado escolar/abandono/motivações para a inscrição no CNO***

No que se refere à imagem que os adultos possuem da escola, apenas 5 abordaram tal questão, sendo que os adultos que referiram este assunto relatam boas recordações e, como tal, ficaram com uma boa imagem da sua experiência escolar nos primeiros anos de vida, o que poderá indiciar uma maior facilidade relativamente ao regresso a processos de aprendizagem. Tal situação

*“Quando entrei para a escola primária a minha professora chamava-se Máxima. Como morava na rua atrás do meu prédio, ia com ela todos os dias para a escola, ainda hoje, tenho um carinho muito especial por ela e sei que para a professora Máxima sou uma aluna sempre recordada. Durante quatro anos do ensino primário estivemos muito próximas, passava muitas tardes e férias da escola em sua casa. Enquanto a professora Máxima fazia as suas tarefas domésticas, ensinava-me”.*

(Simone)

verifica-se igualmente a nível nacional, ou seja, “A imagem remanescente da escola primária foi particularmente boa (...)” (Carneiro *et al.*, 2009, p.39).

*“Na escola, gostava de participar em todas as actividades e nas festas que se organizavam. (...) fazia teatro e participava nas festas de folclore da minha escola que representava as danças da minha região... Como aluna, era bastante bem comportada, boa colega e muito amiga daquelas que eram as minhas parceiras das travessuras que todas as crianças aprontam na infância”.*

(Catarina)

*“Um dos dias mais significativos da minha infância foi o meu primeiro dia de escola, em Agosto de 1981. (...) Desde o meu primeiro dia de escola adorei a primária e principalmente a minha professora de turma, a Senhora Behling, que tinha imensa paciência connosco e nunca aumentava a voz. Graças a ela aprendi logo no início da minha vida escolar que aprender pode ser muito satisfatório. Durante a primária consegui sempre boas notas e tive muito prazer em aprender. A minha outra professora preferida era a Frau Noel que me abriu a porta para o mundo da música. (...) no segundo ano da primária, entrei para a orquestra da escola. (...)”.*

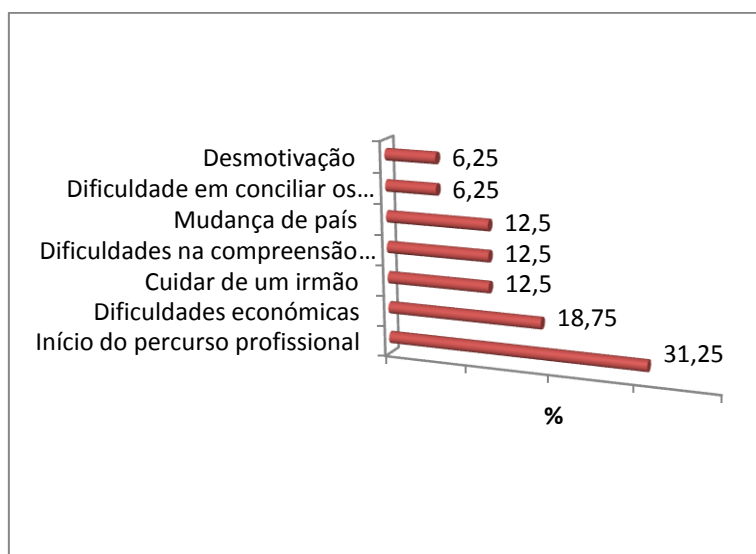
(Maria)

Quanto ao tipo de modalidade de educação frequentada pelos adultos, 63.2% referiram ter frequentado o ensino regular, 33.3% o ensino nocturno, 16.6% o Processo de RVCC NB e 8.3% a telescola.

Ao longo do seu percurso escolar, apenas 2 adultos referiram não ter reprovado, ao passo que 6 reprovaram pelo menos uma vez, sendo que 4 não abordaram tal questão.

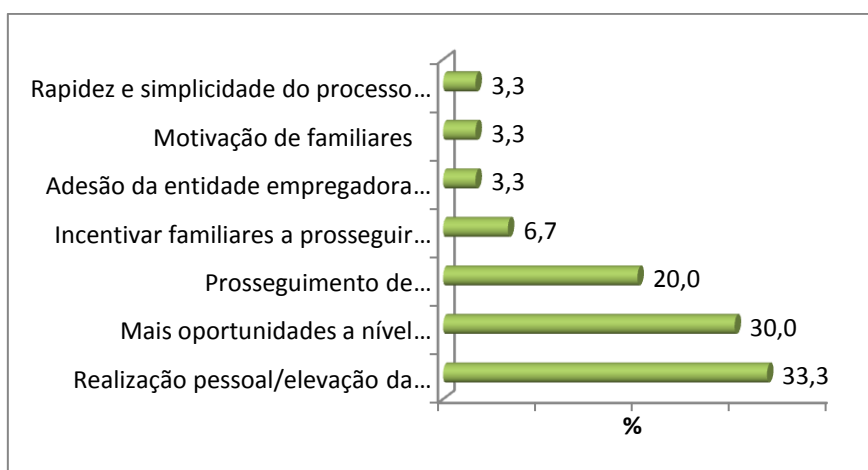
Relativamente à idade com que abandonaram a escola, 5 adultos fizeram-no aos 19 anos, 3 aos 18 anos 2 aos 17 anos, 1 aos 16 anos e 1 aos 14 anos, sendo que a idade média de abandono escolar é 17.7 anos.

Em termos do nível de escolaridade que se encontravam a frequentar quando abandonaram a escola, 4 indivíduos referiram estar no 10.º ano, 3 no 9.º ano, 2 no 11.º ano, 2 no 8.º ano e 1 no 7.º ano, o que reflecte uma média de 9.3 anos de escolaridade.



**Gráfico 1. Abandono escolar, segundo os motivos expressos pelos adultos**

No que diz respeito aos motivos expressos pelos adultos relativamente ao abandono escolar, 31.25% referiram o início do percurso profissional, 18.75% apontaram dificuldades económicas, 12.5% salientaram a mudança de país, 12.5% disseram que se deveu ao facto de terem de cuidar de um irmão, 12.5% referiram dificuldades na compreensão das matérias, 6.25% salientou ter dificuldades na conciliação entre os estudos e o trabalho e 6.25% apontou a desmotivação. Ou seja, a maioria dos adultos (68.75%) refere motivos que poderão encontrar-se associados a questões económicas – início do percurso profissional, mudança de país, dificuldades económicas e cuidar de irmãos.



**Gráfico 2. Motivações para a inscrição no CNO expressas pelos adultos**

Quanto aos motivos mencionados para a inscrição no CNO, 33.3% referiram a realização pessoal/elevação da auto-estima, 30% disseram que consideram poder ter mais oportunidades a nível profissional após a conclusão do nível secundário, 20% referiram ter como objectivo o prosseguimento de estudos/formação, 6.7% apontaram o facto desta ser uma forma de incentivar familiares a prosseguir estudos, 3.3% referiu a motivação dada por familiares para realizar o processo, 3.3% a adesão da entidade empregadora ao Programa Novas Oportunidades e 3.3% salientou a rapidez e simplicidade do processo de RVCC. Ou seja, a maioria das motivações referidas pelos adultos relacionam-se com os “ganhos do EU” - realização pessoal e elevação da auto-estima -, seguindo-se as expectativas de uma melhoria a nível profissional e a vontade de continuar a aprender – prosseguimento de estudos/formação.

Esta tendência verificada a nível local vai de encontro à situação verificada a nível nacional, i.e., de acordo com o relatório “Iniciativa Novas Oportunidades: resultados da avaliação externa (2009-2010)”, os principais ganhos verificados com a frequência do Processo de RVCC relacionam-se com os “ganhos do EU” e com a vontade de continuar a aprender (Carneiro *et al.*, 2010, pp. 51-52).

Quanto às motivações de carácter profissional, as quais são também referidas pelos adultos do CNO de Benavente, verifica-se que a nível nacional o relatório “Percepções sobre a Iniciativa Novas Oportunidades” salienta igualmente este facto, referindo que “As motivações mais relevantes para poder pensar uma adesão centram-se em questões de ordem profissional, mudar para outra actividade, melhorar a situação actual ou estar preparado para enfrentar um despedimento” (Carneiro *et al.* 2009, p. 32).

### **Percurso Familiar**

A análise do percurso familiar pode ser reveladora de uma evolução socioeconómica dos adultos relativamente à sua família de origem, bem como pode indiciar a reprodução de determinadas características sociais e económicas.

Como tal, tentou-se perceber qual o local onde o adulto nasceu e cresceu, a relação que existia no agregado entre o adulto e os restantes membros, assim como

compreender qual a sua tipologia familiar (pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um deles em termos de escolaridade, profissão e condição perante o trabalho).

Ainda se tentou obter informação sobre as pessoas com quem o adulto vive actualmente no sentido de conhecer as características socioeconómicas do agregado, designadamente ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem, conhecer a idade dos filhos e os seus níveis de escolaridade.

### **Meio social de origem**

Em relação ao meio social de origem, a maioria dos adultos (9) nasceu e cresceu em Portugal, sendo que 6 são oriundos do distrito de Lisboa e 3 do distrito de Santarém, ao passo que 1 nasceu em Moçambique, 1 no Brasil e 1 na Alemanha.

A maioria dos adultos (10) cresceu em localidades próximas dos seus locais de nascimento, ao passo que apenas 2 referiram ter crescido em locais distantes da sua origem.

Em termos da relação dos adultos com o agregado familiar de origem, dos 9 registos relacionados com o tema, a maior parte (7) considera que existia um bom relacionamento familiar entre os membros do agregado, ao passo que 2 relatam situações em que as relações familiares eram mais tensas.

*“Apesar de nunca ter tido muita abundância de brinquedos fora do normal para a época, devido às dificuldades financeiras dos meus pais, nunca me faltou o essencial: além dos brinquedos, tinha o amor e a atenção dos meus pais”.*

(José)

*“A nível social e familiar sempre mantive boas relações com os meus pais e sempre procurei respeitá-los e aprender com as suas experiências e os seus erros. Estes contribuíram para o meu crescimento dando-me uma boa educação e condições para estudar”.*

(Miguel)

*“Os meus pais foram sempre muito meus amigos, os meus irmãos, apesar de termos uma diferença grande de idade, também sempre me trataram bem, parecia eu que era a boneca lá de casa e por isso fui sempre muito protegida por todos ...”*

(Margarida)

*“Os primeiros tempos foram complicados para todos, a minha mãe só tinha 22 anos e já tinha duas filhas. Os tempos foram passando e os meus avós já tinham cinco netos e dois filhos a morar lá em casa. Éramos ao todo dez pessoas. (...) Em 1990, os meus pais resolveram sair da casa dos meus avós para termos mais privacidade, pois éramos muitos lá em casa”.*

(Alice)

*“A relação dos meus pais logo desde o início foi bastante complicada. As mentalidades diferentes (alemã e portuguesa) causaram alguns problemas. A minha avó portuguesa nunca conseguiu aceitar o casamento do meu pai com uma mulher alemã, pois sempre sonhara com uma nora portuguesa, católica e muito fértil. A minha mãe não acreditava em deus nenhum e ao princípio não queria filhos ... O meu pai sofreu a sua vida inteira por ter que fazer um trabalho mal pago e pouco apreciado. Desenvolveu um complexo de inferioridade e não conseguiu viver com uma mulher forte e bem sucedida ao seu lado. (...) A minha mãe separou-se dele em consequência disso ...”.*

*(Maria)*

Quanto ao agregado familiar de origem dos adultos, verifica-se que, dos 11 adultos que abordaram a questão, estes são compostos por famílias nucleares (pais e irmãos), as quais eram constituídas predominantemente por 4 e 5 elementos, sendo que a média de filhos é de 3.27.

No que se refere à actividade profissional dos pais dos adultos, das 8 referências ao assunto, a totalidade dos pais (8) desenvolvia a sua actividade em profissões associadas ao trabalho operário, ao passo que a maior parte das mães era doméstica (4), 2 eram operárias e 1 trabalhava na área dos serviços. A condição perante o trabalho da totalidade dos pais dos adultos era empregado (8), sendo que relativamente às mães, a maioria era doméstica (4) e 3 eram empregadas.

Não foi possível obter informações sobre o nível de escolaridade dos pais dos adultos por esta via de abordagem.

### **Composição do agregado familiar actual**

No que diz respeito ao agregado familiar actual dos adultos, importa compreender a sua composição em termos de número de elementos. Neste sentido, este é constituído maioritariamente (9) por famílias nucleares (cônjuge e filhos), onde predominam as famílias constituídas por 3 e 4 elementos, ao passo que apenas 2 referiram viver ainda com as famílias de origem (pais e irmãos) e 1 é família monoparental. O número médio de filhos por agregado familiar é de 1.5, sendo que a idade média dos filhos é de 9.22 anos.

Ao comparar-se o agregado familiar dos adultos com o seu agregado familiar de origem, verifica-se uma diminuição na composição do seu número de elementos – de

4/5 elementos passou para 3/4 elementos -, bem como no número médio de filhos – de 3.27 passou para 1.5.

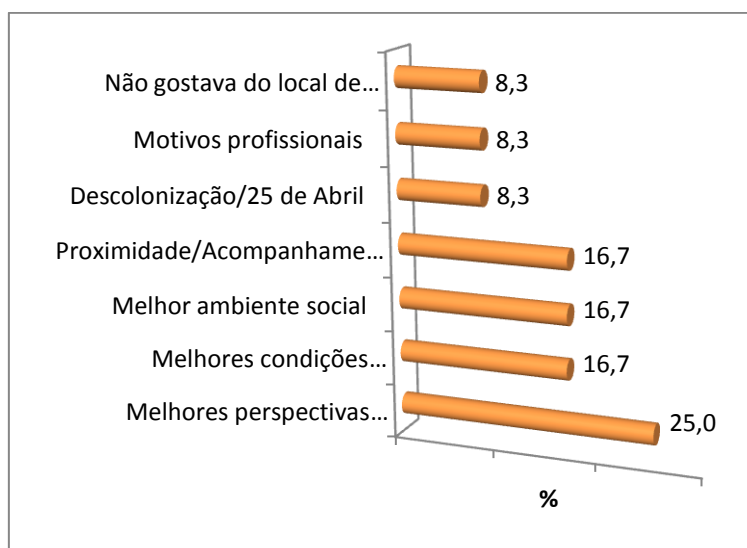
Não foi possível obter informações sobre o nível de escolaridade, a profissão, a condição perante o trabalho e o tipo de vínculo laboral dos cônjuges, bem como relativamente ao nível de escolaridade dos filhos por esta via de abordagem.

### **Situações de migração**

No que diz respeito à migração, pretendeu-se compreender as razões que levaram os adultos a migrarem, o tempo de residência no local de acolhimento, bem como perceber como decorreu a integração e as dificuldades/obstáculos encontrados e se o facto de existir uma maior ou menor estabilidade em termo de mobilidade geográfica e adaptabilidade ao local de residência poderá concorrer ou não para o abandono escolar e posterior opção pela frequência do processo de RVCC NS.

Como tal, 10 dos adultos têm percursos migratórios, ao passo que apenas 2 sempre viveram e residiram na mesma localidade. Dos adultos migrantes, 2 encontram-se em situação de imigração, ao passo que os restantes 8 fizeram percursos migratórios no território nacional.

Dos adultos, 11 residem actualmente no concelho de Benavente e apenas 1 reside no concelho de Vila Nova de Gaia.



**Gráfico 3. Motivos das trajectórias migratórias expressos pelos adultos**

Relativamente aos motivos expressos pelos adultos no que se refere às suas trajectórias migratórias, 25% salientaram a procura de melhores perspectivas de trabalho/futuro, 16.7% referiram procurar melhores condições habitacionais, 16.7% apontaram a procura de um melhor ambiente social, 16.7% referiram a proximidade/acompanhamento da família, 8.3% disse não gostar do local onde residia anteriormente, 8.3% salientou motivos profissionais e 8.3% referiu a descolonização/25 de Abril.

Dos 9 registos relacionados com o tema, os adultos residem na localidade de acolhimento actual no intervalo de tempo entre os 3 e os 19 anos, sendo que a maioria (7) considera-se integrada na localidade de acolhimento. No entanto, alguns (5) referem dificuldades sentidas aquando da chegada e da adaptação ao local de residência actual.

*“É muito bom morar num país que nos integra na sociedade e nos apoia, acho que Portugal desempenha esse papel muito bem, gosto muito dos seus serviços, acho que os seus sistemas estão cada vez melhores”.*

(Catarina)

*“Gostamos imenso de morar em Samora Correia e até nos identificamos com vários aspectos da cultura, tais como a Festa Brava”.*

(Margarida)

*“Na altura, tive grande dificuldade em habituar-me à zona e às pessoas, recordo-me de pensar muitas vezes que estava no meu país e falava a mesma língua mas parecia que estava no estrangeiro. A imagem com que eu fiquei das pessoas desta zona é que quando não conhecem são desconfiadas, contudo gostam muito de falar da vida dos outros”.*

(Simone)

*“Inicialmente até tive algumas dificuldades na comunicação, algumas palavras chegam a ser diferentes e, por vezes, parecia mesmo que aquelas palavras não faziam parte da minha língua mãe. (...) Hoje já tudo isso faz parte do meu quotidiano, já não noto as diferenças”.*

(António)

*“... eu grávida sem legalização e sem direito a assistência médica comparticipada pelo Estado. (...) a permanência ilegal no país tira o direito a assistência médica comparticipada pelo Estado, mesmo se tiver feito descontos para a Segurança Social (...) a nova lei da legalização do respectivo ano dos imigrantes de nacionalidade brasileira, tinham de viajar para Espanha, no consulado português de Madrid, para obterem um visto de trabalho assalariado, porque não podíamos fazer o visto no próprio País. (...) não se explica às pessoas que se devem dirigir ao consulado português de um outro país para obter um visto com uma validade de um ou dois meses, que havia de ser renovado posteriormente por um de um ano aqui mesmo em Portugal.”.*

(Catarina)

*“O meu marido e eu nos primeiros meses em Portugal vimo-nos algumas vezes em situações constrangedoras ou embaraçosas, porque as pessoas ficaram melindradas com a nossa maneira directa de chamar as coisas por seus nomes. (...) Mesmo assim, em retrospectiva, posso dizer que a habituação à vida em Portugal foi fácil. O bom clima, o ter por perto a minha família e a cozinha portuguesa facilitaram muito a habituação”.*

(Maria)

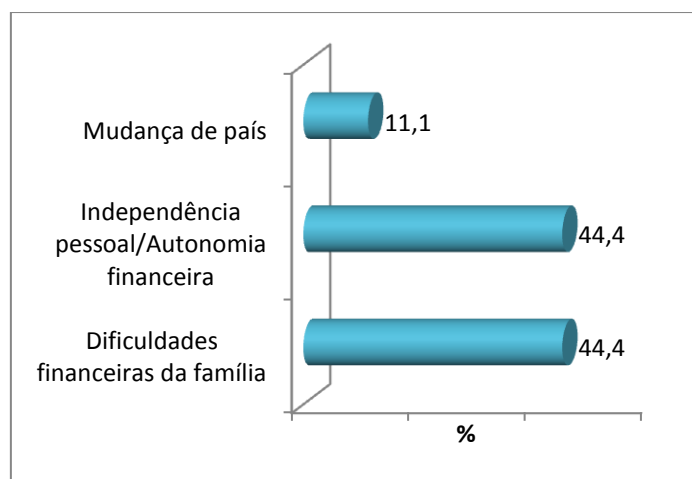
## **Percurso Profissional**

Tal como refere o relatório “Painel de avaliação de diferenciação entre inscritos e não inscritos na Iniciativa Novas Oportunidades”, “Não se esgotando na população activa, a Iniciativa Novas Oportunidades tem, por razões de demografia e laborais, uma grande incidência nessa população. Tem-se então dois tipos de reflexos: aqueles que concorrem para o desenvolvimento social, humano e familiar do sujeito e os que se focalizam no desenvolvimento económico da pessoa, os quais indirectamente contribuem para os planos de desenvolvimento económico e de competitividade do país. Coabita, portanto, na Iniciativa Novas Oportunidades uma vertente de cidadania e uma de geração de competitividade nacional” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 52).

Através da análise do percurso profissional pretendeu-se compreender a idade de início da vida profissional dos adultos e os motivos a ele associados, qual foi o primeiro emprego dos adultos, qual a função que está a desempenhar actualmente, qual o tempo de trabalho na actual entidade empregadora, que outros trabalhos tem em paralelo e a razão disso, bem como detectar possíveis mudanças na sua trajectória de vida em termos profissionais.

### ***Passado profissional***

No que se refere à idade com que os adultos iniciaram a sua actividade profissional, dos 11 registos relacionados com o tema, 5 referiram ter começado a trabalhar aos 19 anos, 3 aos 14 anos, 1 aos 18 anos, 1 aos 17 anos e 1 aos 12 anos, pelo que a idade média de início da actividade profissional é 16.7 anos.



**Gráfico 4. Motivos do início da actividade profissional expressos pelos adultos**

Relativamente aos motivos expressos pelos adultos para o início da sua actividade profissional, 44.4% referiram dificuldades financeiras da família, 44.4% disseram pretender uma independência pessoal/autonomia financeira, ao passo que 11.1% referiram dever-se a uma mudança de residência para outro país. Ou seja, os motivos referidos apontam maioritariamente para factores de carácter económico – dificuldades financeiras e autonomia financeira (88.8%).

Quanto à primeira experiência profissional dos adultos, 8 eram trabalhadores da área dos serviços, ao passo que 4 exerciam actividades relacionadas com o operariado.

***Experiência profissional actual***

Em termos do tempo de trabalho na actual entidade empregadora, dos 9 registos relacionados com o tema, 3 adultos referiram trabalhar no actual local de emprego há 5 anos, 2 há 17 anos, 1 há 19 anos, 1 há 13 anos, 1 há 3 anos e 1 há 1 ano. Ou seja, a maioria dos adultos (7) trabalha há entre 5 e 19 anos no seu local de trabalho actual, ao passo que apenas 2 aí trabalham há 3 anos ou menos, o que revela uma tendência de estabilidade laboral, podendo este ser considerado um factor para uma maior predisposição para a frequência do Processo de RVCC.

No que se refere à profissão actual dos adultos, 5 são operários, 5 trabalham na área dos serviços e 2 desempenham cargos de chefia intermédia.

Estes dados reflectem também a tendência nacional, na medida em que, de acordo com o relatório “Painel de avaliação de diferenciação entre inscritos e não inscritos na Iniciativa Novas Oportunidades”, “(...) a Iniciativa Novas Oportunidades está a tocar de modo destacado nas profissões ligadas aos serviços e um pouco aos operários (...)” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 53).

Ao analisar-se as primeiras profissões e as profissões actuais dos adultos certificados, verifica-se que houve uma manutenção do tipo de profissões, não havendo portanto uma mudança profissional, com excepção de dois casos que assumiram funções de chefia intermédia.

No entanto, ao comparar-se as profissões dos adultos com as profissões das famílias de origem, observa-se que os pais tinham na totalidade profissões ligadas ao operariado (8) e as mães eram na sua maioria domésticas (4) e 2 eram operárias, o que significa que houve uma deslocação da área de trabalho do operariado para a área de trabalho dos serviços no que se refere à profissão dos adultos certificados quando comparada com a profissão das famílias de origem.

A par com a sua actividade profissional principal, 4 adultos referiram possuir um emprego paralelo como forma de obterem um rendimento complementar.

Em relação a situações de desemprego anterior/actual e respectivos motivos, não há referências nos PRA analisados a este tipo de situação.

Neste estudo, a amostra é constituída totalmente por activos empregados, o que vai de encontro ao tipo de população que, a nível nacional, frequenta a Iniciativa Novas Oportunidades – “(...) reflectindo a Iniciativa Novas Oportunidades uma concentração na população activa (...)”, preponderando entre ela os empregados (Carneiro *et al.* 2009, p. 52).

### **Percurso Formativo**

“A formação profissional permite verificar a relação com a formação ao longo da vida” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 49). Como tal, através da análise do percurso formativo pretendeu-se compreender qual o historial dos adultos em termos de procura de formação, que tipo de formação frequentaram e porquê. Também se tentou perceber qual a importância atribuída pelos adultos à frequência das acções de formação e que aprendizagens daí retiraram.

### **Formação profissional/impactos**

Em termos do percurso formativo dos adultos, dos 11 registos relacionados com o tema, verifica-se que todos frequentaram acções de formação, sendo que a frequência de acções ocorre num intervalo entre 3 e 10 ou mais acções de formação frequentadas por cada um dos adultos, o que poderá indiciar uma maior predisposição para prosseguirem a sua trajectória formativa. A nível nacional, os inscritos nas Novas Oportunidades demonstram igualmente possuir uma “(...) condição predisponente maior para prosseguirem o seu desenvolvimento educativo”, de acordo com o relatório “Painel de avaliação de diferenciação entre inscritos e não inscritos na Iniciativa Novas Oportunidades” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 49), podendo este ser um indicador da maior predisposição destes adultos a um regresso ao processo de aprendizagem.

Relativamente ao tipo de acções de formação frequentadas pelos adultos, a maioria (77.4%) foi efectuada devido a necessidades profissionais, ao passo que apenas 22.6% foram realizadas a título pessoal.



**Gráfico 5. Importância atribuída à frequência das acções de formação**

Relativamente à importância que os adultos atribuem à frequência de acções de formação, 23.3% salientaram a actualização de conhecimentos, 16.7% referiram um melhor desempenho profissional, 10% disseram que proporciona uma reconversão profissional, 10% salientaram a facilidade de integração no mercado de trabalho, 6.7% apontou a maior produtividade, 6.7% disse ser um meio de obter mais qualificações profissionais, 6.7% referiu ser uma mais-valia para as empresas, 6.7% destacou a maior competência, 3.3% apontou a realização pessoal/auto-confiança, 3.3% salientou a maior competitividade, 3.3% referiu a maior estabilidade profissional e 3.3% destacou a garantia de qualidade. Ou seja, a maior parte dos adultos (73.3%) associa a formação profissional sobretudo a benefícios relacionados com a actividade profissional e com o mercado de trabalho, tendência idêntica à verificada a nível nacional, tal como descreve o relatório “Painel de avaliação de diferenciação entre inscritos e não inscritos na Iniciativa Novas Oportunidades”: “(...) um grupo significativo de pessoas busca na educação e formação profissional forma de progredir na vida (...)” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 51).

No que se refere à percepção que os adultos têm em termos de aprendizagens efectuadas por via da frequência das diversas acções de formação que realizaram, 69.2% destacaram aprendizagens realizadas decorrentes das formações associadas

às necessidades profissionais, ao passo que apenas 30.8% referiram aprendizagens efectuadas em contexto pessoal.

<p>“Nesta formação houve um grande enfoque no facto de nunca efectuarmos qualquer trabalho sem primeiro verificar se existem as condições de segurança necessárias para evitar possíveis acidentes de trabalho. (...) aprender a tratar de uma criança no dia-a-dia e viver com ela. (...) aprendi a auxiliar a minha mulher durante a fase final da sua gravidez e até no momento do parto (...) Esta preparação que tivemos fez com que (...) encarássemos o parto de uma forma diferente. (...) reagimos como se já não fosse novidade para nós”.</p> <p>(José)</p>	<p>“... aprendi a fazer roupa (calças, saias, blusas, batas). Fazia tudo em moldes e aplicava em papel vegetal que, por sua vez, era passado para tecido que moldava ao meu corpo. (...) aprendi a liderar, a trabalhar e a motivar a equipa de trabalho. (...) aprendi coisas, tais como liderança de equipas, trabalho em equipa, comunicação interpessoal, motivação de equipa e plano de desenvolvimento pessoal. (...) aprendi qual a melhor forma de garantir ao cliente a qualidade e credibilidade do produto que iremos fornecer atendendo sempre às suas necessidades”.</p> <p>(Mariana)</p>
<p>“... aprendi a movimentar e manusear cargas de forma a não danificar nem o material nem a minha integridade física e a dos outros. (...) aprendi as regras básicas de higiene e segurança que devemos ter em consideração no trabalho, de forma a evitar acidentes de trabalho e doenças profissionais. (...) Aprendi as noções básicas na óptica do utilizador, iniciação à informática e Windows 98, Microsoft Word 97, Microsoft Excel 97, Introdução à Internet e navegação”.</p> <p>(Miguel)</p>	<p>“... existem normas e regras de segurança a cumprir por todos os trabalhadores. Este curso (...) permitiu-me identificar incorrecções que, sem querer, praticava. (...) aprendi a cuidar da imagem das pessoas ...”</p> <p>(Sofia)</p> <p>“Aprendi muitos procedimentos de diagnóstico, como por exemplo medições de tensão arterial com base em eco-doppler ou a execução de ECG (electrocardiograma) e espirometrias. (...) Aqui ensinaram-me a preparar a assistência em exames e intervenções endoscópicas, como por exemplo a colonoscopia. Igualmente aprendi outras tarefas como a preparação e execução de exames laboratoriais e a redacção de relatórios de diagnóstico e cartas de médico”.</p> <p>(Maria)</p>
<p>“Na minha vida profissional com as formações que fui fazendo fui adquirindo mais conhecimentos que tornam mais rápidas e eficientes as minhas funções, como põe exemplo fazer arquivo sem gastar papel, enviar dados mais rapidamente por e-mail em vez de imprimir uma folha e passar por vários processos até chegar ao destino”.</p> <p>(Simone)</p>	

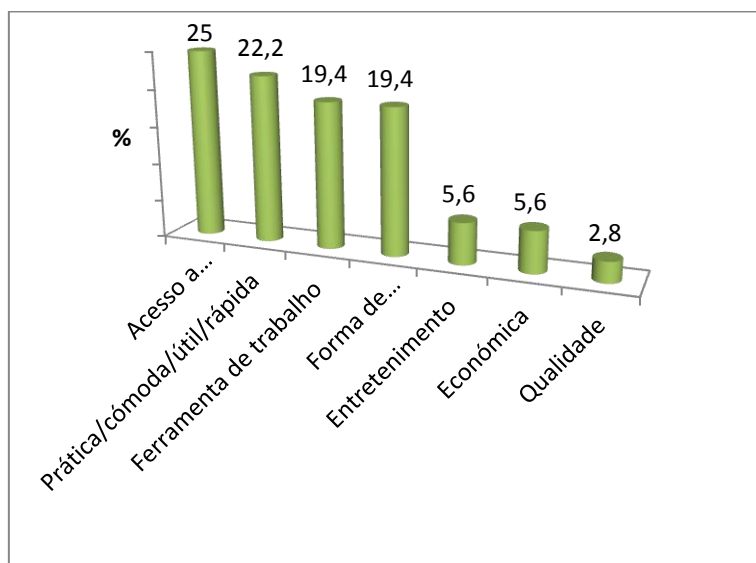
## Outras competências

Uma vez que as TIC, particularmente a utilização do computador, e o domínio de uma língua estrangeira são dois dos requisitos necessários para a frequência do Processo

de RVCC NS, pretendeu-se compreender de que forma os adultos utilizam e que importância atribuem a cada uma destas vertentes.

Em relação á utilização das TIC, 28.6% dos adultos referiram utilizar as TIC em contexto profissional (programas do Office, programas específico para diversos trabalhos, e-mail, PDA, periféricos informáticos, telemóvel), ao passo que 71.4% fizeram referência à sua utilização em contexto pessoal (Internet, entretenimento, pesquisa de informação, pagamentos, compras, declarações electrónicas, programas de conversação, redes sociais, telemóvel, jogos de PC e e-mail).

Uma vez mais, constata-se a nível local a tendência verificada a nível nacional, i.e., a valorização das “e.competências”, através da utilização do computador e da Internet (Carneiro *et al.*, 2010, p. 62).



**Gráfico 6. Importância atribuída à utilização das TIC**

No que se refere à importância que os adultos atribuem à utilização das TIC, 25% referiram o acesso a informação/conhecimento, 22.2% destacaram o facto da Internet ser prática/cómoda/útil/rápida, 19.4% disseram que as TIC eram uma ferramenta de trabalho, 19.4% salientaram ser uma forma de comunicação/contacto permanente, 5.6% disse ser uma forma de entretenimento, 5.6% referiu que a Internet é económica e 2.8% salientou a sua qualidade.

Quanto à Língua Estrangeira, dos 7 registos relacionados com o tema, 3 adultos referiram ter adquirido conhecimentos de LE através da frequência de acções de formação, 3 disseram ter sido através da experiência profissional e 1 referiu que foi através da escola.

Em termos de dificuldades sentidas na utilização da LE, apenas 1 adulto referenciou a questão ao dizer que tem dificuldades na utilização da LE quando se desloca em férias ao estrangeiro.

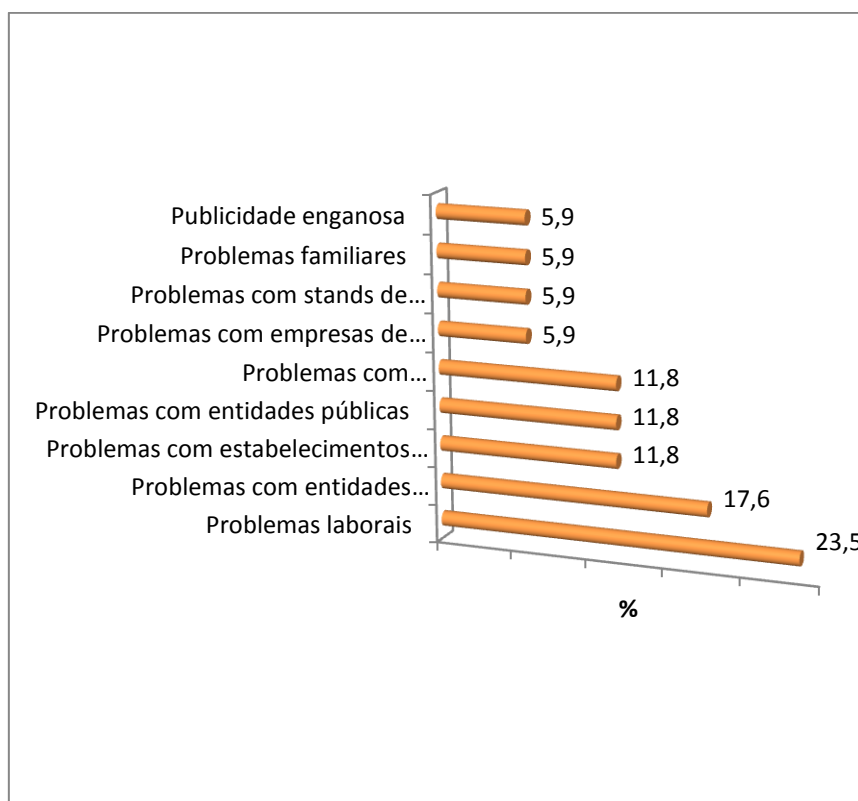
Como tal, não é dada particular relevância pelos adultos à questão da LE, o que mais uma vez reflecte a tendência nacional, i.e., “As competências usadas menos frequentemente são (...) a língua estrangeira (...)” e “(...) É nas competências básicas (...) no domínio de uma língua estrangeira que os progressos (...) são (...) de menor expressão” (Carneiro *et al.*, 2010, pp. 69 e 72).

### **Relações sociais**

Sendo a participação social inserida no exercício da cidadania democrática uma das vertentes a valorizar no Processo de RVCC, e de particular importância, pretendeu-se compreender se os adultos já se sentiram vítimas de alguma situação que tenham considerado injusta e porque acham que isso aconteceu. Também se pretendeu perceber se tiveram ou não capacidade de resolver a situação, se recorreram a serviços que os pudessem ajudar e, se não conseguiram fazê-lo, que tipo de atribuições causais consideraram associadas a essa falta de resposta. Pretendeu-se com isso compreender até que ponto os adultos têm capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.

Analizou-se ainda se os adultos se interessam pelos direitos que têm e se zelam por eles no sentido de vê-los cumpridos.

Por fim, tentou-se compreender se os adultos participam em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática e até que ponto se identificam e participam em actividades desenvolvidas pelas entidades locais.



**Gráfico 7. Situações de injustiça vividas pelos adultos**

No que diz respeito às relações sociais e à participação dos adultos na vida democrática, designadamente no que se refere ao facto dos adultos terem já vivido situações que consideraram injustas em termos de não terem visto cumpridos os seus direitos enquanto cidadãos, 23.5% referiram ter já passado por problemas laborais, 17.6% por problemas com entidades bancárias/seguradoras, 11.8% por problemas com estabelecimentos comerciais, 11.8% por problemas com entidades públicas, 11.8% por problemas com electrodomésticos/equipamentos técnicos, 5.8% por problemas com empresas de comunicações, 5.8% por problemas com stand de automóveis, 5.8% por publicidade enganosa e 5.8% por problemas familiares.

Quanto à forma de resolução das situações de injustiça vividas pelos adultos, 31.25% referiram ter reclamado junto das entidades competentes, 31.25% disseram ter reclamado no próprio local/entidade onde ocorreu a situação, 25% referiram ter recorrido ao tribunal e 12.5% disseram ter resolvido a situação através da reivindicação laboral.

Como tal, pode verificar-se que as reclamações e situações de injustiça relatadas pelos adultos estão associadas sobretudo ao consumo e à defesa do consumidor (70.6%).

Relativamente ao interesse e defesa dos direitos sociais e dos cidadãos, os 10 adultos que referiram este assunto consideram que é importante reclamar e reivindicar os direitos sociais e estar informados, esclarecidos e ter conhecimentos sobre esses mesmos direitos por forma a poder utilizá-los da melhor maneira. Também consideram que a população em geral deveria utilizar com mais frequência o direito à reclamação para assim resolver os seus problemas e contribuir para a melhoria dos serviços disponíveis a todos.

*“Penso que é importante enquanto consumidora reclamarmos sempre que é necessário, porque muitas vezes só assim é que conseguimos fazer valer os nossos interesses e direitos. Enquanto cidadã consciente procuro cumprir os meus deveres e por isso exijo o respeito dos meus direitos. Penso que de um modo geral os portugueses não são muito reivindicativos, e perante situações como esta que vivi, que me foi bastante difícil, possivelmente não conseguiriam resolver o problema, porque as pessoas muitas vezes pensam que contra as instituições nada podem, e não é bem assim, pois existem leis, se formos cidadãos informados e interessados em conhecer os nossos direitos e tivermos vontade de resolver os nossos problemas devemos avançar na defesa dos nossos direitos. Se todos tivéssemos este comportamento penso que as instituições fariam um esforço para funcionar melhor, logo todos nós sairíamos beneficiados”.*

(Mariana)

*“... pedi o livro de reclamações para efectuar a minha reivindicação. (...) neste caso, foi muito importante para mim ter conhecimento das leis que abrangem os direitos do consumidor. Muitas vezes na vida perdemos a razão pelo simples facto de não nos darmos ao trabalho de nos informarmos sobre os nossos deveres e direitos enquanto trabalhadores. Acho que o Estado tinha que obrigar as empresas a estipular no contrato de trabalho quais as obrigações da entidade patronal em caso de despedimento, porque na maioria dos contratos simplesmente está tudo substituído por um artigo de uma certa lei, que ninguém conhece de cor sem consultar uma entidade pública responsável, e se não nos dermos ao trabalho de ir pedir aconselhamento, simplesmente perdemos os nossos direitos”.*

(Catarina)

*“Penso que é fundamental reivindicarmos os nossos direitos e lutarmos pelas condições de trabalho a que temos direito e foi esta a postura que procurei ter sempre ao longo do meu percurso profissional (...) Na minha opinião, se todas as pessoas procedessem da mesma forma as empresas que têm este tipo de atitude pensariam duas vezes antes de exigirem o que não lhes é devido. Existe uma falta de civismo da parte das empresas para com os seus clientes, sendo estes que lhes proporcionam os lucros”.*

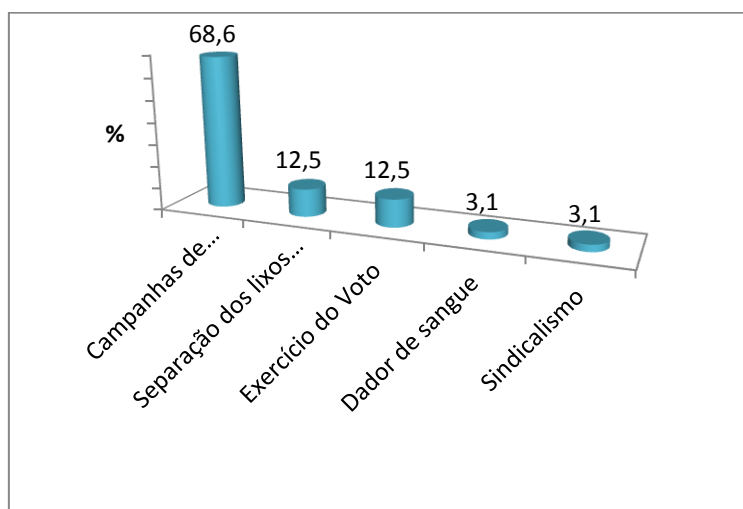
(João)

*“Penso que sempre que os nossos direitos nos são negados, devemos reivindicá-los, apresentando argumentos credíveis, de forma a trabalharmos com justiça. Enquanto trabalhadora tenho sido sempre cumpridora e por isso vejo-me no direito de reivindicar a minha situação profissional, sempre que é necessário. Esta devia ser a atitude de todos os trabalhadores, se assim fosse talvez as entidades patronais se comportassem de outra forma. O povo português de um modo geral é pouco reivindicativo, falam muito mas agem pouco. (...) Muitas vezes chego à conclusão que vivemos num regime democrático, mas não podemos falar, pois vivemos com medo de tudo e de todos. O reclamar é importante porque no fundo é um contributo para melhoria de um serviço”.*

(Simone)

*“... acho que nós temos que defender os nossos direitos e manifestar os nossos princípios se não as entidades patronais fazem connosco o que querem e as nossas condições de trabalho em vez de ficarem melhores ficam cada vez piores e finalmente perdemos a nossa dignidade. (...) Acho que é importante reclamarmos porque se nós aceitamos uma vez um comportamento incorrecto ou uma infracção contra os nossos direitos, a probabilidade de voltar a acontecer outra vez será grande. Só conseguimos ultrapassar estas situações se mostrarmos claramente a nossa posição no assunto e fizermos ver que conhecemos os nossos direitos. (...) Enfim, as reclamações servem para melhorar as coisas, não só para nós nesse momento, mas sim para todos os que se possam encontrar um dia na mesma situação”.*

(Maria)



**Gráfico 8. Participações dos adultos em actividades sociais ou relacionadas com o exercício da cidadania democrática**

Em termos da participação dos adultos em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática, a maioria dos indivíduos (68.6%) referiu participar em campanhas de solidariedade social de cariz assistencialista, sendo de destacar a maior participação nas campanhas do Banco Alimentar Contra a Fome (25%), 12.5% disseram fazer a separação dos lixos domésticos, 12.5% salientaram pôr em prática o exercício do voto, 3.1% destacou a participação no movimento sindical e 3.1% referiu ser dador de sangue.

Quanto à participação dos adultos em actividades desenvolvidas a nível local, 25% referiram participar ou ter já participado em associações desportivas, 25% em ranchos folclóricos, 12.5% nos Bombeiros Voluntários, 12.5% no grupo de jovens da Igreja, 12.5% na columbofilia e 12.5% na canaricultura, o que denota um reduzido nível de participação e envolvimento por parte dos adultos em actividades desenvolvidas por entidades locais.

Apesar de todos os adultos reconhecerem a importância da defesa e reivindicação dos direitos sociais e dos cidadãos, observa-se que a maioria não se mobiliza em torno de uma efectiva participação e envolvimento pessoal em actividades direccionadas para o exercício da cidadania activa e democrática, quer seja a nível local, quer seja a nível nacional, destacando-se apenas a participação em campanhas de solidariedade social.

### **Economia doméstica**

“O rendimento familiar é sempre factor condicionante do perfil de aquisições de uma família” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 32).

No que se refere à economia doméstica, pretendeu-se compreender onde mora o agregado, as suas condições de habitabilidade e o regime de propriedade, conhecer o rendimento mensal familiar disponível dos adultos, perceber se costumam ter férias, se o tipo de trabalho ou os rendimentos o permitem (pode ser indicador de um aumento de qualidade de vida do agregado), bem como perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinhos ou com a família e que tipo de actividades são essas.

Assim, todos os adultos possuem habitação própria, sendo que, das 11 referências ao assunto, 6 referiram viver em vivendas/moradias, 4 em apartamentos e 1 numa casa térrea.

Relativamente às condições de habitabilidade, todos referiram possuir as condições básicas de habitabilidade, tais como saneamento básico, água canalizada e electricidade. Todas as habitações possuem também condições de conforto.

*“A minha casa (...) É grande, tem um grande terreno de meio hectare, animais, árvores de fruto e uma pequena horta para consumo próprio onde cultivo sobretudo legumes sem recorrer a químicos. (...) por vezes, faço algum exercício físico nos equipamentos que tenho no meu ginásio. A casa tem dois andares (num dos andares vivo eu e no outro a minha mãe) e um sótão não aproveitado, apenas para arrumação”.*

(Mariana)

*“Moramos (...) numa vivenda bi-familiar, no rés-do-chão. Fizemos algumas obras e pinturas, pois a casa já não era nova (...) Agora a casa está como na planta original, tem uma sala de jantar com 16 m<sup>2</sup>, três quartos com cerca de 9 m<sup>2</sup> cada um, duas casas de banho, uma com polibã e a outra com banheira, e uma cozinha com cerca de 10 m<sup>2</sup>”.*

(Margarida)

*“A moradia por nós adquirida tem uma tipologia V5, isto é, quatro quartos e uma sala. Dos quartos, dois são suites, sendo uma no rés-do-chão e a outra no primeiro andar. O total da área bruta é de aproximadamente quatrocentos e oitenta e cinco metros quadrados, sendo constituído por três pisos (cave, rés-do-chão e primeiro andar) e dois logradouros. A cave corresponde à garagem. O rés-do-chão alberga a cozinha, a sala e uma suite, para além da sala das máquinas e casa de banho de visitas. O primeiro andar é constituído por quartos”.*

(Sofia)

*“Os acabamentos da minha casa são de primeira qualidade, azulejos, mosaicos (cerâmica com revestimento vidro), soalho flutuante, tectos falsos em pladur, portas de madeira (pinho), roupeiros encastrados com portas deslizantes em pinho, estores com isolamento térmico, pedras mármore, janelas de alumínio com vidro duplo (...) excelentes áreas da minha casa 8sala 27, 49 m<sup>2</sup>, cozinha 19,12 m<sup>2</sup>, hall 4, 82 m<sup>2</sup>, duas casas de banho, uma com 5, 57 m<sup>2</sup>, outra com 5, 48 m<sup>2</sup>, três quartos, com 17, 22 m<sup>2</sup>, 12, 44m<sup>2</sup> e 13, 83 m<sup>2</sup>) ... Esta casa já estava equipada com todos os electrodomésticos na cozinha e com ar condicionada na sala e nos quartos”.*

(José)

*“Vivo numa casa antiga com mais de duzentos anos, que já está na família há cinco gerações, mas que já sofreu muitas obras. Relativamente ao tipo de casa e suas divisões, é uma casa só de rés-do-chão, com três quartos, uma casa de banho, uma sala grande e outra mais pequena, e uma cozinha com sala de jantar. Tem uma área total de mais ou menos quinze metros de largura por vinte metros de comprimento. (...) Só desde há quinze anos para cá é que possuo energia eléctrica em casa ...”*

(Miguel)

*“... encontrei a casa dos meus sonhos, já velhinha, mas com quintal e num sítio sossegado. É uma moradia modernista construída em 1971 num bairro (...) A área total do terreno é de 330 metros quadrados. O próprio edifício tem uma área de 120 metros quadrados. É um prédio de rés-do-chão com seis divisões: sala, quarto do Tiago, quarto da Marlina, escritório, quarto de dormir, cozinha e casa de banho. Para termos um quarto de visitas transformámos a garagem em dois quartos, um para visitas e o outro para arrecadações”.*

(Maria)

Relativamente ao rendimento mensal familiar expresso por 7 dos 12 adultos, verifica-se que os seus rendimentos mensais situam-se num intervalo entre os 600€ e os 2.573€, sendo a média de rendimentos mensais 1.692.6€.

### **Lazer e tempos livres**

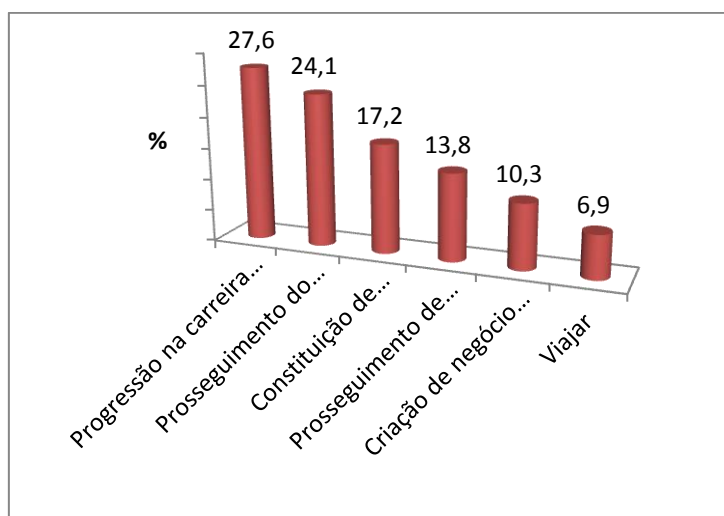
Relativamente aos hábitos de lazer e tempos livres, de acordo com o relatório “Painel de avaliação de diferenciação entre inscritos e não inscritos na Iniciativa Novas Oportunidades”, “O exercício de ler um jornal, ou de ir a um museu são formas de transformar informação em conhecimento (...)” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 74), o mesmo sucedendo relativamente ao cinema ou ao teatro. Por seu turno, “A tipologia de acesso a bens culturais (...) contribui decisivamente para o desenvolvimento educacional (...)” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 30).

Como tal, no que se refere às actividades de lazer e tempos livres expressas pelos adultos, 14.3% referiram ocupar o tempo livre com a família, 14.3% disseram costumar ir ao cinema, 8.6% salientaram que têm por hábito passear, 8.6% passam o tempo livre no computador, 5.7% referiram praticar desporto, 5.7% disseram ver televisão, 5.7% disseram fazer ponto cruz, 5.7% referiram dedicar-se ao cultivo, 5.7% costumam ir ao teatro, ao passo que as restantes ocupações de tempos livres (ir a museus, viajar, ler, ouvir música, restauro, fotografia, ir a concertos, tauromaquia e futebol) obtiveram apenas 2.8% de respostas cada. Ou seja, os adultos não utilizam, na sua maioria, os tempos de lazer em actividades e consumos culturais, pelo que estes se revelaram reduzidos. Esta tendência verifica-se igualmente a nível nacional, de acordo com os dados publicados no relatório “Painel de avaliação de diferenciação entre inscritos e não inscritos na Iniciativa Novas Oportunidades”, coordenado pelo Prof. Doutor Roberto Carneiro.

Em termos dos hábitos de férias dos adultos, 57.1% referiram fazer férias em Portugal, ao passo que 42.9% disseram fazer férias fora de Portugal.

### **Expectativas sobre a vida**

Quanto a este ponto, pretendeu-se compreender quais as expectativas dos adultos ao longo do tempo - a curto, médio e longo prazo -, bem como a capacidade de idealizar projectos de vida e que projectos são esses.



**Gráfico 9. Projectos de vida futuros expressos pelos adultos**

Neste sentido, no que se refere aos projectos futuros dos adultos, 27.6% referiram a progressão na carreira/encontrar um melhor emprego, 24.1% salientaram o prosseguimento do percurso formativo, 17.2% destacaram a constituição de família/aumento da família/estabilidade familiar, 13.8% referiram o prosseguimento de estudos a nível superior, 10.3% disseram que pretendiam criar um negócio próprio e 6.9% referiram querer viajar. Ou seja, os projectos referidos pelos adultos prendem-se maioritariamente com situações profissionais (37.9%) e formativas/académicas (37.9%), ao passo que apenas 24.1% destacaram situações pessoais/familiares.

O relatório “Iniciativa Novas Oportunidades: resultados da avaliação externa (2009-2010)”, refere a importância dada à capacidade de “aprender a aprender”, através do destaque da “(...) tomada de consciência da importância que tem a aprendizagem ao longo da vida e que faz os adultos querer ‘não parar por aqui’” (Carneiro *et al.*, 2010, p.62). Tal situação também se verifica a nível local, na medida em que um dos objectivos mais mencionados pelos adultos em termos futuros prende-se justamente com projectos formativos/académicos.

Por seu turno, a progressão profissional é um outro factor bastante mencionado pelos adultos, indo justamente de encontro ao que se passa a nível nacional, i.e., “(...) para a maioria das pessoas, a Iniciativa Novas Oportunidades é uma ferramenta de progresso profissional” (Carneiro *et al.*, 2009, p. 118).

### **3.2.1.1. Conclusões**

Em síntese, pode concluir-se que os resultados obtidos neste estudo reflectem a tendência nacional, i.e., o tipo de população que acede ao processo de RVCC NS no CNO de Benavente tendencialmente acompanha os resultados verificados no que se refere à população que frequenta a Iniciativa Novas Oportunidades a nível nacional. Tal é particularmente perceptível no que se refere aos elementos de caracterização sociográfica, à imagem remanescente que os adultos têm da escola, às motivações para a inscrição no CNO, à situação profissional actual, à formação profissional, às competências nas áreas das TIC e LE, ao lazer e tempos livres e aos projectos futuros. Apesar deste não ser um estudo representativo, podem interpretar-se estes resultados como demonstrativos da existência tendencial de um padrão relativamente ao tipo de população que acede aos processos de RVCC NS e à iniciativa Novas Oportunidades. Há outras dimensões de análise em que não foi possível estabelecer comparações entre os níveis local e nacional, uma vez que os relatórios de avaliação a nível nacional não abordam tais questões, como é o caso, por exemplo, do passado escolar e dos motivos para o abandono escolar, do passado profissional, do meio social de origem, das migrações e das relações sociais.

Ao confrontar-se os resultados obtidos com o enquadramento teórico de referência utilizado neste trabalho, verifica-se que estes reflectem tendências que vão de encontro ao modelo económico produtivo (Férrandez, 2006) associado à lógica da gestão de recursos humanos e da aprendizagem ao longo da vida.

Neste sentido, os resultados referem que os activos empregados são os que mais participam no Processo de RVCC NS e na Iniciativa Novas Oportunidades, sendo que, de acordo com Férrandez (2006), um dos factores sociais indicador de diferentes níveis de participação nos processos formativos refere justamente que os activos empregados têm maiores níveis de participação que os desempregados. Por outro lado, tal situação remete ainda para a perspectiva dominante no que se refere à educação de adultos, i.e., a formação vocacional e a aprendizagem individual, sendo que estas dirigem-se sobretudo aos trabalhadores assalariados como forma daqueles adquirirem constantemente novas competências por forma a atingirem a “empregabilidade” (Lima, 2005). A própria situação profissional actual dos adultos certificados em 2010 no CNO de Benavente confirma esta tendência, já que estes são na sua maioria trabalhadores por conta de outrem, encontrando-se numa situação

profissional estável, destacando-se sobretudo as áreas profissionais relacionadas com os serviços e o operariado.

Quanto às motivações para a inscrição no CNO, bem como aos projectos futuros, os adultos salientam sobretudo motivos e projectos relacionados com o prosseguimento de estudos/formação e expectativas de melhoria em termos do seu percurso profissional, associando as metodologias de reconhecimento dos adquiridos experiências e o Processo de RVCC à progressão de estudos no ensino formal e ao acesso ao emprego e à formação profissionalizante. Há, pois, uma aposta em termos de opções políticas no reconhecimento e validação de adquiridos experienciais, mas apenas de acordo com uma lógica de gestão de recursos humanos e de desenvolvimento económico, estando-se perante uma lógica instrumental direccionada para a obtenção de certificações escolares e/ou profissionais como forma de promoção da mobilidade e da empregabilidade adequadas às necessidades do mercado.

Relativamente à formação profissional, a maioria dos adultos frequentou acções de formação particularmente para fazer face a necessidades profissionais, associando a formação a benefícios também profissionais, bem como referem que as aprendizagens efectuadas se enquadram sobretudo a nível do contexto profissional. Como tal, a educação de adultos e a criação de uma diversidade de ofertas formativas a ela associadas denota uma visão da educação como sendo um instrumento ao serviço da economia de mercado.

Tal como refere Lima (2005), “(...) a própria população adulta perde identidade, acabando conceptualmente (...) restringida a ‘população activa’ para efeitos de ‘qualificação profissional’” (p. 49). As pessoas são vistas como “consumidores” ou “clientes”, optando pela acumulação individual de certificados e diplomas, tornando-se gestoras da sua formação, de acordo com o mercado. Ou seja, a educação é entendida como uma acumulação de conhecimentos ao invés de ser vista como um processo de “aprender a ser”. O próprio relatório “Iniciativa Novas Oportunidades: resultados da avaliação externa (2009-2010)” adopta a perspectiva do adulto enquanto “cliente” ao referir que “a iniciativa Novas Oportunidades representa um processo inovador de organização do sector público, visando a procura de maior satisfação do cidadão/cliente (...)” (Carneiro *et al.*, 2010, p.11).

Neste sentido, a aprendizagem ao longo da vida pressupõe a necessidade de aprender desde o nascimento até à morte, como garante de empregabilidade, inclusão social, competitividade e desenvolvimento económico. A aprendizagem é vista como um direito e um dever das pessoas, centrando-se a responsabilidade nos indivíduos e referindo-se a cidadania activa como estratégia de responsabilização individual por forma a não passarem por situações de exclusão social.

Como tal, a educação apenas se adapta às lógicas e necessidades do mercado, sendo a cidadania remetida para “(...) um modelo de mercado de liberdades, estritamente económicas, dos consumidores” (Lima, 2005, p. 51), pelo que a educação não é aqui entendida como um espaço de liberdade para as pessoas.

## **Considerações Finais**

A elaboração de uma narrativa autobiográfica com base numa explicitação e numa análise do percurso familiar, académico/formativo, profissional e social, identificando situações, contextos e pessoas determinantes ao longo desse percurso e descrevendo momentos significativos, foi o ponto de partida deste trabalho de projecto.

O objectivo da construção desta narrativa foi realizar um balanço reflexivo e crítico sobre o percurso formativo e a experiência da autora como formadora de adultos, pretendendo-se dar resposta às questões “Como me tornei formadora?” e “Onde é que me situo como formadora?”.

Pôde assim pôr-se em prática o que no dia-a-dia profissional é solicitado aos adultos que frequentam processos de RVCC, compreendendo-se a importância da formação experiencial, bem como o valor das aprendizagens em contextos informais e não formais e identificando-se quais os momentos e os adquiridos experienciais que foram significativos e determinantes para a realização desta autobiografia reflexiva em termos da experiência da autora, enquanto formadora de adultos, quer seja a nível pessoal, profissional ou social. Como tal, destacaram-se as influências a nível familiar, social e profissional, o que reflecte a perspectiva holística e sistémica do processo educativo. A elaboração desta narrativa possibilitou reconhecer as dificuldades inerentes à exploração das experiências vividas e sua transformação em saberes próprias deste tipo de abordagem, o que levou a uma melhor percepção do vivenciado pelos adultos que recorrem a este processo, sendo pois uma forma de futuramente melhor se poder trabalhar, ajudar e compreender as dificuldades e obstáculos dos adultos.

A construção desta narrativa permitiu ainda compreender que tipo de formadora de adultos a autora se considera e com que modelo social de educação mais se identifica. Por fim, permitiu também reflectir sobre as perspectivas futuras da educação de adultos, tendo em conta os vários cenários a ela associados.

Uma vez que ao longo do percurso profissional da autora foi-lhe dada a conhecer sobretudo a perspectiva da aprendizagem ao longo da vida, a frequência deste curso de mestrado permitiu reconhecer e compreender os diversos modelos da educação de

adultos, através da aquisição de saberes relativos às várias correntes que se encontram na base do impasse em que vive actualmente a formação de adultos.

Neste sentido, foi realizada uma abordagem em termos da evolução histórica das medidas e políticas da educação de adultos a nível nacional, europeu e internacional, cujo objectivo consistiu em compreender o caminho percorrido até às actuais tendências políticas educativas da educação de adultos, designadamente a Iniciativa Novas Oportunidades e, mais concretamente, os processos de reconhecimento de adquiridos experiências.

Como tal, começou por traçar-se uma perspectiva histórica a nível internacional, mencionando-se a importância e a influência da UNESCO em termos do movimento da educação permanente, associado à lógica emancipatória e ao modelo dialógico social, considerando o indivíduo o centro do processo educativo, de acordo com uma concepção holística, humanista e sistémica. Depois, fez-se uma análise das diversas Conferências realizadas no âmbito da UNESCO, articulando-se estas com a passagem do movimento da educação permanente à perspectiva da aprendizagem ao longo da vida.

De seguida, analisaram-se as medidas políticas da educação de adultos a nível da UE, tendo em conta o Livro Branco “Ensinar e aprender: Para uma sociedade cognitiva” e o Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida, as quais remetem para a perspectiva da aprendizagem ao longo da vida, associada à lógica da gestão de recursos humanos e ao modelo económico produtivo, sendo a economia de mercado o motor da educação e da formação de adultos.

Por fim, articularam-se as tendências internacionais e da UE com a evolução das medidas e políticas de educação de adultos a nível do contexto português. Para tal, fez-se menção aos movimentos de educação popular, iniciados com o advento da industrialização, continuando de forma clandestina no período da ditadura fascista e expandindo-se no período após a Revolução de Abril, os quais possibilitaram a tomada de consciência, a reflexão e a postura crítica e promoveram a participação social, valorizando o saber e a experiência de vida das populações. Fez-se também referência à DGEP e ao PNAEBA (1974-1976 e 1979), verificando-se uma articulação com movimentos associativos e projectos de desenvolvimento local, havendo uma

descentralização e a promoção de iniciativas educativas. Tal deveu-se aos ideais proclamados pela UNESCO no âmbito da Educação Permanente, os quais valorizavam a aprendizagem enquanto processo dinâmico e contínuo. Destacou-se ainda a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), a qual não contribuiu para o desenvolvimento da educação de adultos, reforçando o ensino recorrente como uma modalidade de ensino de segunda oportunidade dirigido a adultos que não concluíram o percurso de ensino formal, estando pois associada ao modelo receptivo alfabetizador. Abordou-se, igualmente, a influência dos projectos de desenvolvimento local e a sua tentativa de (re)promover a educação popular, embora cingidos às políticas governamentais vigentes, denotando uma vertente desenvolvimentista, economicista e vocacionalista da educação de adultos. Focou-se ainda a perspectiva da privatização e instrumentalização da educação, na medida em que a educação é entendida como um dever dos cidadãos, direccionada sobretudo para a competitividade e para as necessidades do mercado de trabalho, passando-se a assumir uma perspectiva de aprendizagem ao longo da vida no que se refere à educação de adultos. É colocado o enfoque na valorização das competências, o que leva ao crescimento da formação contínua, particularmente dirigida a quem já detém mais qualificações. Finalmente, fez-se referência às entidades entretanto criadas para regular e controlar a EFA – ANEFA, DGFV e ANQ - e aos CRVCC, actuais CNO inseridos na Iniciativa Novas Oportunidades, que embora inicialmente tentassem ir de encontro ao movimento da educação permanente, antes se integram na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida, na medida em que promovem a certificação de competências e a qualificação académica.

A vertente de estudo empírico do presente trabalho centrou-se na busca de resposta às seguintes questões: “Que tipo de públicos acedem aos CNO, nomeadamente ao Processo de RVCC NS? Quais as suas características sociográficas e quais as suas motivações e expectativas? De que forma os seus percursos de vida nos diversos domínios – pessoal, profissional, formativo e social - concorrem ou não para a opção pela frequência de tal processo?”. Para tal, recorreu-se à análise de conteúdo do PRA dos adultos.

Neste sentido, foi utilizada a metodologia do estudo de caso, tendo por base a realidade do CNO de Benavente, pretendendo-se assim compreender como é que os contextos e trajectórias de vida dos adultos favorecem ou potenciam a frequência do

Processo de RVCC NS. Este estudo apresenta algumas limitações, designadamente a baliza temporal disponível para a realização deste trabalho, bem como a reduzida amostra de adultos estudados.

Não sendo o objectivo deste trabalho traçar um perfil dos adultos que acedem aos CNO, designadamente ao Processo de RVCC NS, até porque existem já estudos a nível nacional que traçam algumas das características desse público, foi no entanto detectada uma tendência, a qual vai ao encontro do que se passa a nível nacional, reflectindo ainda características dos modelos e perspectivas da educação de adultos que predominam actualmente – modelo económico produtivo, aprendizagem ao longo da vida e lógica da gestão de recursos humanos.

Após um ano de trabalho intensivo, a autora conclui que atingiu o objectivo pretendido com a frequência deste curso de mestrado, i.e., trazer algum aporte teórico à actividade prática que vem desenvolvendo há já algum tempo, como forma de melhorar o seu desempenho em termos de trabalho com as pessoas, de aprender mais e compreender melhor a temática da formação de adultos, ficando no entanto com a certeza de que este é um campo vasto a explorar e que ainda muito há a saber no que se refere à educação e formação de adultos.

Uma vez que a autora considera a aprendizagem, tal como a Vida, um processo contínuo e em construção permanente, resta-lhe terminar por ora com uma citação de António Machado, sobejamente conhecida entre os que trabalham neste campo, da qual gosta particularmente, e que tão bem ilustra o processo educativo: “O caminho faz-se caminhando...”.

## Referências Bibliográficas

Alves, N. & Rummert, S. (2010). Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil e em Portugal: alvos da mesma lógica de conformidade. *Revista Brasileira de Educação*, 45 (15), 511-528.

Assembleia da República Portuguesa (2005). *Constituição da República Portuguesa*. Lisboa: Edições Avante.

Bennett, P. & Murphy, S. (1999). *Psicologia e Promoção da Saúde*. Lisboa: Climepsi.

Canário, R. (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In Conselho Nacional de Educação. *A educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, pp. 207-267.

Canário, R. (2008). *Educação de adultos – Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

Carneiro, R., Lopes, H., Cerol, J. & Magalhães, P. (2009). *Painel de avaliação de diferenciação entre inscritos e não inscritos na Iniciativa Novas Oportunidades*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, I. P.

Carneiro, R., Liz, C., Machado, M. R. & Burnay, E. (2009). *Percepções sobre a Iniciativa Novas Oportunidades*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, I. P.

Carneiro, R. Valente, A. C., Liz, C., Lopes, H., Cerol, J., Mendonça, M. A., Carneiro, M. A. & Melo, R. Q. (2010). *Iniciativa Novas Oportunidades: resultados da avaliação externa (2009-2010)*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, I. P.

Cavaco, C. (2002). *Aprender fora da escola. Percursos de formação experiencial*. Lisboa: Educa.

Cavaco, C. (2009). *Adultos pouco escolarizados – Políticas e práticas de formação*. Lisboa: Educa/Unidade I&D de Ciências da Educação.

Correia, J. A. (2005). A formação da experiência e a experiência da formação num contexto de crise de trabalho. In Canário, R. & Cabrito, B. (Eds.), *Educação e formação de adultos. Mutações e convergências*. Lisboa: Educa, pp. 61-72.

Fernández, F. S. (2006). *As raízes históricas dos modelos actuais de educação de pessoas adultas*. Lisboa: Educa/Unidade I&D de Ciências da Educação.

Finger, M. (2005). A educação de adultos e o futuro da sociedade. In Canário, R. & Cabrito, B. (Eds.), *Educação e formação de adultos. Mutações e convergências*. Lisboa: Educa, pp. 15-30.

Finger, M. & Asún. J. M. (2003). *A educação de adultos numa encruzilhada. Aprender a nossa saída*. Porto: Porto Editora.

Josso, M.-C. (2005). Formação de adultos: aprender a viver e a gerir as mudanças. In Canário, R. & Cabrito, B. (Eds.), *Educação e formação de adultos. Mutações e convergências*. Lisboa: Educa, pp. 115-125.

Lima, L. (2005). A educação de adultos em Portugal (1974-2004): entre as lógicas de educação popular e da gestão de recursos humanos. In Canário, R. & Cabrito, B. (Eds.), *Educação e formação de adultos. Mutações e convergências*. Lisboa: Educa, pp. 31-60.

Lourenço, A. D. (1995). *Vila Franca de Xira – Um concelho no país*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal.

Melo, A. (2005). Formação de adulto e desenvolvimento local. In Canário, R. & Cabrito, B. (Eds.), *Educação e formação de adultos. Mutações e convergências*. Lisboa: Educa, pp. 97-113.

Ramos, G. S. (2001). Participación social y comunitaria. Reflexiones. *Revista Cubana de Salud Pública*, 27 (2), 89-95.

Reis, J. C. (1998). *O sorriso de Hipócrates – A integração biopsicossocial dos processos de saúde e doença*. Lisboa: Vega.

# ANEXOS



**Quadro 1. Modelos Educativos**

<b>Modelo alfabetizador receptivo</b>	<b>Modelo dialógico social</b>	<b>Modelo económico produtivo</b>
Valoriza sobretudo a aprendizagem da leitura e a recepção da mensagem, dando valor à memorização, à recordação, ao recurso à tradição e ao ensinar a receber, sendo por isso mais dominador que libertador. Este modelo dava ainda ênfase às deficiências de aprendizagem, funcionando como uma forma de compensar uma lacuna existente.	Incide sobre as aprendizagens de competências por forma a interagir-se na vida em sociedade, colocando o ênfase na reflexão, na consciência crítica, no pensamento e na participação social. É dada importância, para além das competências de leitura e escrita, às competências sociais, no sentido de promover a interacção com as várias situações que a vida vai colocando.	Recai no ensino de competências direccionadas para a participação da população activa no trabalho. A formação contínua é um exemplo prático da aplicação deste modelo, tendo-se em conta as exigências produtivas e a procura de novas competências profissionais. Modelo dominante hoje em dia, assumindo a aprendizagem ao longo da vida um carácter mercantilista, competitivo e produtivo.
O educador de adultos era, pois, o professor detentor de determinado conhecimento e que ensinava, tendo a aprendizagem um objectivo predominantemente académico.	O educar de adultos é visto como um animador ou facilitador das aprendizagens dos adultos, tendo a aprendizagem um objectivo predominantemente social. A aprendizagem de adultos é entendida como um <i>continuum</i> com início nas relações sociais e que se estende ao longo da vida e em todos os seus diversos contextos, cabendo ao educador de adultos reconhecer, dinamizar e potenciar esse mesmo <i>continuum</i> .	O educador de adultos é um gestor de recursos humanos, seleccionando as aprendizagens de acordo com a rentabilidade, tendo esta aprendizagem um objectivo predominantemente económico.

**Fonte:** Adaptado a partir de As raízes históricas dos modelos actuais de educação de pessoas adultas (pp. 16-18) Sanz Fernández, Florentino (2006) Lisboa: Educa/Unidade I&D de Ciências da Educação.

**Quadro 2.** Possíveis Cenários da Educação de Adultos

<b>Cenário da escola empresarial</b>	<b>Cenário do grupo de risco</b>	<b>Cenário da sociedade de lazer</b>	<b>Cenário da responsabilidade ecológica social</b>
Integração de parte da educação de adultos em escolas empresariais. Existência de formação contínua e de secções de aprendizagem com fundamentos teóricos pouco sólidos.	A educação de adultos será direccionada a grupos de risco específicos do actual neo-liberalismo – desempregados, imigrantes, jovens e mulheres – no sentido de tornar estas pessoas aptas a viver de acordo com a sociedade neo-liberal. A educação de adultos será utilizada para assegurar a continuidade do sistema, recuperando e reintegrando os socialmente “disfuncionais”, não havendo mudança social. Por outro lado, a educação destes grupos dependerá da vontade político-social e do investimento público, dado que não há interesse privado em investir em tal acção, já que não implica lucros.	Este cenário é dependente da conjectura económica, podendo ser do interesse das classes privilegiadas. Esta é uma educação privatizada, cuidada, as pessoas educam-se divertindo-se e divertem-se educando-se.	Empenho na mudança social e na acção social. Cenário da democracia participativa, da reassunção da responsabilidade pelos cidadãos, da construção e capacitação das comunidades.

**Fonte:** Adaptado a partir de Educação e formação de adultos. Mutações e convergências (pp. 28-30) Canário, Rui e Cabrito, Belmiro (Org.) (2005) Lisboa: Educa.



**Grelha de análise de conteúdo**  
**Descrição das áreas temáticas a analisar**

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho.
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/ profissão do cônjuge.
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos.
	Situções de migração	Experiência de migração	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez.
			Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento.
			Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.
		Integração na sociedade de acolhimento	Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies).
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação.
	Abandono escolar		Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu.

	Continuação dos estudos		Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a.	
PERCURSO PROFISSIONAL	Passado Profissional	Início na vida profissional	Idade do início da vida profissional e motivos.	
		Mobilidade profissional	Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu.	
	Experiência profissional actual	Situação profissional	Local de trabalho actual	Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.
				Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui.
				Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.
	Situação de desemprego	Anterior		Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.
				Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento
				Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.
		Actual		Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.
				Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.
				Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.
	Formação Profissional			Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida
				Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.
				Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância.
Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.				
Economia Doméstica			Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado.	
			Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.	
			Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.	
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC		Perceber se utiliza habitualmente as TIC, que tipo de ferramentas utiliza e em que contextos. Conhecer as possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.	
	Língua estrangeira		Saber se possuiu conhecimentos a nível de alguma LE, qual, como obteve esses conhecimentos e em que situações utiliza a LE. Conhecer possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.	
	Exercício de cidadania		Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.	
			Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e	

RELAÇÕES SOCIAIS		reclamar direitos. Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.
	Redes Sociais e Ambiente Social	Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática. Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.
	Expectativas sobre a vida	Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.
OBJECTIVOS DE VIDA		

## Grelha de análise de conteúdo – Mariana

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo “... nasci a uma segunda-feira, dia 28 de Julho de 1969 ...” “ <i>I am forty years old</i> ”.
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a Feminino
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo Casada “ <i>I am married...</i> ”
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo 9.º ano
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros “ <i>I was born in Vila Franca de Xira</i> ”. “ <i>Na minha infância era uma menina gordinha e muito protectora do meu irmão, mais novo três anos ...</i> ” “... morando eu em Alverca”.
		Composição do agregado	Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. “ <i>Na minha infância era uma menina gordinha e muito protectora do meu irmão, mais novo três anos ...</i> ” Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge. “ <i>Entretanto, conheci um rapaz, o Paulo, que hoje é o meu marido, namorámos dois anos e casámos a 7 de Setembro de 1991...</i> ”
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos. “... <i>I have two daughters with eleven and sixty years</i> ”. “... em 1993, nasceu a minha filha Andreia Patrícia ...” “ <i>Em 1998, nasceu a minha segunda filha, Florbela Maria ...</i> ”
	Situações de migração	Experiência de migração	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento. Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.
		Integração na sociedade de acolhimento	Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies). “ <i>At the weekend I use to be in my little farm. There I have animals, flowers and vegetables. I have ducks, chickens and geese. I love when</i> ”

			<i>I play with my dogs, Tango e Pepe. When I have nothing to do, I go to the cinema”.</i>
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		<p>Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação.</p> <p>“No meu primeiro dia de escola chorei muito, pois não queria lá ficar. A partir daí fui sempre boa aluna até ser reprovada no 7º ano, o que para mim foi uma grande mudança na minha vida, pois tinha de me deslocar para Vila Franca Xira morando eu em Alverca. Reprovei dois anos no 7º ano, ao passar para o 8º ano voltei a reprovar e deixei de estudar. Na altura, achava a escola muito complicada devido a ter muitas disciplinas que eu não conseguia entender”.</p> <p>“Foi então que fui estudar à noite e concluí o 9º ano, consegui obter um grande resultado, pois as boas notas que tive fizeram com que concorresse a uma bolsa de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian”.</p>
	Abandono escolar		<p>Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu.</p> <p>“Reprovei dois anos no 7º ano, ao passar para o 8º ano voltei a reprovar e deixei de estudar”.</p> <p>“Eu abandonei a escola aos 16 anos porque:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Havia muitas disciplinas que não conseguia entender;</li> <li>• Tinha de tomar conta do meu irmão;</li> <li>• Concluí o 8.º ano no ensino regular;</li> <li>• Terminei o 9.º ano no ensino nocturno aos 17anos”.</li> </ul>
	Continuação dos estudos		<p>Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a.</p> <p>“Sempre tive como objectivo a conclusão do Nível secundário de ensino e essa oportunidade surgiu em Novembro de 2009, sendo que a empresa onde trabalho actualmente aderiu ao programa Novas Oportunidades, dando a possibilidade aos seus trabalhadores poderem frequentar o Processo de RVCC NS - Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências de Nível Secundário. E eis o que me fez aqui chegar”.</p> <p>“Estou no processo de RVCC - Reconhecimento, Validação e Certificação das Competências - por motivação dada por elas (filhas), quando está na altura de ir estudar, fazemos pesquisa em conjunto. Acaba por ser divertido e todas aprendemos”.</p> <p>“Sempre gostei de aprender, por isso, estou hoje inscrita no processo de RVCC de Nível Secundário”.</p>
	Passado Profissional	Início na vida profissional	<p>Idade do início da vida profissional e motivos.</p> <p>“... aos dezanove anos comecei a trabalhar numa ervanária”.</p>
		Mobilidade	<p>Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as</p>

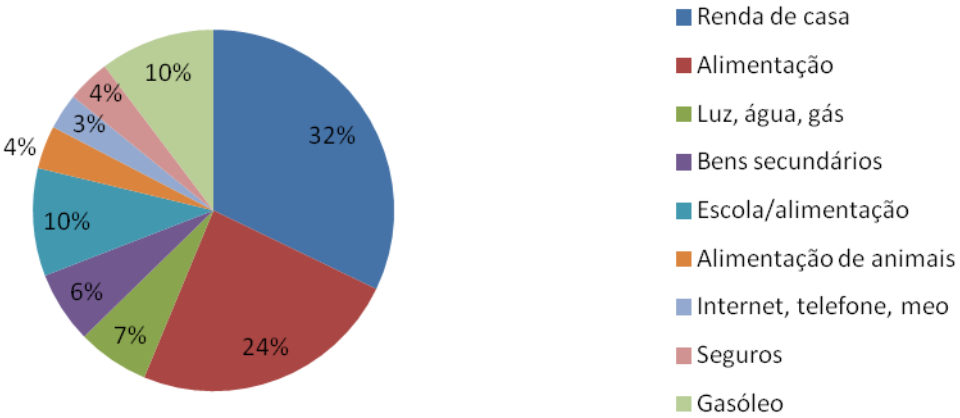
PERCURSO PROFISSIONAL		profissional	<p>funções que exerceu.</p> <p>“... aos dezanove anos comecei a trabalhar numa erva-nária (...) Tive de estudar as plantas e os medicamentos feitos das mesmas pois só assim é que podia aconselhar os clientes, escutando as suas necessidades e aconselhando o tratamento.”</p> <p>“... em meados de Junho de 1992 entrei para a Elis, que é uma empresa que presta serviço têxtil no aluguer da sua roupa, e na qual ainda hoje eu estou”.</p> <p>Era preparadora de roupa e “... passei a chefe de equipa”.</p> <p>“A minha função era controlar a qualidade e a quantidade das toalhas, agrupando os vários tamanhos e colecções para garantir uma boa apresentação e acondicionamento nos carros onde eram transportadas”.</p>
	Experiência profissional actual	Situação profissional	<p>Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.</p> <p><u>Chefe de equipa</u></p>
		Local de trabalho actual	<p>Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui.</p> <p>“... passei a chefe de equipa”.</p> <p>“A minha função é orientar a calandra na quantidade e qualidade das suas cinco vias, onde é expedida toda a roupa que serve os hotéis, as pousadas e os restaurantes”.</p>
			<p>Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.</p>
			<p>Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.</p> <p>“O trabalho em equipa é muito importante mas para ser produtivo é necessário que haja uma boa liderança. Como vantagens do trabalho em equipa eu destaco: maior rapidez e eficácia nas decisões, melhores decisões, divisão de tarefas, criação de laços de amizade, maior segurança e estabilidade e mais poder e influência face ao exterior”.</p> <p>“Enquanto chefe de equipa é importante ter capacidade para negociar com as minhas colaboradoras e também com as minhas chefias ...”</p>
	Situação de desemprego	Anterior	<p>Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.</p>
			<p>Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento</p>
		Actual	<p>Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.</p>
			<p>Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.</p>
			<p>Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.</p>
		<p>Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.</p>	
	Formação Profissional	<p>Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida</p> <p>“Como deixei de estudar, a minha mãe inscreveu-me num curso de corte e costura ...”</p> <p>“Em seguida, tirei também o curso de bordados à máquina ...”</p> <p>“Já tinha 19 anos quando obtive a carta de condução ...”</p>	

		<p>“Em 2005 frequentei um curso do programa de formação para chefes de equipa”.</p> <p>“... fiz também formação em “Garantias, Apoios e Serviços Pós-Venda” ...”</p> <p>“Também frequentei o curso de Informática (Noções Básicas de Informática e Folha de Cálculo) e Francês ...”</p> <p>Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.</p> <p>Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância.</p> <p>“... aprendi a fazer roupa (calças, saias, blusas, batas). Fazia tudo em moldes e aplicava em papel vegetal que, por sua vez, era passado para tecido que moldava ao meu corpo”.</p> <p>“... aprendi a liderar, a trabalhar e a motivar a equipa de trabalho”.</p> <p>“... aprendi coisas, tais como liderança de equipas, trabalho em equipa, comunicação interpessoal, motivação de equipa e plano de desenvolvimento pessoal”.</p> <p>“... aprendi qual a melhor forma de garantir ao cliente a qualidade e credibilidade do produto que iremos fornecer atendendo sempre às suas necessidades”.</p> <p>Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.</p> <p>“Fiquei muito contente, pois onde moro não existem transportes públicos e o carro dava-me muito jeito”.</p>
	Economia Doméstica	<p>Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado.</p> <p>Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.</p> <p>“A minha casa fica numa zona rural perto de Samora Correia, muito próxima do meu local de trabalho e com bons acessos à vila. É grande, tem um grande terreno de meio hectare, animais, árvores de fruto e uma pequena horta para consumo próprio onde cultivo sobretudo legumes sem recorrer a químicos. (...) por vezes, faço algum exercício físico nos equipamentos que tenho no meu ginásio. A casa tem dois andares (num dos andares vivo eu e no outro a minha mãe) e um sótão não aproveitado, apenas para arrumação”.</p> <p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.</p>
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	<p>Perceber se utiliza habitualmente as TIC, que tipo de ferramentas utiliza e em que contextos. Conhecer as possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.</p> <p>“Para mim é muito prático utilizar a Internet porque permite-me pesquisar qualquer assunto, qualquer imagem, mandar um email, falar no MSN e no Hi5”.</p> <p>“No ambiente de trabalho tenho alguns programas com os quais trabalho frequentemente como o Word que utilizo para escrever e formatar textos e cartas, o Excel para elaborar e formatar tabelas e gráficos e o Internet Explorer para efectuar pesquisas de determinados assuntos, como por exemplo assuntos relacionados com saúde, com o fabrico do vinho, os parques de campismo, entre outros. Também utilizo as redes sociais e faço e envio a declaração de IRS. No Internet Explorer já utilizei o MSN para falar por escrito e por vídeo-chamada com uns familiares que tenho na Inglaterra ...”</p> <p>“Um outro meio de comunicação que utilizo é o telemóvel que uso para comunicar, mandar mensagens, como agenda e despertador”.</p>

		<p>“Agora também passo mais tempo virada para uma situação a que não dava importância que é a Internet, um mundo de conhecimento e de tecnologia que temos em casa, basta só ligar um botão do computador”.</p> <p>“Também frequentei o curso de Informática (Noções Básicas de Informática e Folha de Cálculo) ...”</p> <p>“Na minha empresa o sistema informático que utilizamos chama-se Galaxie. (...) As minhas funções são controlar as entregas, responder às reclamações, e satisfazer os pedidos extra do cliente. Tudo isto é controlado e validado por computador com ligação à Internet.”.</p> <p>“Com este trabalho aprendi a utilizar os motores de busca da Internet (Google), ganhei prática com a escrita no teclado, aprendi a explorar as ferramentas do Word, a fazer gráficos e organogramas. Aprendi a lidar com situações menos favoráveis (desformatar o trabalho todo e ter que voltar a formatá-lo)”.</p>
	Língua estrangeira	Saber se possuiu conhecimentos a nível de alguma LE, qual, como obteve esses conhecimentos e em que situações utiliza a LE. Conhecer possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.
RELAÇÕES SOCIAIS	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.</p> <p>“Há dois anos eu e o meu marido pensámos em comprar uma casa. Fomos a várias entidades bancárias pedir simulações do crédito habitação, e decidimos escolher aquela que nos dava mais facilidade de pagamento. (...) Os custos que foram suportados por nós foram a comissão de dossier e avaliação e registos provisórios, só faltava a escritura. Qual não foi o nosso espanto, quando se recusaram a seguir para a escritura! Eu, como não consegui entender tal facto, e achando que o tempo passava e não nos davam uma resposta aceitável, decidi fazer uma reclamação ao Banco de Portugal a 16 de Maio de 2008. (...) Como queria ser reembolsada de todas as despesas feitas, em 19 de Maio, escrevi à administração do Banco e pedi o distrato, que consta num pedido de reembolso de todas as despesas. Mais tarde, então, reembolsaram todas as despesas, a seguir recebi também uma carta do Banco de Portugal a dar-me conhecimento de que estava informado da reclamação e tinha sido resolvida a situação com a instituição de crédito”.</p> <p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.</p> <p>Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.</p> <p>“... se não houvesse uma autoridade reguladora do sector bancário, talvez tivesse ficado prejudicada a nível financeiro, com todas as despesas feitas. Penso que é importante enquanto consumidora reclamarmos sempre que necessário, porque muitas vezes só assim é que conseguimos fazer valer os nossos interesses e direitos. Enquanto cidadã consciente procuro cumprir os meus deveres e por isso exijo o respeito dos meus direitos. Penso que de um modo geral os portugueses não são muito reivindicativos, e perante situações como esta que vivi, que me foi bastante difícil, possivelmente não conseguiriam resolver</p>

		o problema, porque as pessoas muitas vezes pensam que contra as instituições nada podem, e não é bem assim, pois existem leis, se formos cidadãos informados e interessados em conhecer os nossos direitos e tivermos vontade de resolver os nossos problemas devemos avançar na defesa dos nossos direitos. Se todos tivéssemos este comportamento penso que as instituições fariam um esforço para funcionar melhor logo todos nós sairíamos beneficiados”.
	Redes Sociais e Ambiente Social	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática.  “Na minha casa também faço a separação do lixo”.</p> <p>“Além de contribuir na campanha das “tampinhas”, habitualmente também participo no Banco Alimentar Contra a Fome. (...) Geralmente ofereço leite, arroz, massa, bolachas, entre outros alimentos. Também tenho o hábito de participar na campanha do Pirlampo Mágico, comprando o boneco da campanha, que é precisamente um Pirlampo, e que tem como objectivo ajudar as crianças portadoras de deficiência. Através da Avon costumo participar na Campanha da Liga Portuguesa Contra o Cancro, comprando determinados artigos, tais como bolsas para o telemóvel, porta-chaves, sacos de senhora, canetas, esferográficas, canecas, colheres, entre outros. Estes produtos rondam os três euros, é um valor acessível e é uma forma de ajudar esta campanha a recolher fundos que são preciosos para o estudo associado ao Cancro”.</p> <p>“... tenho também por hábito colocar no rouião toda a roupa a que já não dou utilidade ...”</p> <p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.</p> <p>“O meu objectivo neste momento é frequentar um curso na área de Serviço Social”.</p>

# Despesas



## Grelha de análise de conteúdo - Margarida

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo “... nasci (...) no dia 19 de Março do ano de 1970 ...”.
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a Feminino
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo Casada
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo 9.º ano
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros “... nasci em Portugal (...), na cidade de Vila Franca de Xira”. “Os meus pais foram sempre muito meus amigos, os meus irmãos, apesar de termos uma diferença grande de idades, também sempre me trataram bem, parecia que eu era a boneca lá de casa e por isso fui sempre muito protegida por todos ...” Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. “Sou filha de José António Marques de Figueiredo e de Maria Dulce Madeira Valente de Figueiredo. Tenho uma irmã que se chama Elisa e um irmão que se chama Fernando ...” “A minha mãe trabalhou sempre no campo, nas searas do tomate, melão, abóbora e nas vindimas. (...) foi funcionária do Estado (...), ou seja, até dois mil e dez fazia a limpeza no Tribunal de Trabalho em Vila Franca de Xira. (...) Independentemente desta situação, a minha mãe trabalha como independente a recibos verdes como empregada doméstica na Quinta do Loureiro ...” “O meu pai foi serralheiro, trabalhou sempre em fábricas e oficinas, como a Energias de Portugal (EDP) na Vala do Carregado, a Fábrica do Açúcar em Santa Iria da Azóia e a Carmetal na Vala do Carregado ...”
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge. “No ano de mil e novecentos e noventa e um, mais precisamente no dia vinte e nove de Dezembro, casei com o meu marido (...) Já estava grávida da minha filha Ana Catarina ...” “... eu estava grávida do meu filho David ...” “Nós é composto por mim, pelo meu marido Rui e pelos meus filhos Ana Catarina de dezoito anos e David Jorge de dez anos”.
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos. “Já estava grávida da minha filha Ana Catarina ...” “... eu estava grávida do meu filho David ...” “Eu tenho dois filhos, uma menina com dezassete anos e um menino com dez anos ...”
		Experiência de	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. “Eu e o meu marido já tínhamos adquirido a nossa casa no Carregado um ano antes e já se encontrava mobilada ...”

	Situações de migração	migração	<p>“Morámos até ao ano de mil novecentos e noventa e nove na Praceta Infante D. Henrique, no Carregado. Em mil novecentos e noventa e oito decidimos que tínhamos de procurar outra casa noutra lugar, já que ambos não gostávamos de morar no apartamento que era num quarto andar sem elevador ...”</p> <p>“Também não gostávamos nem do local, nem da própria localidade. (...) Então, após algumas visitas a várias casas e localidades, optámos por vir morar para Samora Correia, onde nos sentimos muito bem”.</p>		
			<p>Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento.</p> <p>Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.</p>		
		Integração na sociedade de acolhimento	<p>Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.</p> <p>“Gostamos imenso de morar em Samora Correia e até nos identificamos com vários aspectos da cultura, tais como a Festa Brava”.</p>		
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	<p>Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies).</p>		
	Saúde	<td>Problemas de saúde</td> <td>Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.</td>	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.	Dificuldades
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		<p>Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação.</p> <p>“Entre para a Escola Primária do Carregado com seis anos”.</p> <p>“Quando terminei a 4ª Classe (...) Apesar de pertencer à zona de Alenquer, o meu percurso escolar até ao 9º ano foi feito em Azambuja até 1988”.</p> <p>“... passei sempre de ano”.</p>		
	Abandono escolar		<p>Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu.</p> <p>“Quando terminei o 9º ano decidi que queria começar a trabalhar, pois nessa altura, o 9º ano era o essencial para se conseguir um emprego razoável”.</p>		
	Continuação dos estudos		<p>Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a.</p> <p>“Depois de ter conhecimento do programa “Novas Oportunidades” fiz a minha inscrição com a finalidade de completar o 12º ano. No início fiz a minha inscrição como que para incentivar a minha filha também ela a completar o 9º ano, a fazer um curso de Acompanhamento de crianças e também para provar a mim mesma que iria conseguir fazer o 12º ano, através da minha experiência de vida e da demonstração de competências adquiridas ao longo da minha vida”.</p> <p>“... como sei que me faz falta e apesar de tão pouco tempo que tenho, resolvi inscrever-me nas Novas Oportunidades para obter a certificação de Nível Secundário. O Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências é importante, porque</p>		

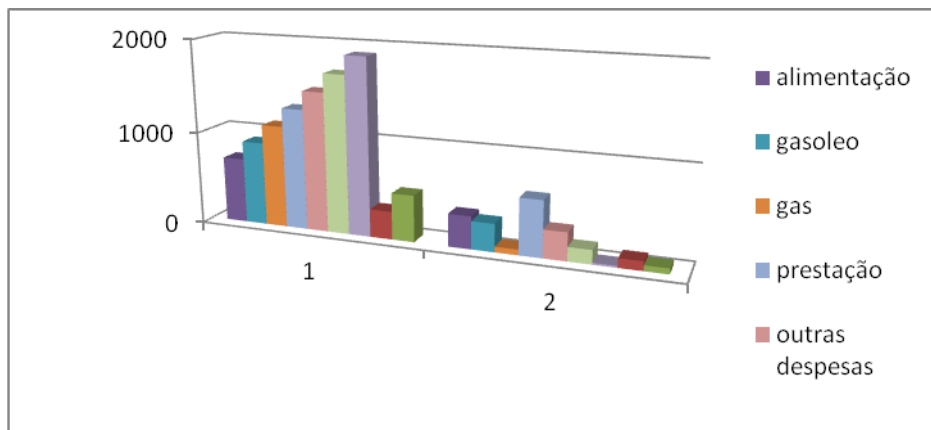
			penso que nunca é tarde para aprender e cada vez quero aprender mais para poder dar à minha família maior estabilidade financeira, pois com uma maior escolaridade outras portas se abrirão na minha vida profissional”.
PERCURSO PROFISSIONAL	Passado Profissional	Início na vida profissional	Idade do início da vida profissional e motivos. “Na altura das searas de tomate, abóboras e vindimas (...), eu ia sempre trabalhar, para ganhar algum dinheiro e assim poder ter algumas coisas, tais como as roupas que gostava de usar e que estavam na moda e que os meus pais não me podiam dar. (...) Nesta altura eu já teria os meus treze, catorze anos, e aí já fazia a apanha do tomate e vindimava. Nesta altura só não carregava com as caixas do tomate ou com os cestos da uva, porque não me deixavam, diziam que era muito nova para fazer esse tipo de esforços, tiveram sempre muito cuidado comigo. Cheguei a pisar a uva no lagar para fazer o vinho, também cheguei a fazer a apanha da azeitona e a apanha da abóbora. Aí já com os meus dezasseis a dezassete anos, já fazia o trabalho normal de carregar com caixas de tomate, cestos de uva e com as abóboras algumas com mais de trinta quilogramas”.
		Mobilidade profissional	Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu. “Comecei por trabalhar numa pastelaria que se chamava Preto e Branco. Era de um casal amigo, a Natália e o Gama. Trabalhei lá durante algum tempo, talvez uns cinco a seis meses, mas depois surgiu a oportunidade de fazer um curso de Técnicos Administrativos através do Fundo Social Europeu, num escritório de uma empresa de trabalho temporário que se chamava Porto Lima & Roxo, no Carregado. Concluí esse curso em 31 de Dezembro de 1998, com dezasseis valores. Quando o terminei, consegui emprego na empresa Eurocer, Indústria de Sanitários, S. A., na área de Contabilidade e Tesouraria. Trabalhei lá durante quatro anos e fiz muito boas amizades. Enquanto lá trabalhei, ou seja, no ano de mil novecentos e noventa fiz, através do INESP (Instituto de Estudos Profissionais), um curso de Contabilidade com aplicação à Informática que terminei com dezassete valores”. “... demiti-me da Eurocer e comecei a trabalhar para o Intermarché no Carregado contratada a Termo Certo pelo prazo de seis meses e onde estou até hoje, já lá vão dezassete anos. (...) Comecei pela contabilidade, mas depois passei também a trabalhar na área de Pessoal, que é uma das áreas que mais gosto”. “... em todos estes anos já fiz um pouco de tudo dentro do supermercado, desde atendimento ao balcão da recepção, caixa e reposição. Na altura do Natal faço os fins-de-semana para ajudar nos embrulhos das prendas ...”
	Experiência profissional actual	Situação profissional	Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra. Escriturária
		Local de trabalho actual	Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui. “... demiti-me da Eurocer e comecei a trabalhar para o Intermarché no Carregado contratada a Termo Certo pelo prazo de seis meses e onde estou até hoje, já lá vão dezassete anos”. “... tenho conhecimento do Código do Trabalho (CT), sou eu que faço o processamento de salários de oitenta e seis funcionários, faço, entrego e pago ao dia quinze de cada mês a Taxa Social Única (TSU), e ao dia vinte de cada mês o Imposto

			<p>sobre o Rendimento das Pessoas Singulares/Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas (IRS/IRC) e Imposto de selo. Também faço as comunicações das admissões e demissões junto da Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT), comunicações que eram trimestrais apesar de que agora no novo Código do Trabalho (CT), apenas se mantém a obrigação de o fazer e as mesmas são efectuados quando se faz o envio do Relatório Único (RU)".</p> <p>"Para além do Supercarregado, existem ainda ligadas ao meu patrão outras três empresas para as quais faço exactamente tudo o que faço na primeira. São elas: o Discarregado, que é também um supermercado com dez trabalhadores, a F.J.Carapinha, que se trata de uma empresa imobiliária detentora do Supercarregado onde existem três trabalhadores e o Intercarregado, que se trata da imobiliária detentora do Discarregado, que não tem trabalhadores remunerados, mas tem movimentos contabilísticos como todas as outras".</p>	
			<p>Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.  "... também estou inscrita em algumas empresas de promoções que faço geralmente aos fins-de-semana, para ganhar mais algum dinheiro".</p>	
			<p>Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.</p>	
Situação de desemprego	Anterior		Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.	
			Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento	
			Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.	
	Actual		Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.	
			Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.	
			Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.	
Formação Profissional			<p>Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida  "... surgiu a oportunidade de fazer um curso de Técnicos Administrativos através do Fundo Social Europeu, num escritório de uma empresa de trabalho temporário que se chamava Porto Lima &amp; Roxo, no Carregado. Concluí esse curso em 31 de Dezembro de 1998, com dezasseis valores".  "... no ano de mil novecentos e noventa fiz, através do INESP (Instituto de Estudos Profissionais), um curso de Contabilidade com aplicação à Informática que terminei com dezassete valores".  "Em mil novecentos e noventa e seis acabei por obter a Carta de Condução ..."  "... concluí uma formação de aperfeiçoamento de Inglês ..."  "Desde que trabalho no Supercarregado já fiz algumas formações profissionais sobre Contabilidade, Tesouraria, Gestão de Segurança e Saúde no Trabalho, novo Código Laboral e sobre o Sistema de Normalização Contabilística ..."</p>	
			Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.	
			<p>Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância.  "... uma coisa que nos faz imensa falta e sem a qual já não consigo passar. Faz-me imensa falta para a deslocação para o trabalho e ainda mais para levar os meus filhos à escola e aos treinos em Lisboa. Houve uma época em que os meus dois filhos frequentavam as Actividades de Tempos Livres (ATL) em Vila Franca de Xira e, como sempre trabalhei no Carregado, o meio de transporte que mais me facilita é efectivamente o meu carro".</p>	
			<p>Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.  "Cada vez mais é importante que exista formação profissional, já que quanto mais formação, melhor é o desempenho</p>	

		<p>profissional e maior é a competitividade, ainda para mais se estes elementos se aliarem a uma melhoria contínua para a empresa e a uma maior produtividade, o que por arrasto nos leva a uma maior competitividade. A formação é importante em todos os aspectos, já que se conhecermos bem os elementos com que trabalhamos, por exemplo as máquinas, podemos tirar melhor partido e rendimento dessas mesmas máquinas. A formação deve ser dada também para o conhecimento de novas técnicas e tecnologias que nos levem a novos métodos de trabalho e também execução de tarefas. Ou seja é muito importante que nos mantenhamos actualizados já que as mudanças são tantas e tão rápidas, que se não nos actualizarmos correremos sérios riscos de ficar desactualizados e obsoletos em muito pouco tempo”.</p>
	Economia Doméstica	<p>Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado.</p> <p>Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.  “Moramos na Rua Gil Vicente numa vivenda bi-familiar, no rés-do-chão. Fizemos algumas obras e pinturas, pois a casa já não era nova ...”  “Agora a casa está como na planta original, tem uma sala de jantar com 16 m2, três quartos com cerca de 9 m2 cada um, duas casas de banho, uma com <i>polibã</i> e a outra com banheira, e uma cozinha com cerca de 10 m2”.</p> <p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.  “No ano dois mil, no mês de Abril, fomos a Londres”.  “... vai sempre passar férias connosco ...”  “O ano passado (dois mil e nove) estivemos juntos nos fins-de-semana no Pinhal da Aroeira. (...) Sempre gostei muito da minha tia e já vou para lá passar férias há alguns anos”.</p>
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	<p>Perceber se utiliza habitualmente as TIC, que tipo de ferramentas utiliza e em que contextos. Conhecer as possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.  “... telemóvel. Relativamente a este último meio de comunicação também o utilizo como agenda, despertador e para comunicar por mensagem escrita”.</p> <p>“... o meu trabalho é feito essencialmente num escritório, onde trabalho com um computador, uma multifunções, várias impressoras e fotocopiadoras”.</p> <p>“Na minha empresa utilizo vários <i>softwares</i>, tais como o Logiwin, programa de <i>software</i> de gestão, onde trabalho a contabilidade, salários, facturas, recebimentos, trabalho com o <i>software Genesys Back Office</i>, programa de gestão que trata da parte do posto de abastecimento e no qual dou entrada das guias de remessa, do combustível, faço as facturas para os clientes e controlo o combustível existente nos tanques. Trabalho também com o <i>software TimeLog</i>, software que procede à recolha de dados do terminal de picagem de ponto. Trabalho também imenso com a Internet e nos dias que vão correndo cada vez mais a Internet é das ferramentas de trabalho mais importantes numa empresa ou até mesmo em casa ...”</p>

		<p>“... estamos sempre em contacto, seja por telefone, seja pela Internet, utilizo o Facebook e o Messenger”.</p> <p>“No escritório tenho há cerca de um ano um aparelho multifunções, que consiste em <i>fax</i>, fotocopiadora e <i>scanner</i>”.</p> <p>“... a pouca pesquisa que fiz, limitei-a à Internet, para mim a melhor e maior fonte de pesquisa de hoje em dia. E digo que para mim é a melhor e a maior fonte de pesquisa, porque nela conseguimos consultar quase tudo senão mesmo tudo o que procuramos: podemos ler notícias <i>online</i>, ler livros, conversar, entre outras actividades”.</p>
	Língua estrangeira	<p>Saber se possuiu conhecimentos a nível de alguma LE, qual, como obteve esses conhecimentos e em que situações utiliza a LE. Conhecer possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.</p> <p>“... <u>concluí uma formação de aperfeiçoamento de Inglês ...</u>”</p>
RELAÇÕES SOCIAIS	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.</p> <p>“... reclamei por escrito à ASAE (Autoridade de Segurança Alimentar e Económica), que não valeu de nada quer dizer valeu pelo facto de me comunicarem que o assunto não era da competência da ASAE e encaminharam-me para o CIAC (Centro de Informação Autárquico ao Consumidor) da minha área de residência. Centro esse cuja existência fiquei a saber pela resposta obtida da ASAE e que até então desconhecia. Fiz também uma carta para a DECO/Proteste (Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor). Obtive resposta no passado dia seis de Maio, de 2010 dizendo que se encontram a proceder às diligências necessárias junto da Phone House e que logo que obtenham uma resposta me darão conhecimento da mesma”.</p>
		<p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.</p> <p>Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.</p> <p>“Penso que devemos reivindicar sempre em situações desta ou de outra natureza que nos prejudiquem, reivindicar e reclamar são nos dias de hoje direitos e também deveres que nos assistem, as reclamações servem para expressarmos a nossa insatisfação, e fazer com que se encontrem outras formas de servir, atender, informar corrigir os erros cometidos para que outros não necessitem reclamar pela mesma razão”.</p>
	Redes Sociais e Ambiente Social	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática.</p> <p>“Considero que o ano de mil novecentos e oitenta e oito foi importante na minha vida (...) porque me pude recensear e ser também uma eleitora podendo usufruir de um direito que nos foi dado aquando a revolução do ano de 1974. Uma data que não será apenas importante para mim, mas penso que para muitos portugueses, já que foi a revolução do vinte e cinco de Abril de 1974, que devolveu a liberdade ao povo português. E que apesar de ter apenas quatro anos na altura, sei que sem ela nada do que fazemos hoje seria possível. (...) Enquanto cidadã, ao longo dos tempos, tenho adquirido vários direitos e também vários deveres: o direito à educação, o direito à saúde, o direito ao voto, à greve e à privacidade. Devo respeito, pontualidade e compreensão. O voto não é obrigatório, mas trata-se de um direito dos cidadãos, de um dever cívico e de</p>

		<p>cidadania. Em democracia o voto é uma forma de sancionar a política e os governantes, dando assim a nossa contribuição para a mudança”.</p> <p>“... tenho na empresa um garrafão e peço a todos os colegas que o encham com as suas tampas em vez de as deitarem para o lixo, já que com estas se podem comprar cadeiras de rodas e material ortopédico para quem tanto necessita. (...) Também compro todos os anos o Pirlampo Mágico, contribuindo assim para ajudar as CERCI - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados, que tanto fazem pelos nossos deficientes mentais. Este ano comprei também por cinco euros um porta-chaves com um urso de peluche da UNICEF - <i>United Nations Children's Fund</i>... Nos fins-de-semana do mês de Dezembro também decorrem as campanhas de doação ao Banco Alimentar Contra a Fome para a qual também contribuo sempre”.</p>
		<p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.</p> <p>“O projecto mais próximo que pretendo realizar a nível de formação será fazer um curso de informática, pois nos dias que correm é dos mais importantes, já que tudo gira em volta das novas tecnologias e temos de nos manter o mais actualizado possível. Desejo proporcionar à minha família a máxima estabilidade possível, ou no mínimo manter a estabilidade que consegui atingir até hoje. Desejo muito ter mais tempo para dedicar à minha família, tanto em qualidade como em quantidade, pretendo mostrar aos meus filhos que vale a pena estudar para concretizar os nossos sonhos”.</p>



## Grelha de análise de conteúdo - Catarina

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo “... nasci a 28 de Julho de 1983 ...”
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a <b>Feminino</b>
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo <b>Casada</b>
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo <b>8.ª série do Brasil – equivalência ao 10.º ano de escolaridade em Portugal</b>
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros “... nasci a 28 de Julho de 1983, no Brasil, na cidade maravilhosa de Simão Dias, estado de Sergipe. Sou a décima filha do casal Clarice Vital de Souza e Paulo Pinto de Souza. Como é possível reparar pertença, com muito orgulho, a uma numerosa família composta por 11 filhos (dos quais 10 ainda com vida) e dois pais maravilhoso, tendo na nossa árvore genealógica descendências africanas, indígena e italiana distribuída por avós, bisavós e tetravós”. Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. “Sou a décima filha do casal Clarice Vital de Souza e Paulo Pinto de Souza. Como é possível reparar pertença, com muito orgulho, a uma numerosa família composta por 11 filhos (dos quais 10 ainda com vida) e dois pais maravilhoso, tendo na nossa árvore genealógica descendências africanas, indígena e italiana distribuída por avós, bisavós e tetravós”.
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge. “... em Janeiro acabo por conhecer o homem da minha vida, de nacionalidade romena, com quem me casei dentro de alguns meses”. “... começámos a namorar em Fevereiro de 2003, pouco tempo depois em Agosto eu engravidei ...” “... casámos pela conservatória de Benavente, no dia um de Maio de 2004”. “... o meu esposo tem o curso de contabilidade (...).Uma vez que ele é pasteleiro ...”
	Situações de	Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos. <b>2 filhas – 1 com 6 anos e 1 com 2 meses.</b>
		Experiência de migração	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. “... os meus irmãos e irmãs mais velhos, alguns já casados, estavam espalhados por vários cantos, longe da casa dos pais, uma delas sendo a quarta filha dos meus pais, vivia em Salvador da Bahia, para a casa da qual fui morar no ano de 1998, à procura de um futuro melhor para mim ...” “Aos 17 anos decidi mudar de rumo e emigrei para Portugal. Nessa altura começou, de facto, a minha vida a sério como adulta. A minha irmã que morava em Portugal tinha emigrado já há 10 anos ...”

	migração		<p>Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento.</p> <p>“... dia 1 de Junho de 2002 venho a Portugal de passeio e cá fico”.</p> <p>“Agora começa de facto a luta com os contratemplos da vida de imigrante. Nenhum dos dois tinha a situação legal em Portugal e o facto de ter cá uma irmã já há dez anos não ajudava em nada”.</p> <p>“... eu grávida sem legalização e sem direito a assistência médica comparticipada pelo Estado. Estava à espera de uma nova lei de imigração que estava prestes a abrir, mas demorava ser publicada no Diário da República, tempo que me leva já com a gravidez no sexto mês de gestação”.</p> <p>“No caso de um imigrante ilegal, torna-se complicado, porque a permanência ilegal no país tira o direito a assistência médica comparticipada pelo Estado, mesmo se tiver feito descontos para a Segurança Social”.</p> <p>“A seguir ao dia de casamento tínhamos uma viagem marcada para Madrid, Espanha. Além da nossa situação não ser das mais favoráveis tínhamos que enfrentar outros impasses para poder obter a legalização. E na minha opinião, foi uma das mais estúpidas que a nova lei da legalização do respectivo ano dos imigrantes de nacionalidade brasileira, tinham de viajar para Espanha, no consulado português de Madrid, para obterem um visto de trabalho assalariado, porque não podíamos fazer o visto no próprio País. Esta viagem com o propósito de conseguir o visto de trabalho, serviu como lua-de-mel para nós, apesar da dificuldade que tinha de me movimentar por causa da gravidez, que estava nos últimos dias (...) A viagem ganhou um sabor amargo no momento em que cheguei ao consulado português em Madrid, e os senhores lá constataram que o registo criminal que tinha vindo do Brasil não tinha um selo de autenticação, não havia nada a fazer, saí do consulado a chorar de raiva, a viagem tinha-me custado tanto a fazer, e agora tinha de voltar para casa com as mãos a abanar. (...) Passado um mês da nossa viagem a Espanha, tivemos que marcar outra para tentar de novo a nossa sorte com o visto, uma vez que já tinha o registo criminal exigido pela lei. Volto agora atrás ao comentário forte que fiz com respeito à lei da legalização dos brasileiros, de ser desajustada, este comentário deve-se ao simples facto de não se explicar às pessoas que se devem dirigir ao consulado português de um outro país para obter um visto com uma validade de um ou dois meses, que havia de ser renovado posteriormente por um de um ano aqui mesmo em Portugal. Este facto é muito criticado entre nós imigrantes que estávamos implicados, mas que de nada nos servia. Em relação à minha filha estava despreocupada, porque sabia que nascendo cá ela teria todos os direitos da criança, relacionados com as questões de saúde e educação. Vem a seguir um período não muito cor-de-rosa, porque sendo os dois imigrantes sem parentes que possam dar muito apoio levámos uma vida com certas restrições”.</p> <p>Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.</p> <p>“A vida no interior não tinha nada a ver com a vida na cidade, quanto mais numa grande metrópole como Salvador da Bahia.</p>
--	----------	--	--

			<p>Enquanto no interior depois de acabar os estudos as únicas escolhas eram trabalhar no campo ou ser vendedora num mercado ou lojinha, ou ser professora na escola primária, isto para quem tinha sorte e gostava de estudar e ensinar, nas grandes cidades existe a possibilidade de continuar os estudos, fazer várias formações em várias áreas, trabalhar em fábricas, grandes superfícies comerciais, enfim tem de tudo mas temos que ter vontade e muita ambição”.</p> <p>“A vida na cidade é bem mais fácil do que a vida no campo, aprecio a terra mas não gosto de trabalhar na agricultura, prefiro a cidade, prefiro ir ao supermercado às compras, do que produzir os meus próprios alimentos, gosto de ir ao teatro, ao cinema, ao centro comercial, gosto de ver filmes, ouvir música, ir a festas sociais”.</p> <p>“O Brasil distingue-se no mundo inteiro pelo clima, estilo de vida, alimentação, língua, entre outras coisas. O Nordeste do mesmo, destaca-se pelas suas praias de águas quentes. O clima está dividido (na prática) em duas estações: Verão e Inverno. No Verão, as temperaturas atingem uma média de 46 graus célsius, no Inverno desce para os 25 graus até um mínimo de 18 graus célsius. Para aguentar estas temperaturas, as casas têm uma construção não muito robusta, uma vez que no Verão é necessário que exista uma boa ventilação. As roupas usadas são feitas de materiais leves como algodão, linho, seda, cetim, viscose, tule para serem frescas. Em termos de alimentação, para além da base da comida que é o arroz e o feijão, consome-se muita carne de vaca, peixes, mariscos e um leque muito variado de legumes e frutas. O português falado no Brasil diferencia-se do português padrão por ser mais cantado existindo vários dialectos (consoante a região). Apesar de falarem a mesma língua, Brasil e Portugal têm muitas diferenças literárias”.</p>
		Integração na sociedade de acolhimento	<p>Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade. “É muito bom morar num País que nos integra na sociedade e que nos apoia, acho que Portugal desempenha esse papel muito bem, gosto muito dos seus serviços, acho que os seus sistemas estão cada vez melhores”.</p>
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	<p>Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies).</p> <p>“Nos tempos livre gosto de passear, em espaços naturais, gosto de praia, jardim, gosto de ver os animais, são programas que eu e a minha família gostamos de fazer, para além de espaços naturais, também gosto de visitar museus, ir ao cinema, e descobri uma nova paixão que é o teatro, desde a primeira vez que fui, cada vez sinto-me mais apaixonada. A última peça que fui ver foi FADO, HISTÓRIA DE UM POVO, espectáculo de Filipe Lá Feria, já tive oportunidade de ver várias peças realizadas por ele e são simplesmente uma maravilha. Eu também gosto de ler, gosto dos livros do Jorge Amado, um escritor brasileiro, também gosto de todo o tipo de romances ...”</p> <p>“Gosto muito de passear com a minha filha, ela gosta de ir ao parque, aos jardins, ver os animais, gosta de passear ao ar livre, como ela gosta dos peixes, fomos passear ao oceanário e ela adorou”.</p>

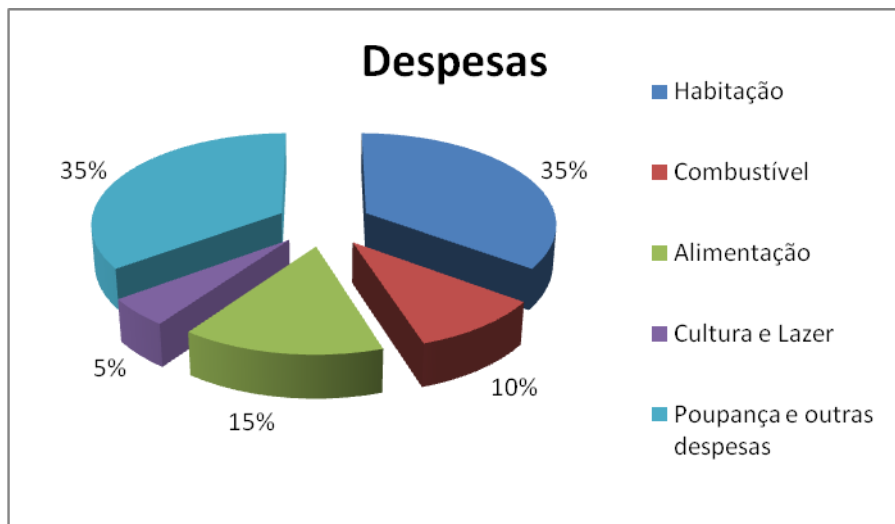
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		<p>Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação.</p> <p>“... a partir dos 3 anos, frequentei o jardim-de-infância, seguindo depois para a Escola Primária em 1991. Na escola, gostava de participar em todas as actividades e todas as festas que se organizavam. Gostava e gosto muito ainda de dançar, porque a dança para mim simboliza a alegria, fazia teatro e participava nas festas de folclore da minha escola que representava as danças da minha região ... Como aluna era bastante bem comportada, boa colega e muito amiga daquelas que eram as minhas parceiras das travessuras que todas as crianças aprontam na infância”.</p> <p>“Ao terminar a Escola Primária tive que mudar de escola, facto que complicou um pouco a minha vida enquanto adolescente pelo facto da escola estar situada noutra localidade vizinha, muitas vezes não havia transporte e tinha de fazer alguns quilómetros a pé até à escola”.</p> <p>“Em 1999, a minha irmã tinha casado e tinha uma filha pequena, fiquei em casa a tomar conta da minha sobrinha, foi uma oportunidade de voltar a estudar ...”</p>
	Abandono escolar		<p>Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu.</p> <p>“Ao vir de férias a Portugal, a 1 de Junho de 2002, com o objectivo de conhecer a minha irmã, fiquei de vez, abandonando assim a minha escolaridade aos 18 anos”.</p>
	Continuação dos estudos		<p>Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a.</p> <p>“O Processo de RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências está a ser importante para mim porque agora, passados uns bons anos após ter interrompido os meus estudos, consegui descobrir capacidades em mim que desconhecia. Agora estou mais empenhada em efectuar as actividades que me são pedidas e acho-as de extrema importância para o meu enriquecimento pessoal. Esta nova porta que se abriu cria-me mais esperanças e o desejo de alcançar a minha meta: fazer o curso de esteticista! Este curso para mim é um sonho, o meu sonho. E, como todos os sonhos, comanda a minha vida!”</p>
	Passado Profissional	Início na vida profissional	<p>Idade do início da vida profissional e motivos.</p> <p>“... a minha irmã tinha uma pequena fábrica de roupa, comecei por trabalhar na loja a vender as confecções produzidas pela pequena fábrica”.</p>
		Mobilidade profissional	<p>Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu.</p>

PERCURSO PROFISSIONAL			<p>“Em 1999, a minha irmã tinha casado e tinha uma filha pequena, fiquei em casa a tomar conta da minha sobrinha, foi uma oportunidade de voltar a estudar, fiquei a cuidar dela seis meses, no mesmo ano empreguei-me como vendedora numa loja de sapatos, mas quatro meses depois vejo-me obrigada a desistir, não conseguindo conciliar a escola com o horário completo de trabalho”.</p> <p>“Arranji o meu primeiro emprego (<b>em Portugal</b>) num café restaurante onde fiquei pouco tempo”.</p> <p>“Em Novembro de 2002,comecei a trabalhar numa pastelaria”.</p> <p>“... fui trabalhar numa empresa que se chama ELIS, uma lavandaria industrial onde continuo a trabalhar até hoje”.</p>
	Experiência profissional actual	Situação profissional	Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.
		Local de trabalho actual	Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui. “Há cinco anos que trabalho na ELIS, estou na secção dos turcos, comecei por trabalhar nas dobradoras, hoje faço de tudo um pouco, mas o local em que me encontro na maioria das vezes é na expedição”.
			Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso. “Para além dos nossos empregos temos outros negócios em part-time para juntar mais algum dinheiro. Estou a falar da venda de produtos cosméticos, relojoaria e ourivesaria”.
			Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.
	Situação de desemprego	Anterior	Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.
			Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento
			Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.
		Actual	Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.
			Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.
Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.			
Formação Profissional		Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida “... também faço alguns cursos de manicura e pedicura, de artesanato e bordado ...” “No decorrer destes anos, tive oportunidade de fazer algumas formações, como é feito o stock dos clientes e que tipo de clientes é que serve a Elis e o seu grau de exigência”.	
		“Formação que fiz na Elis – Reclamações, Higiene, saúde e segurança no trabalho, Direitos e deveres do trabalhador”.	
		Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.	
		Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância. “Esta formação foi muito importante, aprendi muito e relembrar coisas que estavam esquecidas e outras a que não dava muita importância, mas que hoje acho fundamentais para mim, com relação à higiene estava tudo em ordem, sempre	

		<p>mantenho o meu local de trabalho limpo e organizado, mas não tinha noção que com o simples facto de deixar os objectos organizados, estaria a contribuir para o nosso benefício em caso de incêndio, razão que me leva a observar melhor o local onde estou a trabalhar e cada vez melhorar mais as nossas condições, também sei que tenho que ter alguns cuidados com a roupa com que trabalhamos, condições para os clientes. Algumas coisas mudaram depois da formação, antes não usava os sapatos de protecção e hoje uso e acho importantes, quando ficava roupa presa nas máquinas eu ia tirar e hoje eu chamo a manutenção, tirava barras de protecção das máquinas porque eu achava que atrapalhava e já não tiro, no Inverno gostava de usar cachecol agora acho que é mais seguro não usar, cabelo solto, anel, pulseira, brincos compridos, blusas com mangas largas e saias muito compridas são objectos que eu já não uso no local de trabalho e antes eu fazia isto tudo, e depois das formações muitas coisas mudaram. É muito importante cumprir com estas regras porque corremos menos riscos de sofrer um acidente de trabalho e se tal fatalidade acontecer podemos recorrer aos nossos direitos, e estando de acordo com a lei as empresas de seguros não têm como fugir ao seus deveres e se alguma coisa connosco não está bem sabemos que não é tão fácil assim de resolver estes tipos de problemas”.</p> <p>“... aprendi que o trabalhador tem direito à prestação de trabalho, em condições de segurança, higiene e saúde assegurada pelo empregador. Também como prevenir os possíveis incidentes de trabalho e doenças profissionais. Adquiri conhecimentos acerca da classificação dos acidentes ocorrentes no local de trabalho. O dimensionamento, organização, arrumação e limpeza dos postos de trabalho foi também abordado na formação, bem como a importância da vigilância médica, conservação e limpeza dos locais de trabalho, organização de resíduos dependendo da sua característica e classificação, como actuar em caso de emergência, como apagar um incêndio, movimentação manual de cargas, reconhecimento dos sinais de segurança e saúde, quais as consequências dos ruídos, as formas correctas para trabalhar com máquinas e os equipamentos e como proceder à protecção colectiva e individual”.</p> <p>“Esta formação foi importante para eu descobrir algumas qualidades que tenho. Características que eu achava que eram normais, mas são qualidades que nem todos os adultos têm, sou profissional, pontual, amiga, colaboradora, organizada, sou dinâmica e desempenho as minhas funções com a máxima qualidade, mas como não sabemos tudo nesta vida há coisas que sempre podemos melhorar e estas formações são importantes para nos ajudar a detectar estes pontos que, às vezes, são negativos mas podemos transformar em pontos positivos”.</p> <p>Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.  “As formações que fiz foram importantes para o desenvolvimento da qualidade e necessidade dos clientes”.</p> <p>“Acho que é muito importante, baseando-me na experiência que tive, tornamo-nos profissionais mais qualificados, as</p>
--	--	--

		<p>formações dão-nos abertura para outros horizontes, tornando-nos mais qualificados, conseguindo melhorar muito o nosso desempenho e a nossa reflexão, aprendemos outras coisas que desconhecíamos, sendo uma mais-valia tanto para nós quanto para as empresas. Para nós porque melhoramos o nosso trabalho e valorizamos o nosso currículo, para concorrer no mercado de trabalho, para o patrão é bom ter funcionários mais qualificados”.</p>
	Economia Doméstica	<p>Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado. Os rendimentos provêm do trabalho do marido e da própria.</p> <p>Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade. “... comprámos a nossa casa”. Tipologia T3 – 3 quartos ( 1 é suite), 1 sala, 1 cozinha e um WC.</p> <p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos. “Foram as primeiras férias com a minha própria família: o meu marido e a minha filha. Posso caracterizar estas férias como muito carregadas de emoção, primeiramente porque já não via os meus pais, os meus irmãos, todos os familiares e amigos há dois anos, o que para mim significava imenso tempo, depois estava preocupada e ansiosa para ver a reacção do meu marido a conhecer o Brasil, os meus familiares e os lugares de onde eu vim e onde eu vivi dezoito anos da minha vida”. “... todos os anos conseguimos ir de férias, em vários destinos de Portugal e estrangeiro”.</p>
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	<p>Perceber se utiliza habitualmente as TIC, que tipo de ferramentas utiliza e em que contextos. Conhecer as possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização. “Apesar de não ter um acompanhamento médico no início da gravidez, informei-me (...) pesquisando na internet, sobre cuidados que temos que ter quando estamos grávidas e pesquisei muito sobre o nascimento da criança, os cuidados que temos que ter com o bebé ...” “Eu utilizo o telemóvel para comunicar, através de chamadas de voz, uso vídeo chamadas, mensagens, alarme, rádio, música, agenda, anotações, calendário, calculadora, bluetooth, fotografias, vídeos, jogos, também já usei a internet ...” “Eu tendo como part-time venda de cosméticos posso fazer as minhas encomendas sem ter que sair de casa nem gastar nada em chamadas através da internet”. “Utilizo a internet para fazer os pagamentos de água, luz, TV Cabo, todas as facturas pago pela internet, pesquiso preços entre lojas, faço pesquisas e utilizo para ouvir música, ver filmes, sem contar que posso estar sempre em contacto com a minha família no Brasil, posso falar com eles e vê-los, através do Messenger e do Orkut, o que para mim é maravilhoso. Através da internet encontrei amigos de infância e parentes que eu pensava que nunca mais ia ver e hoje mantemos contactos diários. Também tem outra grande vantagem, como trabalho com uma linha de cosméticos faço as compras online e posso até comprar noutro país. Através da internet, também compro e vendo ...”</p>
	Língua estrangeira	<p>Saber se possuiu conhecimentos a nível de alguma LE, qual, como obteve esses conhecimentos e em que situações utiliza a LE. Conhecer possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.</p>
	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta. “Acabo por ser despedida do meu emprego também, e sem receber o dinheiro a que tinha direito. A minha irmã levou-me</p>

<p>RELAÇÕES SOCIAIS</p>		<p>na altura ao Tribunal de Trabalho de Vila Franca de Xira, onde fiquei a saber os meus direitos e de onde trouxe uma carta liberada pelo tribunal dirigida aos meus patrões que acabaram por me pagar o montante que me deviam”.</p> <p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos. Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos. “... uma vez adquiri uma manta que vinha com defeito. Verifiquei a imperfeição do produto após o ter utilizado. Assim sendo, recorri à pessoa responsável pela sua venda, exigindo a troca da manta por causa do defeito. No entanto, inicialmente, a pessoa não se mostrou compreensível com a situação, comportou-se agressivamente não querendo, de forma alguma, proceder à troca da manta. Assim sendo, pedi o livro de reclamações para efectuar a minha reivindicação por escrito, visto que pessoalmente não surtia o efeito esperado. Contudo, após ter pedido o livro de reclamações, a pessoa mudou logo a sua atitude, aceitando a devolução ou troca do produto. Neste caso, foi muito importante para mim ter conhecimento das leis que abrangem os direitos do consumidor. Muitas vezes na vida perdemos a razão pelo simples facto de não nos darmos ao trabalho de nos informarmos sobre os nossos deveres e direitos enquanto trabalhadores. Acho que o Estado tinha que obrigar as empresas a estipular no contrato de trabalho quais as obrigações da entidade patronal em caso de despedimento, porque na maioria dos contratos simplesmente está tudo substituído por um artigo duma certa lei, que ninguém conhece de cor sem consultar uma entidade pública responsável, e se não nos dermos ao trabalho de ir pedir aconselhamento, simplesmente perdemos os nossos direitos”.</p>
	<p>Redes Sociais e Ambiente Social</p>	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática. “Há alguns anos participei em projectos de cariz humanitário, nomeadamente no Banco Alimentar Contra a Fome, doando bens alimentares em campanhas de recolha e ainda participo na Liga Portuguesa Contra o Cancro, através da compra de determinados objectos cujo valor reverte para a instituição”.</p> <p>“Também reciclo as tampas plásticas para serem trocadas por cadeiras de rodas, camas articulares e materiais ortopédicos”.</p> <p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.</p>
<p>OBJECTIVOS DE VIDA</p>	<p>Expectativas sobre a vida</p>	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos. “... quero acabar os meus estudos e completar o Nível Secundário, que abandonei ao vir para Portugal, e fazer um curso de esteticista ...” “Abrir o meu próprio negócio”.</p>



## Grelha de análise de conteúdo - Sofia

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		34 anos
	Género		Feminino
	Estado civil		Casada " Outro acontecimento que marcou o meu passado foi o meu casamento, tendo em conta que era um dos meus maiores desejos. Após dez anos de vivência conjunta, em 2004, cumprimos o acto do matrimónio..."
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo 10.º ano incompleto
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros "Cresci numa praceta no Restelo, em Lisboa..." Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. "Por questões monetárias, o casamento dos meus pais foi efectuado por procuração em Cabo Verde. (...) Nesse mesmo ano, em Fevereiro, a minha mãe emigrou para Portugal, tendo sido recebido pelo meu pai no aeroporto. (...) Numa fase inicial, partilharam a habitação com outras famílias em Dafundo - Algés, nos arredores de Lisboa. Entretanto nasce a minha irmã Maria e posteriormente o meu irmão Jorge. Aproveitando uma oportunidade de compra de um apartamento no Restelo, (...) e reunindo todas as economias amealhadas até então, conseguiram adquirir casa própria. Eu e os meus dois irmãos mais novos, Paulo Sérgio e Georgino, nascemos nesta nova morada". "Devido à tipologia de trabalho (exercia funções de cozinheiro nos navios mercantes) as férias do meu pai eram somente após completar seis meses no mar, passando outros dois em terra. Daí que, toda a educação e acompanhamento foram assegurados pela minha mãe, que era doméstica. (...) A totalidade do salário do meu pai, única fonte de rendimento familiar, era totalmente transferida para uma conta local".
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação e profissão do cônjuge. "Sou casada há quinze anos com o melhor marido, estando unidos por um laço fortíssimo que é a nossa filha Bruna, com três anos..."
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos. "Sou casada há quinze anos com o melhor marido, estando unidos por um laço fortíssimo que é a nossa filha Bruna, com três anos..."
		Experiência de	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura,

	Situações de migração	migração	dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento. Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.
		Integração na sociedade de acolhimento	Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade. "Cresci numa praceta no Restelo, em Lisboa, onde nunca me apercebi de um acto de racismo ou xenofobia".
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies). "O que mais gosto de fazer é ir ao cinema. Tenho preferência pelos seguintes géneros: terror; ficção científica; policiais". "Outro dos passatempos que considero ter é a limpeza da habitação e, mais do que isso, é algo a que me dedico bastante".
		Saúde	Problemas de saúde
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação. "Nunca frequentámos nenhuma creche. Aos seis anos, iniciei a Escola Básica 1, 2, 3 em Belém. Aos onze anos, entrei para a preparatória Paula Vicente, na Ajuda. O secundário foi feito na Escola Marquês de Pombal. Frequentei o 10º ano, na área de Humanidades, na Escola Secundária Ferreira Borges, em Lisboa, no horário nocturno".
	Abandono escolar		Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu. "Frequentei o 10º ano, na área de Humanidades, na Escola Secundária Ferreira Borges, em Lisboa, no horário nocturno. Nesse mesmo ano, em 1995, suspendi o meu percurso escolar devido à elevada carga horária, tendo em conta a dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho".
	Continuação dos estudos		Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; "Ao optar pelo Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências - RVCC, procuro acima de tudo obter confiança nas minhas capacidades e o auto-reconhecimento das minhas valências. A reduzida escolaridade sempre foi um grande impedimento para a minha realização profissional."
Passado Profissional	Início na vida profissional	Idade do início da vida profissional e motivos. "Comecei a trabalhar com catorze anos na área da restauração, nos programas de trabalho temporário, por altura do Verão, no Algarve, como empregada de balcão na geladaria de um restaurante conceituado em Albufeira - O Borda D'Água."	
	Mobilidade profissional	Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as	

PERCURSO PROFISSIONAL			<p>funções que exerceu.</p> <p>“Aos dezoito anos, iniciei, na mesma área, o que chamaria de percurso profissional, como empregada de mesa, num refeitório, permitindo-me ao mesmo tempo a continuação dos estudos. Trabalhava na Assembleia da República, como empregada de refeitório, a tempo inteiro, com uma carga horária que se iniciava às 7h30 e terminava às 18h30, sendo muitas vezes o trabalho prolongado até às 21h00. Este foi, efectivamente, o meu primeiro emprego, com direito a todas as regalias de um contrato colectivo de trabalho, com direito a férias e respectivos subsídios de férias e Natal, sendo o meu ordenado base mensal, na moeda antiga, 50 Mil Escudos Líquidos (250,00 Euros)”.</p> <p>“Após terminar o curso, ingressei nos quadros da Queluzfísica. Esta empresa dedica-se a actos de fisioterapia e medicina de reabilitação. O nosso quotidiano consistia na aplicação das directrizes dos médicos, aplicando técnicas de massagens e aparatologia, tais como ultra-som terapêutico...”</p> <p>“Após a sua finalização, iniciei a minha carreira de esteticista no Holmes Place, na Quinta da Fonte, em Oeiras. Aqui, aplicava as técnicas nos tratamentos de beleza, quer sejam de rosto, quer sejam de corpo. Trabalhava com equipamentos dedicados a tratamentos de emagrecimento, anti-celulíticos e flacidez”.</p> <p>“Com a crescente tendência e procura deste tipo de tratamento pelo sexo masculino, ingressei na Imagem do Homem, como profissional liberal. Estive nesta organização durante três anos”.</p> <p>“Tendo atingido a maturidade profissional, apostei na criação de um projecto pessoal. Em sociedade com o meu marido, abrimos a “Íntimo Day Spa”, em Janeiro de 2005, em Massamá Norte. (...) Os serviços disponíveis eram os seguintes: tratamentos de pés e de mãos, de rosto e de corpo, depilação definitiva a Laser Classe Médico 4, em regime de “Outsourcing”, com uma empresa do sector especializada nesta área, a Dermolaser, inclusive com soluções de tratamentos vasculares. Em paralelo, também foi criado um protocolo com um cirurgião plástico, para cirurgia estética, tais como implante mamário, abdominoplastia, Botox (Toxina Botulínica Tipo A), lipo-aspiração e micro-implantes. Uma vez por semana também tínhamos consultas de Nutrição”.</p> <p>“Após o primeiro ano, surgiu a oportunidade de expandir o negócio, através de uma extensão (filial) no Active Life Health Club, em Telheiras”.</p>
	Experiência profissional actual	Situação profissional	Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra. <u>Esteticista</u>
		Local de trabalho actual	Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui. “Tendo como objectivo ter um filho, tivemos muitas dificuldades em conciliar o trabalho e este propósito”. “O excesso de trabalho alterou-me o sistema hormonal, não me permitindo engravidar. Perante um ultimato do médico, tive que optar por deixar tudo ou cumprir um dos meus maiores sonhos: ter a minha bebé. Obviamente que a opção era muito clara. Tive que abdicar de tudo e hoje não me arrependo”.

			Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.
			Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.
	Situação de desemprego	Anterior	Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.
			Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento
			Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.
		Actual	Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.
			Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.
			Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.
	Formação Profissional	Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida	
		<p>“Tive a oportunidade de receber uma formação em higiene e segurança no trabalho, promovida pela entidade patronal, no local de trabalho, efectuada por técnicas credenciadas, sendo, fundamentalmente, teórica”.</p> <p>“Em 1998, um pouco desgastada com as minhas funções e com o ramo da restauração, decidi frequentar um curso de Formação Técnica na área de Fisioterapia, na Escola Técnica de Formação Profissional Especializada em Lisboa”.</p> <p>“ (...) de forma a complementar esta formação, optei por frequentar um outro curso: o de Esteticista/Cosmetologista”.</p> <p>“Paralelamente, na mesma altura, efectuei os cursos de Endermologia LPG - técnica não invasiva para o tratamento da celulite difusa e da flacidez cutânea (...) e de Terapia Shiatsu. (...). Estes cursos foram frequentados no Centro Nacional de Estética (CEN) e na Sorisa.”.</p> <p>“Os poucos conhecimentos que detenho na área de informática advêm de um curso básico, frequentado durante o ano de 1997, em que tive a oportunidade de contactar com esta tecnologia”.</p>	
Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.			
<p>Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância.</p> <p>“De forma a evitar os acidentes nos locais de trabalho, existem regras e normas de segurança a cumprir por todos trabalhadores. (...) Este curso foi de vital importância, na medida em que no meu dia-a-dia permitiu-me identificar incorrecções que, sem querer, praticava”.</p> <p>“O plano do curso abrangeu diversos temas, tais como a Anatomia, Fisiologia, Psicologia, Massagem Terapêutica, Hidroterapia, Electroterapia, Reabilitação Física, Cinesioterapia Respiratória e Primeiros Socorros. Fundadamente, aprendi como tratar pessoas com AVC (Acidente Vascular Cerebral), Lombalgias, Ciática, Artroses, Hérnias (lombares e discas), pós-operatórios, crianças com secreções e, principalmente, como relacionar-me melhor com os pacientes”.</p> <p>“Neste curso, aprendi a cuidar da imagem das pessoas, estudando a parte da beleza. Os temas do curso são: tratamentos de rosto, que consistia na limpeza dos poros obstruídos por gordura acumulada, anti-envelhecimento, pele seca, pele oleosa, anti-acne e hidratação; tratamentos de corpo consistiam em programas de emagrecimento, anti-celulítico e flacidez; maquilhagem; massagem de estética - massagem manual com fins de relaxamento; tratamento e embelezamento de mãos e</p>			

		pés; depilação – remoção dos pêlos do corpo”.
		Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida. “Este curso foi de vital importância, na medida em que no meu dia-a-dia permitiu-me identificar incorrecções que, sem querer, praticava”. “Este curso foi a alavanca que me permitiu deixar a indústria da restauração e partir para uma nova fase numa clínica de fisioterapia”.
	Economia Doméstica	Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado. *
		Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade. “... após o primeiro ano de namoro, fomos viver juntos, para Queluz Ocidental. Aí vivemos durante cinco anos, numa casa alugada. Depois mudámo-nos para Massamá Norte, onde tivemos a oportunidade de comprar casa própria. Nesta casa, ficámos oito anos”. “Optámos por mudar de residência, para Samora Correia, na perspectiva de melhores condições de habitação e ambiente para a nossa filha”. “O processo de aquisição foi efectuado na Caixa Geral de Depósitos (...). Ainda conseguimos um bom <i>Spread</i> (0,25%), indexado à <i>Euribor</i> a seis meses, sendo a hipoteca efectuada por 26 anos, pelo facto de, o meu marido, à data, ter 39 anos e a duração máximo do contrato ser de 65 anos”. “A moradia por nós adquirida tem uma tipologia V5, isto é, quatro quartos e uma sala. Dos quartos, duas são suites, sendo uma no rés-do-chão e outra no primeiro andar. O total de área bruta é de aproximadamente quatrocentos e oitenta e cinco metros quadrados, sendo constituído por três pisos (cave, rés-do-chão e primeiro andar) e dois logradouros. A cave corresponde à garagem. O rés-do-chão alberga a cozinha, a sala e uma suite, para além da sala das máquinas e casa de banho de visitas. O primeiro andar é constituído por quartos”.
		Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos. “Tive a oportunidade de visitar Cabo-Verde em 1998, aquando das minhas primeiras férias, até então, nunca tinha saído de Portugal”. “Não temos feito férias fora de Portugal...”
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	“Os poucos conhecimentos que detenho na área de informática advêm de um curso básico, frequentado durante o ano de 1997, em que tive a oportunidade de contactar com esta tecnologia”. “Durante o processo de RVCC voltei a praticar e a recordar alguns dos ensinamentos adquiridos”.
	Língua estrangeira	<b>Quando trabalhei no Algarve,</b> “Recorria aos gestos e ao pouco do inglês que sabia. Enriqueci o meu vocabulário nesses idiomas...”
	Exercício de cidadania	Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.

RELAÇÕES SOCIAIS		<p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.</p> <p>Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.</p> <p>“Várias foram a reclamações verbais apresentadas, junto aos arquitectos responsáveis pelo projecto, devidos a atrasos e falta de respostas por parte da Câmara Municipal. Não considero que tenha havido um bom atendimento em prol e defesa do munícipe. Devia existir um canal para a gestão de reclamações, figura similar ao de Provedor do Município, servindo de interface para resolução deste tipo de conflitos. Perante a inoperância de qualquer entidade, quer seja pública ou privada, nunca devemos deixar de argumentar os nossos direitos”.</p> <p>“Actualmente, o método mais prático para efectuar reclamações é através do livro de reclamações. O livro de reclamações constitui uma forma de exercício de cidadania por parte do cidadão, consumidor de bens ou serviços de natureza pública (estatal ou privada)”.</p> <p>“Hoje em dia, a maioria dos organismos públicos têm um espaço para reclamação dos consumidores nos seus sítios Web, com formulários específicos. Inclusivamente, no portal do Governo, é possível efectuar reclamações relativas aos serviços que lhe foram prestados e/ou contestar o incumprimento por parte das entidades em relação aos procedimentos tomados”.</p>
	Redes Sociais e Ambiente Social	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática.</p> <p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.</p> <p>“A curto prazo, pretendo concluir o nível secundário e candidatar-me a um curso superior na área da saúde. (...) A área de estomatologia é a que mais me fascina”.</p>

\*

Descrição	Montante	Percentagem
Renda	1.000,00 €	41%
Luz	100,00 €	4%
Água	10,00 €	0%
Telefone	15,00 €	1%
TV Cabo	30,00 €	1%
Alimentação	400,00 €	16%
Creche	300,00 €	12%
Cultura/ Tempos Livres	30,00 €	1%
Viaturas	540,00 €	22%
<b>Total Encargos</b>	<b>2.425,00 €</b>	<b>100%</b>

## Grelha de análise de conteúdo - José

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo “Nasci no dia cinco de Março de mil novecentos e setenta e dois ...”
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a Masculino
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo Casado
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo 11.º ano incompleto
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros “Nasci (...) na vila ribatejana de Samora Correia, concelho de Benavente, distrito de Santarém”. Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. “O meu pai trabalhava nas Oficinas Gerais de Material Aeronáutico – OGMA - em Alverca do Ribatejo e a minha mãe era doméstica. O meu irmão Pedro nasceu no ano de mil novecentos e setenta e seis na cidade de Vila Franca de Xira”. “Apesar de nunca ter tido muita abundância de brinquedos fora do normal para a época, devido às dificuldades financeiras dos meus pais, nunca me faltou o essencial: além dos brinquedos, tinha o amor e a atenção dos meus pais”.
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge. “No ano de 1994, conheci aquela que viria a tornar-se minha mulher anos mais tarde, mais concretamente no dia 4 de Agosto de 2001”. “A vida voltaria a sorrir com o nascimento da minha filha Margarida, no dia 21 de Julho de 2006”.
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos. “A vida voltaria a sorrir com o nascimento da minha filha Margarida, no dia 21 de Julho de 2006”.
	Situações de migração	Experiência de migração	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento. Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.
		Integração na sociedade de acolhimento	Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies). “Ela é sem dúvida a pessoa mais importante da minha vida e é com ela que passo grande parte dos meus tempos livres. O sábado de manhã está reservado para a Margarida, pois frequenta aulas de natação para bebés nas piscinas do Sport Lisboa e Benfica, sendo eu que a acompanho. Brincar com ela, ver os seus DVDs favoritos, como o “Noddy” e o filme “Mamma Mia”,

			<p>são outras actividades que ocupam conjuntamente estes tempos livres”.</p> <p>“Viajar é talvez aquilo que maior prazer me dá nos meus tempos livres, mas existem outras coisas que faço e de que gosto, como é o caso da minha paixão pelo futebol, pela tauromaquia, por concertos e pela fotografia, além de ser colecionador de copos”</p>
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		<p>Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação.</p> <p>“Em mil novecentos e setenta e oito, aos seis anos de idade, iniciei o ensino primário na Escola Primária de Samora Correia, onde, após quatro anos, concluí o mesmo. Entre mil novecentos e oitenta e dois e mil novecentos e oitenta e quatro frequentei a telescola em Samora Correia, tendo aí concluído o quinto e sexto anos de escolaridade. (...) O ano de mil novecentos e oitenta e quatro trouxe alterações profundas na minha vida. Ao entrar para o ensino secundário, para dar início ao 7º ano, tive que o fazer na Escola Secundária de Benavente, pelo facto de em Samora Correia não existir este grau de ensino”.</p> <p>“... retomei os estudos meses mais tarde, novamente no sétimo ano, permanecendo a estudar até ao 11º ano de escolaridade, com um percalço intermédio: reprovei no oitavo ano. Este facto ficou a dever-se um pouco à falta de aplicação que tive, pois reprovei com três negativas”.</p>
	Abandono escolar		<p>Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu.</p> <p>“Como na altura não concluí o 11º ano, voltei a matricular-me no ano lectivo seguinte, no ensino nocturno por já estar a exercer uma actividade profissional desde o dia 1 de Junho de 1991. Assim, consegui terminar a disciplina de Francês do 11.ºano”.</p> <p>“Ainda tentei frequentar o ensino nocturno, mas torna-se difícil conciliar a actividade profissional com os estudos”.</p> <p>“Abandonei os estudos no decurso do 11.º ano, aos 19 anos, porque estava desmotivado e queria iniciar o meu percurso profissional para ter a minha própria autonomia”.</p>
	Continuação dos estudos		<p>Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a.</p> <p>“Este ano resolvi aproveitar a oportunidade e inscrever-me para tentar concluir o Nível Secundário através do centro Novas Oportunidades e do processo de RVCC (Sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências). (...) Foram duas as razões que me fizeram encarar este novo desafio na minha vida: o facto de estar inserido num meio profissional em que regularmente contacto com fornecedores estrangeiros, através de e-mail; a outra razão tem a ver com a realização pessoal”.</p> <p>“... ao inscrever-me no RVCC, terei a oportunidade de corrigir alguma lacuna e melhorar substancialmente a minha prestação e evolução profissional como comprador de matéria-prima para o ramo aeronáutico, tanto no mercado estrangeiro como nacional”.</p> <p>“Hoje em dia, os estudos têm cada vez mais importância na vida das pessoas; quando se dá emprego a alguém, muitas vezes não é pelo valor que a pessoa possa ter, pelos seus conhecimentos, pela sua experiência profissional, mas sim pelas suas</p>

			<p>habilitações literárias. Há pessoas bastante válidas e com bastante experiência profissional com quem se pode aprender bastante, mas como já têm alguma idade não conseguem encontrar emprego, o que eu acho uma grande injustiça”.</p> <p>“O que me levou a inscrever no Centro Novas Oportunidades foi sobretudo motivado pela valorização pessoal e para conclusão do 12.º ano de escolaridade. Futuramente, o 12.º ano poder-me-á abrir novas portas em termos de uma nova e melhor oportunidade de emprego”.</p>
PERCURSO PROFISSIONAL	Passado Profissional	Início na vida profissional	<p>Idade do início da vida profissional e motivos.</p> <p>“O meu primeiro emprego foi nos Altos-fornos de Viscaya, como empregado de armazém. Aqui só me mantive de 1 de Julho de 1991 a 30 de Setembro desse ano, uma vez que nessa altura surgiu a oportunidade de ingressar nas OGMA, oportunidade essa que não desperdicei”.</p>
		Mobilidade profissional	<p>Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu.</p> <p>“Entre nas OGMA como servente, para desempenhar as funções de trabalhador rural. (...) Como trabalhador rural dentro da OGMA, tinha a função de tratar dos jardins (...) Passados estes dois meses, continuei como servente, mas já a desempenhar outras funções na secção EQA- Equipamentos de Apoio a Aeronaves. Aqui tinha como tarefas a elaboração do ponto dos funcionários desta, requisitar informaticamente aos armazéns o material necessário para a laboração da secção, mas acima de tudo a minha principal função era a de controlar e distribuir o trabalho de reboque de aeronaves e de materiais por toda a empresa ...”</p> <p>“... em 5 de Setembro de 1994, fui colocado na secção de Montagens de Aeronaves, tendo em 1 de Outubro de 1994 passado a mecânico de estruturas de aeronaves iniciado”.</p> <p>“... em 1 de Maio de 1996, fui promovido a mecânico de estruturas de aeronaves especialista. Basicamente, este trabalho consiste na montagem e reparação de estruturas de aeronaves”.</p> <p>“Após alguns anos como mecânico de estruturas de aeronaves, por conselho médico, fui transferido para a secção ASF (Aprovisionamento e Subcontratação de Fabricos) em 25 de Março de 2003, onde tinha a função de requisitar ao armazém central todo o material necessário para a Divisão de Fabricos. Quando algum do material requisitado não existia em armazém, tinha que contactar os fornecedores e proceder à aquisição do material em falta A 15 de Setembro de 2005, após uma reestruturação interna, a empresa resolveu juntar as três secções de compras existentes na altura e formar a LCS (Logística, Compras e Subcontratação)”.</p>
	Experiência profissional actual	Situação profissional	<p>Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.</p> <p>Comprador</p>
		Local de trabalho	<p>Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui.</p> <p>“Após alguns anos como mecânico de estruturas de aeronaves, por conselho médico, fui transferido para a secção ASF</p>

		actual	(Aprovisionamento e Subcontratação de Fabricos) em 25 de Março de 2003, onde tinha a função de requisitar ao armazém central todo o material necessário para a Divisão de Fabricos. Quando algum do material requisitado não existia em armazém, tinha que contactar os fornecedores e proceder à aquisição do material em falta A 15 de Setembro de 2005, após uma reestruturação interna, a empresa resolveu juntar as três secções de compras existentes na altura e formar a LCS (Logística, Compras e Subcontratação)".	
			Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.	
			Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.	
	Situação de desemprego	Anterior		Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.
				Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento
				Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.
		Actual		Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.
				Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.
				Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.
	Formação Profissional		Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida "No dia 6 de Junho de 1994, iniciei o curso de formação para mecânicos de estruturas de aeronaves ..." "Desde 2004 já frequentei vários cursos de formação: Assistentes área Compras, com a duração de 24 horas; Gestão Operacional de Compras, com a duração de 14 horas; Suspected Unapproved Parts, com a duração de 4 horas; Higiene e Segurança no Trabalho, com a duração de 6 horas". "Ainda frequentei acções de formação em Técnicas de Compras, com a duração de 18 horas; Gestão de Compras e Aprovisionamento, com a duração de 18 horas".	
			"Além destas formações e para melhor desempenhar o meu trabalho resolvi fazer uma formação de 100 horas de Inglês, já que contacto com fornecedores estrangeiros que, regra geral, falam Inglês".	
			"Eu e a minha mulher fizemos um curso de preparação para o parto ..."	
		Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.		
		Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância. "No dia 6 de Junho de 1994, iniciei o curso de formação para mecânicos de estruturas de aeronaves, sendo a parte teórica composta pelas disciplinas de Desenho - 78 horas; Higiene e Prevenção - 21 horas; Tecnologia - 51 horas; Matemática -30 horas; Qualidade - 31 horas e Metrologia - 29 horas, a qual concluí com média de 14 valores. Depois seguiu-se a parte prática ..." "O objectivo principal deste curso foi sensibilizar os participantes para as questões da Higiene e Segurança no Trabalho. Nesta formação houve um grande enfoque no facto de nunca efectuarmos qualquer trabalho sem primeiro verificar se existem as condições de segurança necessárias para evitar possíveis acidentes de trabalho".		

		<p>“Durante a formação de Higiene e Segurança no Trabalho e com base na documentação fornecida, indico a seguir os vários assuntos focados: Conhecer os conceitos básicos de Higiene e Segurança no Trabalho; Conhecer estatísticas relacionadas com a Segurança no Trabalho; Identificar as consequências dos Acidentes de Trabalho; Identificar as principais causas dos Acidentes de Trabalho”.</p> <p>Através de várias acções realizadas no âmbito da saúde e segurança no trabalho foram definidos os seguintes objectivos: Melhoria das condições de trabalho no sentido de uma maior segurança respeitando os imperativos na organização do trabalho; Melhoria do conhecimento das causas dos acidentes e doenças profissionais para identificar e avaliar os riscos, utilizar métodos de controlo e de prevenção mais eficazes; Melhorar o comportamento humano com o objectivo de desenvolver e promover um espírito de saúde e segurança”.</p> <p>“... aprender a tratar de uma criança no dia-a-dia e viver com ela. Nesta preparação, aprendi a auxiliar a minha mulher durante a fase final da sua gravidez e até no momento do parto, a que era suposto assistir (...). Esta preparação que tivemos fez com que tanto eu como a minha mulher encarássemos o parto de uma forma diferente. Apesar de ter sido o único para nós até hoje, reagimos como se já não fosse novidade para nós”.</p> <p>Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.  “Pondo em prática o que se aprende nestas formações, estamos a contribuir para a redução dos acidentes de trabalho e consequentemente para a saúde dos trabalhadores, o que se traduz numa redução de custos”.  “Estas formações foram muito importantes, porque tem-me ajudado muito no meu dia-a-dia, tanto profissional como pessoal. Na via profissional, desenvolvi a capacidade de comprar e negociar com os fornecedores e também obtive um melhor conhecimento do mercado (compra e venda). Pessoalmente, todos esses conhecimentos se adaptam ao meu quotidiano, ajudando-me a negociar em todas as situações necessárias da minha vida particular”.  “Já a nível geral, acho que a formação profissional é muito importante para as empresas. Permite tirar melhor rendimento de uma máquina, conhecer novas técnicas e tecnologias de produção, identificar outros métodos de trabalho e de execução de tarefas. Enfim, manter os colaboradores actualizados com as novidades na sua área de intervenção diária. No mundo em que vivemos as mudanças são tantas e tão rápidas que, se o não fizermos, corremos o risco de ficar desactualizados em pouco tempo. Por isso a formação é importante. Não é importante o modo como se faz, se em sala ou no local de trabalho, o que é importante é que a cada colaborador sejam fornecidos todos os dados e informações necessárias ao bom desempenho da sua actividade profissional. Depois sim, poderá exigir-se dele a tão famosa produtividade”.</p>
	Economia Doméstica	<p>Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado.</p> <p>Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.  “No início de 1998, começámos a procurar casa para comprarmos, o que foi relativamente fácil. Depois, seguiu-se a fase de</p>

		<p>contactar com várias instituições bancárias para optarmos pela que nos desse melhores condições”.</p> <p>“Em 2006, trocámos de casa ...Os acabamentos da minha casa são de primeira qualidade, azulejos, mosaicos (cerâmica com revestimento vidrado), soalho flutuante, tectos falsos em pladur, portas de madeira (pinho), roupeiros encastrados com portas deslizantes em pinho, estores com isolamento térmico, pedras mármore, janelas de alumínio com vidro duplo ... excelentes áreas da minha casa (sala 27,49 m<sup>2</sup>, cozinha 19,12 m<sup>2</sup>, hall 4,82 m<sup>2</sup>, duas casas de banho, uma com 5,57 m<sup>2</sup>, outra com 5,48 m<sup>2</sup>, três quartos, com 17,22 m<sup>2</sup>, 12,44 m<sup>2</sup> e 13,83 m<sup>2</sup>) ... Esta casa já estava equipada com todos os electrodomésticos na cozinha e com ar condicionado nos quartos e na sala”.</p> <p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.</p> <p>“... viagens que efectuei a alguns destinos como é o caso de Nova Iorque (Março 2001) ... Em Agosto de 2001, estive nas Maldivas ... em Zurique e aproveitei para conhecer um pouco a cidade. (...) Em Março de 2003 visitei Londres ... Paris, é uma cidade que já visitei por três ocasiões, com idas também à Disneyland Resort Paris (Março 2002, Março 2003 e Dezembro 2003) ... Visitei em Dezembro de 2008 a República Checa, mais concretamente a cidade de Praga”.</p> <p>“Além destes, visitei outros destinos em que a língua não foi um entrave por serem países de língua oficial espanhola, como foram os casos de Barcelona (1999), Madrid, por duas vezes (Julho de 2002 e Abril 2008) e Palma de Maiorca (Junho 2006). No mês de Junho de 2007, visitei alguns locais no sul de Espanha, nomeadamente Sevilha, Totana, Lorca, Puerto de Mazarron, La Manga e Múrcia. Estive na República Dominicana - Punta Cana - em finais de Abril princípio de Maio de 2008. Vigo, Santiago de Compostela, Badajoz, Mérida e Ayamonte foram alguns destinos que visitei ao longo dos anos no país vizinho”.</p> <p>“... já tive oportunidade de visitar a República de Cabo Verde, mais concretamente a Ilha do Sal (Agosto 2004). Em Março 2005, foi a vez de voar até ao Brasil, onde visitei o Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, seguindo-se Búzios. Em Junho de 2009, voltei ao Brasil mas desta vez para passar uns dias na Praia do Forte, onde visitei o projecto Tamar (Programa Brasileiro de conservação das Tartarugas Marinhas) e Salvador da Bahia ...”</p> <p>“Em relação a Portugal, conheço grande parte do continente e também algumas ilhas que fazem parte dos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Visitei a Ilha da Madeira por duas ocasiões: a primeira em Outubro de 1999, onde tive a possibilidade de conhecer toda a ilha, com especial incidência na zona do Funchal, a segunda foi em Março de 2007, tendo sido a primeira viagem que a minha filha efectuou de avião. No mesmo arquipélago, também visitei a ilha de Porto Santo. Quanto ao arquipélago dos Açores, já estive em quatro das suas ilhas, mais concretamente na ilha Terceira, onde estive alojado na cidade de Angra do Heroísmo, classificada como Património da Humanidade pela UNESCO (2002). Seguiu-se a ilha do Faial (Junho de 2004), onde conheci a cidade da Horta. (...) Após uma pequena visita ao Pico, regresssei à Horta, numa atribulada viagem de barco devido à enorme ondulação. No ano de 2005, foi a vez de visitar a capital do arquipélago, a cidade de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel.”.</p>
<p>OUTRAS COMPETÊNCIAS</p>	<p>Utilização das TIC</p>	<p>Perceber se utiliza habitualmente as TIC, que tipo de ferramentas utiliza e em que contextos. Conhecer as possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.</p> <p>“Foi aqui (OGMA) que desenvolvi as minhas capacidades de utilizar um computador, tendo também adquirido alguns conhecimentos de Inglês”.</p> <p>“Quando ingressei na ASF, a minha principal ferramenta de trabalho passou a ser o computador. (...) Hoje em dia uso o Word (...) Utilizo o Excel (...) Também faço pesquisas na Internet regularmente”.</p>

		<p>“A nível pessoal, é quase impossível viver sem o computador. Utilizo-o para: entregar comodamente em minha casa e a qualquer hora do dia o Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS) pela Internet; Fazer o pagamento de alguns serviços (natação da Margarida, condomínio e selo do carro); Ver as notícias do dia-a-dia; Obter informações sobre locais que pretendo visitar; Fazer consulta das minhas contas bancárias”.</p> <p>“De uma forma geral, consulto a internet para estar informado sobre a actualidade nacional e internacional, ou quando necessito de adquirir algum bem (electrodomésticos, material fotográfico, mobiliário). A internet também é muito útil na programação dos meus tempos livres, quando viajo, retiro da internet informações úteis sobre o local para onde vou, ou ainda quando vou ao cinema ...”</p>
	Língua estrangeira	<p>Saber se possuiu conhecimentos a nível de alguma LE, qual, como obteve esses conhecimentos e em que situações utiliza a LE. Conhecer possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.</p> <p>“... a língua estrangeira que me “forçou” a frequentar 100 horas de formação modular, uma mais-valia para o meu curriculum ...”</p> <p>“Foi aqui (OGMA) que desenvolvi as minhas capacidades de utilizar um computador, tendo também adquirido alguns conhecimentos de Inglês”.</p> <p>“Além destas formações e para melhor desempenhar o meu trabalho resolvi fazer uma formação de 100 horas de Inglês, já que contacto com fornecedores estrangeiros que, regra geral, falam Inglês”.</p> <p>“A língua Inglesa tem sido sempre um entrave na minha vida: adoro viajar, tanto dentro como fora do país. Sempre que viajo para fora do país, sinto imensas dificuldades em comunicar e expressar-me, caso a língua seja o Inglês ou o Francês”.</p>
RELAÇÕES SOCIAIS	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.</p> <p>“Foi aqui que começou uma maratona de reclamações, pois frigorífico, esquentador e ar condicionado não estavam em perfeitas condições de funcionamento e, ao abrigo das garantias de 2 anos, tive que telefonar para os representantes das marcas desses aparelhos e explicar que o frigorífico não estava a refrigerar, o esquentador perdia água por uma peça e o ar condicionado não funcionava. (...) No caso do ar condicionado foi mesmo necessário fazer ver aos responsáveis pela montagem do equipamento que conhecia bem os meus direitos como consumidor (direito a troca por um equipamento igual ou superior ou reparação do mesmo sem qualquer custo). Só assim foi possível que os representantes das marcas enviassem a assistência técnica a minha casa para reparar os electrodomésticos e ficarem a funcionar normalmente. Sou apologista de que enquanto consumidor, devemos ter conhecimento dos nossos direitos e deveres, como tal, tendo em conta que cumpro com os meus deveres, sempre que necessário procuro reivindicar os meus direitos de forma a vê-los respeitados. Esta é uma atitude que considero muito importante, na medida em que se todos nós a tivéssemos, todos nós iríamos beneficiar disso mesmo, pois à partida todas as instituições e organizações a que recorremos procurariam respeitar os nossos direitos”.</p> <p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.</p> <p>Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.</p>

		<p>“Como trabalhador, conheço relativamente bem os meus direitos ... Cada trabalhador tem direito a 22 dias úteis de férias e, caso durante o ano não dê faltas, esses dias podem estender-se até aos 25; todos os trabalhadores do sexo masculino, quando vão ser pais, têm direito à Licença de Paternidade e Licença Parental, se for do sexo feminino têm direito à Licença de Maternidade; abono de família; direito à greve e, sempre que o trabalhador faça mais que as 8 horas diárias de trabalho, tem direito a receber horas extraordinárias; todo o trabalhador tem direito a protecção em caso de doença profissional. (...) Além da doença profissional existem outros dois tipos de protecção ao trabalhador: subsídio de doença e seguro”.</p>
	<p>Redes Sociais e Ambiente Social</p>	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática.</p> <p>“Como cidadãos temos direitos e deveres, por exemplo o direito ao voto. Resultado do regime democrático, o voto é a forma através da qual os cidadãos, por via da eleição ou do referendo, podem manifestar a sua vontade relativamente ao modo como o poder político é exercido pelos governantes. Embora hoje seja um direito universal, o voto foi durante muito tempo exclusivo de alguns grupos, nomeadamente ao nível das classes, da etnia e até do género. O direito ao voto constituiu-se assim como o resultado de muitas lutas e conquistas ao longo da História e, talvez por isso, existam países que decidiram fazer dele um acto obrigatório, como por exemplo o Brasil. Em Portugal, o voto não é uma obrigação, mas um direito consagrado na Constituição como um “dever cívico”, de alguma forma lembrando o esforço de alguns para oferecer a todos essa possibilidade. Para poder exercer o voto o eleitor tem que estar recenseado. O Recenseamento Eleitoral apresenta-se como uma obrigação para todos os portugueses com mais de 18 anos, constituindo-os como possíveis eleitores, ou seja, atribuindo-lhes o direito a votar, que depois poderá ser exercido ou não consoante a vontade de cada um. Eu voto sempre, porque considero que votando estamos a contribuir para a manutenção da democracia”.</p> <p>“Foi nesta altura e pelo facto da empresa incentivar os seus funcionários com a doação de dois dias de folga, que comecei a ser dador de sangue. Em 30 de Junho de 1993, efectuei a minha primeira dádiva, algo que continuo a praticar actualmente. Até hoje, já ultrapassei as 40 dádivas de sangue. Por achar a dádiva uma forma de ajudar os outros, ou mesmo salvar vidas, acho que todas as pessoas saudáveis deviam pelo menos uma vez por ano efectuar uma dádiva de sangue. Hoje sou eu que dou, mas amanhã posso ser eu a precisar”.</p> <p>“... sou sindicalizado há já alguns anos e participo em todos os plenários convocados pelo sindicato, onde intervenho (peço para falar e exponho a minha opinião ou pergunta) sempre que acho necessário. (...) Acho muito importante participar nos plenários porque se todos os trabalhadores estiverem unidos é mais fácil obter melhores salários e melhores condições de trabalho”.</p>

		<p>“Todo o lixo que é produzido na minha casa e que é reciclável é preparado convenientemente e depositado no ecoponto”.</p> <p>“No plano social, todos os anos compramos o Pirlampo Mágico, campanha de solidariedade que ocorre todos os anos em Portugal com o objectivo de angariar fundos para as CERCI ... Sempre que vamos ao supermercado e estão a decorrer campanhas do Banco Alimentar compramos sempre alguns alimentos para doar, porque dentro das minhas possibilidades gosto de ajudar quem mais precisa”.</p> <p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.  “... estive também ligado à Columbofilia e posteriormente à Canaricultura, tendo como principal funções cuidar da alimentação das aves e da limpeza das instalações, <i>hobbies</i> que o meu pai tinha e que eu acabei por vir a ter, inclusive passando mais tempo que o meu pai nessas actividades, devido ao tempo livre disponível, uma vez que era estudante”.  “Também sou sócio da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Samora Correia, da qual fui director durante um mandato. Esta situação apenas ocorreu devido à falta de um elemento para preencher o cargo de terceiro vogal suplente que estava em aberto”.</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.  “Como projectos futuros, apresento os seguintes: Ingressar num curso de fotografia. Um part-time / hobby nesta área seria muito gratificante; Continuar a conhecer novos mundos, é um desafio constante; A médio prazo, penso dar um irmãozinho à Margarida; Por fim, a progressão na carreira”.</p> <p>“Caso surja oportunidade, gostaria igualmente de encontrar um emprego melhor”.</p>

**TABELA ORÇAMENTO FAMILIAR MENSAL**

<b>RECEITAS</b>	<b>VALOR</b>	
<b>SALÁRIOS</b>	2.500,00 €	
<b>DESPESAS</b>		
<b>DESPESAS COM A CASA</b>		
CRÉDITO HABITAÇÃO		400,00 €
SEGURO		50,00 €
CONDOMINIO		40,00 €
ÁGUA		20,00 €
LUZ		60,00 €
GÁS		40,00 €
TELEVISÃO, INTERNET E TELEFONE		82,00 €
<b>ALIMENTAÇÃO</b>		
TALHO		150,00 €
PEIXARIA		100,00 €
SUPERMERCADO		200,00 €
<b>TRANSPORTE/CARRO</b>		
COMBUSTÍVEL		280,00 €
SEGURO		30,00 €
MANUTENÇÃO		60,00 €
<b>SAÚDE</b>		
SEGUROS		30,00 €
<b>EDUCAÇÃO</b>		
JARDIM DE INFÂNCIA		240,00 €
<b>POUPANÇA</b>		
PPR-PLANO POUPANÇA REFORMA		100,00 €
CONTA A PRAZO		300,00 €
<b>LAZER</b>		
DIVERSOS (RESTAURANTES, VIAGEM, CINEMA, FUTEBOL)		318,00 €
<b>TOTAL</b>	2.500,00 €	2.500,00 €

## Grelha de análise de conteúdo - Miguel

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo “... nascido em Tomar, no dia 7 de Setembro de 1983”.
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a <b>Masculino</b>
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo <b>Solteiro</b>
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo “Tenho o nono ano de Escolaridade ...”
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros “... nascido em Tomar ...” “... na minha terra, Caxarias ...” “A nível social e familiar sempre mantive boas relações com os meus pais e sempre procurei respeitá-los e aprender com as suas experiências e os seus erros. Estes contribuíram para o meu crescimento dando-me uma boa educação e condições para estudar”.
			Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. “My family are five members, my father, my mother, my brother, my sweetheart and me. My father’s name is Manuel and his job is mason. My mother’s name is Maria Gracinda, and her job is housewife. My brother’s name is José Miguel and his job is road mender. My sweetheart name is Neuza and her job is graphic designer”.
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge.
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos.
	Situações de migração	Experiência de migração	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. “... mudei de localidade, de Caxarias fui para Samora Correia, por ser uma terra onde já tinha familiares e por ter mais oportunidades a nível profissional e pessoal”.
			Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento.
Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem. “Caxarias é uma vila de tamanho razoável, com cerca de quatro mil habitantes, pertencente ao concelho de Ourém e ao distrito de Santarém. Apresenta boas condições de vida, com os serviços públicos necessários, tem também a vantagem de ser atravessada por uma linha de caminhos-de-ferro, pela estrada Nacional (trezentos e cinquenta e seis) e ter uma forte ligação			

			<p>ao Santuário de Fátima. Samora Correia é uma cidade que pertence ao concelho de Benavente e, igualmente, ao distrito de Santarém. Tem um número de habitantes superior a doze mil oitocentos e vinte e seis e está colocada razoavelmente perto de grandes focos de desenvolvimento como a cidade de Vila Franca de Xira, que tem fácil ligação a Lisboa e é atravessada pela Estrada Nacional (cento e dezoito) que dá ligação a Vila Franca de Xira pela Nacional (dez). Só por isso as oportunidades de trabalho e melhoria das condições de vida são muito superiores”.</p> <p>“Relativamente à minha terra, as pessoas e a cultura são bastante diferentes. A maioria das festividades está baseada em tradições religiosas, existem diversos monumentos na região, tais como igrejas, capelas, fontanários; existe também um castelo que é o Castelo de Ourém que pertenceu a Nuno Álvares Pereira, mas o que mais se destaca é o Santuário de Fátima. Aqui em Samora Correia eu não conheço muito bem as tradições, mas do que já vi, dá para perceber que as tradições e festividades estão muito ligadas aos touros, aos cavalos e também muito ao trabalho do campo, pois apesar do desenvolvimento e do facto de estar bastante industrializada, toda esta região ainda subsiste muito de actividades ligadas ao campo. Destaco na minha terra, Caxarias, a feira de S. Bartolomeu, em que se estendem uns panos no chão e montam bancadas onde põem à venda todo o tipo de objectos destacando-se os utensílios de barro. No que diz respeito ao relacionamento entre as pessoas, noto grandes diferenças entre Samora Correia e Caxarias que se deve ao facto de Caxarias ser uma vila com poucos habitantes comparada com Samora Correia que já é cidade e que tem bem mais habitantes, o que não permite que as pessoas socializem tanto como em Caxarias, em que as pessoas se conhecem todas umas às outras verificando-se uma maior união e espírito de entre ajuda. Também noto uma grande diferença no que diz respeito ao ritmo de vida, em Caxarias vive-se de forma mais pacata enquanto em Samora o ritmo de vida é muito mais acelerado, o que é próprio das cidades ou de locais já mais desenvolvidos. Apesar de Samora Correia estar mais desenvolvida, Caxarias já tem também uma zona industrial, se bem que não é tão grande como a de Samora Correia, tem todas as instituições necessárias como o Centro de Saúde, Quartel dos Bombeiros, Junta de Freguesia, escolas, farmácia, estação de comboios com ligação a Fátima, autocarros, entre outros. Não tem apenas Hospital, o mais próximo é em Ourém que fica aproximadamente a nove quilómetros de distância. Também não temos esquadra da policia mas sempre que há alguma ocorrência muito rapidamente chegam ao local em causa porque as estradas que levam a Caxarias são de boa acessibilidade”.</p>
		Integração na sociedade de acolhimento	Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies). <i>“In my free time, I read books, running, cycling, play computer and study for English”.</i>

	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação. "Quando passei para o décimo ano tudo se complicou, perdi um pouco o interesse pela escola e reprovei o ano".
	Abandono escolar		Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu. "Quando as férias terminaram e a escola começou novamente fui informado que tinha de ir para a tropa. Então decidi continuar na escola até ser altura de fazer os testes para a tropa, para onde queria ir. A partir desse dia deixei de estudar e voltei a trabalhar até à incorporação, que se realizou no dia dezassete de Fevereiro de dois mil e três ..." <b>Tinha 19 anos.</b>
	Continuação dos estudos		Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a. <ul style="list-style-type: none"> <li>• "Necessidade de terminar o décimo segundo ano de escolaridade.</li> <li>• Evolução profissional.</li> <li>• Possibilidade de entrar para uma Universidade ou para um Curso Profissional.</li> <li>• Processo mais simples e rápido, podendo conciliar a vida pessoal e profissional com o prosseguimento de estudos".</li> </ul>
PERCURSO PROFISSIONAL	Passado Profissional	Início na vida profissional	Idade do início da vida profissional e motivos. "Como a vida não era muito fácil e eu queria coisas que nem sempre os meus pais me podiam dar, assim como, dinheiro para sair, comprar roupas de marca, guloseimas, ou seja, coisas fúteis e próprias da idade. Então, decidi começar a trabalhar para ganhar algum dinheiro. Com doze ou treze anos comecei a trabalhar numa serralharria de alumínios ..." "Quando comecei a minha vida profissional, ainda menor de idade, não foi por vontade ou obrigação dos meus pais, mas sim por vontade própria, porque queria ter mais dinheiro e ser independente".
		Mobilidade profissional	Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu. "Já exerci algumas profissões, tais como Serralheiro de alumínios, Carpinteiro, Padeiro, Latoeiro (montagem de caleiras), Técnico de Som, Manobrador de empilhadores e cumpri o Serviço Militar numa força especial da Marinha (Fuzileiros "Polícia Naval)". "Ao fim de alguns anos a trabalhar durante as férias e dias sem aulas, passei a andar nas obras a montar as estruturas que fazíamos na fábrica. Fiz isto durante alguns anos mas depois mudei de profissão, passei a trabalhar numa carpintaria ..." "Ao fim de algum tempo, decidi mudar de trabalho e experimentar uma proposta de uma pessoa da minha família para trabalhar numa empresa de Latoaria. Nessa altura estudava e trabalhava quando podia". "... os meus pais disseram que se quisesse continuar a estudar teria de ser eu a pagar os meus estudos e então decidi que tinha de trabalhar muito para conseguir mais alguma coisa. Continuei então a trabalhar nas caleiras e arranjei também um outro trabalho como padeiro para ganhar mais algum dinheiro, mas não aguentei muito tempo porque era muito complicado

			<p>trabalhar de dia e de noite e dormir uma média de quatro horas por dia”.</p> <p>“... na Policia Naval, onde estive a exercer durante dois anos e meio. (...) Ao fim desse tempo pedi renovação de contrato, o qual me foi negado, porque estavam muitas pessoas a optar pela carreira militar, uma vez que tinha deixado de ser obrigatória e era uma fonte segura de rendimento e de progressão pessoal”.</p> <p>“Quando terminei o meu serviço militar regressei à vida civil e também para a empresa de caleiras, donde tinha saído há três anos. Arranjei também um trabalho de fins-de-semana numa empresa de um amigo como técnico de som, mas como não era um trabalho muito certo, porque dependia da frequência com que se realizavam as festas, decidi que os fins-de-semana passariam a ser só para descansar”.</p> <p>“... ao fim de três anos decidi, novamente, que era hora de mudar de profissão, porque com oito anos de experiência o meu patrão continuava a insistir em não me alterar de categoria profissional e eu continuava a ser aprendiz, o que não me levaria muito longe nem me daria o futuro que desejo para mim e para os que me são mais próximos. Então, mudei de localidade, de Caxarias fui para Samora Correia, por ser uma terra onde já tinha familiares e por ter mais oportunidades a nível profissional e pessoal”.</p> <p>“Comecei então a trabalhar numa multinacional do ramo da produção de detergentes, com o nome de Reckitt Benckiser, através de uma empresa de trabalho temporário, a Vedior”.</p>
	Experiência profissional actual	Situação profissional	Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.
		Local de trabalho actual	<p>Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui.</p> <p>“As minhas funções são operar o empilhador de modo a garantir a mobilidade de matérias-primas, materiais de embalagem, produto acabado e outros, consoante as necessidades operacionais da fábrica. As minhas principais responsabilidades são, armazenar nos locais o material, aplicar os rótulos nos contentores contendo resíduos, realizar contagens de resíduos de acordo com a periodicidade que me é pedida, abastecer as linhas de produção com contentores vazios e recolher os contentores cheios, abastecer contentores vazios e recolher contentores cheios no processo, escoar as paletes vazias para os locais de armazenagem identificados, colocar os resíduos recolhidos em contentores adequados que se encontram no cais, fazer o pedido de contentores para substituição, fazer o preenchimento das guias de acompanhamento de resíduos e das guias de transporte, carregar os carros com resíduos existentes para serem encaminhados para os operadores, manter a fábrica arrumada e limpa, tanto no interior como no exterior, fazer a limpeza das bacias dos parques de tanques ...”</p> <p>“A minha função na empresa é dar assistência no abastecimento das linhas de produção e manter tudo limpo e arrumado no interior e exterior da fábrica e verificar regularmente (de hora a hora) o funcionamento dos evaporadores”.</p> <p>“Neste momento, “já pertenceo à casa” possuindo um contrato a termo incerto ...”</p>
			Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.

			<p>Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.  “... quando faço a passagem de turno para o meu colega que entra ao serviço após terminar o meu turno, temos que entrar por vezes em acordo para que se consiga organizar o trabalho de melhor forma, se ambos não procurássemos ser assertivos nesta situação não entraríamos em acordo e o trabalho não seria, com certeza, organizado e feito da melhor forma, e certamente que jamais conseguiríamos trabalhar como equipa ...”</p>
Situação de desemprego	Anterior		Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.
			Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento
			Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.
	Actual		Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.
			Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.
			Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.
Formação Profissional		<p>Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida  “Quando iniciei a meu percurso nesta empresa, tive também formação em “movimentação manual de cargas” ...”  “Tive ainda formação em Higiene e Segurança no Trabalho ...”  “... tenho um curso de Informática ...”</p>	
		Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.	
		<p>Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância.  “... aprendi a movimentar e manusear cargas de forma a não danificar nem o material nem a minha integridade física e a dos outros”.  “... aprendi as regras básicas de higiene e segurança que devemos ter em consideração no trabalho, de forma a evitar acidentes de trabalho e doenças profissionais”.  “Aprendi as noções básicas na óptica do utilizador, Iniciação à Informática e Windows 98, Microsoft Word 97, Microsoft Excel 97, Introdução à Internet e Navegação (Internet 1)”.</p>	
		<p>Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.  “A formação profissional é muito importante, porque é ela que garante à entidade empregadora que a pessoa que está a ser contratada, sabe o que irá fazer, porque teve formação nessa área, ou seja, só poderemos ser bons profissionais se estivermos preparados para desempenhar as tarefas que nos competem. Para as empresas que recrutam pessoas para trabalhar conseguirão facilmente perceber se são qualificadas se as mesmas comprovarem, através de certificados de formação profissional, que adquiriram determinadas competências importantes para desenvolver as funções a que se candidatam. A formação profissional pode também ser uma mais-valia na medida em que através dela adquirimos na nossa profissão conhecimentos que são necessários para darmos continuidade a um bom desempenho profissional, que é o que acontece por exemplo quando é necessário começar a trabalhar com instrumentos novos, se não tivermos formação para o fazer, por muito profissionais que sejamos, não vamos conseguir exercer as nossas funções com competência, mesmo que essa seja a nossa vontade. Neste sentido, penso que a formação profissional é muito importante e que todas as empresas deveriam preocupar-</p>	

		<p>se mais com a formação dos seus colaboradores”.</p> <p>“As mais-valias de ter um curso de informática, são de que em qualquer situação sei minimamente como funciona um computador, e de que forma o poderei usar em meu proveito”.</p>
	Economia Doméstica	<p>Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado.</p> <p>Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.</p> <p>“Vivo numa casa antiga com mais de duzentos anos, que já está na família há cinco gerações, mas que já sofreu muitas obras. Relativamente ao tipo de casa e suas divisões, é uma casa só de rés-do-chão, com três quartos, uma casa de banho, uma sala grande e outra mais pequena, e uma cozinha com sala de jantar. Tem uma área total de mais ou menos de quinze metros de largura por vinte metros de comprimento”.</p> <p>“Só desde há quinze anos para cá é que possuo energia eléctrica em casa ...”</p> <p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.</p> <p>“In last Summer I went to the island of Armona in the city of Olhão. I went to the island by boat and I went to Olhão by train”.</p>
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	<p>Perceber se utiliza habitualmente as TIC, que tipo de ferramentas utiliza e em que contextos. Conhecer as possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.</p> <p>“... o hardware que utilizo é um computador pessoal e portátil, de marca Acer, modelo Aspire 5738ZG e com uma tela HD/LCD de 15,6 polegadas. Quanto ao software, o meu portátil possui um processador Intel Pentium T4300 (2.1 GHz, 800 MHz FSB) com uma placa gráfica NVIDIA GeForce G105M Up to 1791MB TurboCache, possui ainda um disco rígido de 500GB e 4GB de memória RAM. E o sistema operativo que possuo é o Windows Vista Home Premium. Para estar sempre contactável tenho um telemóvel Nokia. É com este que sou contactado no trabalho, tanto pelos meus chefes com pelos colegas, uma vez que não disponho de telemóvel da empresa. O telemóvel permite-me enviar mensagens, ouvir musica, ver filmes, utilizo o despertador e tiro fotos”.</p> <p>“A nível pessoal utilizo bastante desde há dois anos o computador, para a elaboração de trabalhos do RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências) em programas de edição de texto, tais como, o Word do Microsoft Office. Utilizo o computador, também, para diversão, para jogar jogos e aceder a programas de conversação, tal como, o Messenger que me permite comunicar com familiares e amigos que estão no estrangeiro, sendo uma forma prática, rápida e mais barata. E ainda, utilizo a Internet para visitar sites, notícias, música, filmes, viagens e pesquisas sobre dúvidas que vou tendo no dia-a-dia”.</p> <p>“Eu utilizo a internet com pouca frequência, mas quando uso é para fazer pesquisa ou fazer uns <i>downloads</i> de músicas ou até para tirar algumas dúvidas sobre alguma questão do qual eu não tenho a certeza. Utilizo também a internet para aceder a um ou dois sites de conversação, tal como MSN, Sónico, Badoo, Facebook ou, com muito menos regularidade, o Skype. Mas normalmente acedo mais ao MSN porque é lá que encontro a maioria dos meus amigos e onde posso conversar mais rapidamente com eles ...”</p>
	Língua estrangeira	<p>Saber se possuiu conhecimentos a nível de alguma LE, qual, como obteve esses conhecimentos e em que situações utiliza a LE. Conhecer possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.</p>

RELAÇÕES SOCIAIS	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.</p> <p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.</p> <p>Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.</p>
	Redes Sociais e Ambiente Social	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática.</p> <p>“Sempre que alguém pede esmola eu tento dar, mesmo que seja pouco, sempre que vou a algum lado onde estão a pedir para o Banco Alimentar Contra a Fome, para a luta contra o cancro, para a luta contra a SIDA (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) eu paro e ajudo da melhor forma possível, seja com dinheiro ou alimentos. Eu penso que é muito importante haver cada vez mais solidariedade neste mundo de desigualdades. Porque se todos ajudarmos um pouco, vamos tornar o mundo um sítio muito melhor para viver e vamos fazer com que mais pessoas sintam vontade de ajudar os outros. A campanha em que mais costume contribuir é o Banco Alimentar Contra a Fome ...”</p> <p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.</p> <p>“... participei em algumas actividades sociais na freguesia de Caxarias, como por exemplo num grupo de jovens da igreja durante três anos (...). Organizámos uma procissão na Páscoa que ainda hoje existe, apesar da extinção do grupo de jovens, fazíamos também a decoração da vila nas ocasiões mais festivas, tal como o Natal, a Páscoa, e também as festas da vila. Particpei ainda no grupo coral durante um ano, que era também uma actividade do grupo de jovens ligada à igreja”.</p> <p>“Joguei também futebol profissional (era federado) no Centro Cultural e Desportivo de Caxarias durante três anos ...”</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.</p> <p>“Quanto aos meus Projectos Futuros, pretendo concluir o décimo segundo ano. E, seguidamente, se possível, pretendo continuar com os estudos na realização de um curso profissional na área de Cozinha, Saúde ou Desporto, dado que estas são áreas com que ao longo dos anos me tenho identificado mais e que tenho a certeza de que terei muito mais facilidade em conseguir evoluir, porque seja a fazer desporto, seja a cozinhar ou até a fazer algo relacionado com o bem-estar dos que me rodeiam, sinto-me optimamente bem. Para conseguir atingir esses objectivos, vou terminar o décimo segundo ano, de seguida vou-me inscrever num curso que irei escolher na hora apropriada e ao qual me irei dedicar e aplicar com todo o meu empenho e sabedoria”.</p> <p>“Em relação à possibilidade de reingressar na Marinha, já voltei a concorrer, mas continuo à espera. Devido à minha idade é sempre mais complicado ingressar novamente nas forças armadas, mas se não tentarmos nunca vamos saber se será possível”.</p> <p>“Quanto ao futuro, tenho muitos projectos, muitos sonhos e anseios por realizar, tais como constituir uma família, melhorar as condições financeiras, através de um emprego melhor ...”</p>

### Orçamento Familiar

Rendimentos		Despesas	
Descrição	Valor	Descrição	Valor
Vencimento	600,00 €	Electricidade	30,00 €
		Telecomunicações	20,00 €
		Água	15,00 €
		Desporto (Ginásio)	30,00 €
		Crédito Auto	60,00 €
		Internet	20,00 €
		Automóvel (combustíveis, revisões, pneus,...)	60,00 €
		Alimentação	150,00 €
		Vestuário e Calçado	40,00 €
		TV -Cabo	35,00 €
		Despesas Diárias	10,00 €
		Cultura, Lazer e Tempos-Livres	20,00 €
Total	600,00 €	Total	490,00 €

Grelha de análise de conteúdo - Leonor

Área	Dimensão		Descrição	
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo "Nasci no dia 3 de Setembro de 1984..."	
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a Feminino	
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo Solteira	
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo 9.º ano	
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros "Nasci (...) na cidade de Santarém (...), sempre vivi com os meus pais, numa pequena aldeia do concelho de Coruche que é a Freguesia de Santana do Mato..." "Sou a segunda filha de três irmãos, quando nasci já tinha uma irmã que se chama Ana com oito anos, no fim de sete anos de ter nascido, nasceu o meu irmão mais novo que se chama Rui..."	
			Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. "... a minha infância foi vivida com os meus pais e com os meus avós maternos. O meu avô era guarda-florestal numa herdade próxima de Santana do Mato (...) e onde a minha mãe também trabalhou durante algum tempo". "Sou a segunda filha de três irmãos, quando nasci já tinha uma irmã que se chama Ana com oito anos, no fim de sete anos de ter nascido, nasceu o meu irmão mais novo que se chama Rui..." "Eu e os meus pais temos uma pequena horta ..." "... ao meu pai que é tirador de cortiça".	
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge.	
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos.	
	Situações de migração	Experiência de migração		Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez.
				Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento. Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.
		Integração na sociedade de acolhimento	Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.	
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies). "... fazer ponto cruz".	
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.	

		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reparações e quais as razões dessa situação. “Quando tinha seis anos, comecei por frequentar a Escola do Ensino Primário de Santana do Mato no ano 1990. Completei o Ensino Básico em 1996, não transitando de ano durante dois anos lectivos, no 2.º e no 4.º ano”. “Completado o Ensino Primário, frequentei a Escola Básica 2, 3 Dr. Armado Lizardo de Coruche, de 1997 até 2002, onde concluí o 9.ºano, não transitando no 7.º ano”.
	Abandono escolar		Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu. “O motivo que me levou abandonar a escola aos 17 anos foram os baixos rendimentos dos meus pais e algumas dificuldades económicas”.
	Continuação dos estudos		Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a. “... terei que terminar com sucesso o processo de RVCC NS, de forma a obter a equivalência ao nível secundário e posteriormente recorrer a um centro de formação que tenha este curso e inscrever-me, para então posteriormente, depois de terminar o curso, poder trabalhar nessa área que me fascina”. “O motivo que me levou a fazer a inscrição e, posteriormente, a frequentar o Centro de Novas Oportunidades foi uma motivação pessoal e uma oportunidade que me pode levar a frequentar outros cursos e acções de formação para uma maior valorização pessoal. O meu principal objectivo é uma boa qualidade de vida (abrir novas portas no mercado de trabalho)”.
PERCURSO PROFISSIONAL	Passado Profissional	Início na vida profissional	Idade do início da vida profissional e motivos. “... comecei a trabalhar com 18 anos como Assistente Dentária, durante seis meses, a fazer a substituição da assistente que estava de licença de parto, era na realidade a profissão que eu gostaria de ter seguido, mas que não podia fazer, porque não tinha o Ensino Secundário”.
		Mobilidade profissional	Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu. “... de seguida, fui trabalhar para uma empresa de descasque e de transformação de lenha de sobre com uma máquina de tirar cortiça, onde continuei até ir trabalhar para a Elis ...”
	Experiência profissional actual	Situação profissional	Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra. Preparadora de peças
		Local de trabalho actual	Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui. “... no dia 17 de Março de 2007 fui trabalhar para a Elis, que é uma empresa de aluguer, manutenção de artigos têxteis profissionais, que funciona por turnos ...” “Nesta empresa, desempenho o serviço de preparadora de roupa, inicialmente estive na produção onde trabalhei com uma dobradora de roupa que é chamada “bic” durante uma semana, de seguida fui para o armazém onde permaneço a desempenhar o serviço de preparação e validação de peças de vestuário denominada por VTP (Vestuário de Trabalho Profissional)”.
			Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.

			<p>Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.</p> <p>“Quando fui para o armazém de vestuário de trabalho, tive e tenho uma ajuda essencial, uma colega que me esclarece as minhas dúvidas, que no início eram muitas porque nunca tinha feito este tipo de trabalho, foi uma mais-valia para a minha aprendizagem”.</p> <p>“O trabalho em equipa, quando bem organizado, dá sempre benefícios tanto para a empresa como para os trabalhadores. No meu local de trabalho transmitimos as informações, face a face quando há mudanças de turno para dizermos o que fizemos e o que está por fazer, também utilizamos o telefone quando há dúvidas a nível de contratos com os clientes”.</p> <p>“Ao longo do meu percurso na Elis tenho desenvolvido boas relações com todas as pessoas com quem trabalho, não só com os colegas mas também com as chefias”.</p>
	Situação de desemprego	Anterior	Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.
Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento			
Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.			
Actual		Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.	
	Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.		
	Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.		
	Formação Profissional		<p>Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida</p> <p>“... quando tinha 23 anos, tirei a carta de condução”.</p> <p>“Em Abril de 2009 tive uma formação de garantias, apoios e serviços pós-vendas ...”</p> <p>“Em Outubro de 2009 tive outra formação, esta foi relacionada com o ambiente, segurança, higiene e saúde no trabalho ...”</p> <p>“... a 17 de Novembro de 2009 comecei uma acção de formação de Tecnologias da Informação e Comunicação ...”</p>
			Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.
			Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância.
			<p>“... falámos sobre o significado da qualidade dos serviços que prestamos ao cliente, como criar uma relação positiva com os colegas, recordámos normas e procedimentos essenciais para garantir um serviço de qualidade aos nossos clientes e tivemos conhecimento de outras normas importantes para o mesmo fim, identificámos procedimentos e acções de melhoria de serviço ao cliente. Também falámos sobre estratégias de actuação na gestão do serviço pós-venda”.</p> <p>“... falámos acerca da importância do ambiente que é essencial para a sobrevivência de todos nós, devemos por isso sempre que possível, reduzir e racionalizar os nossos consumos, reutilizar, reciclar e recuperar. Falámos também sobre a importância da utilização de determinados equipamentos de protecção individual, como o calçado apropriado que devemos usar para proteger os pés por exemplo dos carros de transporte de roupa que circulam dentro da fábrica ou de outras cargas, os protectores auriculares para proteger a audição dos sons que existem dentro da fábrica, os coletes reflectores para ficarmos mais visíveis de forma a evitar acidentes de trabalho, como por exemplo o choque com os carros de transporte de roupa, as luvas para proteger as mãos do contacto com a roupa suja que tem bactérias e micróbios e máscaras que são necessários para evitar a inalação de pó que está na roupa. Estes equipamentos são muito importantes no desempenho das nossas funções pois permitem que trabalhemos de forma segurança e preservando a nossa saúde”.</p> <p>“Também aprendemos que quando temos algumas dúvidas quanto às regras de segurança, devemos consultar as fichas de segurança dos postos de trabalho afixadas na produção”.</p> <p>“Tive também conhecimento que na luta contra incêndios há três factores de extrema importância: os meios para detectar o fogo e alertar os bombeiros; os materiais de extinção apropriados e em condições de funcionamento; o pessoal instruído nas medidas de protecção a tomar. (...) Aprendi ainda que na utilização dos meios de extinção e na movimentação manual de</p>

		<p>cargas, devo fazer uma análise prévia da carga e do espaço envolvente, adoptar posturas adequadas e evitar movimentos bruscos ou de torção”.</p> <p>“... desenvolvi competências com vista à utilização das ferramentas do Word, Excel e Power Point. Também aprendi que no sistema informático existem dois componentes fundamentais, o hardware que corresponde à parte material dos componentes físicos do sistema, e que é composto por vários equipamentos, tais como o teclado, o monitor, o rato, ou seja, tudo aquilo que é palpável, e o software que representa toda a parte lógica do computador ou o conjunto de informação do computador sem o qual o computador era inútil, pois é a sua memória. O computador que utilizo para realizar as minhas funções é um portátil ...”</p>
		<p>Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.</p> <p>“Esta formação foi muito importante, porque temos que mudar as nossas atitudes para termos a satisfação dos clientes e oferecer-lhes o que esperam da Elis, pois a missão da Elis é simplificar a vida das empresas, de modo a permitir que estas se concentrem apenas nas suas actividades principais”.</p> <p>“Foram duas formações benéficas para o funcionamento da empresa e para o meu bem-estar”.</p> <p>“Eu acho que as formações profissionais são muito importantes porque aumentam as competências e o desempenho profissional de cada um de nós no sentido de acrescentar valor nos serviços que a Elis comercializa e assim fornece um serviço de qualidade aos seus clientes. As formações também são importantes para enfrentar as mudanças que operam de forma cada vez mais rápida na empresa. Só actualizando os meus conhecimentos poderei ser uma colaboradora competente”.</p> <p>“Esta formação foi importante porque, todos os dias trabalho com computadores. (...) a empresa onde trabalho também utiliza as novas tecnologias. A Elis tem um programa interno, o “Galaxie” que é um programa que está em rede entre as várias empresas da Elis ...”</p> <p>“As vantagens de ter participado nesta acção de formação de tecnologia da informação e comunicação foram o facto de ter desenvolvido os meus conhecimentos nesta área. E é também uma grande ajuda para realizar o trabalho que estou a desenvolver no RVCC, porque também se melhora as competências e as apetências individuais”.</p>
	Economia Doméstica	<p>Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado.</p> <p>Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.</p> <p>“... acabei de comprar uma casa que se localiza em Santana do Mato (...). Comprei casa em Santana do Mato porque estou mais perto dos meus pais e o meu futuro marido e actual namorado está perto do emprego dele. A casa tem uma área de 110 m<sup>2</sup> com três quartos, uma casa de banho e uma sala”.</p> <p>“Este imóvel é usado”.</p> <p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.</p> <p>“Ainda em 2007 fiz duas viagens, uma à Serra da Estrela, e outra ao Algarve ...”</p>
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	<p>Perceber se utiliza habitualmente as TIC, que tipo de ferramentas utiliza e em que contextos. Conhecer as possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.</p> <p>“... a 17 de Novembro de 2009 comecei uma acção de formação de Tecnologias da Informação e Comunicação ...”</p> <p>“Para aceder à internet, tenho que ligar um dispositivo, que é o modem. Utilizo este serviço essencialmente para efectuar pesquisa”.</p> <p>“O computador que utilizo para realizar as minhas funções é um portátil ...”</p> <p>“... faço muita utilização da internet. Costumo enviar o meu IRS pela internet ...”</p> <p>“(...) todos os dias trabalho com computadores. (...) a empresa onde trabalho também utiliza as novas tecnologias. A Elis tem um programa interno, o “Galaxie” que é um programa que está em rede entre as várias empresas da Elis ...”</p>

		<p>“No meu dia-a-dia utilizo o “Galaxie” para introduzir reformas da roupa que vem danificada do cliente e retirar etiquetas de entrega e de personalização que personalizam as peças de vestuário”.</p>
	Língua estrangeira	Saber se possuiu conhecimentos a nível de alguma LE, qual, como obteve esses conhecimentos e em que situações utiliza a LE. Conhecer possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.
RELAÇÕES SOCIAIS	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.</p> <p>“Um destes dias fui a um estabelecimento comercial, e comprei por entre outras coisas uma pasta de arquivo, quando cheguei á caixa vi que o preço da pasta que estava no talão da compra não correspondia ao preço que se encontrava na prateleira, abaixo das pastas. Então dirigi-me ao balcão de atendimento o cliente e fiz uma reclamação ao chefe de vendas, explicando que o preço que me estava a cobrar não era o que correspondia ao que estava no preço por baixo das pastas, pedi que verificasse se o preço era daquele artigo ou era de outro. O senhor dirigiu-se ao local e verificou que o preço que estava na prateleira era o correcto e reembolsou-me o montante que sobrava até ao preço que me foi cobrado pedindo desculpa pelo sucedido. Fiz esta reclamação, porque se assim continuasse mais pessoas eram enganadas, não era pela diferença mas ainda eram dois euros e se querem levar um preço pelos artigos não metam lá outro. Se não conseguisse resolver este problema a bem teria que recorrer a uma das instituições de apoio ao consumidor, como a DECO ou ao Instituto do consumidor”.</p>
		<p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.</p> <p>Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.</p> <p>“O direito de Informação refere-se ao facto de que a informação deve chegar a nós, consumidores, de forma clara. Os fornecedores devem dar todas as informações aos consumidores sobre as características dos produtos que vendem, especialmente o preço, contactos, garantias e assistência pós-venda. Tinha os argumentos necessários perante a lei para reivindicar os meus direitos e por isso argumentei de forma a não sair lesada. Penso que enquanto consumidores, se a razão está do nosso lado, todos devemos reivindicar os nossos direitos porque se cumprimos com os nossos deveres, os nossos direitos devem ser respeitados e quando isso não acontece devemos ser os primeiros a agir. Muitas vezes só assim é feita justiça e às vezes nem assim. De qualquer forma, tal como já referi, quando é necessário podemos recorrer a instituições de apoio ao consumidor”.</p>
	Redes Sociais e Ambiente Social	<p>Compreender se participa em actividades sociais e/ou em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática.</p> <p>“... eu normalmente costumo contribuir para o Banco Alimentar Contra a Fome com alimentos e donativos monetários noutras instituições”.</p> <p>“Na casa dos meus pais temos por hábito, separar materiais para reciclagem”.</p> <p>“Eu trabalhei com alguns brasileiros e ucranianos que, por vezes, ajudei. Quando chegavam, tinham algumas carências de alimentação até começarem a trabalhar. Eu e os meus pais temos uma pequena horta e nós ajudávamos dando-lhes batatas, ovos, tomate para eles terem o que comer até receberem o salário ao fim da semana ...”</p> <p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.</p> <p>“Também dancei no rancho folclórico “Os camponeses de Santana do Mato”.</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.</p> <p>“O meu principal objectivo neste momento é terminar o RVCC e atingir o nível secundário, mudar de trabalho para ter um horário fixo, casar e ter filhos. Também gostaria de fazer uma viagem ao Egipto ...”</p>

		“Também tenho como projectos futuros obter uma formação de animadora sociocultural e formar uma empresa de animação infantil, pois gosto muito de crianças. Sempre tive o sonho de ser educadora de crianças ...”
--	--	---

<b>Orçamento</b>	<b>Valores</b>
Salário	100%
Prestação de casa	50%
Luz	2%
Água	2%
Gás	2%
Comunicações	2%
Transportes	3%
Saúde	1%
Alimentação	21%
Poupança	16%
Tempos livres	1%
<b>Total</b>	<b>100%</b>

Grelha de análise de conteúdo - Simone

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo “... nasci em 5 de Outubro de 1969 ...”
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a <b>Feminino</b>
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo <b>Divorciada</b>
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo <b>9.º ano RVCC</b>
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros “... sou natural de S. Sebastião Pedreira, Lisboa”. “... morada de infância: Odivelas”. Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. “Os meus pais e o meu irmão moravam em Odivelas ...”
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge. “Com 21 anos, comecei a namorar. Passado cinco meses decidimos casar o casamento realizou-se passado um ano”. “... quando tive que enfrentar um divórcio para ficar com a custódia da minha filha não houve nenhum entrave por parte do pai”. “Actualmente vivo com a minha filha ...”
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos. “Entretanto, fiquei grávida de uma menina. Este foi sempre o meu sonho e, com o nascimento da Lúcia, o meu casamento começou a deteriorar-se”. “Actualmente vivo com a minha filha e apesar dela só ter nove anos ...”
	Situações de migração	Experiência de migração	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. <b>Veio de Odivelas para Samora Correia</b> “... a minha mudança deve-se ao facto de na altura querer uma casa maior com o objectivo de aumentar a família”.
		Integração na sociedade de acolhimento	Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento. Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.
			Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade. “Na altura, tive grande dificuldade em habitua-me à zona e às pessoas, recordo-me de pensar muitas vezes que estava no meu país e falava a mesma língua mas parecia que estava no estrangeiro. A imagem com que eu fiquei das pessoas desta

			zona é que quando não conhecem são desconfiadas, contudo gostam muito de falar da vida dos outros”.
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	<p>Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies).</p> <p>“... gosto de ler jornais, é um hábito que tenho de leitura diário em geral quando vou ao café procuro informações úteis para o trabalho, os negócios e também de lazer. Na televisão gosto de ver os telejornais para estar informada sobre assunto que ocorrem não só em Portugal como no resto do mundo”.</p> <p>“Actualmente, os meus tempos livres são passados juntamente com a minha filha. Normalmente, na época do Verão, vamos para a praia e para a piscina. Também fazemos viagens para conhecer lugares e pessoas. Como se diz: conhecer o nosso país”.</p> <p>“Na altura do Inverno não gosto muito de sair em geral, nos fins-de-semana, vamos ao cinema e a centros comerciais, já que a minha filha adora estes passeios. Normalmente os filmes da minha preferência são a comédia romântica, mas acompanho em geral a minha filha em filmes infantis. Nos meus tempos livres gosto imenso de fazer trabalhos manuais, de pintar e de fazer a restauração de algumas peças”.</p>
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		<p>Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação.</p> <p>“Quando entrei para Escola Primária a minha professora chama-se Máxima. Como morava na rua atrás do meu prédio, ia com ela todos os dias para a escola, ainda hoje, tenho um carinho muito especial e sei que para a professora Máxima sou uma aluna sempre recordada. Durante quatro anos do ensino primário estivemos muito próximas, passava muitas tardes e férias da escola em sua casa. Enquanto a professora Máxima fazia as suas tarefas domésticas, ensinava-me”.</p> <p>“Com os meus 38 anos, através do CNO do Instituto de Educação e Formação do Sorraia, obtive Certificação do 3.º Ciclo de Ensino Básico”.</p>
	Abandono escolar		<p>Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu.</p> <p>“Iniciei o ensino secundário em 1982, e segui os estudos até à frequência do 9.º Ano. Já com 18 anos, como não tinha boas notas na escola, e por dificuldades financeiras dos meus pais, decidi começar a trabalhar, pois assim podia ter algum dinheiro para mim e, ao mesmo tempo, estudava à noite, o que não deu resultado, deixando para trás os estudos”.</p>

		Continuação dos estudos	<p>Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a.</p> <p>“Ao inscrever-me para concluir o Processo de R.V.C.C. - Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências de Nível Secundário espero evoluir a nível profissional e também obter uma maior valorização a nível pessoal”.</p> <p>“A importância do processo de RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências) é um recomeço de uma fase da minha vida que tinha ficado interrompida para iniciar a minha vida a nível profissional e agora, passados uns bons anos, foi como que um descobrir das minhas capacidades e, neste momento, está a ser de extrema importância para o meu enriquecimento pessoal. O RVCC cria-me mais esperanças e o desejo de alcançar a minha meta de continuar os estudos e entrar para a faculdade no curso de educadora de infância”.</p>
PERCURSO PROFISSIONAL	Passado Profissional	Início na vida profissional	<p>Idade do início da vida profissional e motivos.</p> <p>“O meu primeiro emprego, no ano de 1988, foi numa empresa de formação profissional, Área Crítica. (...) Estive na empresa cerca de ano e meio com as funções de telefonista e rececionista”.</p>
		Mobilidade profissional	<p>Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu.</p> <p>“Saí da empresa Área Crítica quando tive oportunidade de entrar para a “Laborum Informática”, no ano de 1990. (...) a minha função era de Secretária o escritório de Lisboa”.</p> <p>“... decidi, mudar de emprego, gostava do que fazia, mas o pagamento do meu salário era com recibos verdes”.</p> <p>“Comecei a trabalhar na Empresa EPSON Portugal - Informática S.A., no ano de 1992, no Departamento de Marketing, passando pelo Departamento Administrativo e quando saí da empresa, encontrava-me no Departamento Comercial. Tinha que desempenhar as seguintes funções: pedidos de orçamentos, recepção e envio de faxes, abertura, registo e distribuição de correspondência, mailings, elaboração guias de transporte, controlo da caixa de dinheiro, requisição de compras, atendimento de clientes no escritório, telemarketing, participação em eventos de carácter promocional da empresa, elaboração de actas, colaboração em reuniões comerciais, e arquivo”.</p> <p>“... com o nascimento da minha filha, tive necessidade de procurar emprego e consegui-o na “ELIS”. De acordo com os objectivos da empresa, fui passando por várias funções: Administrativa Comercial, Secretária de Centro e actualmente sou Rececionista”.</p>
	Experiência profissional actual	Situação profissional	Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.
		Local de trabalho actual	Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui. “A função que desempenho actualmente na “Elis” é de Rececionista e Telefonista, no DRH (Departamento de Recursos Humanos). As funções são especificamente: atendimento telefónico e registar as chamadas recebidas e efectuadas,

			atendimento de clientes na empresa, elaboração de faxes, recepção de faxes, abertura de correspondência, registo e distribuição, sendo registado no programa elaborado pela empresa”.
			Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso. “Actualmente além de desempenhar funções na Elis, tenho um part-time, na área de restauração. Trabalho alguns fins-de-semana, sempre que há necessidade, num restaurante chinês no Porto Alto”.
			Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros. “É de extrema importância o trabalho em equipa na empresa onde trabalho, só assim é possível atingirmos os objectivos mais rapidamente. É importante juntar as partes boas de cada um, ou seja, aproveitar as características de cada pessoa para atingir um objectivo. O trabalho de equipa é a partilha de conhecimentos e tarefas que são fundamentais para o bom desempenho quer individual quer da própria equipa”.
Situação de desemprego	Anterior		Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.
			Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento
			Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.
	Actual		Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.
			Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.
			Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.
Formação Profissional			Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida “Frequentei cursos de informática (MS-DOS, Windows 3.0, Word for Windows, Excel for Windows) e um Curso Intensivo de Técnicos de Vendas”.
			“... também tive oportunidade de frequentar um curso de desenvolvimento de competências para Adco (Administração Comercial)”.
			“Eis alguns dos programas que ao longo da minha actividade profissional tenho tido formação: Ms-Dos, Windows 3.0, Word for Windows e Excel for Windows”.
			Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.
			Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância. “Na minha vida profissional com as formações que fui fazendo fui adquirindo mais conhecimentos que tornam mais rápidas e eficientes as minhas funções, como por exemplo: fazer arquivo sem gastar papel, enviar dados mais rapidamente por e-mail em vez de imprimir uma folha e passar por vários processos até chegar ao destino”.
			Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida. “A formação profissional hoje em dia é para mim uma mais-valia sendo necessária para se conseguir uma estabilidade profissional, pois cada vez mais as empresas estão mais voltadas para quem tem o conhecimento como principal ferramenta de trabalho sendo também uma vantagem para uma aprendizagem contínua e de adaptação, por exemplo para começar outra profissão”.
			Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal

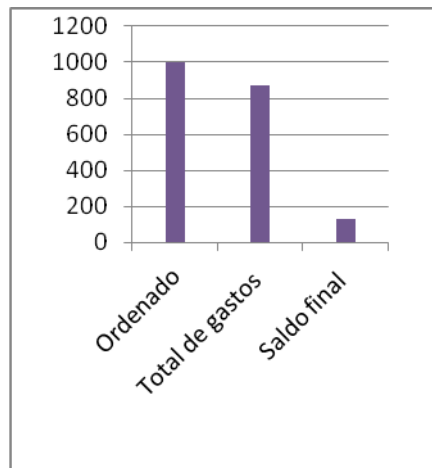
	Economia Doméstica	<p>familiar declarado.  <u>A própria, através do trabalho que desempenha</u>  Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.  “... conseguimos comprar um terreno com um hectare em Santarém, na localidade de Póvoa da Isenta. Com a intenção de fazer uma quintinha com ajuda dos meus pais, o sonho foi tornado possível”.</p> <p>“... resolvemos vender o terreno na localidade da Póvoa da Isenta em Santarém, e o apartamento na Póvoa de Santo Adrião, em Lisboa. Começámos no ano 2000 a procurar casa e foi em Samora Correia que encontrámos a casa ideal para vivemos e alargamos a família. Os principais factores que me levaram a comprar a casa foi a localização do bairro, sendo um bairro só de moradias”.</p> <p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.  “Normalmente, na época do Verão, vamos para a praia e para a piscina. Também fazemos viagens para conhecer lugares e pessoas. Como se diz: <u>conhecer o nosso país</u>”.</p>
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	<p>Perceber se utiliza habitualmente as TIC, que tipo de ferramentas utiliza e em que contextos. Conhecer as possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.  “Tive que aprender a utilizar este programa informático (Galaxie) interno da empresa para desempenhar estas tarefas ...”  “A nível pessoal, comunico frequentemente com o telemóvel, faço chamadas e recebo, utilizo-o também como agenda pessoal dos meus contactos”.</p> <p>“... algumas das situações no meu trabalho em que é necessário enviar e-mail”.</p> <p>“Na minha actividade profissional, como o principal equipamento com que trabalho é o computador ...”  “... procuro na internet várias informações sobre saúde alimentar”.</p> <p>“Em casa tenho um portátil ...”</p> <p>“O programa que costumo utilizar par aceder à Internet é o Internet Explorer. A rede social que utilizo mais é o Messenger, porque permite-me comunicar a qualquer hora, enviar e-mail e receber assim como receber publicidade ...”</p>
	Língua estrangeira	<p>Saber se possuiu conhecimentos a nível de alguma LE, qual, como obteve esses conhecimentos e em que situações utiliza a LE. Conhecer possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.</p>
RELAÇÕES SOCIAIS	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.  “Procurei ajuda em todas as Associações e na Liga Contra o Cancro. Coloquei algumas perguntas, solicitei orientações para tratar da doença do meu pai, porque era uma situação nova para mim, eu precisava de informação e esclarecimentos de tudo o que envolvia o cancro no cólon para poder ajudar e fazer o acompanhamento necessário. Coloquei algumas perguntas, como por exemplo, acerca da alimentação, medicamentos e médicos. A resposta que obtive foi só para ter paciência e não me foi dada nenhuma orientação e ajuda. Por ter passado por uma situação complicada em que me foi negada ajuda por parte de instituições, confesso que não acredito muito no trabalho de uma grande parte destas associações pois muitas vezes não têm</p>

		<p>credibilidade”.</p> <p>“A partir dessa altura cheguei à conclusão de que não quero colaborar em peditórios, como por exemplo Liga Portuguesa Contra o Cancro ou Banco Alimentar Contra a Fome. Cheguei à conclusão que não ajudam ninguém e não encaminham as pessoas, levou-me a crer que só servem para enriquecimento de algumas pessoas”.</p> <p>“Com o acesso às contas através da internet, como já mencionei, verifiquei que na minha conta tinha sido efectuado um levantamento de cento e cinquenta euros, e tive que tomar logo medidas, primeiro fui fazer o cancelamento do cartão, depois apresentei queixa na Guarda Nacional Republicana de Samora Correia, a seguir fui informar o banco do que me tinha sucedido. Tentei através da entidade bancária que me fosse devolvido o dinheiro, mas não consegui. A entidade bancária enviou uma carta a informar que não tinha qualquer responsabilidade, visto que o cartão estava activo e alguém teve acesso ao meu código pessoal. (...) a conclusão que tirei desta situação é que devia ter ficado quieta, pois serviu para provar que não tinha sido eu a fazer o levantamento do dinheiro e as despesas que tive que ter para o provar nada valeu. Chego a pensar que o nosso país protege os ladrões e os vigaristas”.</p> <hr/> <p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.</p> <p>Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.</p> <p>“... decidi, mudar de emprego, gostava do que fazia, mas o pagamento do meu salário era com recibos verdes. Pedi uma reunião com o gerente da empresa onde trabalhava, “Laborum Informática”, para falar sobre a minha actual situação profissional. Quando a reunião se realizou, apresentei os meus argumentos para alterar a minha situação de passar recibos verdes todos os meses, para começar a fazer os meus descontos para a segurança social através da empresa. Argumentei que me iria casar, começando assim uma nova etapa da minha vida, que exigia mais segurança, devido às obrigações que iria ter a nível monetário. Quando solicitei a alteração, foi-me negada, e não consegui com os meus argumentos alterar a minha situação. Como não houve acordo cheguei à conclusão que tinha que começar a procurar emprego, numa empresa em que eu tivesse as condições que pretendia. Penso que sempre que os nossos direitos nos são negados, devemos reivindicá-los, apresentando argumentos credíveis, de forma a trabalharmos com justiça. Enquanto trabalhadora tenho sido sempre cumpridora e por isso vejo-me no direito de reivindicar a minha situação profissional, sempre que é necessário. Esta devia ser a atitude de todos os trabalhadores, se assim fosse talvez as entidades patronais se comportassem de outra forma. O povo português de um modo geral é pouco reivindicativo, falam muito mas agem pouco”.</p> <p>“Na minha experiência enquanto trabalhadora, nem todos os meus direitos têm sido respeitados. Uma situação de desrespeito que ocorreu na Elis, teve a ver com uma cláusula do meu contrato de trabalho, que não está conforma a prestação</p>
--	--	---

		<p>do meu serviço. O meu contrato tem enunciado que o meu horário de trabalho é das nove às treze e das catorze às dezoito, no entanto o horário que pratico é das sete horas ao meio dia e meia e das treze e trinta às dezasseis horas numa semana e na semana seguinte das dez horas às treze e trinta e das catorze e trinta às dezanove horas. Logo, nesta situação o direito a um determinado período de trabalho que vem descrito no meu contrato de trabalho não foi respeitado. Outra situação de desrespeito dos meus direitos teve a ver com o período de aleitamento. Quando fui trabalhar para a empresa, a minha filha tinha oito meses, e por isso tinha direito a duas horas por dia de aleitamento, o qual nunca me foi cedido. Além destas situações aconteceu-me também, ir um dia com a minha filha para as urgências, pois estava com problemas respiratórios e a empresa não aceitou a justificação do Hospital e descontou-me o dia de trabalho e ainda me retirou metade do prémio de assiduidade que corresponde a cento e cinquenta euros, ou seja, só recebi metade, cinquenta euros. Estas foram algumas das situações de injustiça laboral que vivi dentro da Elis. Não considera que tenha vindo a ser recompensada ao longo dos anos pela empresa, pois tenho sido sempre cumpridora dos meus deveres e tenho executado sempre um bom trabalho. Estas normas são praticadas pela empresa, não de forma isolada, ou seja, não aconteceu só comigo, e a meu ver é uma injustiça este tipo de comportamento, pois se somos cumpridores merecemos que os nossos direitos sejam respeitados. Infelizmente o respeito pelos direitos dos trabalhadores muitas vezes não é uma realidade, nem na Elis nem noutras empresas portuguesas e isso deve-se essencialmente à nossa cultura e também à situação actual do país, em que existe mais procura de emprego do que oferta o que permite de certa forma que as entidades patronais “tenham a faca e o queijo na mão” e desrespeitam os direitos dos trabalhadores”.</p> <p>“Actualmente decorre no Tribunal de Menores de Vila Franca de Xira um processo por incumprimento por parte do pai, das pensões da minha filha. Quando este processo teve início, tive que recorrer a um advogado, pois no Tribunal disseram-me que teria que o fazer, visto que os processos têm que ser elaborados por conhecedores da lei, neste caso os advogados, ou seja, não se dá a possibilidade de recorrer directamente aos tribunais por nossa conta, sendo que há duas possibilidades, ou se recorre a advogados da Seguranças Social, para quem não tem rendimentos, ou a advogados particulares, para quem tem rendimentos superiores ao ordenado mínimo, que é o meu caso. Foi então o que fiz, recorri a um advogado de forma a dar andamento ao processo referente à pensão de alimentos assim como despesas associadas à saúde e à educação, fomos a tribunal em Fevereiro deste ano, foi decretada uma sentença judicial, em que o pai da Lúcia assumiu a dívida das pensões que tinha em atraso e comprometeu-se a pagar durante vinte cinco meses o valor em dívida juntamente com as pensões mensais. Tudo isto não se veio a concretizar, estamos novamente na estaca zero, tive que contratar uma nova advogada, o que implicou mais gastos para dar continuidade ao processo.guardo uma solução do Tribunal de Menores de Vila Franca</p>
--	--	---

		<p>de Xira, espero que fique decidido que as pensões sejam retiradas directamente do ordenado do pai da Lúcia para evitar incumprimento”.</p> <p>“Foi para mim uma grande surpresa, pela negativa, quando a minha filha e colegas da turma me disseram que não havia sabão nas casas de banho da escola e que as casas de banho da escola não eram lavadas encontrando-se muito sujas. Com esta informação liguei para o agrupamento das escolas a perguntar se era verdade o que a minha filha me tinha dito. O responsável do agrupamento das escolas disse-me que realmente estava acontecer essa situação por falta de funcionários para fazer a limpeza diariamente. Como não fiquei contente com a resposta que o responsável do agrupamento me deu, porque se Portugal tem uma taxa elevada de pessoas inscritas no centro de emprego, o nosso Estado devia colocar essas pessoas no activo. Foi o que me levou a escrever a carta para o Delegado de Saúde da minha área. Contudo, tive receio de identificar-me não por mim, mas pela minha filha pois acho que em geral as pessoas não gostam que se apresentem queixas, e quem sofre represálias neste caso serão as crianças. Muitas vezes chego, à conclusão que vivemos num regime Democrático, mas não podemos falar, pois vivemos com medo de tudo e de todos. O reclamar é importante porque no fundo é um contributo para melhoria de um serviço”.</p>
	Redes Sociais e Ambiente Social	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática.</p> <p>“... sempre que acho necessário, ajudo de alguma forma pessoas com algum tipo de carência, nomeadamente dou roupa que já não uso, minha e da minha filha, a pessoas que não têm”.</p> <p>“Desde que a minha filha chegou a casa a mencionar que tinha aprendido na escola a fazer a reciclagem começamos a fazer a separação do lixo”.</p> <p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.</p> <p>“Os meus projectos futuros são concluir os meus estudos a nível secundário, de forma a continuar os estudos (inscrever-me na faculdade no curso de educadora de infância, pois esta é uma área que sempre gostei desde criança). E quem sabe, a nível profissional, a minha vida não dará uma volta de 180º graus, podendo seguir o meu sonho de trabalhar com crianças”.</p>

Mapa mensal		
Designação	Entrada Vencimento	Saída Valores
Ordenado	1000,00	
Gás		54,75
TV Cabo		46,48
Farmácia		13,66
Electricidade		38,55
Prestação de casa		465,22
Gasolina		25,25
Telefone		15,27
Comida		211,42
Ordenado		1000,00
Total de gastos		870,60
Saldo final		129,40



## Grelha de análise de conteúdo – João

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo "Nasci em 1967..."
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a Masculino
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo Casado
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo 7.º ano
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros "Naquela altura, 1974, morava nas redondezas de Lisboa, tinha nascido lá, tal como o meu pai. Já a minha mãe nasceu no Alentejo onde deixou a família para vir para a capital". Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. "Depois de conhecer os cantos da casa, que não era muito grande, ele brincou com os meus irmãos, mais novos, ..."
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge. "Casamento feliz, novos desafios, os filhos! Tenho duas lindas filhas..." "... a minha esposa que não terminou também o 12º ano". "Na educação das minhas filhas considero-me um pai responsável e participativo, no entanto e por motivos profissionais (ausências prolongadas) esta tarefa está quase entregue à minha mulher, pois tanto no conteúdo como na forma estou totalmente de acordo com os métodos aplicados. Esta situação foi precipitada pelo facto da minha mulher, ter abdicado várias vezes de uma carreira profissional em prol da educação das filhas e, em paralelo, com as oportunidades profissionais que me sucederam".
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos. " Tenho duas lindas filhas..." "... a minha filha mais velha, pois hoje com 18 anos ..." "A minha filha frequente, hoje, o primeiro ano universitário no curso de medicina dentária, enquanto a mais nova está no 4º ano..."
	Situações de migração	Experiência de migração	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. "... trocámos de casa por motivos profissionais três vezes, a saber: Mira, Vila Nova de Famalicão e, actualmente, Vila Nova de Gaia". Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento. "Inicialmente, até tive algumas dificuldades na comunicação, algumas palavras chegam a ser diferentes e, por vezes, parecia mesmo que aquelas palavras não faziam parte da minha língua mãe. Desde pequeno que ouço a palavra cadeado, e quando

			<p>a minha filhota mais nova chega a casa a pedir um aluquete para colocar no cacifo da escola surge em mim uma vontade de rir única e instantânea. Ambas as minhas filhas já lêem e pronunciam as palavras acentuando vivamente os ditongos das palavras...".</p> <p>Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.          "No norte noto uma grande agressividade na forma como se exprimem, no vocabulário e no tom de voz e, em contrapartida, noto bastante afinidade e afabilidade perante o desconhecido; enquanto no sul as pessoas são notoriamente mais tranquilas e passivas e, em simultâneo, muito mais individualistas".</p>
		Integração na sociedade de acolhimento	<p>Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.          "Hoje já tudo isso faz parte do meu quotidiano, já não noto as diferenças".</p>
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	<p>Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies).          "Eu adoro ver um bom filme ou assistir a uma boa peça de teatro, que se torna enriquecedor, em termos culturais e permite relaxar e anular um pouco o stress da semana. Também pratico ténis sempre que posso e até assisto na televisão..."          "Porém, aquilo que me prende, o que me traz equilíbrio e prazer é a náutica, sempre que posso, adoro levar a minha mota até ao mar..."</p>
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação.
	Abandono escolar		<p>Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu.          "... as dificuldades económicas apontavam-me o caminho mais duro que um jovem com apenas 14 anos pode ter: "o contexto profissional".          "Assim iniciava-se um novo capítulo, deixando para trás a escola que tinha um percurso demasiado curto com apenas o 7º ano de escolaridade".</p>
	Continuação dos estudos		<p>Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a.          "... é um incentivo para a minha esposa que não terminou também o 12º ano".          "... necessidade de encerrar um ciclo na minha vida".          "... crescimento profissional".</p>
	Passado Profissional	Início na vida profissional	<p>Idade do início da vida profissional e motivos.          "... as dificuldades económicas apontavam-me o caminho mais duro que um jovem com apenas 14 anos pode ter: "o contexto profissional".</p>
		Mobilidade profissional	<p>Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu.          "... duras oito horas diárias que perfazia na fábrica, no sector de componentes electrónicos..."          "Trabalhava numa empresa de componentes electrónicos e estava atribuído a um departamento de manutenção. (...)</p>

PERCURSO PROFISSIONAL			<p>Trabalhava juntamente com dois bons profissionais, sendo um deles, gestor do projecto (Eng.º Moreno Ramos) e outro desenhador técnico (Eng.º Constantino). A minha missão era dar apoio aos dois, pois tinha a gestão do arquivo de todos os desenhos técnicos (...), de todas as peças que constituíam as máquinas de produção e desenvolvia contactos permanentes com o exterior para tentarmos encontrar sempre outras soluções que nos trouxessem benefícios económicos em detrimento dos custos internos para a fabricação de algumas peças ou mesmo de reparação”.</p> <p>“... tinha eu os tais 15 anos, trabalhava aos fins-de-semana, com um profissional, a arranjar estores...”</p> <p>“Iniciei a minha carreira profissional na Elis, em 1993, como delegado comercial”.</p> <p>“Praticamente um ano depois e sempre com resultados, tive a oportunidade de chefiar uma equipa”.</p> <p>“O ano de grandes transformações foi em 1996, finalmente os tentáculos da empresa iriam alargar-se com abertura de mais delegações no país. Fui convidado para chefiar a delegação da zona Centro, mais propriamente Cantanhede”.</p> <p>“O Verão de 1998 marca a abertura de outra delegação em Vila Nova de Famalicão. (...) fui promovido a DRO com a jurisdição territorial desde Viana do Castelo até Coimbra e alavancando o interior do país, de Viseu a Bragança”.</p> <p>“Em paralelo destaco a abertura de um centro completamente distinto, refiro-me a Vigo, decorria o ano de 2001 e, com a experiência já evidenciada, fui convidado a instalar a Elis na Galiza”.</p>
	Experiência profissional actual	Situação profissional	<p>Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.</p> <p><u>DRO, Director Regional Operacional</u></p>
		Local de trabalho actual	<p>Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui.</p> <p>“Sou DRO, Director Regional Operacional, na Elis e a região que coordeno é o Norte do pequeno Portugal”.</p>
			<p>Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.</p> <p>Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.</p> <p>“Pessoalmente, acho que trabalhar em equipa é bastante mais produtivo, chego mesmo a acreditar que é o mais importante numa empresa; visto que estamos todos unidos a trabalhar com um único propósito e para o mesmo objectivo. Se for bem liderado, o trabalho grupal demora menos tempo a ser feito e proporciona mais rendimento, bem como um horário mais livre para que outras actividades possam ser integradas. A nível da Elis, trabalhar em equipa funciona bem, na generalidade dos casos. Os vendedores saem para a rua de manhã para a famosa prospecção, cheios de vontade de trazer contratos assinados, enquanto os distribuidores asseguram que os produtos são entregues aos clientes, fazendo em simultâneo as recolhas de outros, para que mais tarde os funcionários fabris se encarreguem da preparação da roupa para o dia seguinte. Durante todo o dia, o trabalho de escritório e facturação, não menos necessário, é levado a cabo por mim e pelos meus colaboradores. Tendo em conta este trabalho de equipa ...”</p>
	Situação de desemprego	Anterior	<p>Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.</p>
			<p>Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento</p> <p>Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.</p>
		Actual	<p>Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.</p>
			<p>Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.</p> <p>Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.</p>
			<p>Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida</p>

	Formação Profissional	<p>“Desde sempre tenho tido a oportunidade de ter formação constante, de nível profissional e em todos os horizontes. Destaco a formação de Francês, de Contabilidade Geral, de Informática, de Liderança, de Gestão de Conflitos, de Gestão de Equipas, Técnicas de Negociação, Lei Laboral, entre outras”.</p> <p>“Um dos cursos que frequentei, “formação de formadores”</p> <p>“... tirei um curso de iniciação à informática no ISQ – Instituto de Soldadura e Qualidade - há mais de vinte anos ...”</p> <p>Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.</p> <p>Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância.</p> <p>Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.</p> <p>“Alguns dos conhecimentos que me têm dado grande satisfação e orgulho foram adquiridos através de formação profissional. É um grande privilégio, para mim, ser instruído ao ponto de poder formar outros indivíduos e poder partilhar experiência”.</p> <p>“A formação profissional é quase essencial hoje em dia, daí a sua importância acrescida. Para sobreviver no mercado de trabalho é fulcral ser-se um indivíduo formado. Não falo por experiência própria, falo pela minha integração no meio, ou seja, hoje faço naturalmente imensas entrevistas para diferenciados cargos e constantemente contrato vendedores e distribuidores, por exemplo, licenciados em áreas profissionais que vão desde a filosofia até às ciências. Nos dias de hoje, é necessário o diploma do secundário para obter a carta de condução e, neste sentido, a formação é indispensável, se queremos sobreviver e/ou reinar neste meio”.</p>
	Economia Doméstica	<p>Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado.</p> <p>Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.</p> <p>“... quando eu e a minha família voltámos para casa, logo no portão exterior da casa ...”</p> <p>“Geralmente fico com o jardim (...), cabe-me cortar a relva, tratar das plantas, aspirar a piscina ...”</p> <p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.</p> <p>“... alguns sítios pelos quais já passei... Recordo a Quinta do Terreiro (...) o Buçaco (...) Torre de Belém, Igreja dos Jerónimos, Castelo de S.º Jorge (...) Sintra (...) Guimarães (...)”</p>
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	<p>“O meu amiguinho de trabalho é um PC Personal Computer, portátil...”</p> <p>“Juntamente com o computador existe o parceiro fundamental que é a internet ...”</p> <p>“As duas ferramentas inseparáveis PC+Internet são cruciais para que possa desenvolver a minha actividade profissional e desempenha-la com mais eficácia ...”</p>
	Língua estrangeira	
RELAÇÕES SOCIAIS	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu.</p> <p>Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.</p> <p>“... lembro em tempos ter ido ao cais de Gaia, onde havia uma pista de gelo, e as minhas filhas pediram para experimentar, pois nunca tinham andado de patins em cima do gelo. Ao lado da pista havia um bar que tinha uma propaganda: davam dois bilhetes na compra de dois waffles e dois sumos naturais. Pensei estar cheio de sorte, pois já eram horas de lanchar.</p>

		<p>Entrámos no dito bar e pedimos aquilo que a propaganda requeria. No final, na hora de pagar, disseram que os bilhetes estariam esgotados. Ora, isso não me surpreendeu, dado que a pista de gelo era uma novidade daquela zona e que todos queriam experimentar. Factor que não diminuiu a minha revolta, e com razão. Aquela publicidade era enganosa, estavam a tentar fazer dinheiro fácil, a enganar-me, e isto perante a minha família. Eu não estava disposto a consentir esta situação perante as minhas filhas. Pedi ao funcionário que me trouxesse o livro de reclamações; foi então que apareceu o gerente com uma conversa muito benevolente, à qual não achei graça, tornei a pedir o livro de reclamações, e ele, calmamente, disse-me que não o traria. Nesse momento, a minha tolerância atingira o pico máximo, expliquei-lhe que havia uma promoção enganosa à porta e como tal exigia o livro de reclamações, tal como aquilo a que eu tinha direito: os bilhetes ou o dinheiro. A discussão foi infernal, mas eu sentia que tinha a razão do meu lado e não pensei em parar. O resultado foi simples: esperei uma hora e alguns minutos para que o empregado fosse para a fila comprar os bilhetes a que eu tinha direito e, entretanto, forcei o gerente a tirar aquela promoção da porta, que aliciava pessoas inocentes como eu a cair numa emboscada. O meu objectivo não era singular, não pretendia única e simplesmente ter aquilo a que tinha direito, era algo que falava mais alto, era mostrar às minhas filhas que devemos lutar, mesmo que seja por algo banal, e mostrei também que é errado deixar que riam nas nossas costas e que nos enganem. Com esta firmeza julgo que não estou só a defender os meus interesses, mas também os da comunidade em geral. Quero com isto dizer que existe a oportunidade de reparar os erros do presente com vista a uma melhoria dos serviços no futuro”.</p>
		<p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos. Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática. “ Hoje o não aproveitar de um direito adquirido é particularmente preocupante. Esforço-me sempre no que toca ao dever cívico, pois posso participar naquela a que chamamos grande decisão; a decisão de eleger um Governo em que acredito. O desconcerto, a estupefacção e até os votos nulos varreram o país. Acredito que todos devemos votar, pois não só é um direito como também um dever que adquirimos. Mantenho-me atento a todos os outros direitos e a todos os deveres que existem perante a lei e perante a sociedade... Chama-se a isso cidadania. Todos temos direito a sermos tratados com respeito, a ter os cuidados próprios para cada idade, a sermos defendidos, seja por polícias ou por advogados... Não obstante, temos também que esforçar-nos para sermos bons cidadãos, para respeitar as leis e os direitos dos outros. Honestidade, respeito, zelo, tolerância, limpeza, protecção, observância e ajuda são algumas medidas a cumprir para o bem geral”. “Sou apenas um, e creio que sozinho não poderei mudar seja o que for, mas se houver um aqui...outro ali... que pense de forma semelhante, iremos ajudar com certeza!” “... ajudo sempre nas campanhas contra a fome, costumo visitar em família a ‘casa amarela’...”</p> <p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.</p> <p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de</p>

		<p>vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.</p> <p>“Na dimensão pessoal, pretendo continuar a acompanhar a formação das filhas e formalizar um projecto de ampliação económica com a esposa”.</p> <p>“Na dimensão profissional, pretendo continuar a ser uma solução nos interesses da empresa e adaptar-me constantemente aos novos modelos de gestão e renovação que são imperiosos no desenvolvimento”.</p>
--	--	--

Grelha de análise de conteúdo – António

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo “... nasci a 25 de Abril de 1973 ...”
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a Masculino
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo Casado
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo 9.º ano concluído através do Processo de RVCC
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia na agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros “... nasci a 25 de Abril de 1973 na bela cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, capital de Moçambique. (...) Os meus pais viveram vinte anos em Moçambique, eu apenas lá vivi três anos e meio, idade com que vim para Portugal”.
			Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. “O meu pai punha assim termo à vida de funcionário público, deixando anos de serviço militar, de maquinista de comboios e de controlo de caldeiras térmicas em hospitais, reformando-se”. “... pedi-lhe para que informasse o meu irmão ...”
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge.
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos. “... é oferecido pelos avós do meu filho”.
	Situações de migração	Experiência de migração	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. “Vivia numa colónia Portuguesa de nome Moçambique, quando na data de 25 de Abril de 1974, Portugal sofre um golpe de Estado. Esta situação originou uma instabilidade e insegurança repentina, trazendo violência às ruas de Lourenço Marques. Era o dia do meu primeiro aniversário e não houve tempo de ser comemorado; nem sequer houve tempo para partir o meu primeiro bolo de aniversário. E a guerra, aquela que tínhamos aguentado durante décadas longe das cidades, estava agora bem perto de todos. Nas ruas das cidades havia grandes combates, mas a principal preocupação era localizar familiares. Mais do que nunca era necessária a união e preparar a retirada de milhares de portugueses, muitos deles naturais de Moçambique. (...) Todos tínhamos o mesmo objectivo: sobreviver. Para trás ficava uma vida inteira de trabalho e de boas memórias. Ficava também um sonho destruído, um sonho chamado África. A maior parte regressava a Portugal, outros fugiram para a África do Sul e um pequeno fluxo foi para os outros países vizinhos, sem nada, apenas com a roupa que levavam no corpo; bens

			<p>móveis e imóveis, dinheiro, era tudo retirado. No meu ponto de vista, foi uma questão de sobrevivência, pois arriscar ficar era uma questão de vida ou morte, mas houve quem o fizesse, houve quem tivesse sorte, mas muitos outros não”.</p> <p>“Assim, emigrei, (...) o meu espírito aventureiro e uma forte vontade de conhecer um pouco do mundo fez com que o fizesse logo bem cedo, partindo na primeira oportunidade para o Canadá”.</p> <p>“Mais tarde voltei para a Europa onde ainda exerci a mesma arte em França e na Alemanha ...”</p> <p>“Quando terminei o curso de soldadura, o mercado de trabalho aumentou significativamente, mas sempre fora do país. Em Portugal há pouco trabalho nesta área, e o pouco que há é muito mal pago e feito em condições péssimas. Então decidi andar pelo mundo fora, trabalhando em terra e no mar, passando por vários países e até por águas internacionais, na plataforma petrolífera onde este serviço era muito bem pago”.</p>
			<p>Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento.</p> <p>“Procurar vida nova nos destinos escolhidos por cada qual era outro enorme desafio que todos tinham que passar. Os tempos eram difíceis, as condições muito limitadas, mas tudo melhorou com o tempo, a memória essa é eterna, ainda hoje está bem viva, esta foi a minha migração forçada pela guerra”.</p> <p>“... inicialmente às voltas à procura de estabilidade, a minha família acabou por permanecer algum tempo em Ponte de Sôr, (...), onde acabei por fazer a 1ª classe. Quando começava a acostumar-me ao novo ambiente, o ano lectivo acabava. Durante as férias de Verão o meu pai foi colocado nas caldeiras térmicas do Hospital de Castelo Branco, obrigando assim a mais uma mudança e mais uma vez começava tudo de novo. Concluí a 2ª classe nessa cidade, mas não comecei a terceira, pois os meus pais teriam decidido ir para Trás-os-Montes, para Torre de Moncorvo. (...) Estava feita mais uma mudança, e mais uma vez tudo começava de novo para mim, a escola, os colegas e principalmente o clima, mas seria mais fácil que nas outras localidades onde tinha estado, as pessoas são mais acolhedoras e é fácil fazer amizades, mas nunca gostei do clima. Quando começou o ano lectivo já conhecia grande parte dos meus colegas, era um meio pequeno, mas com muito movimento e alegria, construía-se a barragem do Pocinho e a Ferro Minas do Carvalhal ainda trabalhava. Toda a população vivia bem, os negócios eram rentáveis e por ali permanecemos dezassete anos”.</p>
			<p>Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.</p>
		Integração na sociedade de acolhimento	<p>Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.</p>

	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies).
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados. “... hoje em dia tenho fortes dificuldades com a mão”. “... lesão e total perfuração dos tímpanos ...”
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família. “Ao ficar limitado para exercer a minha profissão de soldador ...”.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação. “... inicialmente às voltas à procura de estabilidade, a minha família acabou por permanecer algum tempo em Ponte de Sôr, (...), onde acabei por fazer a 1ª classe. Quando começava a acostumar-me ao novo ambiente, o ano lectivo acabava. Durante as férias de Verão o meu pai foi colocado nas caldeiras térmicas do Hospital de Castelo Branco, obrigando assim a mais uma mudança e mais uma vez começava tudo de novo. Concluí a 2ª classe nessa cidade, mas não comecei a terceira, pois os meus pais teriam decidido ir para Trás-os-Montes, para Torre de Moncorvo. (...) Estava feita mais uma mudança, e mais uma vez tudo começava de novo para mim, a escola, os colegas ...”
	Abandono escolar		Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu. “... no oitavo ano, com 17 anos, decidi deixar de estudar para trabalhar, embora contra a vontade dos meus pais, que queriam que eu me formasse”.
	Continuação dos estudos		Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a. “... a frequência do processo de RVCC NS vai de certa forma ser benéfico para mim, pois vai permitir-me frequentar mais formação técnica, podendo assim trabalhar no que gosto (metalomecânica) e poder ocupar outros cargos de menor esforço físico”. “Este portefólio é elaborado a fim de concluir o processo de RVCC (Reconhecimento Validação e certificação de Competências) - Nível Secundário e com vista a um acesso futuro a melhores condições de formação e de vida, passando pelo aumento das hipóteses no mercado de trabalho”.
	Passado Profissional	Início na vida profissional	Idade do início da vida profissional e motivos. “Com a decisão já tomada, a primeira oportunidade não demorou: o destino foi o Canadá, onde trabalhei numa empresa que construía os restaurantes para a MC Donald’s em Toronto. Aqui viria a ter a minha primeira experiência profissional, com 17 anos, tendo aprendido várias áreas dentro da construção civil, tais como carpintaria, serralharia e soldadura”. “Assim, emigrei, (...) o meu espírito aventureiro e uma forte vontade de conhecer um pouco do mundo fez com que o fizesse logo bem cedo, partindo na primeira oportunidade para o Canadá”.

PERCURSO PROFISSIONAL		Mobilidade profissional	<p>Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu.</p> <p>“Mais tarde voltei para a Europa onde ainda exerci a mesma arte em França e na Alemanha ...”</p> <p>“Lembro-me de trabalhar para uma empresa portuguesa, a Metalovera, Lda, onde executei diversos trabalhos, todos eles em Espanha ...”</p> <p>“Já efectuei longas viagens, nas quais já transportei pessoas e mercadorias, em circuito nacional e internacional”.</p>
	Experiência profissional actual	Situação profissional	<p>Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.</p> <p>Soldador</p>
		Local de trabalho actual	<p>Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui.</p>
			<p>Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.</p> <p>Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.</p> <p>“Lido diariamente com muitas pessoas, sendo soldador, na medida em que as funções e tarefas que me cabem a mim realizar são produto de um acordo entre pessoas de vários sectores, nomeadamente montadores electricistas, tubistas, entre outros, da mesma maneira que se existe algum problema a resolver é entre todos que se estabelece e se define essa resolução”.</p>
	Situação de desemprego	Anterior	<p>Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.</p>
			<p>Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento</p> <p>Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.</p>
		Actual	<p>Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.</p>
			<p>Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.</p> <p>Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.</p>
	Formação Profissional		<p>Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida</p> <p>“Foi no Instituto de Soldadura e Qualidade (I.S.Q), no Tagus Park, em Oeiras, que fiz o curso de Soldadura e me certifiquei em três processos de soldadura: (SER) Soldadura Eléctrodo Revestido, (TIG) Tungsten Inert Gás e (MIG) Metal Inert Gás”.</p> <p>“Aprendi também normas de segurança no trabalho, através de uma formação que confere um passaporte internacional de segurança e higiene no trabalho e cuidados a ter com os materiais, visto que alguns materiais são mesmo prejudiciais à saúde, ao meio ambiente e até mesmo ao clima ...”</p> <p>“... tenho formação de segurança no trabalho, VCA/passaporte internacional de segurança tirado a bordo de uma plataforma petrolífera no mar Adriático, para a empresa Italiana (Saipem) grupo ENI -(Ente Nazionale Idrocarburi), e sou certificado em soldadura pelo I.S.Q. ...”</p> <p>“Ao longo dos anos adquiri diversas categorias de condução, nomeadamente A1; A; B1;B;C1; C; D1; D; BE; C1E; CE; D1E; e DE, ou seja, possuo todas as categorias averbadas na minha carta de condução e possuo também o cartão de condutor”.</p>
			<p>Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.</p>

		<p>Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância.</p> <p>Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.  “... a formação e certificação era uma mais valia na profissão que eu escolhera, a soldadura”.</p> <p>“A formação profissional é no meu ponto de vista indispensável, para que possamos exercer a profissão com garantia de qualidade, sentirmo-nos seguros do que estamos a fazer, ter brio no que fazemos e auto-estima na procura de trabalho, uma vez que estamos conscientes dos conhecimentos que adquirimos através da nossa experiência profissional aliada à formação. Também nos oferece mais possibilidades de integrar o mercado de trabalho”.</p>
	Economia Doméstica	<p>Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado.  “Na nossa casa há um orçamento mensal que ronda os 750 euros, e é com este orçamento que vivemos. As nossas maiores despesas são a alimentação, a água e a luz”.</p> <p>“Em relação à habitação, não pago renda (casa própria) apenas tenho as despesas mencionadas no quadro; em relação à alimentação, as despesas também são escassas, visto que usufruo de uma quinta familiar onde produzimos quase tudo, desde os legumes, as batatas, criação de aves, coelhos, vacas, cabritos, ovelhas, porcos, leite, ovos, fabricamos enchidos de qualidade para nosso consumo, na vindima fazemos o nosso vinho, fazemos o azeite, etc.. Não tenho qualquer despesa com a saúde, pois não tem sido necessário. No que se refere à educação, usufruo de livros pagos pelo Estado e o restante material muitas vezes é oferecido pelos avós do meu filho. Vivo numa zona de fácil acesso às escolas, supermercados e ao centro da cidade, pelo que é raro usar carro ou outro meio de transporte. Sair em passeio ou ir ao cinema, são situações esporádicas e muito de longe a longe, não representando uma despesa fixa ou indispensável”.</p> <p>Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.  “... tenho casa própria ...”</p> <p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.  “Em Lourenço Marques, na Avenida da Costa do Sol, (...) Quando visitei o local, em 2005 ...”</p>
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	<p>“Eu costumo usar a internet como meio de comunicação: uso o Skype para vídeo-conferência com amigos e familiares que se encontram no estrangeiro, uso o correio electrónico para troca de mensagens e emails divertidos. Uso a internet porque sai muito mais barato e tem uma qualidade superior em relação ao telefone ou ao telemóvel. Utilizo estes serviços em casa com a minha internet”.</p> <p>“O cidadão português desconta praticamente um terço do que ganha para o imposto rendimento social (IRS). Relativamente a este imposto, efectuo a declaração anual através da internet, pois é mais prático, mais cómodo, menos dispendioso (a declaração não é paga) e demora menos tempo, evitando assim as longas esperas!”</p> <p>“Eu possuo e uso o telemóvel essencialmente para contactar e ser contactado, mas também o utilizo para registar alguns momentos de mais interesse com a câmara fotográfica; muito raramente mando mensagens, pois quando quero falar com</p>

		<p>alguém ligo. O meu telemóvel é um Nokia Xpress Music que tem várias funcionalidades, tais como câmara de 3.2 Megapixel, Navegação GPS, Vídeo, MP3, Rádio, Internet, etc.”.</p> <p>“Possuo um telemóvel de 3ª geração, mas utilizo-o, essencialmente, para efectuar e receber chamadas, embora, por vezes, utilize o serviço de mensagens escritas e a câmara fotográfica para fotografar e filmar, que mais tarde me possibilita fazer um álbum com partes da vida inesquecíveis, usufruo da função de despertador diariamente, gravo lembretes, de forma a ajudar-me a relembrar tarefas, reuniões, aniversários, entre outros, jogo e oiço música. Reconheço que existem funcionalidades no meu telemóvel que não utilizo e que desconheço”.</p>
	Língua estrangeira	
RELAÇÕES SOCIAIS	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.</p> <p>“... sempre que não concordava com as condições de trabalho que me eram oferecidas procurava negociar essas mesmas condições, nomeadamente os salários, sendo que nos ofereceram 12€/hora e reivindicámos um aumento para 15€ e o mesmo foi conseguido, lembro-me também de termos estado dois dias de trabalho parados porque nos instalaram numa pensão sem as mínimas condições, então como forma de manifestarmos o nosso descontentamento, não demos início ao trabalho que estava previsto iniciar nesse dia e só começámos o mesmo quando nos instalaram num hotel com as devidas condições”.</p> <p>“Qual não foi o meu espanto quando chego ao balcão da clínica da CUF e me dizem que a companhia de seguros tinha declinado qualquer responsabilidade, anulando assim de um momento para o outro todos os tratamentos: a fisioterapia e as operações aos ouvidos que já estavam marcadas. Chateado com a situação, perguntei se estivesse ligado a uma máquina, se a desligariam para me despejarem para a rua, como se fosse um objecto no seu último dia de utilidade, mas não obtendo resposta, e a pensar que aquelas funcionárias da recepção nada tinham a ver com a situação, triste, virei costas e fui-me embora. Passei ainda na clínica onde fazia fisioterapia em Samora Correia e confirmava-se, também ali os meus tratamentos já se encontravam cancelados. Aí começava uma outra batalha. Procurei protecção judicial junto de um advogado. Apresentei queixa ao Tribunal de Trabalho contra a companhia de seguros. Três meses mais tarde, fui chamado ao Tribunal de Trabalho para ser analisado pelo médico perito (ouvidos) da companhia de seguros, o cirurgião Dr. Paulo Vera Cruz. Um mês depois, fui chamado pelo tribunal a fim de me deslocar a uma clínica para ser analisado pelo médico perito (ouvidos) do Tribunal de Trabalho, o cirurgião Dr. Paulo Vera Cruz. Em nenhuma destas situações eu sabia ou imaginava encontrar o mesmo médico como perito em todas as frentes. Fiquei surpreendido, o médico ficou ainda mais, mas o meu advogado parecia gostar do que se estava a passar. De 25 de Agosto de 2005 até hoje, esta história daria certamente para escrever mais de cem páginas (...). Até aos dias de hoje, a minha situação está por resolver, não tendo recebido nem um único cêntimo, por parte de ninguém.”</p> <p>“Eu tinha um serviço da Portugal Telecom - PT, banda larga móvel, que quando adquirida, perguntei ao funcionário se na</p>

		<p>minha área de residência teria cobertura de rede. Verificando no computador, respondeu-me que sim. Como hoje em dia o mercado é violento e não se olha a meios para atingir fins, o profissionalismo é muito pouco. Quando cheguei a casa verifiquei o produto, não tinha nenhuma cobertura de rede, informei-me na Portugal Telecom como é que deveria proceder à rescisão do contrato com a banda larga, onde me transmitiram que teria de enviar-lhes uma carta registada com a rescisão de contrato. Apesar da Portugal Telecom ter recebido a rescisão do contrato, pois tinha recebido o comprovativo da entrega da correspondência, continuavam a enviar-nos facturas para procedermos ao pagamento e, como é óbvio, não os efectuávamos. Tentei contactar a Portugal Telecom telefonicamente para poder explicar a situação, mas sem sucesso e, como esta não resolveu o assunto, teríamos que nos dirigir às suas instalações em Lisboa, o que estava fora de questão, pois não íamos gastar tempo e dinheiro a deslocarmo-nos até Lisboa, uma vez que tínhamos procedido conforme a Portugal Telecom nos tinha indicado. Apesar de termos reclamado por escrito, as cartas com as facturas para efectuarmos o pagamento não paravam de chegar, inclusive mencionavam que teríamos que efectuar o pagamento da factura que nos tinham enviado e das que se encontravam em atraso, sendo a data das mesmas posteriores à da rescisão do contrato. O tempo foi passando e, dois meses depois, por acaso desloquei-me a Lisboa e aproveitei para me deslocar à Portugal Telecom, no Parque das Nações, onde tentei resolver a situação nos próprios balcões da PT, mas sem qualquer sucesso. E só ao fim de três deslocações às instalações da PT no Parque das Nações a situação ficou meia resolvida, pois receberam o produto, devolveram o dinheiro, mas não me devolveram os pontos acumulados, que gastei na compra do produto, nem as despesas que me causaram. Hoje em dia, um ano depois, ainda mandam facturas, mas após nova reclamação disseram-me para não me preocupar”.</p>
		<p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.  Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.  “Penso que é fundamental reivindicarmos os nossos direitos e lutarmos pelas condições de trabalho a que temos direito e foi esta a postura que procurei ter sempre ao longo do meu percurso profissional ...”  “Não efectuei o pagamento das facturas pela questão de fazer valer os meus direitos, pois o valor em questão era irrisório. Na minha opinião, se todas as pessoas procedessem da mesma forma (<b>reclamassem</b>) as empresas que têm este tipo de atitude pensariam duas vezes antes de exigirem o que não lhes é devido. Existe uma falta de civismo da parte das empresas para com os seus clientes, sendo estes que lhes proporcionam os lucros”.</p>
	<p>Redes Sociais e Ambiente Social</p>	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática.  Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.  “A partir do 1º ano do ciclo, juntei às minhas actividades diárias o desporto: viria a jogar basquetebol durante vários anos, na Associação Recreativa do Santo Cristo, em Torre de Moncorvo, sendo campeão distrital todos os anos que joguei”.  “A Associação Recreativa do Santo Cristo visa a organização de eventos desportivos, culturais e de lazer, sendo a</p>

		<p>fundamentação das opiniões e a tomada de decisões dos dirigentes o ponto fulcral e o mais interessante, para que todos os eventos e actividades se realizem da melhor maneira. Semanalmente reuníamos para procedermos ao tratamento dos papéis, ao pagamento das cotas dos sócios, à preparação dos vários eventos, etc., e anualmente convocávamos todos os sócios de forma a darmos conhecimento dos gastos anuais e do balanço financeiro para o ano seguinte, tendo em conta todas as sugestões e reclamações dos sócios para podermos executar um melhor trabalho”.</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.</p> <p>“Ao ficar limitado para exercer a minha profissão de soldador, só me resta no futuro obter mais qualificação dentro da mesma área para poder estar perto da metalomecânica”.</p> <p>“... tenciono futuramente fazer uma pós-graduação em engenharia da soldadura no I.S.Q. onde concluí o curso de soldador, para mais tarde poder voltar a estar envolvido em grandes projectos de construção, mas com um nível de vida superior (menos desgaste físico)”.</p>

### Grelha de análise de conteúdo - *Maria*

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo “... nasci em Hamburgo, na Alemanha, no dia 11 de Agosto de 1974 ...”
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a <b>Feminino</b>
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo Casada “Não por motivos românticos nem religiosos, mas sim por razões práticas o Timo e eu decidimos nessa altura casar. No dia 17 de Dezembro de 2004 confirmámos por escrito o nosso amor no registo civil”.
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo <b>11.º ano</b>
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros “... nasci em Hamburgo, na Alemanha, no dia 11 de Agosto de 1974 ...” “Eu vivia em Hamburgo num bairro multicultural ...” “A relação entre os meus pais logo desde o início foi bastante complicada. As mentalidades diferentes (alemã e portuguesa) causaram alguns problemas. A minha avó portuguesa nunca conseguiu aceitar o casamento do meu pai com uma mulher alemã, pois sempre sonhara com uma nora portuguesa, católica e muito fértil. A minha mãe não acreditava em deus nenhum e ao princípio não queria filhos...” “O meu pai sofreu a sua vida inteira por ter que fazer um trabalho mal pago e pouco apreciado. Desenvolveu um complexo de inferioridade e não conseguiu viver com uma mulher forte e bem sucedida ao seu lado. Começou a beber vinho demais até ficar dependente do álcool. A minha mãe separou-se dele em consequência disso e o meu pai morreu aos 47 anos”.
			Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. “Nasci, então, filha de uma mãe alemã e de um pai português que tinha emigrado para a Alemanha com os seus pais aos 16 anos. Como muitos outros portugueses, também os meus avós emigraram para a Alemanha nos fins dos anos sessenta”. “A minha mãe fez dez anos de escola e depois tirou um curso de três anos de empregada bancária. Ela teve sempre um vencimento superior ao do meu pai, que saiu da escola depois da primária. Este facto fez o meu pai sentir-se inferior à minha mãe, enquanto ela foi sempre uma mulher auto-confiante. O meu pai sentiu remorsos a sua vida inteira por não ter seguido a escola depois da instrução primária (que na altura era a escolaridade obrigatória). Porém, ele não tinha alternativa porque foi obrigado a ir trabalhar pelos meus avós e pela situação de vida. Nessa altura, por volta de 1960, ainda havia muitas crianças que depois da quarta classe iam trabalhar para ajudarem os pais a sustentar a família. O meu pai com dez anos já era

			ajudante de serralharia e o dinheiro que recebia entregava-o ao meu avô”.
		Composição do agregado	<p>Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge.</p> <p>“... I live with my husband and my two kids in Samora Correia. My children are eight and eleven years old ... I’m working at the kindergarden of the German School in Lisbon, where my kids attend the third and fifth class. My husband Timo also works at the kindergarden of the German School.”</p> <p>“... terças e quintas venho mais cedo e o Timo só chega a casa à noite porque depois do trabalho ainda faz trabalhos de carpintaria”.</p>
		Filhos	<p>Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos.</p> <p>“... I live with my husband and my two kids in Samora Correia. My children are eight and eleven years old ... I’m working at the kindergarden of the German School in Lisbon, where my kids attend the third and fifth class”.</p> <p>“Pago propinas bem altas para ele (o filho) poder frequentar esta escola, o que me custa muito. Faço este esforço porque quero deixar abertas tantas portas quanto possível para o futuro dele”.</p>
	Situações de migração	<p>Experiência de migração</p> <p>Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez.</p> <p>“No entanto, sentia cada vez mais saudades da minha família em Portugal. Embora todos os anos passássemos as férias em Portugal, a minha mãe, os meus avós portugueses, os meus tios e os meus primos eram estranhos para os meus filhos. Em Setembro de 2004 passei uma semana de férias em Portugal com a minha mãe e foi aí que encontrei a casa dos meus sonhos, já velhinha mas com quintal e num sítio sossegado”.</p> <p>“De volta a Hamburgo mostrei logo as fotografias aos meus queridos e foi então que decidimos vir viver em Portugal”.</p> <p>Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento.</p> <p>“Desde há cinco anos, época essa em que vim para Portugal ...”</p> <p>“Chegámos a Portugal em Junho de 2005”.</p> <p>Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.</p> <p>“Ao chegarmos a Portugal, verificamos uma certa dificuldade na separação dos resíduos, não só no próprio sistema em si (maneira como é feita a recolha), como também na falta de informação de quais os resíduos que podem ou não ser recicláveis. Na Alemanha a recolha dos materiais recicláveis é feita basicamente porta a porta (em sacos apropriados e a dias bem definidos), em Portugal estes são colocados nos ecopontos. Os materiais biodegradáveis são também separados do lixo comum, prática esta que não acontece ainda em Portugal. Para poder fazer separação de resíduos em casa, temos que levar o nosso lixo cinco minutos de carro para os três contentores de resíduos para papel, plástico e vidro e normalmente esses contentores estão sempre cheios, assim temos que procurar outros contentores que não estejam cheios. Na Alemanha tínhamos contentores para papel, plástico, vidro, pilhas e roupas rejeitadas em frente da nossa casa. Lá tínhamos muito</p>	

			<p>menos lixo, porque é costume as pessoas deixarem as embalagens nos supermercados. As garrafas de vidro e plástico, tal como as latas, têm todas depósito, assim as pessoas não as põem no lixo, mas levam-nas de volta para o supermercado”.</p> <p>“... achava as crianças portuguesas muito diferentes das alemãs. Os pais alemães educam os seus filhos para aprenderem a ser cada vez mais autónomos e independentes, enquanto os portugueses tentam proteger os seus filhos de forma exagerada. Por exemplo, achei estranho os pais mandarem babetes para os seus filhos de três anos. Na Alemanha as crianças mal começam a comer já pegam na colher e com três anos já comem há muito tempo sozinhos. Recordo-me que o meu filho no jardim infantil com três anos já cortava os legumes e as frutas com a faca e chegava às vezes com um cortezinho no dedo a casa. Isto em Portugal seria um drama, mas na Alemanha é normal”.</p> <p>“Para mim foi difícil quando mudei para Portugal lidar com a mentalidade portuguesa de não dizer directamente o que se pensa às pessoas mas sim andar a falar atrás das costas delas. Isto na Alemanha é raro acontecer”.</p> <p>“Outro preconceito que me desagrada muito é a ideia de que a homossexualidade é uma doença contagiosa e que os homossexuais são perversos. Eu cresci com um casal amigo da minha mãe que é homossexual e que já está junto há vinte e cinco anos. Aproveitaram este jubileu para “casarem”. Na Alemanha, desde 2001, os homossexuais podem ir ao registo civil para contraírem uma “relação registada”. Assim, obtêm a maioria dos direitos e deveres que o casamento traz consigo. (...) Para os meus amigos homossexuais, é sempre cansativo andar comigo pelas estradas de Samora Correia. Não podem comportar-se normalmente: nada de abraços, gestos carinhosos, beijos nem danças juntas no baile. Senão, teriam que enfrentar olhadelas pouco simpáticas e às vezes até comentários cruéis da parte dos ignorantes. Isto é uma das desvantagens de viver na província”.</p> <p>“Na Alemanha, o meu vencimento era quase o dobro e os custos eram menos, porque os meus filhos não andavam em escolas privadas e os alimentos eram mais baratos”.</p> <p>“Na Alemanha íamos muito ao teatro ou a concertos. Isso só nos será outra vez possível quando os nossos filhos acabarem a escola e a casa estiver paga. Do que sinto mais saudades são as viagens que nós fazíamos para o estrangeiro. Mesmo quando os múdos nasceram continuávamos sempre a viajar enquanto tínhamos a possibilidade financeira. Espero um dia mais tarde ter outra vez a oportunidade de viajar mais do que o faço hoje em dia”.</p> <p>“Apesar de Portugal ser um país multicultural, principalmente devido aos africanos, brasileiros e imigrantes do Leste que vieram para o país fugindo às guerras ou simplesmente procurando condições melhores de vida, os portugueses mostram muita dificuldade em aceitar culturas diferentes. A Alemanha com a sua história trágica de racismo contra judeus é um país</p>
--	--	--	---

			<p>muito sensível à xenofobia e intolerância. Muitos alemães ainda se sentem culpados hoje em dia dos crimes que aconteceram durante o regime nazi apesar de ainda serem crianças ou nem terem nascido ainda nessa altura. Talvez por isso a maioria dos alemães que conheci são abertos para com os estrangeiros e curiosos em aprenderem sobre culturas diferentes. Existe um movimento muito grande contra o racismo na Alemanha e os grupos nazistas que infelizmente continuam a existir são mal vistos pela maioria do povo alemão”.</p> <p>“Acho que os homens alemães já tiveram muito mais tempo para se habituarem à “mulher moderna” do que os homens portugueses e isso nota-se no dia-a-dia em Portugal. Todas as minhas amigas cá em Portugal com maridos portugueses continuam a serem sozinhas responsáveis pelas tarefas domésticas e já acham os seus maridos modernos por eles as deixarem sair à noite para irem com as amigas ao café. Também parte das mulheres portuguesas ainda não se emanciparam...”</p>
		Integração na sociedade de acolhimento	<p>Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.</p> <p>“Eu pessoalmente também tive muita dificuldade em encontrar amigos em Portugal, porque cá sou vista como alemã e os portugueses estranham a minha maneira diferente de ver as coisas, de reagir e também de viver. E os amigos que eu agora tenho cá são sem excepção imigrantes ou emigrantes que voltaram para Portugal”.</p> <p>“Eu tinha a certeza que mais tarde podia tratar da minha papelada para poder trabalhar na área de saúde, mas verifiquei que as coisas às vezes são mais complicadas do que estamos à espera”.</p> <p>“O meu marido e eu nos primeiros meses em Portugal vimo-nos algumas vezes em situações constrangedoras ou embaraçosas, porque as pessoas ficaram melindradas com a nossa maneira directa de chamar as coisas por seus nomes. Esta história toda deixou-me um sabor amargo, pois pouca gente me compreendia. Nem vizinhos, nem familiares e muito menos os organizadores da festa. Eles explicaram “a minha falta de compreensão” com a minha naturalidade alemã e não tentaram perceber o meu ponto de vista”.</p> <p>“Mesmo assim, em retrospectiva, posso dizer que a habituação à vida em Portugal foi fácil. O bom clima, o ter por perto a minha família e a cozinha portuguesa facilitaram muito a habituação”.</p>
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	<p>Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies).</p> <p><i>“The little rest of free time that I have left for myself I like to spend it reading crimebooks, listen to the music, go for a walk with my dog Luna or chatting at Facebook”.</i></p>

			<p>“Como acho que é importante, também termos actividades em família, participamos no <i>Geo Caching</i>. Conheci o <i>Geo Caching</i> por amigos que já praticam este jogo há muitos anos. É um jogo espalhado por todo o mundo e o objectivo é encontrar um tesouro com a ajuda de um <i>GPS (Global Positioning System)</i>. Normalmente, estes „tesouros“ estão escondidos em sítios especiais de extrema beleza natural ou ao pé de monumentos, no campo, nas dunas do mar... Para participar neste jogo é preciso registar-mo-nos no site <a href="http://www.geocaching.com">www.geocaching.com</a>, onde então se encontram os coordenados <i>GPS</i> dos “tesouros” em todo mundo”.</p> <p>“Para mim, é um equilíbrio do stress do trabalho passar umas horinhas no quintal a tratar do meu cultivo. Este ano, por exemplo, cultivei <i>courgettes</i>, melancia, tomates, pepinos e cenouras”.</p>
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		<p>Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação.</p> <p>“Sei que a partir dos três anos estive num jardim infantil evangélico (por ser o mais perto de casa) e que adorei lá estar”.</p> <p>“Um dos dias mais significativos da minha infância foi o meu primeiro dia de escola, em Agosto de 1981”.</p> <p>“Depois da escola ia para um ATL (centro de Actividades de Tempos Livres), onde almoçava e fazia os trabalhos de casa. Duas vezes por semana à tarde ia à escola portuguesa onde só havia duas disciplinas: Língua Portuguesa e História de Portugal. (...) É óbvio que quando era criança não achei muita graça em perder duas tardes por semana de tempo livre “só” para frequentar a escola portuguesa”.</p> <p>“Bizarramente, na escola alemã eu era para todos “a portuguesa”, mas isso nunca me incomodou. Desde o meu primeiro dia de escola adorei a primária e principalmente a minha professora de turma, Senhora Behling, que tinha imensa paciência connosco e nunca aumentava a voz. Graças a ela aprendi logo no início da minha vida escolar que estudar pode ser muito satisfatório. Durante a primária consegui sempre boas notas e tive muito prazer em aprender. A minha outra professora preferida era a Frau Noel que me abriu a porta para o mundo da música. Ela própria tinha uma paixão tão grande pela música que não só me ensinou a tocar flauta de bisel, como também a sentir cada som e tom que saía da flauta”.</p> <p>“Eu treinava todos os dias e, no segundo ano da primária, entrei na orquestra da escola. A minha professora de música, Frau Noel, era a dirigente e ela é que me propôs entrar na actividade da orquestra. Duas vezes por semana tínhamos ensaio e uma vez por mês dávamos um concerto no auditório da escola. Às vezes fazíamos projectos com orquestras de outras escolas ou participávamos em concursos de orquestras. Comecei a inventar melodias e tentei escrever canções. Quando mudei de escola, em 1985, depois do quarto ano, já não havia a possibilidade de continuar as aulas de flauta. Nesse momento fechou-se para mim uma porta que nunca mais se abriu. Ainda hoje sinto saudades desse tempo e sonho um dia ter dinheiro para comprar uma flauta transversal e pagar as aulas...”</p>

		<p>“Devo explicar que no sistema escolar alemão há três tipos de escola depois da primária. A obrigatória termina com o nono ano, depois há uma até ao décimo e outra equivalente ao liceu em Portugal, que acaba com o décimo segundo ano. No fim da primária, os professores dão uma recomendação aos pais em que tipo de escola é que eles deviam inscrever os seus filhos. No meu caso, fui a única menina da minha turma que foi recomendada para o liceu e, mesmo não querendo, os meus pais seguiram a recomendação dos professores. Na altura não quis ir para o liceu, porque não queria perder os meus amigos e tinha receio de que o liceu pudesse ser exigente demais para mim. Fui para o liceu. Perdi as minhas amigas da primária, os meus avós, as minhas aulas de flauta e a minha vontade de estudar. Durante as aulas só fazia asneiras: comia e andava em cima das mesas. Passei por uma fase muito rebelde e ninguém percebia o que tinha acontecido com a aluna bem-comportada da primária. Conseguia sem grandes esforços não reprovar e isso na altura já me chegava. Foi nessa altura que me voltei mais para os meus lados portugueses. Empenhei-me mais na escola portuguesa, onde apesar de ainda me sentir insegura com o português, consegui acompanhar muito bem as aulas”.</p> <p>“... tinha 18 anos, (...) andava no décimo primeiro ano e achava que não era boa altura para mudar de escola ... no Verão de 1992 fomos para Portugal. Em Setembro desse ano entrei na Escola Alemã de Lisboa. Se já me tinha sentido estranha na escola portuguesa em Hamburgo ou no liceu, aqui então ainda me sentia muito pior. Só que o motivo era outro: nesta escola todos eram ricos, menos eu. Achava as atitudes dos alunos absurdas, pois planeavam viagens de turma para as Caraíbas! ”</p>
	Abandono escolar	<p>Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu.</p> <p>“De volta à Alemanha, em Janeiro de 1993, (...) Tive que aprender a sustentar-me sozinha e já não podia frequentar mais a escola. (...) Comecei a trabalhar numa papelaria”.</p>
	Continuação dos estudos	<p>Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a.</p> <p>“Iniciei o processo RVCC NS porque queria aumentar as minhas habilitações para ter mais opções no mercado de trabalho”.</p> <p>“Depois da escola ia para um ATL (centro de Actividades de Tempos Livres), onde almoçava e fazia os trabalhos de casa. Duas vezes por semana à tarde ia à escola portuguesa onde só havia duas disciplinas: Língua Portuguesa e História de Portugal. Sentia-me estranha nessa escola por ser a única com uma mãe alemã e que não dominava perfeitamente a Língua Portuguesa. Com os anos, essa sensação abrandou e transformou-se numa insegurança casual. Em trinta anos não consegui deixar para trás esse comportamento e espero que este programa das Novas Oportunidades me ajude a ultrapassar a minha insegurança”.</p> <p>“Para mim, o Processo de RVCC NS é muito importante porque é a minha última oportunidade de obter a equivalência ao 12º ano e de assim pôr fim ao meu complexo de inferioridade por não ter terminado o ensino secundário. O Processo de</p>

			RVCC NS para mim significa tentar realizar o meu sonho de frequentar um curso universitário e de conseguir mais tarde um emprego mais satisfatório em que me possa realizar pessoalmente”.
PERCURSO PROFISSIONAL	Passado Profissional	Início na vida profissional	Idade do início da vida profissional e motivos. “De volta à Alemanha, em Janeiro de 1993, (...) Tive que aprender a sustentar-me sozinha e já não podia frequentar mais a escola. (...) Comecei a trabalhar numa papelaria. As minhas tarefas eram atender os clientes, mostrar-lhes onde se encontravam os produtos que procuravam e informá-los sobre os mesmos, aceitar as entregas e distribuí-las na loja, bem como manter a loja arrumada ...”
		Mobilidade profissional	Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu. “Foi o Manuel que me arranjou trabalho numa empresa de <i>software</i> . A minha tarefa era introduzir os códigos dos <i>updates</i> que os clientes tinham comprado num computador. Nunca antes tinha trabalhado com computadores e fiquei a saber um pouco sobre eles”. “Depois de um ano concluí o curso e fui trabalhar para um serviço de cuidados ambulatoriais de enfermagem. As minhas tarefas incluíam a prestação de cuidados básicos e de tratamentos de enfermagem, acompanhamento sócio-psicológico, bem como a prestação de auxílio nas tarefas domésticas aos mais idosos”. “Em 2001 Trabalhava no mesmo serviço de cuidados ambulatoriais de enfermagem como em 1996/97”. “Escolhi esta profissão ( <b>auxiliar de acção médica</b> ) porque os horários de trabalho, pelo menos na Alemanha, são muito cómodos. Trabalha-se nos consultórios que normalmente só estão abertos durante a semana durante o dia. As auxiliares de acção médica na Alemanha assistem aos médicos, mudam pensos, dão injeções, fazem electrocardiogramas, etc. Além destes trabalhos também organizam o consultório, atendem os pacientes na recepção, fazem as marcações, tratam da papelada com as caixas, escrevem as facturas para os pacientes privados, encomendam os medicamentos das farmácias e os outros materiais precisos... Enfim, é um trabalho muito interessante e adorei-o logo de início”. “Comecei a trabalhar para uma médica de medicina geral em <i>part-time</i> . As minhas tarefas eram atender os pacientes, preparar os seus processos para a médica, tirar sangue, dar injeções e fazer a faturação para os pacientes particulares. Trabalhava só de manhã, às 13.30h ia buscar os meus filhos e passava as tardes com eles”. “Passado um ano, mudei para uma clínica de medicina nuclear onde trabalhavam dois médicos ainda novos que tinham muitas ideias inovadoras e que estavam à procura de uma auxiliar de acção médica...” “... nessa altura a Escola Alemã de Lisboa (EAL) estava à procura de auxiliares para o jardim infantil que soubessem falar alemão. Contrataram-me para o ano escolar 2005/2006. Com este contrato na mão começámos os preparativos para a mudança da Alemanha para Portugal”.

	Experiência profissional actual	Situação profissional	Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.
		Local de trabalho actual	Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui. "A minha tarefa na EAL era e é ajudar a educadora a cuidar de crianças dos três aos cinco anos e a falar alemão com eles. Também faz parte do trabalho fazer trabalhos manuais com as crianças". "Uma das minhas tarefas é receber as crianças e ajudá-los a ultrapassar o momento difícil da despedida dos pais".
			Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso. "... explicadora de alemão ..." "... segundas, quartas e sextas-feiras dou explicações de alemão depois do trabalho e só chego tarde a casa ..."
			Saber se prefere trabalhar sozinho ou acompanhado, se é uma pessoa isolada ou se gosta de se relacionar com outros.
	Situação de desemprego	Anterior	Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.
			Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento
			Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.
		Actual	Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a. Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento. Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.
	Formação Profissional	<p>Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida "Em 1997 participei num curso de informática de introdução ao Word para Windows ..." "... participei em dois cursos de laboratório, num curso sobre drenagem linfática, num curso sobre o mal de Alzheimer, um curso inicial sobre a gestão de qualidade na área de saúde entre outros. Nestes cursos participei sempre em horário pós-laboral durante a minha actividade de auxiliar de acção médica. Desde a minha mudança para Portugal e o início do meu trabalho na EAL também já frequentei algumas formações profissionais, tais como os cursos sobre primeiros socorros em crianças e uma formação sobre processos educativos em jardins infantis. Em Outubro deste ano participei numa formação sobre o reconhecimento de doenças psíquicas em crianças". "... decidi frequentar o curso de auxiliar de enfermagem. (...) O curso era composto por uma parte prática e outra parte teórica. Ia seis semanas para a escola de enfermagem e depois fazia um estágio de seis semanas numa unidade hospitalar, voltava seis semanas para a escola e depois para outra unidade hospitalar e assim por diante... Depois de um ano concluí o curso". "Decidi então, em Agosto de 1997, frequentar o curso de três anos de auxiliar de acção médica. Durante este curso trabalha-se a full-time num consultório, apesar de duas manhãs por semana em que se vai à escola de saúde".</p> <p>Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.</p> <p>Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância. "Em 1997 participei num curso de informática de introdução ao Word para Windows para me sentir mais segura ao lidar com o computador".</p>	

		<p>“No primeiro ano do curso trabalhei num centro de medicina vascular. Aprendi muitos procedimentos de diagnóstico, como por exemplo medições de tensão arterial com base em eco-doppler ou a execução de ECG (electrocardiograma) e espirometrias. Mas a tarefa que gostei mais foi o trabalho na recepção que significava organizar e manter o bom funcionamento do consultório. (...) Mudei para um consultório de medicina interna e gastroenterologia. Aqui ensinaram-me a preparação e assistência em exames e intervenções endoscópicas, como por exemplo a colonoscopia. Igualmente aprendi outras tarefas como a preparação e execução de exames laboratoriais e a redacção de relatórios de diagnóstico e cartas de médico”.</p>
		<p>Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida.  “Já na altura apercebi-me que era importantíssimo para a minha vida profissional ter conhecimentos de informática. Acho que sem conhecimentos básicos em informática hoje em dia é quase impossível conquistar uma vaga no mercado de trabalho porque o mundo está informatizado e sem as novas tecnologias já nada funciona. Mas não só na área da informática é importante estarmos actualizados. É importante participarmos em formações profissionais porque a concorrência no mercado de trabalho é grande. Quanto mais elevadas forem as nossas qualificações mais hipóteses teremos de encontrar e manter um bom emprego. O conhecimento é a principal ferramenta no trabalho e sendo assim, aumentar os nossos conhecimentos significa aumentar as nossas possibilidades no trabalho. Por isso já fiz parte de muitas formações profissionais ...”  “Além de aumentar o meu valor no mercado de trabalho, tenho imenso gosto em participar em formações. Gosto de aprender e preciso de ser puxada de vez em quando para não ficar parada. Acho que as formações profissionais ajudam para que eu me sinta mais realizada pessoalmente porque fico com mais auto-confiança. Sinto-me mais segura no meu trabalho e posso dizer de boa consciência que sei o que estou a fazer porque tenho uma base sólida de conhecimentos. Na Alemanha já há muitos anos que as empresas oferecem aos seus empregados duas a três formações por ano e normalmente todos aceitam de bom gosto porque sabem dar valor à formação profissional. A Escola Alemã de Lisboa fecha dois dias em cada ano lectivo em que são organizados dias pedagógicos para todos os empregados da escola. Nestes dias são oferecidas várias formações e nós inscrevemo-nos na que mais nos interessa. Não sei se as escolas e empresas portuguesas também funcionam assim, mas já me apercebi de muitos portugueses a queixarem-se por “terem” que participar numa formação em vez de tentarem aproveitar ao máximo a mesma. Mas eu acho que a tendência vai cada vez mais para aceitação da formação profissional e para a compreensão que conhecimento é poder”.</p>
	Economia Doméstica	<p>Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado.  Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade.  “... encontrei a casa dos meus sonhos, já velhinha mas com quintal e num sítio sossegado. É uma moradia modernista</p>

		<p>construída em 1971 num bairro ... “  “... morar em Samora Correia”.</p> <p>“A área total do terreno é de 330 metros quadrados. O próprio edifício tem uma área de 120 metros quadrados. É um prédio de rés-do-chão com seis divisões: sala, quarto do Tiago, quarto da Marlina, escritório, quarto de dormir, cozinha e casa de banho. Para termos um quarto de visitas transformámos a garagem em dois quartos, um para as visitas e o outro para arrecadações”.</p>
		<p>Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.  “Embora todos os anos passássemos as férias em Portugal, a minha mãe, os meus avós portugueses, os meus tios e os meus primos eram estranhos para os meus filhos. Em Setembro de 2004 passei uma semana de férias em Portugal com a minha mãe ...”</p>
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	<p>Perceber se utiliza habitualmente as TIC, que tipo de ferramentas utiliza e em que contextos. Conhecer as possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.  “Enquanto vivia na Alemanha usava muito o Skype para falar com a minha mãe em Portugal”.</p> <p>“Como acho que é importante, também termos actividades em família, participamos no <i>Geo Caching</i>. Conheci o <i>Geo Caching</i> por amigos que já praticam este jogo há muitos anos. É um jogo espalhado por todo o mundo e o objectivo é encontrar um tesouro com a ajuda de um <i>GPS</i> (<i>Global Positioning System</i>). Normalmente, estes „tesouros“ estão escondidos em sítios especiais de extrema beleza natural ou ao pé de monumentos, no campo, nas dunas do mar... Para participar neste jogo é preciso registar-mo-nos no site <a href="http://www.geocaching.com">www.geocaching.com</a>, onde então se encontram os coordenados <i>GPS</i> dos “tesouros” em todo mundo”.</p> <p>“Foi o Manuel que me arranjou trabalho numa empresa de <i>software</i>. A minha tarefa era introduzir os códigos dos <i>updates</i> que os clientes tinham comprado num computador. Nunca antes tinha trabalhado com computadores e fiquei a saber um pouco sobre eles”.</p> <p>“Em 1997 participei num curso de informática de introdução ao <i>Word</i> para <i>Windows</i> ...”</p> <p>“Mesmo na minha vida privada o computador tornou-se cada vez mais importante e hoje em dia já não consigo imaginar uma vida sem computador e muito menos sem Internet: faço pagamentos e transferências por <i>onlinebanking</i>, faço encomendas por exemplo no supermercado Jumbo, participo em leilões da <i>ebay</i>, transiro ficheiros de fotos para <a href="http://www.FOTO.com">www.FOTO.com</a> e mando imprimi-las, comunico com amigos por <i>email</i> ou no <i>chat</i> do <i>Facebook</i>, pesquiso informações no <i>Google</i> ...”</p>
	Língua estrangeira	<p>Saber se possuiu conhecimentos a nível de alguma LE, qual, como obteve esses conhecimentos e em que situações utiliza a LE. Conhecer possíveis dificuldades/obstáculos na sua utilização.  “... fiquei com os conhecimentos básicos da língua portuguesa. O que me tem ajudado muito ao longo da minha vida nas aprendizagens de outras línguas como por exemplo o francês. Estas duas línguas são ambas de origem românica e assim são muito parecidas em relação às raízes das palavras e à gramática”.</p>
	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.  “Logo no início da minha actividade na EAL houve uma situação de conflito devido ao não-cumprimento de uma das</p>

RELAÇÕES SOCIAIS		<p>condições negociadas no contrato de trabalho. Durante as negociações das condições do meu contrato de trabalho, a directora do jardim infantil tinha-me assegurado que eu ia ter um desconto nas propinas dos meus filhos de 60% se começasse a trabalhar para a EAL. Eu na altura não tinha a certeza se queria realmente trabalhar para a EAL porque achava o salário proposto muito baixo e a directora usou o argumento do desconto nas propinas para me convencer, o que resultou porque queria muito que os meus filhos frequentassem essa escola. Achei que era um bom compromisso, mas a cláusula correspondente no contrato só dizia que teria direito ao desconto habitual dos funcionários sem identificar claramente a percentagem aplicada. Quando recebi a primeira factura das propinas fiquei admirada porque só tinha recebido um desconto de 40%. Para esclarecer a situação fui falar com a directora e ela explicou-me que achava tudo correcto porque o desconto habitual para os funcionários da EAL era de 40%. Fiquei espantada com esta resposta mas não quis discutir com ela sem ter mais informações. Falando com outras colegas com filhos percebi que me estava a deparar com um atrevimento chocante por parte da escola. Encontrei oito colegas com filhos. Três delas estavam a receber um desconto de 40%, quatro delas 60% e uma 80%. A colega com os 80% já trabalha na escola há 15 anos e tem um contrato de trabalho muito antigo com condições muito melhores. Mas as outras sete colegas têm o mesmo contrato como eu com as mesmas condições e as mesmas cláusulas. Com estas informações fui mais uma vez falar com a directora e perguntei-lhe como era possível oito funcionários (incluindo-me) com o mesmo contrato receberem descontos diferentes se todas deviam receber o desconto habitual dos funcionários como dizia o contrato. Ela respondeu que não era ela a tomar estas decisões e que devia falar com o Conselho de Administração. Foi então o que fiz. Mas também o Conselho de Administração da EAL não me soube explicar o porquê dos diversos descontos nem foram ao meu encontro para eu receber os 60% que me foram prometidos. Recorri ao Conselho de Professores da EAL não só por esperar ajuda para mim mas também porque achava que as outras três colegas que estavam a receber 40% deviam igualmente ficar a receber 60%. E foi o que aconteceu depois de algumas reuniões entre o Conselho Administrativo, a Direcção da escola e o Conselho de Professores, ficámos todos com 60% de desconto nas propinas dos nossos filhos. Em retrospectiva posso dizer que me senti muito aliviada quando a situação ficou esclarecida não só por ter recebido os 60% de desconto prometidos, mas também porque não tinha a certeza se o clima de trabalho não ia sofrer com esta minha luta pelos meus direitos. Em vez disso o clima até melhorou, as colegas e também a Direcção da escola mostraram respeito pelo meu empenho e pela minha sinceridade. Nem sempre me senti segura e tinha receio de perder o emprego porque na altura ainda não tinha contrato fixo. Mas apesar dos 20% de diferença no desconto colocarem a frequência dos meus filhos da EAL em questão, eu na altura tinha a certeza absoluta que estava a ser tratada de forma injusta. Não gosto que me prometam algo que depois não cumpram. Seja na vida profissional ou na minha vida privada. Para mim a relação entre o empregador e o</p>
------------------	--	--

		<p>empregado consiste num dar e receber mútuo e se o balanço desequilibrar, tanto um como o outro ficam insatisfeitos. Se eu não cumprir os meus deveres no dia-a-dia profissional de maneira satisfatória, se não aparecer pontualmente ao trabalho ou se não ligasse aos interesses da EAL, a escola talvez fosse à procura de outra funcionária. Se a EAL não tivesse transigido e cumprido os prometidos 60% eu talvez tivesse procurado outro emprego”.</p>
		<p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.  Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.  “Além disso acho que nós temos que defender os nossos direitos e manifestar os nossos princípios se não as entidades patronais fazem connosco o que querem e as nossas condições de trabalho em vez de ficarem melhores ficam cada vez piores e finalmente perdemos a nossa dignidade”.</p> <p>“Todos os anos a Junta de Freguesia de Samora Correia e a Arcas (Associação Recreativa e Cultural Amigos de Samora) organizam as festas de Samora Correia em honra de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Oliveira de Guadalupe. Fazem parte da festa largadas de touros, corridas, desfiles, procissões, folclore, fados, arraiais, noite de sardinha assada... Para as touradas, normalmente é montada uma praça de touros num terreno livre junto ao Centro de Saúde de Samora Correia. Mas em 2007 tiveram a grande ideia de mudarem a praça de touros para um outro terreno livre. Infelizmente, esse terreno situa-se mesmo atrás da minha casa! Fiquei bastante surpreendida quando um dia cheguei a casa e vi uns senhores a montarem uma arena nem três metros atrás da nossa casa. Apesar de nunca ter gostado das brincadeiras com bois, a partir daí a festa de Samora tinha perdido qualquer graça. Durante os cinco dias de festa todos os dias tocavam música taurina a partir das três da tarde até às tantas da noite. Muitos espectadores das touradas urinaram contra o muro das paredes da nossa casa e outros mandaram o lixo para o chão. O esterco dos cavalos cheirava horrivelmente mal e nunca antes tínhamos tido tantas moscas. Fiquei com medo que esta situação insuportável agora se repetisse todos os anos e decidi reclamar na Junta de Freguesia de Samora. Os pontos de reclamação que apresentei foram os seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1- Os moradores afectados não foram informados;</li> <li>2- Não foram instalados complexos sanitários;</li> <li>3- Perturbação da ordem pública (demasiado barulho);</li> <li>4- Não foram postos à disposição caixotes de lixo;</li> </ol>

		<p>5- A distância entre a minha casa e a praça de touros era inferior a três metros (e o terreno não tinha espaço suficiente para colocar a praça de touros doutra maneira).</p> <p>A primeira reacção do presidente foi de incompreensão: “Então, a senhora não gosta de touradas?” Muito rapidamente ele entendeu que eu não estava na disposição para brincadeiras nem para comentários do tipo: “Ah, já estou a ver! A senhora não é de cá...!!!” Como se isso para ele explicasse tudo. Respondi que talvez fosse melhor voltar outro dia com o meu advogado... Aí o Sr. Presidente assegurou-me que nunca mais iam montar a praça de touros atrás da minha casa. E realmente nos últimos dois anos (2008/2009) a arena foi instalada no local antigo, ao pé do Centro de Saúde de Samora Correia. Acho que é importante reclamarmos porque se nós aceitamos uma vez um comportamento incorrecto ou uma infracção contra os nossos direitos, a probabilidade de voltar a acontecer outra vez será grande. Só conseguimos ultrapassar estas situações se mostrarmos claramente a nossa posição no assunto e fizermos ver que conhecemos os nossos direitos. E além disso ninguém é capaz de olhar para dentro das nossas cabeças e se nós não nos expressarmos de uma maneira clara como é que alguém pode saber o que nos causa perturbações? Nem sempre há soluções para os nossos problemas com terceiros, mas chegar ao meio-termo às vezes também já não é mau. Enfim as reclamações servem para melhorar as coisas, não só para nós nesse momento, mas sim para todos os que se possam encontrar um dia na mesma situação.</p> <p>Infelizmente muitos dos portugueses continuam a calar a boca em situações onde se deviam queixar para depois se lamentarem a si próprios e caírem na sua auto-compaixão em vez de tentarem mudar as coisas. Hoje em dia existe livro de reclamação em quase todas as áreas de atendimento a clientes e também a DECO (Assoc. Portuguesa para a Defesa do Consumidor) que tem como objectivo informar, defender e representar os consumidores portugueses. A DECO por exemplo representa o consumidor perante os poderes públicos e presta apoio jurídico aos seus associados. Mesmo assim muitos portugueses ainda não usam estas armas na luta dos seus direitos e continuam a aceitar situações de injustiça”.</p>
	<p>Redes Sociais e Ambiente Social</p>	<p>Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática.</p> <p>“... costume pelo menos comprar os meus cartões de Natal ou de aniversários na Unicef. (...) Outra forma de contribuir para a Unicef sem ser em dinheiro é pelo programa “ponto t” da TMN - Telecomunicações Móveis Nacionais. Troco de meio ano em meio ano os meus pontos TMN por uma contribuição para a Unicef. Setecentos e cinquenta pontos TMN são equivalentes a um donativo de vinte Euros”.</p> <p>“Nos trinta anos que vivi na Alemanha tive sempre muita pena de não poder participar nas eleições do Governo por não ter a nacionalidade alemã. Porém corri ao meu direito de voto nas eleições autárquicas de Hamburgo desde 1995, o ano em que foi pela primeira vez possível para todos os estrangeiros de países-membros da União Europeia que viviam na Alemanha</p>

		<p>participar em eleições autárquicas. Até aí os estrangeiros na Alemanha não tiveram direito de voto nenhum. Mas com o Tratado de Maastricht em 1992 que formou a União Europeia, foi atribuído a todos os cidadãos dos Estados-Membros a “nacionalidade europeia” com o direito de voto e participação nas eleições locais e europeias. Agora que vivo em Portugal como tenho a nacionalidade portuguesa não só participo nas eleições autárquicas como também nas eleições do Governo. Ao princípio foi difícil para mim perceber qual partido está atrás de qual ideologia porque por exemplo na Alemanha CDU é um partido conservador de Centro-Direita enquanto a CDU em Portugal é uma coligação entre vários partidos da esquerda. Tive primeiro que pesquisar muitas informações sobre os partidos portugueses e em 2009 participei pela primeira vez nas eleições legislativas de Portugal para a Assembleia da República. Para mim é muito importante votar, porque acho que quem não vai às eleições também depois não tem direito de se queixar sobre as decisões do Governo. É a nossa única maneira de influenciarmos o caminho futuro do nosso país e de mostrarmos o que queremos aos políticos. Eu acho que o direito de sufrágio é um dos artigos mais importantes da Constituição da República Portuguesa, pois esse direito concede-nos directamente a possibilidade, através do nosso voto, de eleger os governantes que nos vão representar na Assembleia da República”.</p>
		<p>Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.  “A Anita era muita activa na comunidade portuguesa em Hamburgo e um dia convidou-me para um ensaio do rancho folclórico da missão católica portuguesa de Hamburgo “Os Lusitanos”. (...) Quando entrei na sala do ensaio e ouvi a música, os meus pés começaram logo a vibrar. Sentia que isto podia ser a compensação para a perda das aulas de flauta. Nos dez anos seguintes foram raríssimos os ensaios a que faltei. Ensaivamos às sexta-feiras à noite e fazíamos apresentações nos bailes portugueses em Hamburgo, viajávamos para outras cidades na Alemanha para participarmos em festivais de folclore português e até dançámos duas vezes para um programa cultural da televisão alemã. (...) Desisti do rancho depois de dez anos, em 1995, durante o meu curso de auxiliar de enfermagem, por falta de tempo e também porque muitos dos membros já tinham desistido pelo mesmo motivo ou porque voltaram para Portugal”.</p>
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	<p>Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos.  “Gostaria de frequentar um curso universitário para a minha realização pessoal e também para melhorar a minha qualidade de vida no futuro com um vencimento mais adequado”.  “... Licenciatura de Gestão em Saúde. (...) Eu gostaria ser gestora de qualidade em Cuidados de Saúde porque já tenho alguma experiência nesta área e gostei bastante. Também consigo imaginar-me mais tarde como formadora ou docente na gestão em saúde”.</p>

	<b>Vencimentos</b>		<b>Despesas</b>	<b>Saldo</b>	
<b><u>2.573,00€</u></b>	Total	<b><u>2.123,00 €</u></b>		<b><u>450,00€</u></b>	dinheiro
800,00 €	EAL* Timo	600,00 €	crédito habitação		para o
800,00 €	EAL* Sandra	450,00 €	escola dos miúdos		governo
200,00 €	ajudinha da mãe	150,00 €	crédito individual		da casa
43,00 €	abono de família	170,00 €	actividades dos miúdos		
350,00 €	explicações alemão	70,00 €	Internet, telefone e televisão		
380,00 €	biscates carpintaria	80,00 €	electricidade		
		30,00 €	água		
*Escola Alemã de Lisboa		35,00 €	Gás		
		50,00 €	conta poupança para férias		
		240,00 €	Gasóleo		
		30,00 €	Portagens		
		50,00 €	Telemóveis		
		56,00 €	seguro Médis miúdos		
		38,00 €	seguros de vida Timo/ Sandra		
		10,00 €	DECO		
		14,00 €	seguro dental		
		50,00 €	outros seguros (carro/casa)		

## Grelha de análise de conteúdo - Alice

Área	Dimensão		Descrição
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	Idade		Conhecer a idade do/a adulto/a à data do processo "Nasci no dia 3 de Dezembro de 1982..."
	Género		Identificar o sexo do/a adulto/a Feminino
	Estado civil		Saber o estado civil do/a adulto/a à data do processo Casada
	Nível de Escolaridade		Conhecer o nível de escolaridade de partida do/a adulto/a quando iniciou o processo 10.º ano
PERCURSO FAMILIAR	Passado e Presente Familiar	Meio social de origem/ Relacionamento familiar	Perceber o local onde a pessoa nasceu e cresceu; a relação que existia no agregado entre o/a adulto/a e os restantes membros. "Os meus pais conheceram-se na juventude, nos Olivais, e começaram a namorar pouco tempo depois. Casaram em Setembro de 1980, na Igreja dos Olivais. Foram morar para casa dos meus avós paternos".  Compreender a tipologia familiar: pessoas com quem vivia até constituir o seu próprio lar e alguma informação sobre cada um: nacionalidade, escolaridade, profissão, condição perante o trabalho. "A minha mãe (...) Só concluiu a 4.ª classe". "O meu pai adquiriu a carta de condução na tropa e era motorista; a minha mãe não trabalhava e estava com a minha irmã em casa". "Os primeiros tempos foram complicados para todos, a minha mãe só tinha 22 anos e já tinha duas filhas. Os tempos foram passando e os meus avós já tinham cinco netos e dois filhos a morar lá em casa. Éramos ao todo dez pessoas". "Em 1990, os meus pais resolveram sair da casa dos meus avós para termos mais privacidade, pois éramos muitos lá em casa. (...) Viemos para Samora Correia". "Ao fim de 16 anos, tive um irmão".
		Composição do agregado	Obter informação sobre as pessoas com quem vive no sentido de conhecer as características sócio-económicas do agregado. Saber o nível de escolaridade, ocupação/profissão do cônjuge. "Em 2002, eu e o meu namorado começámos a procurar casa para vivermos juntos". "O meu marido ficou a trabalhar no lugar do pai, na Herdade da Asseiceira, sendo trabalhador agrícola". "A Marta (filha) nasceu no dia 19 de Setembro de 2005..."
		Filhos	Ter conhecimento do número de filhos que o agregado tem. Saber se estes são filhos da relação actual ou de outra relação. Conhecer a idade dos filhos que vivem no agregado e/ou fora deste. Saber porque razão os filhos vivem fora do agregado. Conhecer o nível de escolaridade dos filhos. "A Marta (filha) nasceu no dia 19 de Setembro de 2005..."
		Experiência de	Conhecer as razões de ter migrado; que trajecto fez. "O meu avô era um pouco rígido e a minha mãe queria viver num meio mais pequeno. Havia muita droga em Lisboa".

	Situações de migração	migração	<p>Conhecer o tempo de residência no país/localidade de acolhimento. Saber como decorreu a integração numa nova cultura, dificuldades/obstáculos. Conhecer que tipo de apoios recebeu (percepcionou) no país/localidade de acolhimento.</p> <p>“Na altura, eu não gostei; queria ficar em Lisboa onde tinha os meus primos e as minhas amigas”.</p>
			<p>Diferenças que encontra entre o país/localidade de acolhimento e o país/localidade de origem.</p> <p>“Vimos para Samora Correia. Nessa altura ainda havia muitos prédios em construção e as piscinas municipais. Ainda era uma vila pequena, em comparação com Lisboa. Até as pessoas e a maneira delas falarem eram diferentes e as suas profissões também. Em Samora Correia, as pessoas estão mais ligadas à agricultura e à criação de gado e, em Lisboa, há mais bancários, engenheiros, operários fabris, entre outras profissões.</p> <p>São muitas as diferenças entre Lisboa e Samora Correia. Sendo Lisboa uma cidade com mais densidade populacional, mais tráfego, mais movimento, existem mais hospitais. A nível cultural, podemos encontrar teatros, monumentos e universidades. Os hábitos são diferentes, as pessoas nas cidades utilizam mais os transportes para se deslocarem para o trabalho. Tem mais centros comerciais e alguns espaços verdes. Samora Correia já é cidade, tem uma densidade populacional mais baixa, não existe hospital, não há centros comerciais e a nível cultural só existe o antigo palácio, que hoje é a biblioteca e o centro cultural, onde organizam alguns espectáculos. Os meios de transporte são poucos, só se utilizam os autocarros. Em Lisboa, as pessoas utilizam o metro, autocarro e outros transportes públicos, e ainda utilizam o barco quando têm de ir para a Margem Sul”.</p>
		Integração na sociedade de acolhimento	<p>Como é que o/a adulto/a se sente face ao tipo de inserção que tem feito: sente-se integrado/a ou segregado/a da sociedade.</p> <p>“Com o tempo fui-me habituando à diferença. Entrei para a 4.ª classe e fiz logo várias amizades”.</p>
	Conciliação vida familiar e vida profissional	Conciliação dos tempos despendidos	<p>Perceber a disponibilidade para exercer actividades sozinho/a ou com a família e que tipo de actividades (hábitos culturais, leituras, escrita, lazer, hobbies).</p> <p>“Nos meus tempos livres, gosto de ir ao parque com a minha filha, gosto de fazer ponto de cruz, aprendi vendo a minha irmã a fazer, fazer renda, cozer à máquina...”</p> <p>“Também gosto de ver televisão e navegar na Internet, gosto de ver os apanhados dos animais no “Youtube”, ler o jornal <i>Ocasão...</i>”</p>
	Saúde	Problemas de saúde	Saber se existe algum problema de saúde no agregado, que tipo de problema e que elementos são afectados.
		Dificuldades	Perceber que dificuldades estes problemas de saúde têm trazido para a vida da família.
PERCURSO ESCOLAR	Passado escolar		<p>Saber quando iniciou a vida escolar. Saber em que local/locais frequentou a escola e que tipo de ensino frequentou. Conhecer as representações que tinha da escola enquanto estudante. Conhecer o historial de reprovações e quais as razões dessa situação.</p> <p>“Entre para a escola em 1988 e fiz o ensino primário na escola dos Olivais”.</p> <p>“Andei na Escola C+S Professor João Fernandes Pratas onde concluí o 9.º ano. Não tinha grandes notas e, por vezes, negociava as notas com os professores, mas ia dando para passar”.</p>

			<p>"A minha disciplina preferida era Educação Física. Sempre gostei de desporto..."</p> <p>"Em 1998, entrei para a Escola Secundária de Benavente, onde escolhi o agrupamento de ciências, Científico - Natural".</p> <p>"Ao fim de 16 anos, tive um irmão. (...) Nesse ano, reprovei pela primeira vez, não queria saber de mais nada, só cuidar dele".</p>
	Abandono escolar		<p>Saber com que idade abandonou os estudos, quantas vezes o fez ao longo da vida, quais as razões que levaram a abandonar os estudos, qual o último ano de escolaridade que frequentou e qual o último ano de escolaridade que concluiu.</p> <p>"Comecei a trabalhar no Modelo, ao pé da minha mãe. Durante uns meses, estudava de dia e trabalhava de noite. Nesse mesmo ano (2001), deixei a escola".</p>
	Continuação dos estudos		<p>Observar se actualmente considera que deveria ter continuado os estudos e porque razão acha que deveria continuar ou interromper; motivos para a inscrição no CNO expressos pelo/a adulto/a.</p> <p>"Inscrivi-me no Centro Novas Oportunidades para conseguir validar competências para obter a equivalência ao 12º ano, pois sei que sem estudos não consigo um trabalho melhor que o do hipermercado".</p>
PERCURSO PROFISSIONAL	Passado Profissional	Início na vida profissional	<p>Idade do início da vida profissional e motivos.</p> <p>"Comecei a trabalhar no Modelo, ao pé da minha mãe. Durante uns meses, estudava de dia e trabalhava de noite. Nesse mesmo ano, deixei a escola. Trabalhava como operadora ajudante no primeiro ano. A minha função era repositora do sector alimentar. Entrei em Setembro de 2001 e o meu primeiro ordenado foi 124 euros".</p>
		Mobilidade profissional	<p>Conhecer as diversas situações profissionais pelas quais já passou. Conhecer o tempo de permanência nas diferentes entidades, os motivos que levaram a sair destes locais. Se estes são internos ao indivíduo ou externos a ele. Conhecer as funções que exerceu. "Trabalhava como operadora ajudante no primeiro ano. A minha função era repositora do sector alimentar. Entrei em Setembro de 2001 e o meu primeiro ordenado foi 124 euros".</p> <p>"Quando saía do Modelo, ia para a herdade. Aprendi a conduzir os tractores e a tratar do gado (cerca de duzentas vacas e dez cavalos). Podemos criar porcos, temos galinhas, cães, ovelhas e borregos. E também fazemos horta".</p>
	Experiência profissional actual	Situação profissional	<p>Saber qual a profissão principal que o/a adulto/a reconhece como sendo a sua, se existir identificação com esta. O/A adulto/a pode ter desempenhado funções diversas mas considerar que se identifica mais com uma ou com outra.</p>
		Local de trabalho actual	<p>Saber qual a função/as tarefas que está a desempenhar, qual a sua condição perante o trabalho, que tipo de vínculo laboral possui.</p> <p>"Em Março de 2010 comecei a trabalhar numa fábrica em Samora Correia, a Tecnotrónica, de indústria e comércio de componentes. A minha função é estar nas máquinas a fazer cortes em peças de componentes automóveis".</p>
			<p>Conhecer se tem outros trabalhos em paralelo e a razão disso.</p>
		Anterior	<p>Saber se já passou pela experiência do desemprego, os motivos e a duração desta situação.</p> <p>"Antes de acabar o tempo da licença de maternidade, escrevi a carta de despedimento, pois temos que dar dois meses à casa,</p>

	Situação de desemprego		porque eu já estava efectiva. Ainda tive direito a férias do ano de 2005".
			Conhecer os impactos que esta situação teve na sua vida naquele momento
			Saber se houve ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que fez para o encontrar.
		Actual	Saber há quanto tempo a pessoa se encontra nesta situação e o porquê de se encontrar desempregado/a.
			Conhecer os impactos que esta situação está a ter na sua vida no momento.
			Saber se tem havido ou não capacidade de iniciativa para procurar trabalho e o que está a fazer para o encontrar.
	Formação Profissional		Saber quantos cursos e que cursos já frequentou ao longo da vida "Obtive a carta de condução em 2001..." "Frequentei um curso de boas práticas e segurança alimentar..."
			Saber se a pessoa terminou esse/s cursos de FP e que motivos levaram a não ter concluído, se for o caso.
			Perceber que tipo de matérias ou temas novos a pessoa aprendeu e a sua importância. "Gostei de aprender as regras de trânsito, principalmente as cedências de passagem". "... aprendi muitas coisas. Uma delas é a forma de manusear os alimentos na charcutaria: temos que colocar parafilme na barra de queijo sempre que é cortada em fatias, assim como nos outros alimentos, antes de os colocar nas arcas frigoríficas. As lâminas das máquinas de cortar têm de ser diferentes para cada peça de alimento".
			Perceber se a pessoa considera importante ou não ter frequentado um curso destes e em que medida. "É importante termos a carta de condução para termos independência ao nível das deslocações, não é preciso esperar tanto tempo por um autocarro ou chamar um táxi". "Este curso foi importante, pois fiquei a saber a forma de manusear os alimentos em segurança, mesmo não estando a trabalhar directamente com eles".
	Economia Doméstica		Perceber quais as fontes de sustento do agregado, as pessoas que contribuem para esse sustento e o rendimento mensal familiar declarado. "Eu recebia à volta de 300€ e o meu marido cerca de 510€, somando os dois dá uma receita de 810€. Pagávamos 270€ de renda de casa, do carro pagávamos 90€, no supermercado gastávamos 100€, electricidade 20€, no gás 18€ e a água 5€".
		Saber onde mora o agregado e informação sobre as condições de habitabilidade do agregado e o regime de propriedade. "Em 2002, eu e o meu namorado começámos a procurar casa para vivermos juntos. (...) contrato de aluguer da casa". "Em Junho de 2005, decidimos comprar uma casa, dirigimo-nos à imobiliária para vermos algumas, através de imagens no computador. Gostámos logo da casa que hoje é nossa. Situa-se num bairro com jardins, moradias, com algum espaço verde, foi o que nos agradou mais por ser um bairro sossegado e por nos proporcionar uma boa qualidade de vida". "É um apartamento novo, (...) uma casa com dois quartos, uma casa de banho, uma cozinha e uma sala".	
		Perceber se costuma ter férias, se o tipo de trabalho o permite (pode ser trabalho informal) ou os rendimentos.	
OUTRAS COMPETÊNCIAS	Utilização das TIC	"Também gosto de ver televisão e navegar na Internet, gosto de ver os apanhados dos animais no "Youtube", ler o jornal Ocasão ..." "Também fazemos o IRS (imposto sobre o rendimento das pessoas) através da Internet".	

		<p>“Eles (os avós) nunca vão utilizar o telemóvel como eu, porque eu tiro muitas fotografias à minha filha, gravo pequenos vídeos, utilizo a Internet para saber o tempo, e também compro algumas músicas para o telemóvel”.</p> <p>“A pesquisa que efectuei foi realizada através do recurso à Internet, dado que tenho ligação à Internet em casa, o que me permite ter um fácil acesso à informação”.</p> <p>“Enquanto frequentava o sétimo ano, o meu pai comprou-nos um computador, que utilizávamos para fazer muitos trabalhos e também para jogar”.</p> <p>“O que também mudou foi a forma de fazer os inventários, ou seja, a contagem dos alimentos, que inicialmente eram feitos à mão. Depois surgiram os PDA, são uns aparelhos com as mesmas funções que um computador, mas com um tamanho igual a um telemóvel e têm a função de: verificar preços; fazer inventários; fazer encomendas; quebras de produtos e também fazer auditorias às etiquetas. A sua vantagem é o tamanho; pode andar no bolso e ser utilizado sempre que é preciso, sem termos que nos dirigir aos escritórios do primeiro andar. Outra mudança foi as impressoras que estão ligadas aos PDA e que retiram as etiquetas dos preços todos os dias; antes tinham de ser pedidas pelo computador”.</p>
	Língua estrangeira	<p>“Realizei uma actividade de Francês, por forma a demonstrar competências a nível de uma língua estrangeira, tendo recorrido aos meus cadernos da escola e livros para recordar e praticar o francês”.</p>
RELAÇÕES SOCIAIS	Exercício de cidadania	<p>Saber se a pessoa se já se sentiu vítima de alguma situação que tenha considerado injusta e porque acha que isso aconteceu. Saber se teve ou não capacidade de resolver a situação. Se recorreu a serviços que pudessem ajudar e, se não conseguiu que tipo de atribuições causais considera associadas a esta falta de resposta.</p> <p>“O último momento marcante nas nossas vidas foi a retirada da nossa carrinha. A polícia de investigação criminal veio buscá-la por suspeitar que se trata de uma carrinha “viciada”, pois andam atrás dos senhores do stand onde a comprámos e a nossa carrinha é uma prova contra os senhores que a venderam. Pagámos todos os meses a prestação e ficámos sem a carrinha. Com a justiça que temos em Portugal, devemos ficar sem a carrinha e sem o dinheiro. E os senhores em causa continuam com o armazém aberto e com carros topo de gama e nós ficámos lesados. Neste momento, contratámos um advogado para tentarmos trazer a carrinha de volta até o processo contra os senhores estar acabado. Temos que provar ao juiz que só temos um meio de transporte e que precisamos dele para ir trabalhar e levar a nossa filha à escola, que temos rendimentos baixos e não podemos comprar outro carro, porque ainda temos um crédito a pagar. Já entregámos tudo ao advogado e agora só temos que esperar”.</p> <p>Ver até que ponto a pessoa tem capacidade de resolver problemas recorrendo aos locais certos para pedir ajuda e reclamar direitos.</p> <p>Saber se a pessoa se interessa pelos direitos que tem e se zela por eles no sentido de os ver cumpridos.</p> <p>“O último momento marcante nas nossas vidas foi a retirada da nossa carrinha. A polícia de investigação criminal veio buscá-la por suspeitar que se trata de uma carrinha “viciada”, pois andam atrás dos senhores do stand onde a comprámos e a nossa carrinha é uma prova contra os senhores que a venderam. Pagámos todos os meses a prestação e ficámos sem a carrinha. Com a justiça que temos em Portugal, devemos ficar sem a carrinha e sem o dinheiro. E os senhores em causa continuam com o armazém aberto e com carros topo de gama e nós ficámos lesados. Neste momento, contratámos um advogado para tentarmos trazer a carrinha de volta até o processo contra os senhores estar acabado. Temos que provar ao juiz que só temos um meio de transporte e que precisamos dele para ir trabalhar e levar a nossa filha à escola, que temos</p>

		rendimentos baixos e não podemos comprar outro carro, porque ainda temos um crédito a pagar. Já entregámos tudo ao advogado e agora só temos que esperar”.
	Redes Sociais e Ambiente Social	Compreender se participa em actividades sociais e em actividades relacionadas com o exercício da cidadania democrática. “Todos os anos havia à venda o Pirilampo Mágico. Comprava sempre, pois era uma forma de ajudar, gastando pouco dinheiro”. “Quanto à recolha de alimentos nos supermercados, eu participo na recolha. Acho importante participar, porque se todos pudessem contribuir com um alimento, as associações que os recolhem teriam mais bens alimentares para as pessoas que precisam. Muitas pessoas não participam, porque pensam que é o governo que tem de ajudar. Eu não lhes tiro a razão, mas com apenas 1€ podemos ajudar nem que seja com 1 kg de arroz. Muitas pessoas passam fome e é com esses alimentos que sobrevivem”.
		Ver até que ponto se identifica e participa nas actividades desenvolvidas pelas entidades locais.
OBJECTIVOS DE VIDA	Expectativas sobre a vida	Conhecer as expectativas ao longo do tempo, a curto, médio e longo prazo. Conhecer a capacidade de idealizar projectos de vida. Conhecer os projectos futuros expressos pelos adultos. “Gostava de frequentar um curso de auxiliar de educação infantil e encontrar um trabalho nessa área”.